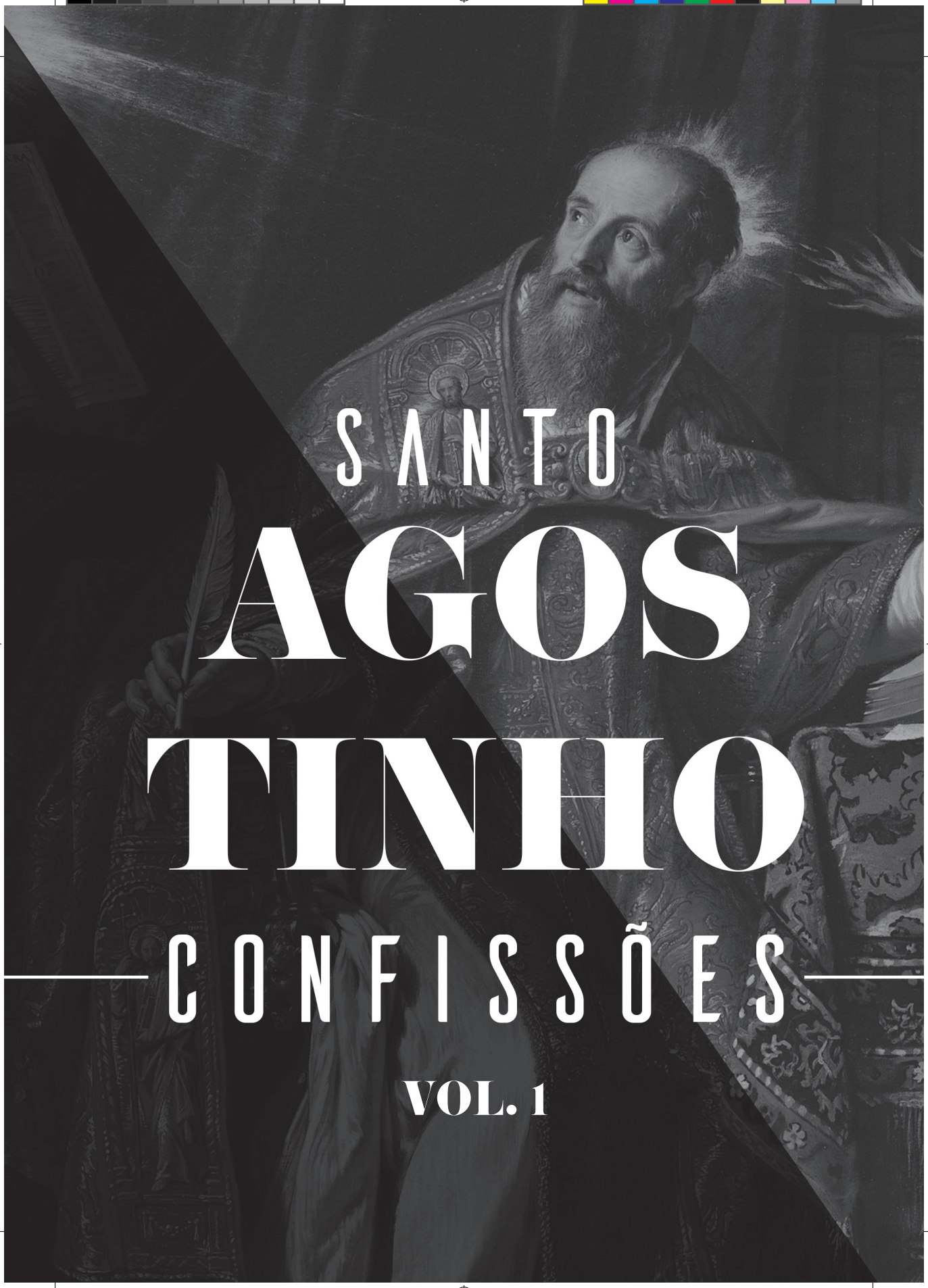
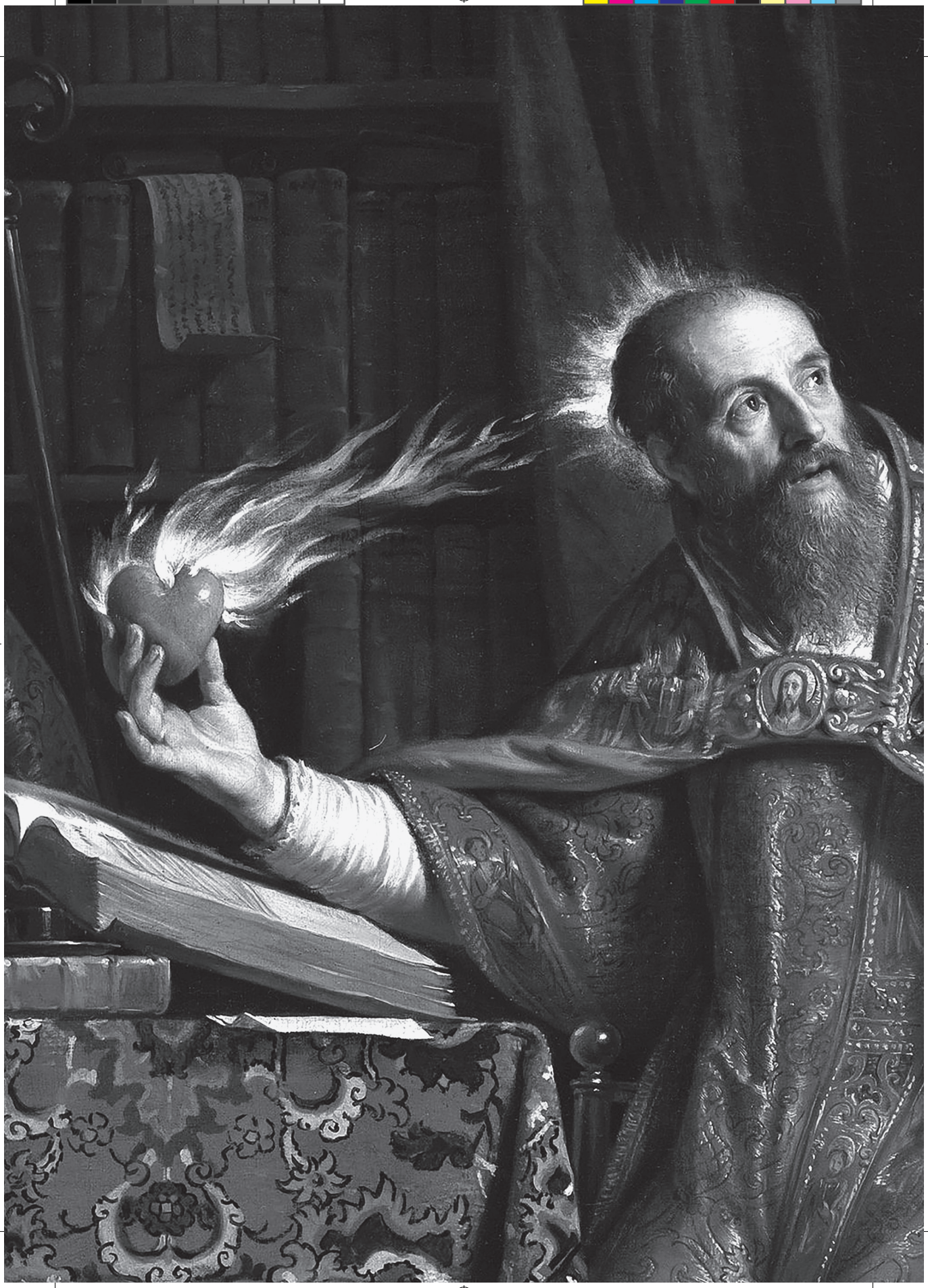


SANTO AGOSTINHO

CONFISSÕES

VOL. 1




BIBLIA SACRA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Agostinho, Santo, Bispo de Hipona, 354-430. Confissões : volume 1 / Santo Agostinho ;
[tradução Brian Gordon Lutalo Kibuuka]. -- 1. ed. --
Londrina, PR : Livrarias Família Cristã, 2021.
Título original: Confessiones
ISBN 978-65-89845-94-2 (capa dura)
1. Agostinho, Santo, Bispo de Hipona, 354-430
2. Santos cristãos - Biografia 3. Teologia -
História - Igreja primitiva, ca. 30-600 I. Título

21-64664 CDD-922.22

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Santos : Igreja Católica : Autobiografia 922.22
Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

© 2021 Livrarias Família Cristã LTDA.
Edição Exclusiva Livrarias Família Cristã

Autor: Agostinho de Hipona
Tradução: Brian Gordon Lutalo Kibuuka
Organizador: Editora Penkal
Projeto Gráfico e Editorial: Editora Penkal
Revisão: Editora Penkal
Capa: Editora Penkal
Diagramação: Editora Penkal
Ilustrações: Editora Penkal

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

AGOSTINHO E AS CONFISSÕES: RELEVÂNCIA ---------- 11
CONFISSÕES E AS SUAS QUESTÕES: UMA BREVE PERSPECTIVA DA OBRA ---- 14

LIVRO I

PREFÁCIO DO TRADUTOR ---------- 21
I - LOUVOR E CRENÇA ---------- 23
II - COMO TE INVOCAR, SENHOR? ---------- 23
III - DEUS PREENCHE TODAS AS COISAS, MAS NENHUMA O CONTÉM --------- 24
IV - DEUS É SUBLIME E INDESCRITÍVEL ---------- 25
V - A VONTADE DIVINA ---------- 26
VI - A ETERNIDADE DE DEUS E A FINITUDE DA NATUREZA HUMANA ------ 27
VII - LEMBRANÇAS DOS PECADOS DE INFÂNCIA ---------- 29
VIII - APRENDENDO A FALAR ---------- 31
IX - FALTA DE INTERESSE PELO ESTUDO E O CASTIGO DOS EDUCADORES 32
X - INTERESSE PELO JOGO E O TEATRO EM DETRIMENTO DO ESTUDO ---- 34
XI - O BATISMO ADIADO ---------- 35
XII - A TRANSFORMAÇÃO DO BEM E DO MAL ---------- 36
XIII - IMPORTÂNCIA DO APRENDIZADO ---------- 37
XIV - A DIFICULDADE DE ESTUDAR GREGO ---------- 39
XV - OFERTAS A DEUS ---------- 39
XVI - A MÁ INFLUÊNCIA DA LITERATURA E DA MITOLOGIA ---------- 40
XVII - O DESPERDÍCIO DA INTELIGÊNCIA EM COISAS VÃS ---------- 42
XVIII - REGRAS GRAMATICAIS E AS LEIS DIVINAS ---------- 42
XIX - OS PRIMEIROS PECADOS ---------- 44
XX - OS DONS DE DEUS ---------- 45

LIVRO II

PREFÁCIO DO TRADUTOR ---------- 49
I - AGOSTINHO RELEMBRA SUAS CULPAS ---------- 51
II - O PRAZER DO AMOR E A LUXÚRIA DA CARNE ---------- 51
III - O ÓCIO E A ORIGEM DAS PAIXÕES ---------- 53
IV - O FURTO DAS PERAS E A LEI ---------- 56
V A ORIGEM DO PECADO ---------- 57
VI AS PAIXÕES E AS EXIGÊNCIAS DO ESPÍRITO HUMANO ---------- 59
VII - A BONDADE DE DEUS E O PERDÃO ---------- 61
VIII - O PRAZER DO PECADO ---------- 62
IX - AS MÁS COMPANHIAS ---------- 62
X DESEJANDO A PAZ INTERIOR ---------- 63

LIVRO III

PREFÁCIO DO TRADUTOR ---- 67
I - AMORES LASCIVOS ---- 69
II - O TEATRO, FONTE DE SENSAÇÕES ---- 70
III - AGOSTINHO E OS DESEJOS IMPUROS ---- 72
IV - AGOSTINHO E O AMOR À SABEDORIA ---- 73
V - CONHECENDO AS SAGRADAS ESCRITURAS ---- 75
VI - O MANIQUEÍSMO ---- 75
VII OS ERROS DOS MANIQUEUS E A MORALIDADE. ---- 78
VIII - OS FUNDAMENTOS DA MORAL ---- 81
IX - A IMPERFEIÇÃO DOS HOMENS ---- 83
X AS DOUTRINAS DOS MANIQUEUS ---- 84
XI AS SÚPLICAS E SONHO DE MÔNICA ---- 85
XII A PROFECIA E O BISPO ---- 86

LIVRO IV

PREFÁCIO DO TRADUTOR ---- 91
I - A DIVERSIDADE DAS PAIXÕES ---- 93
II - O PROFESSOR DE RETÓRICA E O AMOR ---- 94
III - A CURIOSIDADE PELA ASTROLOGIA ---- 95
IV - A MORTE DE UM AMIGO E O SOFRIMENTO DE AGOSTINHO ---- 97
V - O PRANTO RESTAURADOR ---- 99
VI - A AMARGURA DA VIDA E O MEDO DA MORTE ---- 100
VII - A MUDANÇA: AGOSTINHO DEIXA TAGASTE ---- 101
VIII - O RECOMEÇO ---- 102
IX - A FELICIDADE DE AMAR A DEUS ---- 103
X - O DESTINO INCERTO DAS CRIATURAS ---- 104
XI - A ESTABILIDADE DE DEUS ---- 105
XII BUSCANDO A FELICIDADE EM DEUS ---- 106
XIII A BELEZA E A HARMONIA ---- 107
XIV O TRIBUTO A HIÉRIO ---- 108
XV O PODER DA VERDADE E OS PRIMEIROS LIVROS ---- 110
XVI A OBRA DE ARISTÓTELES ---- 113

LIVRO V

PREFÁCIO DO TRADUTOR: DA ÁFRICA À ITÁLIA ---- 119
I - A IMPORTÂNCIA DAS CONFISSÕES ---- 121
II - O DEUS CONSOLADOR ---- 121
III - O BISPO MANIQUEU ---- 122
IV - A FÉ DIVINA E A CIÊNCIA HUMANA ---- 125
V - A DIVINDADE DE MANI ---- 126
VI - A ENCANTADORA ORATÓRIA DE FAUSTO ---- 127
VII - O DESENCANTO COM O MANIQUEÍSMO ---- 129
VIII - VIAJANDO PARA ROMA ---- 131

IX - A ENFERMIDADE ----133
X - O MANIQUEÍSMO E O CETICISMO ACADÊMICO ----135
XI - OS MANIQUEUS E CONTESTAÇÃO DAS SAGRADAS ESCRITURAS ----138
XII - OS ESTUDANTES ROMANOS----138
XIII - O ENCONTRO COM O BISPO AMBRÓSIO, EM MILÃO----139
XIV - DISTANCIAMENTO DO MANIQUEÍSMO ----140

LIVRO VI

PREFÁCIO DO TRADUTOR: AGOSTINHO AOS TRINTA ANOS----145
I - O ENCONTRO DE MÔNICA COM O FILHO EM MILÃO ----147
II - A SUBMISSÃO DE MÔNICA ----148
III - CONHECENDO AMBRÓSIO ----149
IV - A VERDADE ----151
V - ESCOLHENDO A FÉ CATÓLICA----153
VI - A FUGAZ FELICIDADE ----155
VII - ALÍPIO, O AMIGO ----157
VIII - A FASCINAÇÃO DE ALÍPIO PELOS ESPETÁCULOS SANGRENTOS DO CIRCO----159
IX - ALÍPIO E O JULGAMENTO DOS HOMENS----160
X - A RETIDÃO DE ALÍPIO----162
XI - A HESITAÇÃO DE AGOSTINHO ----164
XII - A DÚVIDA SOBRE O MATRIMÔNIO----166
XII - O NOIVADO ----167
XIV - A UNIÃO POR UMA VIDA EM COMUM----168
XV - A ESCRAVIDÃO DOS DESEJOS ----169
XVI - DISCUTE COM OS AMIGOS O SUMO BEM E O SUMO MAL----170

LIVRO VII

PREFÁCIO DO TRADUTOR ----175
I - A ESSÊNCIA DE DEUS ----177
II - NEBRÍDIO E OS MANIQUEUS ----179
III - A GÊNESE DO MAL----180
IV - DEUS SUPREMO, INCORRUPTÍVEL ----181
V - AINDA A FONTE DO MAL----182
VI - ASTROLOGIA, ILUSÃO PROFANA ----184
VII - PROCURANDO DA ORIGEM DO MAL ----187
VIII - O SOCORRO DA MISERICÓRDIA DIVINA ----188
IX - A LEITURA DOS NEOPLATÔNICOS ----188
X - AGOSTINHO DESCOBRE A VERDADE ----191
XI - A EXISTÊNCIA DAS CRIATURAS ----192
XII - A DIFERENÇA DO BEM E DO MAL ----193
XIII O LADO BOM DAS CRIATURAS ----193
XIV - REFLEXÃO SOBRE O DUALISMO MANIQUEÍSTA----194
XV - DEUS E A EXISTÊNCIA DAS COISAS ----195
XVI - A DUALIDADE DO MAL ----195

XVII - A DESCOBERTA DE DEUS ----------196
XVIII - O CRISTO MEDIADOR ----------197
XIX - O MISTÉRIO SOBRE O VERBO E A CARNE----------198
XX - A ORIGEM DA HUMILDADE E AS ESCRITURAS ----------199
XXI - AS LIÇÕES DO APÓSTOLO SÃO PAULO ----------200

LIVRO VIII

PREFÁCIO DO TRADUTOR ----------207
I - O EXEMPLO DE SIMPLICIANO----------209
II - SIMPLICIANO E A CONVERSÃO DE VITORINO ----------211
III - O JÚBILO DA CONVERSÃO ----------214
IV - ALEGRIA PELA CONVERSÃO DE VITORINO----------216
V - AGOSTINHO ENTRE DUAS VONTADES ----------217
VI - A BELEZA DA VIDA MONÁSTICA ----------219
VII - A BATALHA ESPIRITUAL DE AGOSTINHO ----------222
VIII - A INDECISÃO DE AGOSTINHO ----------224
IX - O CONFLITO DA VONTADE ----------225
X - OPOSIÇÃO AOS MANIQUEUS----------226
XI - BATALHA INTERNA ----------229
XII - "VEM E SEGUE-ME." ----------231
LINHA DO TEMPO----------235
BIBLIOGRAFIA ----------241

Agostinho e as Confissões: relevância

Aurelius Augustinus, conhecido pela sua profissão de orador como Augustinus Hipponensis (Agostinho de Hipona), nasceu em 13 de novembro de 354 em Tagaste, hoje a comuna de Souk Ahras, na Argélia. No tempo de seu nascimento, Tagaste era um município da província da África. Ele era filho de Mônica, uma cristã devota, e de Patrício, um pagão romanizado que era decurião e membro do conselho da cidade. Educado em uma cultura fundamentalmente latina, Agostinho era um aluno talentoso e rebelde, que conseguiu se beneficiar de uma educação clássica. Aos quinze anos, Agostinho estudou em Madauros, hoje M'Daourouch, na Argélia, mas a falta de dinheiro o obrigou a voltar para a casa da família no ano seguinte. Em Cartago, Agostinho se tornou um mestre da língua e da cultura latina e se apaixonou pela filosofia. Tornou-se maniqueísta e mudou-se para Roma, onde obteve um cargo em Milão.

Em Milão, Agostinho conheceu o bispo da cidade, Ambrósio, passou pela conversão, foi batizado e voltou para a África. Em Hipona ou Hippo Regius, onde hoje é a cidade de Annaba, atual capital da província homônima na Argélia, foi ordenado bispo. Em seu episcopado, Agostinho produziu uma vasta coleção de escritos e se envolveu em uma série de controvérsias com maniqueus, donatistas e pelagianos.

Agostinho morreu em Hipona no dia 28 de agosto de 430. Após a sua morte, sua extensa e original produção literária se tornou parte indissolúvel da herança espiritual, teológica e intelectual da civilização ocidental. Nunca houve uma geração que não tenha se voltado para seus escritos para aprender com ele, seguir seus ensinos ou rejeitá-los.

A Idade Média é considerada um período muito "agostiniano", demonstrando a importância do pensamento de Agostinho. São testemunhos disso os florilégios medievais dos séculos XII e XIII, e a grande influência do bispo de Hipona em todas principais ordens religiosas (beneditinos, franciscanos, dominicanos, agostinianos). Os escritos das ordens, os tratados teológicos, as disputas e até mesmo

o denso pensamento decorrente do escolasticismo estão permeados de citações e considerações agostinianas. O Milleloquium veritatis S. Augustini, de Bartolomeu de Urbino, é uma evidência da importância do pensamento agostiniano no século XIV: o documento apresenta mais de quinze mil passagens das obras de Agostinho. No século XV, o Papa Nicolau V encomendou um projeto que incluía a coleta das obras de Agostinho e se tornou a base da Biblioteca do Vaticano. No século XVI, quase 500 edições, sendo dezesseis delas opera omnia, reinseriram as obras de Agostinho na disputa teológica entre protestantes e católicos.

Agostinho fez parte, nos séculos XVIII e XIX, do nascimento da história como ciência, da isagoge neotestamentária, da discussão sobre as relações entre Igreja e Estado, da análise literária, da filosofia, da teoria política, da teologia em geral. No século XX, Agostinho ocupou um espaço importante no pensamento filosófico, sendo discutido por Edmund Husserl, Martin Heidegger, Hannah Arendt, Hans-Georg Gadamer, Albert Camus, Paul Ricoeur, Jacques Ellul e Jean-François Lyotard. As contribuições de Agostinho ainda são parte das histórias convencionais da retórica do século XX.

A teologia dos séculos XIX e XX tem forte influência de Agostinho. Não há teólogo que nesse período não tenha se beneficiado de sua vasta obra e que, em maior ou menor grau, tenha buscado novas maneiras de interpretá-lo, de forma contextual e com maiores expectativas. E quem não tentou fazê-lo, se apropriou de sua estreita ortodoxia cristã, que também coopera com os que negam as ideias originais e desenvolvimentos teológicos que marcaram esses dois séculos.

As obras de Agostinho destacam três problemas que são importantes no seu pensamento: o problema do mal; a relação entre corpo e alma e o entendimento cristão do pecado e da redenção. Porém, ao mesmo tempo, Agostinho foi um intelectual dedicado ao desejo. Para ele, o amor é uma necessidade psicológica. Ao descrever a sua adolescência e a sua luxúria quando frequentou os bordéis de Cartago, Agostinho menciona no início do livro 3 de Confissões que estava "apaixonado pela ideia de amar". Teólogo arguto, exímio orador e filósofo refinado, Agostinho também compartilhava tais habilidades com a ideia de

assumir-se como um ser emocional. A partir disso, é possível vislumbrar que a autobiografia pioneira de Agostinho, Confissões, é uma obra sui generis, cujo escopo não reside apenas em informar o leitor sobre as passagens da vida do bispo de Hipona, mas visitar seu íntimo, de forma a conhecer e reconhecer-se em suas relações, sentimentos e conflitos.

Confissões e as suas questões: uma breve perspectiva da obra

A obra Confissões não padece, como outras obras da Antiguidade, de títulos que pouco ou nada têm a ver com aquele dado por seus autores. Um exemplo disso é a obra do historiador romano Tácito, que é muitas vezes conhecida como Annales, mas o título original em latim é Ab Excessu Divi Augusti (Da Morte do Divino Augusto). Um século e meio antes de Tácito, outro historiador, Salústio, escreveu como o político Lucius Sergius Catilina e lançou uma insurreição contra a República Romana. Dois títulos para sua obra circulam: Coniuratio Catilinae (Conspiração de Catilina) e Bellum Catilinae (Guerra de Catilina). A História Secreta, o nome popular da obra do historiador Procópio de Cesareia, do século VI d.C., parece colocar o seu trabalho em contraste explícito com a "história pública". Na verdade, o título mais antigo da obra é Anekdota, que significa "não-publicado". Mas, no caso das Confissões, podemos ter certeza de que o título era do próprio Agostinho.

É possível encontrar o título "Confissões" em várias passagens da obra de Agostinho (I.VI.10; V.I.1; IX.XII.37). O sentido do termo, porém, não se relaciona com a confissão auricular, que só foi adotada como prática na Igreja Católica no final do século IV e só se tornou obrigatória no IV Concílio de Latrão, em 1215. Agostinho, ao falar sobre "confessar", alude a uma proclamação em voz alta dos próprios atos vergonhosos ou do louvor de Deus. Na raiz da palavra latina "confessio", está um verbo que significa simplesmente "falar" (fateri – em grego, φημί). O prefixo "con" significa "com". Logo, "confissões" dizem respeito ao "falar com alguém", "conversar com alguém". A palavra "confessio" também pode ser traduzida como "reconhecimento". Mas no caso de Confissões, Agostinho conversa com Deus em voz alta. O leitor é convidado a ouvir esse diálogo.

Há, em Confissões, mais de cem ocorrências do substantivo "confessio" ou do verbo correspondente "confiteor", o que reforça o intento de Agostinho em abrir o coração diante de Deus e de muitas

testemunhas (X.I.1). A confissão apresentada em Confissões é um esforço interno por honestidade e reconhecimento diante de Deus – ainda que Ele saiba de todas as coisas que serão ditas (X.II.2). Agostinho expressa a preocupação de que parte de sua audiência esteja apenas interessada em ouvir fofocas e não aquilo que é útil para o seu autoaperfeiçoamento (X.III.3.) Agostinho conclui que a maioria de seus ouvintes o ouvem imbuídos de caridade (X.III.4). A confissão, deixa claro Agostinho, não é apenas de atos passados, mas do presente, sendo o derradeiro ato de rendição a Deus (X.IV.6).

Agostinho compôs Confissões em 397, ano em que completou 43 anos. Ele a escreveu na África, sua terra natal, em Hipona, cidade portuária na costa do Mediterrâneo, no nordeste da moderna Argélia. Na época, o norte da África era governado pelos romanos, sendo o limite ocidental de seus domínios africanos no meio do Marrocos moderno e o império se estendia para o leste ao longo da costa mediterrânea e para o sul até a borda do Saara. Nessa obra, Agostinho relata que a sua conversão ocorreu em um jardim milanês, quando uma criança invisível o incitou a "pegar e ler" a Bíblia. Batizado em 387, ele voltou para a África em 388 e permaneceu lá até a morte. Embora tenha começado a descrever sua trajetória com Deus em 397, dez anos após seu batismo, Agostinho ainda tinha vigor, inquietude, urgência e amor vivo (ou, na expressão de Agostinho, ardente) por Deus.

A trajetória biográfica que Agostinho narra aborda um relacionamento da adolescência e termina em um período de outono, logo após o seu batismo e com a morte de sua mãe, que o seguiu até a Itália. Relata que Adeodato, seu filho de um longo relacionamento que começou no final da adolescência com uma mulher com quem ele não teve permissão para se casar, morreu logo após seu retorno à África. Agostinho não nos diz com que sentimentos voltou para casa. Suas cartas supérstites do período revelam que quando ele escreve aos seus superiores, usa uma linguagem polida e floreios retóricos típicos da corte em Milão. Ele também invoca constantemente o exemplo de um mundo mais amplo - as práticas das "igrejas do outro lado do mar". Por outro lado, ele afirma ferozmente sua identidade como africano: a carta de

repreensão a um professor de Madauros que ousou zombar dos nomes púnicos dos mártires cristãos é um bom exemplo (Carta 17).

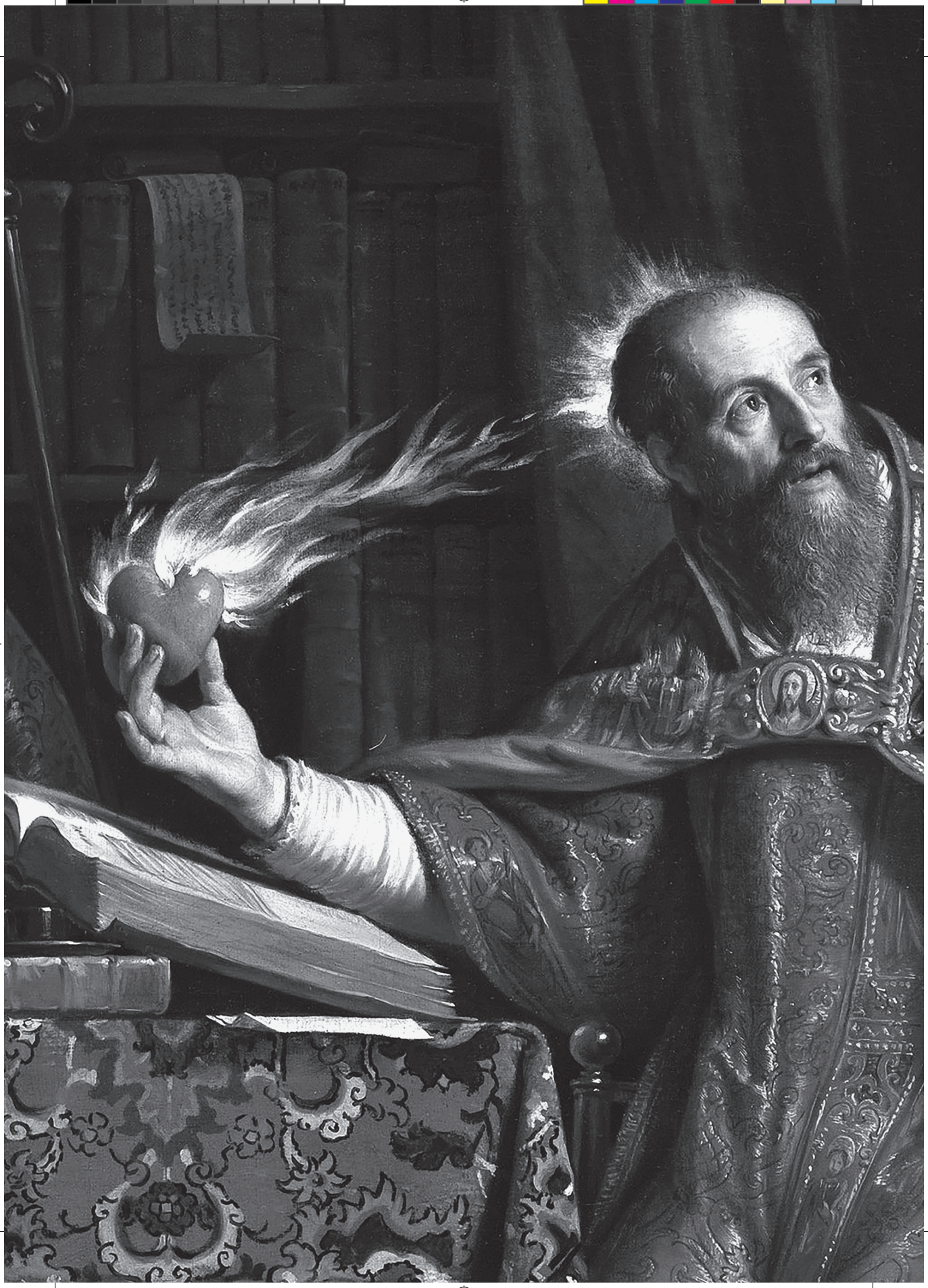
Em seu retorno à África, Agostinho encontrou um conjunto de práticas religiosas diferente daquelas adotadas pelo catolicismo de Roma ou de Milão. Mais ainda: ele planejou viver em um retiro cristão, uma espécie de combinação de protomonasticismo e lazer acadêmico (otium liberale) amado pela aristocracia romana. As controvérsias o empurraram para uma situação mais ativa, que só se agravara quando em 391 ele foi ordenado sacerdote em Hipona contra a sua vontade. Agostinho morreu em 430 quando a cidade estava sitiada pelos vândalos.

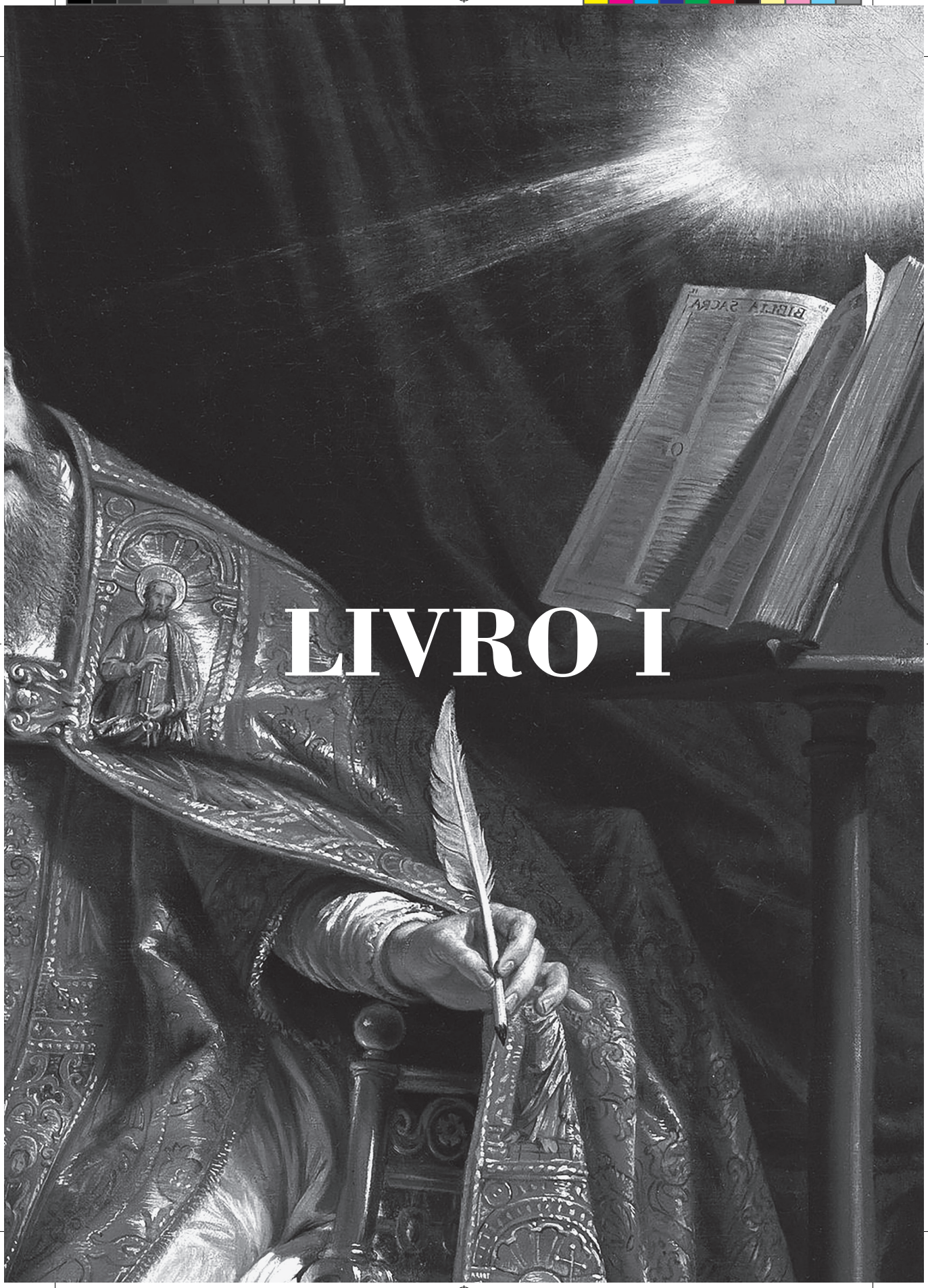
Agostinho havia escrito livros antes de Confissões, como um comentário alegórico sobre o Gênesis, mas é Confissões a sua obra mais pessoal e idiossincrática, obra em que decidiu tornar pública sua grande mudança. Ele começara a apostar sua reputação em confrontos com os donatistas, tinha sido um seguidor comprometido da seita maniqueísta e acabara de assumir o episcopado. Logo, a obra o apresenta e permite o fim das dúvidas sobre a superação das questões de seu passado maniqueísta e envolvido em atividades aparentemente incompatíveis com o cristianismo.

Quanto à linguagem de Confissões, Agostinho desenvolve um estilo de prosa latina que é bastante diferente da maneira como ele escreve em qualquer outro lugar. A sua linguagem se aproxima tanto da Bíblia que muitas vezes é difícil dizer onde uma citação bíblica começa e termina. Ele evita ostensivamente os floreios enganosos da retórica romana, tranquilizando o público que temia ser manipulado, e busca despertar a mente de seus leitores para terem afeto por Deus. A ausência de relatos do retorno à África, da volta a Tagaste, da ordenação relutante de Agostinho em Hipona e de sua ascensão ao bispado concentra o tema na conversão e no sentido da mesma, na alegria e no louvor diante do Deus que o salvara. Mas o fato de o seu relato não terminar com a sua conversão demonstra que Agostinho se esforça para mostrar que a conversão não é estática: é um processo contínuo.

A última palavra do livro em latim é "aperietur", que significa "será aberta". Não há porta fechada para a experiência da conversão.

Tal imagem se soma a muitas outras de conversão na obra (por exemplo, IV.X.15; V.II.2; VI.IV.5; VIII.VII.16). Mesmo que a parte autobiográfica se encerre no final do livro IX e os livros X-XIII sejam uma reflexão sobre o momento presente de Agostinho, e contenha comentários teológicos e exegéticos, tais seções mais filosóficas continuam convidando à conversão.





LIVRO I

Prefácio do Tradutor

A história narrada por Agostinho começa com a sua infância. Na introdução, ele apresenta um louvor a Deus, com a tentativa de cumprir o desejo profundo de adorar a Deus de modo análogo à tentativa do menino Agostinho de encontrar palavras para expressar os desejos de seu corpo. O livro I menciona o nascimento de Agostinho - na verdade, ele especula sobre a existência de vida antes do nascimento - e amamentação; com sua infância, e sua entrada gradual na linguagem (o significado literal de "infância" em latim é "não falar"); e com sua infância e tempos de escola. Agostinho relata a sua luta para dominar as palavras, por meio das quais ele satisfaria a sua ambição. Ele compara o prazer de aprender latim com a dificuldade de aprender grego e fala sobre sua paixão pelos clássicos latinos, especialmente Virgílio. A parte narrativa do livro termina com uma crítica contundente do exemplo moral do dramaturgo romano Terêncio.

Agostinho reconhece os dons de Deus em todos os aspectos de sua infância, bem como reconhece o uso indevido desses dons. Agostinho, após louvar a Deus e meditar sobre a natureza divina (I.I.1-I.V.6), lembra os dons que o sustentaram em sua infância, e o pecado que se manifesta até mesmo nas crianças (I.VI.7-I.VII.12). Em sua infância (I.VIII.13-I.XIX.30), ele aprendeu a falar (I.III.13) e começou os seus estudos (I.IX.14-1.10.16, I. XIII.20-I. XVIII.29). O seu batismo foi adiado (I.XI.17-I.XII.19), e ele manifestou ainda na infância, os pecados da concupiscência dos olhos, da concupiscência da carne e da ambição (I.XIX.30). No entanto, Agostinho agradece a Deus pelos dons de sua infância (I.XX.31).

I - Louvor e crença

1. Grande és Tu, Senhor, e mui digno de ser louvado[1]. Grande é o Teu poder, e Tua sabedoria está além de qualquer medida. E os seres humanos querem Te louvar - eles que são apenas uma parte de Tua criação, que carregam consigo sua mortalidade, que carregam consigo a evidência de seu próprio pecado e a evidência de que Tu resistes aos soberbos[2]. E ainda assim os seres humanos, esta parte de Tua criação, desejam elogiar-Te. Tu os despertas para se deleitarem em Te elogiar: pois Tu nos fizeste para Ti, e o nosso coração está inquieto até que venha a descansar em Ti. Conceda-me, Senhor, que eu possa saber e entender se devemos invocar-Te antes de louvar-Te, ou conhecer-Te antes de chamar-Te. Mas quem Te invoca sem Te conhecer? Aquele que Te invoca sem Te conhecer está apto a invocar algo totalmente diferente. Ou, em vez disso, Te chamamos para que possamos Te conhecer? No entanto, como apelarão a alguém em quem não acreditam? E como acreditarão sem um pregador? E os que buscam ao Senhor Te louvarão, pois os que Te procuram Te encontrarão, e os que Te encontrarem Te louvarão. Deixa-me buscar-Te, Senhor, invocando-Te; deixa-me Te invocar por acreditar em Ti; pois Tu foste pregado a nós. É a minha fé, Senhor, que Te invoca: a fé que me deste, que me inspiraste pela humanidade do Teu Filho, pelo ministério do Teu pregador[3].

II - Como te invocar, Senhor?

2. E como invocarei meu Deus, meu Deus e meu Senhor? Pois certamente o chamo para dentro de mim quando o invoco[4]. E que lugar há em mim para que meu Deus entre? Onde Deus entrará em mim, o

1 Alusão ao Salmo 96.4a: "Porque grande é o SENHOR e mui digno de ser louvado" (Vulgata, Salmo 95.4: quia magnus Dominus et laudabilis nimis). Ver ainda: Salmo 47.2, 144.3.

2 Alusão a Tiago 4.6b "Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes" (Vulgata: Deus superbis resistit humilibus autem dat gratiam. Ver ainda: 1 Pedro 5.5: "Deus resiste aos soberbos, contudo, aos humildes concede a sua graça" (Vulgata: Deus superbis resistit humilibus autem dat gratiam).

3 Em latim, per ministerium praedicatoris tui. O praedicator citado pode ser Cristo, Ambrósio ou Paulo – sendo este último citado dez vezes em Agostinho (por exemplo, 10.23.34).

4 Invoco: em latim, invocare, "chamar para dentro", "chamar para o interior"

Deus que fez o céu e a terra? É realmente assim, Senhor, meu Deus? Existe algo em mim que pode Te conter? Até mesmo o céu e a terra, que Tu fizeste, e nos quais Tu me fizeste, Te contém? Ou acontece que tudo o que existe Te contém porque sem Ti tudo o que existe não existiria? E então porque eu também estou, por que estou pedindo a Ti para entrar em mim, eu, que não estaria a menos que Tu estivesses em mim? Afinal, não sou o inferno; e, no entanto, mesmo no inferno, Tu estás presente; pois, se eu descer ao inferno, Tu estarás lá. Eu não estaria, meu Deus, eu não seria se Tu não estivesses em mim. Ou melhor, o que eu seria se não estivesse em Ti, de quem, por quem e em quem estão todas as coisas? Isso também, Senhor; isto também. Para que lugar eu Te chamo, quando estou em Ti? De que lugar Tu vens para mim? Para que lugar além do céu e da terra posso me retirar para que ali meu Deus possa entrar em mim, meu Deus que disse: "Eu encho o céu e a terra"?

III - DEUS PREENCHE TODAS AS COISAS, MAS NENHUMA O CONTÉM

3. Então, o céu e a terra Te contêm porque Tu os preenches? Ou Tu os preenches e algo permanece porque eles não Te contêm? E em que Tu derramas o que resta de Ti depois que o céu e a terra foram preenchidos? Ou Tu, que contém todas as coisas, não precisas estar contido em nenhum lugar porque é contendo-as que Tu preenches as coisas que preenches? Eles não são vasos que estão cheios de Ti e, por isso, dão-Te forma e solidez; se eles são quebrados, Tu não és derramado. E, quando és derramado sobre nós[5], não desces ao nível mais baixo, mas, ao invés disso, ergue-nos até as alturas; Tu não estás disperso, mas, em vez disso, Tu nos reúnes em um.

Mas Tu, o Teu todo, preenches todas as coisas que enches e enche-as todas com Teu Ser. Ou, porque todas as coisas não podem conter a Ti por inteiro, elas contêm alguma parte de Ti? E todas as coisas contêm a mesma parte de Ti ao mesmo tempo? Ou cada coisa contém uma parte diferente: coisas maiores contendo partes maiores e coisas menores,

5 Alusão a Provérbios 1.23 Atentai para a minha repreensão; eis que derramarei copiosamente para vós outros o meu espírito e vos farei saber as minhas palavras (Vulgata: convertimini ad correptionem meam en proferam vobis spiritum meum et ostendam verba mea).

partes menores? Então, uma parte de Ti é maior do que a outra? Ou Tu estás em toda parte como um todo e nenhuma coisa contém a Ti por inteiro?

IV - Deus é sublime e indescritível

4. O que Tu és, então, meu Deus? O que Tu és, eu pergunto, senão o Senhor Deus? Pois quem és o Senhor além do Senhor? Quem é Deus além do nosso Deus? Sumo, Melhor, Potentíssimo, Onipotentíssimo, Misericordiosíssimo e Justíssimo, Secretíssimo e Presentíssimo, Belíssimo e Fortíssimo, Inabalável e Incompreensível, Imutável, mudando todas as coisas, nunca novas, nunca velhas, tornando todas as coisas novas e trazendo a velhice para os orgulhosos, embora eles não saibam disso: Tu estás sempre trabalhando, sempre em repouso, reunindo, mas não de qualquer necessidade, sustentando, preenchendo e protegendo, criando, nutrindo e trazendo à maturidade, indo para buscar mesmo que nada Te faltes. Tu amas e não ardes de paixão; Tu tens zelo e segurança; Tu Te arrependes e não sofres; Tu Te iras e és imperturbável[6]. Tu mudas teus trabalhos e não mudas teu plano. Tu pegas de volta o que Tu encontras e nunca perdeste. Embora nunca precises, Tu ficas feliz com o ganho; embora nunca sejas ganancioso, Tu exiges juros. As pessoas oferecem a Ti mais do que o necessário para que se tornem um devedor de Ti, mas quem tem algo que já não é Teu? Tu pagas dívidas, embora não devas nada a ninguém; Tu cancelas dívidas, mas não perdes nada.

E o que dissemos, meu Deus, minha vida, minha Santa Doçura? O que alguém diz quando fala de Ti? Mas ai daqueles que se calam a Teu respeito, pois, embora tagarelem indefinidamente, são mudos em tudo o que importa[7].

---

6 Em latim, zelas... paenitet... irasceris. As emoções atribuídas a Deus remontam à controvérsia de Agostinho em seu período maniqueísta. A alusão ao vocábulo zelas remonta a Joel 2.18, Zacarias 1.14, 8.2, e a Êxodo 20.5, 34.14. A alusão a paenitet remonta a Gênesis 6.6-7 e 1 Reis 15.35. A alusão a irasceris remonta a Êxodo 4.14 e Deuteronômio 9.20.

7 A frase latina é quoniam loquaces muti sunt, que significa literalmente "pois os falantes são mudos". Parece uma crítica aos maniqueus, que são falantes, mas não falam nada verdadeiro sobre o Deus verdadeiro.

V - A VONTADE DIVINA

5. Quem me dará descanso em Ti? A quem devo apelar para que entres em meu coração e o intoxiques de tal forma que eu esqueça o que há de ruim em mim e abrace a Ti, meu Único Bem? O que Tu és para mim? Tens misericórdia, para que eu possa falar. O que sou eu para Ti para que Tu me ordenes que Te ame, e, se eu não o fizer, Tu terás raiva de mim e me ameaçarás com uma miséria avassaladora? Não é meu próprio fracasso em Te amar uma grande miséria em si? Ai de mim! Dize-me, Senhor, por meio de Teus atos de misericórdia, o que Tu és para mim. Dize à minha alma: "Eu sou a sua salvação"[8]. Fale essas palavras de uma maneira que eu possa ouvi-las. Mesmo agora, os ouvidos do meu coração estão diante de Ti, Senhor. Abre-os e dize à minha alma: "Eu sou a tua salvação"; vou perseguir o som até Te ter em minhas mãos. Não escondas Teu rosto de mim. Deixa-me morrer, para que eu não morra[9], para que possa ver o Teu rosto.

6. A casa da minha alma[10] é pequena demais para Tu entrares: torna-a espaçosa. Está em frangalhos: restaura-a. Há coisas nela que Teu olhar lamentará: reconheço e sei disso. Mas quem a limpará? É para Ti, e para nenhum outro, que clamo: "Limpa-me, ó Senhor, das faltas ocultas que vêm de dentro de mim[11], e poupa o Teu servo daquelas que vêm de fora."[12] Eu creio, e porque creio, falo, Senhor: isso Tu sabes. Em Tua presença, meu Deus, pronunciei julgamento contra mim mesmo por meus pecados, e Tu perdoaste a impiedade do meu coração. Não Te contesto em julgamento, a Ti, que és a própria Verdade; nem me enganaria, para que minha iniquidade não mentisse para si mesma. Portanto, não ajo a contento em juízo Contigo: porque se Tu, Senhor, notares as iniquidades, Senhor, quem as suportará?

8 Salmo 34.3 (Vulgata).

9 Ver: Sermão 213.3.3 e Colossenses 3.3.

10 Salmo 100.4.

11 Alusão ao Salmo 19.12: "Quem há que possa discernir as próprias faltas? Absolve-me das que me são ocultas" (Vulgata: delicta quis intellegit ab occultis meis munda me).

12 As falhas ocultas que vêm de dentro são os pecados que surgem no nosso próprio pensamento (spontanea cogitatione). As falhas que vêm de fora são aquelas cometidas por sugestão ou persuasão (persuasione alterius). Veja De libero arbítrio 3.10.29.

VI - A eternidade de Deus e a finitude da natureza humana

7. Permita-me falar na presença de Tua misericórdia; embora eu seja pó e cinzas, mesmo assim, deixa-me falar. Na verdade, é para Tua misericórdia que estou falando e não para os seres humanos que zombam de mim. Talvez Tu também zombes de mim; mas, se me olhares, terás misericórdia. O que quero dizer, Senhor, senão que não sei de onde vim para esta vida - como devo chamá-la? - esta vida que morre, esta morte que vive? Não sei. O conforto de teus atos de misericórdia me sustentou, como tenho ouvido dos pais da minha carne, de quem e em quem Tu me formaste no tempo; pois não me lembro. O conforto do leite humano me acolheu; nem minha mãe nem minhas babás encheram os próprios seios, mas Tu, por meio delas, alimentaste a minha infância da maneira que designaste, com as riquezas que providenciaste até para as coisas mais simples. Foi Tua dádiva também que eu não quisesse mais do que Tu me deste, o Teu presente que aquelas que me alimentaram quiseram me dar, o que Tu havias dado a elas - pois tão bem ordenado era o Teu afeto que elas queriam me dar a abundância que receberam de Ti. Foi-lhes bom que eu recebesse delas o que era bom para mim, um bem que não vinha delas, mas por meio delas. Na verdade, todas as coisas boas vêm de Ti, meu Deus; e de Ti vem toda a minha salvação. Só mais tarde vim a saber de tudo isso, quando Tu chamaste por mim através dessas mesmas coisas que Tu concedes tanto por dentro quanto por fora. Mas, naqueles primeiros dias, tudo que eu sabia era sugar, contentar-me com os prazeres do corpo e chorar por causa da dor, nada mais.[13]

8. Mais tarde, também comecei a sorrir; primeiro quando estava dormindo, mas depois quando estava acordado. É isso que me disseram, e acredito, desde que vi outras crianças fazendo isso, já que não me lembro de ter feito essas coisas. Aos poucos, fui percebendo onde estava e queria deixar meus desejos evidentes para quem pudesse satisfazê-los, mas não conseguia: para mim, os desejos estavam dentro de mim, ao passo que eles estavam fora, e nenhum sentimento deles poderia entrar

13 Para Agostinho, a criança é quase epicurista, como afirma Cícero, fin. 1.16.54. O papel lícito do deleite é destacado em 1.1.1. Os negativos, em 1.9.15 , 1.15.24 , 1.16.26 , 1.19.30.

em minha alma. E, então, lancei gestos e ruídos, sinais como meus desejos - os sinais pequenos e fracos que fui capaz de fazer – e de fato eles não eram realmente como meus desejos. E, quando os adultos não faziam o que eu pedia, seja porque não me entendiam ou porque não teria sido bom para mim, ficava furioso porque as pessoas grandes não estavam sob meu controle; que, sendo livres, não eram meus servos, e eu me vingava deles chorando. Os bebês que tive a oportunidade de observar me ensinaram que os bebês são assim. Informaram-me melhor, sem saber, que eu também era assim, mais do que as minhas amas, que me conheciam.

9. No entanto, minha infância morreu há muito tempo, mas estou vivo. Mas Tu, Senhor, que estás sempre vivo, em quem nada morre - porque antes do início dos tempos, antes de qualquer coisa que possa ser chamada de "antes", Tu és, e Tu és o Deus e Senhor de tudo que Tu criaste, e em Ti as causas de todas as coisas fracas permanecem firmes, as fontes de todas as coisas mutáveis permanecem imutáveis e as razões de todas as coisas irracionais e temporais vivem eternamente - responda minha oração, ó Deus, e em Tua piedade dize-me, miserável como sou, se houve uma idade anterior a minha que morreu e deu lugar à infância. Foi a idade que passei no ventre da minha mãe? Também me disseram algo sobre essa idade, e eu mesmo vi mulheres grávidas. E, antes desse tempo, quem era eu, minha doçura, meu Deus? Eu estava em algum lugar? Fui alguém? Não há quem me diga essas coisas: nem meu pai nem minha mãe podiam, nem tampouco a experiência dos outros ou a minha própria memória. Ou Tu riste de mim por fazer essas perguntas e me ordenaste que eu Te elogie e agradeça pelo que eu sei?

10. Agradeço a Ti, Senhor do céu e da terra, louvando-Te pelos meus primeiros dias e pela minha infância, dos quais não me lembro. Tu deixaste para os seres humanos inferir essas coisas sobre si mesmos a partir do que veem dos outros e acreditar em muitas coisas sobre si mesmos com base na autoridade, mesmo de mulheres humildes. Já naquela época, eu era e vivia e, já quando minha infância estava chegando ao fim, eu procurava sinais para divulgar minhas ideias a outras pessoas. De onde poderia vir semelhante criatura senão de Ti, Senhor? Alguém pode ser o artesão que a si mesmo se modela? Ou existe alguma outra

fonte da qual o ser e o viver fluem para dentro de nós, além de nos ter criado, Senhor? Para Ti, ser e viver não são duas coisas diferentes, porque supremamente ser e viver são o Mesmo[14].

Tu és o Ser supremo e não muda. Em Ti não existe um "hoje" que percorra toda a sua extensão e chegue ao fim - e, no entanto, o hoje percorre toda a sua extensão e termina em Ti, porque todas essas coisas também estão em Ti e não haveria caminhos pelos quais elas poderiam passar se Tu não os contivesses. E, porque Teus anos não acabam, Teus anos são um "hoje". Quantos dias - nossos próprios dias e os de nossos ancestrais - já se passaram pelo Teu hoje! Do Teu hoje, receberam limites e existiram da maneira que prescreveste; ainda outros dias os sucederão, e eles também receberão limites e existirão como prescreves. Mas Tu és o mesmo e é hoje que Tu vais realizar, hoje que Tu realizaste, tudo o que ainda está por vir amanhã, nas eras além e tudo o que pertenceu ao ontem e ao passado ainda mais distante.

O que posso fazer se alguém não consegue entender isso? Podem até mesmo aqueles que perguntam se exultar, dizendo "O que é isso?"[15] Que eles se regozijem mesmo em sua perplexidade; que se alegrem de que, ao não conseguirem encontrar as respostas, tenham encontrado a Ti ao invés de encontrar as respostas, mas sem Te encontrar.

VII - Lembranças dos pecados de infância

11. Ouça minha oração, ó Deus![16] Ai dos pecados humanos![17] É um ser humano que diz essas coisas, e Tu tens misericórdia dele, porque Tu o fizeste e não és o autor do seu pecado. Quem me contará o pecado da minha infância? Aos Teus olhos, ninguém está livre do pecado, nem mesmo a criança que viveu um dia sobre a terra. Quem vai recontá-lo para mim? Certamente, todos os bebês o contam agora, porque neles

14 Agostinho personifica o termo "Mesmo" aqui em Confissões 7.9.14, na afirmação enfática da divindade de Cristo (quia naturaliter idipsum est), bem como em 9.4.11, 9.10.24, e 12.7.7.

15 Êxodo 13.14, 16.15, Sirácida 39.26.

16 Salmo 54.2 (Vulgata).

17 Isaías 1.4.

vejo o que não me lembro de mim mesmo. Então, qual foi o meu pecado naquela época? Foi porque chorei em meu desejo ardente pelo seio? Se me comportasse dessa maneira agora (não desejando o seio, é claro, mas a comida adequada para minha idade), seria justamente desprezado e repreendido. Então, o que eu fiz merecia repreensão; mas o costume e a razão proibiam qualquer censura, porque eu não seria capaz de compreendê-la. Nós erradicamos esse tipo de comportamento e nos livramos dele à medida que crescemos, e nunca vi ninguém jogar fora algo de bom, intencionalmente, ao limpar o seu terreno. Ou essas coisas eram realmente boas para aquela época? Chorar pelo que eu queria, mesmo sem conseguir, era prejudicial? Ficar muito zangado quando as pessoas livres - os mais velhos e até mesmo meus pais, pessoas que eram muito mais sábias do que eu, não me serviam, não obedeciam a todos os meus caprichos? Ataquei-os, fazendo o meu melhor para machucá-los, porque eles não cederam às minhas exigências, mesmo que a concessão apenas pudesse me prejudicar? É a fraqueza corporal das crianças que é inocente, não suas mentes. Vi e testemunhei um bebê que estava com ciúmes: ele ainda não conseguia falar, mas ficou pálido e deu um olhar desagradável para outro bebê que estava compartilhando o seu leite. Todo mundo sabe a respeito desse tipo de coisa. Mães e amas dizem que têm meios de corrigir esse comportamento, embora eu não saiba quais são. Mas dificilmente podemos chamar isso de "inocência" quando um bebê não pode suportar que outra pessoa em extrema necessidade tenha uma parte desse alimento vital, mesmo que a fonte de leite derrame suas riquezas sem restrições e em grande abundância. Toleramos gentilmente esse tipo de comportamento, não porque seja trivial ou inconsequente, mas porque será deixado para trás à medida que a criança crescer - como se prova pelo fato de que não toleraremos tais coisas em alguém mais velho.

12. E assim, ó Senhor meu Deus, que deste a uma criança a vida e um corpo que como vemos Tu dotaste de sentidos, formando membro por membro, adornado com as devidas proporções e infundido com todas as forças vitais necessárias para mantê-lo inteiro e sadio: Tu me mandas louvar-Te por todas essas coisas, dar a Ti graças e cantar louvores ao Teu nome, ó Altíssimo, pois Tu és Deus Todo-Poderoso e bom,

mesmo se tivesses feito apenas essas coisas, que ninguém poderia fazê-las a não ser Tu, ó Único, de quem tudo é medida, ó Mais Belo, que dá bela forma a todas as coisas e põe todas as coisas em ordem por Tua lei[18].

Não me lembro de ter vivido naquele tempo - acredito no que os outros me disseram e deduzo do que observo de outras crianças o que devo ter feito, embora essas inferências sejam bastante confiáveis, e, portanto, hesito em considerá-las parte da vida que vivo hoje. Está escondida em uma escuridão além do alcance de minha memória, tanto quanto minha vida no ventre de minha mãe. Se de fato fui concebido em iniquidade, e em pecado minha mãe me alimentou em seu ventre, onde, suplico-Te, meu Deus, onde ou quando, ó Senhor, fui eu, Teu servo[19], inocente? Mas vê: não direi mais nada sobre essa época. O que é isso para mim agora? Não consigo me lembrar nem de um traço disso.

VIII - Aprendendo a falar

13. E assim passei da infância[20] e entrei na meninice. Ou será que a infância entrou em mim e deslocou a infância? A infância não se afastou de mim - para onde iria? - e, no entanto, não existia mais. Eu não era mais uma criança muda; era agora um menino que falava. Lembro-me disso e depois entendi como aprendi a falar. Os mais velhos não me ensinaram colocando palavras diante de mim de acordo com algum método estabelecido de instrução, como pouco depois me ensinaram a ler. Não, eu mesmo, usando a mente que Tu, meu Deus, me deste, tentei com gemidos, vários ruídos e gestos transmitir os pensamentos do meu coração para que os meus desejos fossem conhecidos; mas, quando não conseguia expressar tudo o que queria ou fazer-me compreender

18 Medida, forma e ordem são termos muito utilizados em Confissões, dando forma aos três últimos livros das Confissões, com o livro 11 dedicado à medida; o livro 12 dedicado à forma; e o livro 13 dedicado à ordem.

19 Salmo 115.16 (Vulgata).

20 Em latim, pueritiam. Tal idade é marcada pelo consentimento, a criança começa a mentir e falar a verdade, e as crianças são batizadas. Parece que Agostinho segue aqui a ideia de seis dias da criação, de seis idades da história humana e de seis idades de um homem, como evidenciam 2.1.1 (exarsi enim aliquando satiari inferis in adulescentia) e 7.1.1 (iam mortua erat adulescentia mea mala et nefanda et ibam in iuventutem). Quando Agostinho escreveu Confissões, em cerca de 397, ele estava se aproximando da junção entre iuventus e a quinta idade, aos 45 anos.

por todos, agarrava-me à minha memória: quando os meus mais velhos chamavam alguma coisa pelo nome e respondiam ao mesmo som, movendo-me em direção à coisa, eu guardava isso e lembrava-me daquele som que faziam quando queriam indicar a coisa pelo seu nome. Que era isso que pretendiam era evidente pelos movimentos de seus corpos, que são como uma linguagem natural e universal: a expressão do rosto, o movimento dos olhos, os gestos dos membros e o tom da voz, todos expressando a disposição da mente em relação às coisas que ela busca, possui, rejeita ou foge. E, dessa forma, ao ouvir essas palavras repetidamente em seu contexto apropriado em várias frases, eu gradualmente aprendi de quais coisas elas eram sinais; e, uma vez que minha boca adquiriu facilidade com esses sinais, fui capaz de usá-los para expressar meus desejos. Assim, passei a compartilhar com aqueles entre os quais vivia o uso de sinais para expressar desejos e fui atraído mais plenamente para a convivência tempestuosa da vida humana, embora ainda estivesse sujeito à autoridade de meus pais e à vontade dos mais velhos.

IX - FALTA DE INTERESSE PELO ESTUDO E O CASTIGO DOS EDUCADORES

14. Ó, Deus, meu Deus, quantas misérias sofri por tais trivialidades![21] Disseram-me que, quando menino, era certo que eu me submetesse àqueles que me aconselharam sobre como fazer meu caminho no mundo e me sobressair nas habilidades retóricas pelas quais poderia ganhar reputação e ganhar riquezas enganosas. Então fui mandado para a escola para aprender letras[22], embora, desgraçado que fosse, não tinha ideia do que era genuinamente útil nesse estudo. Mesmo assim, se eu relaxasse no trabalho, era espancado[23] - o que atraiu elogios dos mais velhos. E de fato muitos que vieram antes de nós nesta vida traçaram os caminhos do sofrimento a que fomos obrigados a seguir, quando o trabalho e a tristeza

21 Terêncio, Adelphoe 867

22 O termo empregado aqui, litteras, parece ser alusivo à leitura, à escrita e ao estudo da literatura.

23 Em latim, vapulabam. Tal punição era comum (Quintiliano, Institutos 1.3.13-17).

se multiplicaram nos filhos de Adão[24]. Nós encontramos[25] pessoas que oravam a Ti, Senhor, e aprendemos com elas, pensando em Ti tanto quanto podíamos como alguém grande que, embora não fosse visível aos nossos sentidos, podia nos ouvir e vir em nosso socorro. E ainda menino comecei a orar a Ti, minha ajuda e meu refúgio. Desamarrei minha língua para invocar a Ti. Por menor que eu fosse, foi com grande ansiedade que orei a Ti para que não fosse espancado na escola. E, quando Tu não me atendeste e assim me entregaste à minha tolice, minhas surras foram mais divertidas para os mais velhos – e até mesmo para meus pais, que não queriam que nenhum mal acontecesse comigo - mas as surras eram um grande e sério mal para mim naquela época.

15. Ó, Senhor, há alguém tão corajoso, tão poderosa e avidamente devotado a Ti, que desdenhe de cavaletes, de ganchos e outras torturas que as pessoas em todo o mundo imploram com grande terror a Ti para libertá-los? Existe alguém, pergunto, que seja tão altivo por causa de sua devoção fervorosa por Ti - pois a estupidez pode produzir a mesma atitude - que considere esses tormentos como triviais, embora se ame aqueles que os temem tão amargamente, como os nossos pais, que zombavam dos sofrimentos que os nossos professores infligiam a nós, meninos? Pois não tínhamos menos medo deles, nem menos fervorosos éramos em nossas orações para sermos libertados deles. E, no entanto, pecamos por não escrever, ler ou estudar tanto quanto era exigido de nós. Pois não é que nos faltasse a capacidade[26] ou o talento[27], Senhor - por Tua vontade, Tu nos deste essas coisas, o suficiente para a nossa idade. Mas gostávamos de jogar e éramos punidos por isso por pessoas que, claro, se comportavam exatamente da mesma maneira. Mas, quando os adultos perdem seu tempo, chamam isso de "negócios", ao passo que, quando as crianças fazem essas coisas, elas são punidas. E ninguém

24 Ser lembrado da descendência Adâmica não é uma coisa agradável em Confissões. Agostinho alude a isso negativamente em 8.9.21, 8.10.22 e 13.21.30.

25 O verbo invenimus é utilizado para se referir ao primeiro encontro narrado por Agostinho entre ele e a religião cristã.

26 O termo latino traduzido por "capacidade", memoria, não significa memória, mas a capacidade da mente para aprendizado e retenção.

27 O termo latino traduzido por "talento", ingenium, pode significar "molde da mente", qualidade ou o caráter distinto de alguém, brilho, talento intelectual.

sente pena das crianças ou dos adultos. Na verdade, um bom juiz da questão sem dúvida aprovaria que eu fosse espancado, porque meu jogo de bola, quando menino, interferia em meu aprendizado de letras, que eu usaria quando adulto para jogar um jogo muito mais depravado. E o professor que me bateu agia de forma diferente? Se ele tivesse sido derrotado por um colega professor em alguma disputa trivial, ele teria sido atormentado por mais amargura e inveja do que eu sentia quando um colega meu me superava em um jogo de bola?

X - INTERESSE PELO JOGO E O TEATRO EM DETRIMENTO DO ESTUDO

16. Eu pecava, Senhor Deus, Governante e Criador de todas as coisas naturais, embora dos pecados seja apenas ordenador. Ó, Senhor meu Deus, pequei desobedecendo aos mandamentos de meus pais e professores; o que quer que tivessem em mente para mim, pois eu poderia depois fazer bom uso das letras que eles queriam que eu aprendesse. Não fui desobediente porque estava escolhendo coisas melhores; simplesmente, adorava jogar, adorava a glória da vitória em nossos jogos. Adorava ter cócegas nos ouvidos com contos falsos que os faziam coçar ainda mais insistentemente, e essa mesma curiosidade atraiu meus olhos ávidos para os programas espetaculares que são os jogos para adultos. Aqueles que colocam esses óculos gozam de tal estima e status que quase todos os pais ficariam felizes se seus filhos os alcançassem; e, no entanto, permitem que seus filhos sejam espancados de bom grado se tais espetáculos atrapalharem os estudos, que eles esperam que algum dia os capacitem a fazer exatamente esse tipo de espetáculo. Olha misericordiosamente para essas coisas[28], ó Senhor, e livra-nos, nós que agora Te invocamos; livra também aqueles que ainda não Te invocaram, para que Te invoquem e Tu os livres.

28 Salmo 24.16-18 (Vulgata).

XI - O Batismo adiado

17. Desde menino, ouvira[29] falar da vida eterna prometida a nós pela humildade do Senhor nosso Deus ao se abaixar para encontrar nosso orgulho intrínseco, e fui marcado com o sinal de sua cruz e salgado com seu sal[30] desde o tempo que saí do ventre de minha mãe, que confiou firmemente em Ti. Tu me viste, Senhor, quando eu era ainda um menino, como no dia em que de repente adoeci com uma doença de estômago e queimei com febre e estava à beira da morte. Viste-me, meu Deus - pois já então me protegeste - com que agitação de espírito, com que fé, implorei o batismo do Teu Cristo, meu Deus e meu Senhor, entregando-me à misericórdia de minha mãe e da mãe de todos nós, sua Igreja. E a mãe da minha carne ficou muito perturbada, pois, em seu coração, feita casta por sua fé em Ti, ela estava trazendo mais amorosamente a minha salvação eterna à luz. Ela teria providenciado para que eu fosse rapidamente iniciado e limpo em Teus sacramentos benéficos, confessando-Te, Senhor Jesus, com o perdão dos pecados se eu não tivesse me recuperado imediatamente. E assim minha purificação foi adiada, com base no fato de que, se eu vivesse, inevitavelmente ficaria ainda mais contaminado, porque a culpa incorrida na contaminação dos pecados seria maior e mais perigosa após aquela lavagem do que antes. Eu já era crente, assim como minha mãe e toda a casa, exceto meu pai. No entanto, embora ele ainda não acreditasse em Cristo, ele não me impediu de acreditar; a devoção de minha mãe me dominava, e ele não a quebrou. Pois fez ela tudo ao seu alcance para garantir que Tu, meu Deus, fosses meu Pai mais verdadeiramente do que ele, e Tu a ajudaste tanto nisso que ela teve a vitória sobre seu marido, a quem servia – embora ela fosse a melhor dos dois - porque, ao fazer isso, também estava servindo a Ti, que lhe deu esse comando.

18. Pergunto-Te, Deus: gostaria de saber, se te apraz, por qual motivo meu batismo foi adiado? Foi para meu bem que as rédeas do pecado foram de certo modo afrouxadas para mim? Ou elas foram

29 O verbo latino audieram alude aos meios de transmissão dos ensinamentos cristãos, nem sempre completamente compreendidos. Ver: 7.3.5.

30 O sinal da cruz e o sal são práticas rituais que caracterizam um catecúmeno.

realmente soltas? Como é que mesmo agora ouvimos vozes de todos os lados, dizendo a todos os tipos de pessoas: "Deixe-os em paz; deixe-os fazerem o que quiserem. Ainda não foram batizados." No entanto, quando se trata da saúde do corpo, não falamos: "Que sejam feridos mais gravemente. Ainda não foram curados." Teria sido muito melhor se eu tivesse sido curado imediatamente e depois cuidado pelos meus próprios cuidados e de minha família, para que Tu, tendo restaurado a saúde de minha alma, também a preservasse sob Tua custódia. Na verdade, teria sido melhor. Mas ondas de tentação, muitas e grandes, podiam ser vistas se aproximando do outro lado da minha infância. Minha mãe as conhecia e preferia deixá-las estourar na terra a partir da qual eu seria formado posteriormente, em vez de expor a minha própria nova imagem.

XII - A TRANSFORMAÇÃO DO BEM E DO MAL

19. No entanto, mesmo naquela infância, em relação à qual havia muito menos ansiedade do que na minha adolescência, eu não gostava de estudar e odiava ser forçado; mas fui forçado a estudar, e foi bom isso ter sido feito. Eu não estava agindo bem, pois estudei apenas porque fui compelido, e ninguém age bem contra a vontade, mesmo que o que ele faça seja bom. Nem aqueles que me forçaram agiram bem; foi Tu, meu Deus, que agiste bem comigo. Eles não viam o uso que eu daria às coisas que me compeliam a aprender, além de satisfazer os anseios insaciáveis de uma riqueza que era realmente pobreza e uma glória que era realmente desgraça. Mas Tu, por quem nossos próprios cabelos são contados, usaste em meu benefício o erro daqueles que insistiam que eu aprendesse; e meu próprio erro, minha falta de vontade de aprender, Tu usaste para minha punição. Um menino tão pequeno, um grande pecador: eu realmente merecia as surras que recebi. Assim, Tu agiste bem comigo por meio daqueles que não agiam bem e me puniu com justiça por meu próprio pecado. Pois Tu ordenaste - e assim acontece - que toda mente desordenada fosse para si mesma sua própria punição.

XIII - Importância do aprendizado

20. Mas por que odiava aprender o grego que tive de estudar quando menino? Até hoje não entendo muito bem. Eu adorava latim - não a gramática elementar, mas a literatura[31]. Descobri aquelas primeiras lições, nas quais aprendi a ler, escrever e fazer aritmética, como uma tarefa e um castigo tanto quanto todas as minhas aulas de grego; mas isso também veio do pecado, da vaidade da vida pela qual eu era carne e espírito que passa e não volta.

Aquelas primeiras lições foram naturalmente melhores do que as posteriores, porque eram mais confiáveis. Estava me dando a capacidade, que adquiri e ainda tenho, de ler qualquer coisa que encontrasse e de escrever eu mesmo se assim quisesse. Quão melhor do que meus erros posteriores foi ser forçado a memorizar as andanças de Eneias, quem quer que ele fosse, esquecendo-me de minhas próprias andanças, e chorar pela morte de Dido, que se matou de amor, quando o tempo todo eu não tinha lágrimas para derramar por mim mesmo, desgraçado que eu era, morrendo no meio dessas coisas, longe de Ti, ó Deus e minha vida[32].

21. O que é mais miserável do que um desgraçado que não sente tristeza por si mesmo, mas chora a morte de Dido, causada por seu amor por Eneias, ao passo que não chora sua própria morte, causada por uma falta de amor por Ti, ó Deus, Luz de meu coração, Pão da boca interior de minha alma, Poder que casa minha mente com o depósito de meu pensamento? Não Te amava e fui infiel a Ti; e, por todos os lados, ouvi gritos de encorajamento para a minha infidelidade. A amizade com este mundo é infidelidade a Ti, e aqueles gritos de encorajamento deixam a pessoa com vergonha de não ser tal tipo de pessoa. Por essas coisas não derramei nenhuma lágrima, mas chorei por Dido, "morto pela espada, perseguindo o fim de sua desgraça"[33], enquanto Te deixei para trás para perseguir a mais baixa de suas criaturas, o pó voltando ao pó. E, se eu

31 Aqui, Agostinho destaca o amor pelas litteras latinas, aquilo que é ensinado pelos grammatici – não os primeiros mestres que ensinam leitura, escrita, gramática e aritmética, mas aqueles que ensinam literatura, especialmente poesia.

32 Uma censura semelhante por levar a ficção a sério pode ser encontrada em Pseudo-Andocides, Plutarco e Aeliano

33 Virgílio, Eneida 6.457.

fosse proibido de lê-los, ficaria triste, porque não estava lendo algo que me entristecesse. É por uma loucura como essa que o estudo da literatura é considerado mais prestigioso e mais frutífero do que as lições em que eu aprendi a ler e escrever.

22. Mas, agora, que meu Deus clame em minha alma, e que a Tua verdade me diga: "Não é assim; não é assim. Esse ensino anterior é muito melhor." Certamente, prefiro esquecer as perambulações de Eneias e coisas assim do que ler e escrever. Certamente, cortinas estão penduradas nas portas das escolas de literatura - não, entretanto, para honrar o que elas ocultam, mas para manter os seus erros fora de vista. Que esses compradores e vendedores de estudos literários não clamem contra mim – não tenho mais medo -, enquanto Te confesso, meu Deus, o que minha alma deseja confessar; também não clames contra mim quando eu descansar em denunciar meus maus caminhos, para que eu possa amar Teus bons caminhos. Suponha que eu perguntasse a esses professores se é verdade, como diz o poeta, que Eneias uma vez foi para Cartago. Os mais ignorantes não saberiam responder, mas os bem instruídos diriam: "Não, não é verdade." Todavia, se eu perguntasse como se escreve o nome "Eneias", todos os que o aprenderam dariam a resposta correta de acordo com a convenção e o costume que os seres humanos estabeleceram para o uso desses signos. E, se eu perguntasse o que seria um obstáculo maior na vida, esquecer como ler e escrever ou esquecer essas fantasias poéticas, quem não estivesse totalmente fora de si saberia exatamente como responder. Portanto, eu estava pecando quando menino, quando amava aqueles estudos inúteis mais do que os bastante úteis - ou melhor, odiava os úteis e amava os inúteis. Mas "um mais um são dois, dois mais dois são quatro" era uma canção irritante para mim naquela época, enquanto a exibição da vaidade - um navio de madeira cheio de soldados e Troia em chamas e "a própria sombra de Creso morto"[34] era, acima de tudo, doce para mim.

34 Virgílio, Eneida 2.772.

XIV - A dificuldade de estudar grego

23. Por que, então, eu odiava a literatura grega, que também está cheia dessas histórias? Homero também era perito em tecer tais ficções, e há uma grande doçura em sua vaidade; mas para mim, quando menino, ele era amargo. Acredito que Virgílio parece o mesmo para as crianças gregas quando elas são forçadas a aprendê-lo como eu fui forçado a aprender Homero. Deve ser a dificuldade, a grande dificuldade de aprender uma língua estrangeira que salpica fel sobre toda a doçura dos contos maravilhosos contados em grego. Eu não sabia nenhuma das palavras e fui severamente ameaçado com terrores selvagens e punições para que eu as aprendesse. Claro, houve um tempo, quando criança, em que eu também não sabia nenhuma palavra em latim, e ainda assim aprendi, simplesmente por prestar atenção, sem qualquer medo ou luta, em meio às palavras carinhosas de minhas babás e às piadas, risos e brincadeiras daqueles ao meu redor. Eu não precisava de nenhuma ameaça de punição para me impelir a aprendê-los, porque meu próprio coração me impelia a trazer seus pensamentos, e não havia como fazer isso sem aprender algumas palavras, de pessoas que não estavam ensinando, mas simplesmente conversando. E na audição eu trouxe à tona tudo o que estava pensando. Isso mostra claramente que a curiosidade desenfreada é uma força maior para aprender essas coisas do que o constrangimento medroso; mas tal violência refreia graças às Tuas leis, ó Deus, os excessos de curiosidade – graças às Tuas leis, desde a bengala do professor às provações dos mártires podem dosar o remédio amargo que nos chama de volta a Ti do prazer destrutivo que é o caminho ao longo do qual nós fugimos de Ti.

XV - Ofertas a Deus

24. Ouve o meu clamor, ó Senhor, para que a minha alma não desfaleça sob a Tua disciplina; para que eu não desfaleça ao confessar os Teus atos de misericórdia, pelos quais me livraste de todos os meus

maus caminhos; para que Te tornes mais doce para mim do que todas as seduções que uma vez segui e eu possa amar-Te com todas as minhas forças, segurar Tua mão com o mais profundo afeto, e Tu me livrarás de toda tentação até o fim.

Verdadeiramente, ó Senhor, meu Rei e meu Deus, quero que tudo de útil que aprendi quando menino Te sirva; que meu falar, escrever, ler e contar sejam úteis a Ti. Pois, quando eu estava aprendendo ninharias vazias, Tu me deste Tua disciplina; Tu me perdoaste os pecados de minhas delícias em tamanha vaidade. Afinal, aprendi muitas palavras úteis no decorrer dos meus estudos; mas essas palavras poderiam ter sido ensinadas independentemente de toda aquela tolice[35], e esse é o caminho seguro no qual as crianças devem trilhar.

XVI - A má influência da literatura e da Mitologia

25. Mas, ai de ti, torrente de costumes humanos! Quem vai resistir a ti?[36] Quanto tempo vai demorar até que finalmente seques? Por quanto tempo tu lançarás os filhos de Eva[37] naquele grande e terrível mar que mesmo aqueles que vieram a bordo do navio de madeira[38] mal conseguem atravessar em segurança?

Não li em ti que Júpiter era o Trovão e um adúltero? É claro que ele não poderia ser os dois: mas a história é contada dessa forma, para que o falso raio acredite que seu adultério genuíno seja digno de imitação.

Alguém entre esses mestres vestidos de bata se contenta em ouvir um dos seus, um combatente na mesma arena, que grita e diz: "Homero inventou esses contos, atribuindo qualidades humanas aos deuses; mas seria muito melhor atribuir-nos qualidades divinas?"[39] Sim,

35 O termo traduzido por "tolice" é o vocábulo latino vanus, que pode assumir múltiplas significações, como, por exemplo, "vaidade".

36 Salmo 75.8 (Vulgata).

37 A menção aos "filhos de Eva" (em latim, Evae filios) pode ser encontrada em Salmo 126.8: in cuius figura etiam Eva 'mater vivorum' appellata est.

38 O termo latino traduzido aqui como "navio de madeira" é lignum. O termo é alusivo ao navio de madeira, uma metáfora para a Cruz de Cristo.

39 Cícero, Tusculanae Disputationes 1.26.65.

Homero inventou esses contos: mas seria mais verdadeiro dizer que ele atribuiu qualidades divinas à depravação humana, de tal modo que atos vergonhosos não seriam mais considerados vergonhosos, e aqueles que se entregassem a eles pensariam que estão emulando os próprios deuses do céu em vez de seres humanos corruptos.

26. E, no entanto, torrente infernal, jactância em que os filhos dos homens são lançados em Ti, pagando o preço para aprender essas coisas. Há grande interesse quando isso é oferecido abertamente no mercado, tendo em vista a lei que determina honorários e soldos públicos. E tu quebra nas pedras e faz seu barulho: "Este é o lugar para aprender palavras! Este é o lugar para adquirir a eloquência que é tão essencial para persuasão e argumentação!" Assim, não saberíamos os termos "chuva de ouro", "colo", "truque" e "templos celestiais" e as outras palavras que aparecem na passagem de Terêncio se o poeta não as tivesse usado para falar sobre um jovem perverso que tomou Júpiter como modelo para sua própria fornicação? Ele olha para uma pintura de parede que mostra como Júpiter enganou uma mulher enviando uma chuva de ouro no colo de Dânae. Veja como ele incita sua própria luxúria sob esta tutela celestial: "Oh, que deus", diz ele, "que sacode os templos do céu com seu poderoso trovão! Mortal que sou, não posso invocar o trovão; mas o outro ato dele eu realmente realizei, e com prazer!"[40] Tal imundície não torna essas palavras mais fáceis de aprender, mas tais palavras encorajam aqueles que cometem essa imundície. Não culpo as palavras, que são vasos escolhidos e preciosos. Culpo o vinho do erro, que foi derramado neles por professores bêbados que nos bateriam se não bebêssemos o que colocavam diante de nós, sem nos permitir qualquer recurso a um juiz sóbrio. E, no entanto, meu Deus, diante de Teus olhos agora posso me lembrar disso sem ansiedade, tive prazer em aprender essas coisas. Pobre que eu era, gostava delas e assim adquiri a reputação de um jovem promissor.

40 Alusão a Terêncio, Eun. 583-591.

XVII - O desperdício da inteligência em coisas vãs

27. Permita-me, meu Deus, dizer algo da minha inteligência, Teu dom, e dos atos de loucura com que foi desperdiçada. Recebi uma tarefa que me perturbou muito; pois minha recompensa seria um elogio ou uma desgraça, e eu temia uma surra. Eu deveria declamar um discurso que Juno fez quando estava zangada e triste por não poder repelir o rei troiano da Itália[41]. Juno nunca fizera tal discurso, disseram-me; mas éramos obrigados a seguir as pegadas errantes das ficções poéticas e a expressar em prosa o que o poeta expressara em verso. E o orador que receberia mais aplausos seria aquele que, sem comprometer a dignidade da pessoa retratada, transmitisse com mais eficácia as emoções de raiva e tristeza e encontrasse palavras adequadas para expressar seu significado. E de que me servia, ó Vida verdadeira, meu Deus, ter recebido maior aclamação por meu discurso do que meus muitos colegas estudantes da minha idade? Não são todas essas coisas fumaça e vento? Não havia outro assunto em que eu pudesse colocar minha inteligência e minha língua para trabalhar? Sim, Teus louvores, ó Senhor; Teus louvores, dados em Tuas Escrituras, poderiam ter sustentado o galho de meu coração para que não fosse levado por essas ninharias vazias, uma presa para os pássaros do céu; pois há mais de uma maneira de sacrificar aos anjos caídos.

XVIII - Regras gramaticais e as leis divinas

28. Não se deveria estranhar que eu fosse levado para longe de Ti, meu Deus, para as vaidades, considerando as pessoas que eram apontadas como exemplos para eu imitar. Se, ao relatar alguns de seus atos que não eram de todo ruins, eles tivessem cometido algum erro de

41 Virgílio, Eneida 1.38.

pronúncia[42] ou gramática[43], teriam ficado mortificados e desprezados; mas, se contassem a história de seus desejos em palavras bem escolhidas, com estilo e elegância, ficariam orgulhosos de si mesmos e receberiam elogios dos outros. Tu vês tudo isso, Senhor, e ficas em silêncio; Tu és longânime e rico em misericórdia e verdade[44]. Tu sempre vais ficar em silêncio? Mesmo agora, Tu livras deste buraco monstruoso a alma que Te busca e tem sede de Tuas delícias, cujo coração diz: "Procurei a Tua face. A Tua face, Senhor, buscarei"; pois estava longe do Teu rosto nas trevas da minha afeição. Não é caminhando nem estabelecendo distância que ou nos afastamos para longe ou retornamos para Ti. Por acaso buscou aquele Teu filho mais novo alguns cavalos, carruagens ou navios, ou voou com asas visíveis, ou fez sua jornada por qualquer movimento de seus membros, para ir viver naquele país distante onde ele desperdiçaria em uma vida desregrada o que Tu tinhas dado a ele em sua partida? Tu foste um pai amoroso ao dar-lhe riquezas e ainda mais amoroso quando ele voltou de mãos vazias. Portanto, é pela luxúria, pela escuridão de nossos afetos, que estamos longe de seu rosto.

29. Olha para baixo, Senhor Deus; olha para baixo, como sempre fazes, com tolerância. Veja com que cuidado os filhos dos homens observam as convenções sobre letras e sílabas que receberam de oradores anteriores, mas não dão atenção ao eterno convênio de salvação eterna que receberam de Ti - tanto que aqueles que defendem e ensinam o padrão da pronúncia afirmam ser mais ofensivo dizer "homem", sem aspirá-la, em violação das ortodoxias da cultura letrada, do que odiar outro ser humano, violando Teus mandamentos, como se houvesse perigo maior em relação à inimizade humana do que sentir o ódio! Como se alguém fizesse mais mal a alguém ao persegui-lo do que ao próprio coração ao alimentar-lhe com a hostilidade de alguém! E certamente nenhum conhecimento de literatura é tão profundo dentro de nós quanto o que está escrito em nossa consciência, aquilo que estamos fazendo a outro e que não gostaríamos que fizessem a nós mesmos.

42 Em latim, barbarismos.

43 Em latim, solecismos.

44 Salmo 85.15 (Vulgata).

Como Tu estás escondido, morando nas alturas do silêncio[45], ó Deus, o único grande! De acordo com Tua lei infalível, espalhas a punição da cegueira sobre os desejos ilegais. Alguém que busca fama de eloquência tomará o maior cuidado para não cometer um erro gramatical[46] ao criticar seu inimigo com o mais selvagem ódio diante de um juiz humano e com uma multidão em volta; mas, contra a perspectiva de que sua fúria isolará um ser humano da sociedade, ele não tomará nenhuma precaução.

XIX - OS PRIMEIROS PECADOS

30. Demorei-me no limiar deste tipo de vida durante toda a minha infância, desgraçado que era. Esse era meu campo de treinamento, onde eu tinha mais medo de pronunciar uma palavra incorreta do que estava preocupado, se cometesse tal erro, em não invejar aqueles que não cometiam. Digo estas coisas e confesso-Te, meu Deus, as coisas pelas quais fui elogiado por aqueles cuja boa opinião significava para mim que eu estava a viver uma vida digna. Eu estava cego para o abismo da maldade onde fora lançado, longe dos Teus olhos. O que realmente poderia ter sido mais nojento aos Teus olhos do que eu? Até mesmo meus companheiros ficaram desconcertados com as inúmeras mentiras que contei para enganar o criado que me acompanhava à escola, meus professores e meus pais, e tudo porque eu adorava brincar e estava absurdamente ansioso para assistir a programas inúteis e imitá-los. Eu roubava coisas do porão dos meus pais e da mesa, movido pela gula ou para ter coisas para dar aos outros meninos como pagamento por brincar comigo; pois eles não jogariam a menos que lhes desse algo, embora gostassem de nossos jogos tanto quanto eu. Em nosso jogo, trapaceei para vencer, vencido por meu desejo inútil de superioridade. No entanto, não suportaria se outros fizessem comigo o que eu estava fazendo com eles. Se eu pegasse alguém trapaceando, denunciá-lo-ia ferozmente. E, se outra pessoa me pegasse e me denunciasse, eu preferia atacar a ceder.

É esta a inocência da infância? Não é, ó Senhor; não é. Suplico-Te, meu Deus. Essas são mesmas coisas que acontecem quando enganamos

45 Salmo 7.1.

46 Há, aqui, um exemplo de erro gramatical: Agostinho escreve inter hominibus em vez de inter homines, um caso ablativo com uma preposição que requer o acusativo.

os pedagogos e professores, roubamos as nozes, as bolas, os pássaros. Quando se atinge a maioridade, as pessoas enganadas são prefeitos e reis, rouba-se ouro, propriedades e escravos, mas as palmas são trocadas por punições maiores. Então, nosso Rei, quando Tu disseste que "deles é o reino dos céus"[47], foi apenas a pequena estatura das crianças que Tu elogiaste como um sinal de humildade.

XX - Os dons de Deus

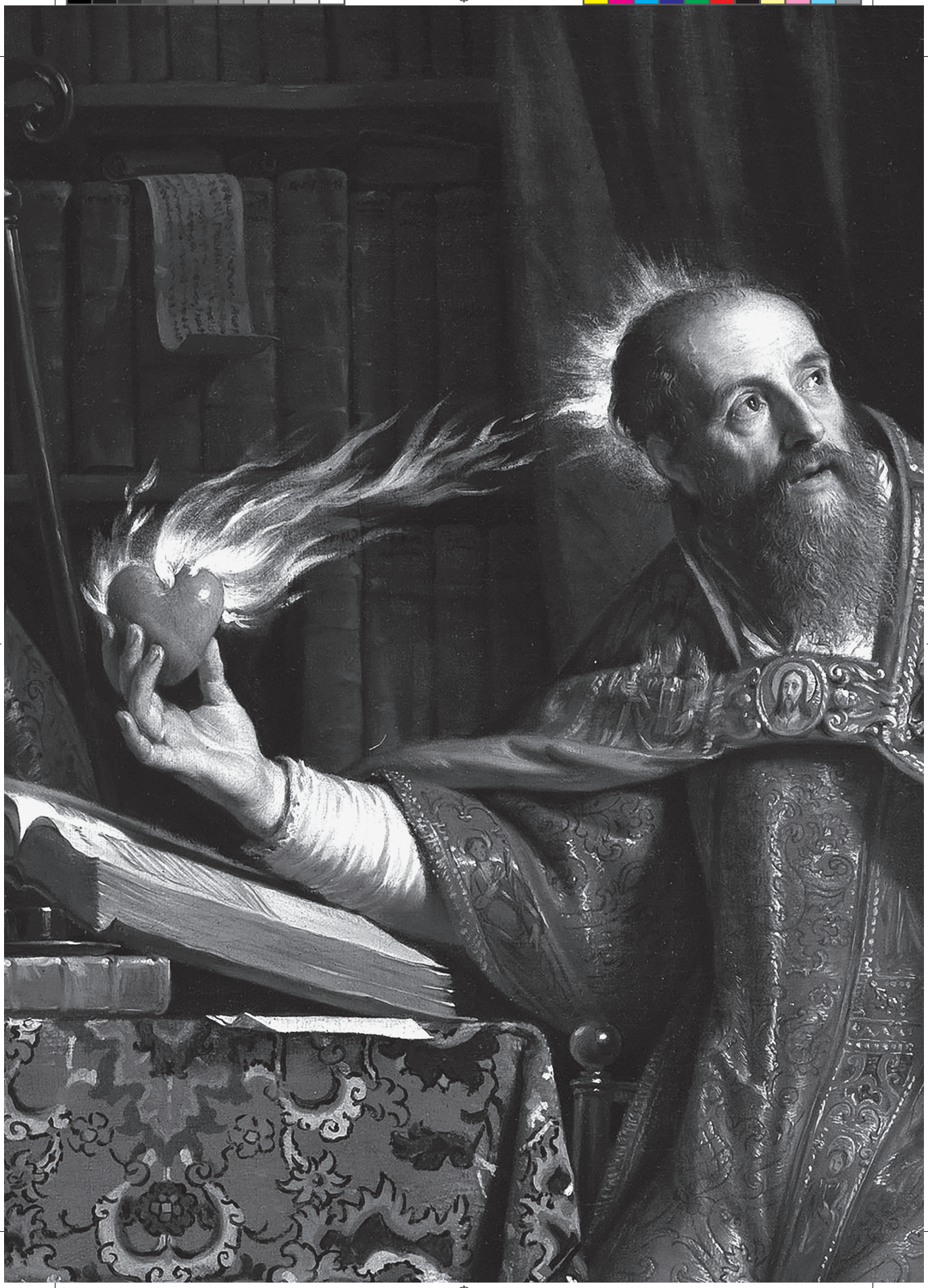
31. No entanto, mesmo que fosse a Tua vontade, ó Senhor, que eu não vivesse além da meninice, eu teria agradecido a Ti, nosso Deus, o mais excelente e supremamente bom Criador e governador do universo[48]. Eu existia, vivia e tinha sensações. Cuidei de minha própria saúde e integridade, um traço daquela Unidade profundamente oculta que eu tinha em meu ser; por um sentido interno, guardei a integridade de meus sentidos externos; e, em meus pequenos pensamentos sobre pequenas coisas, deliciava-me com a verdade. Odiava ser enganado, tinha uma excelente memória, era bem dotado de palavras, fui tocado pela amizade. Evitei a dor, a humilhação e a ignorância. Em tal criatura viva, quão espantosas, quão dignas de louvor, eram todas essas coisas! Mas todas foram presentes do meu Deus. Não as dei a mim; eles são boas, e todas juntas fizeram de mim quem sou.

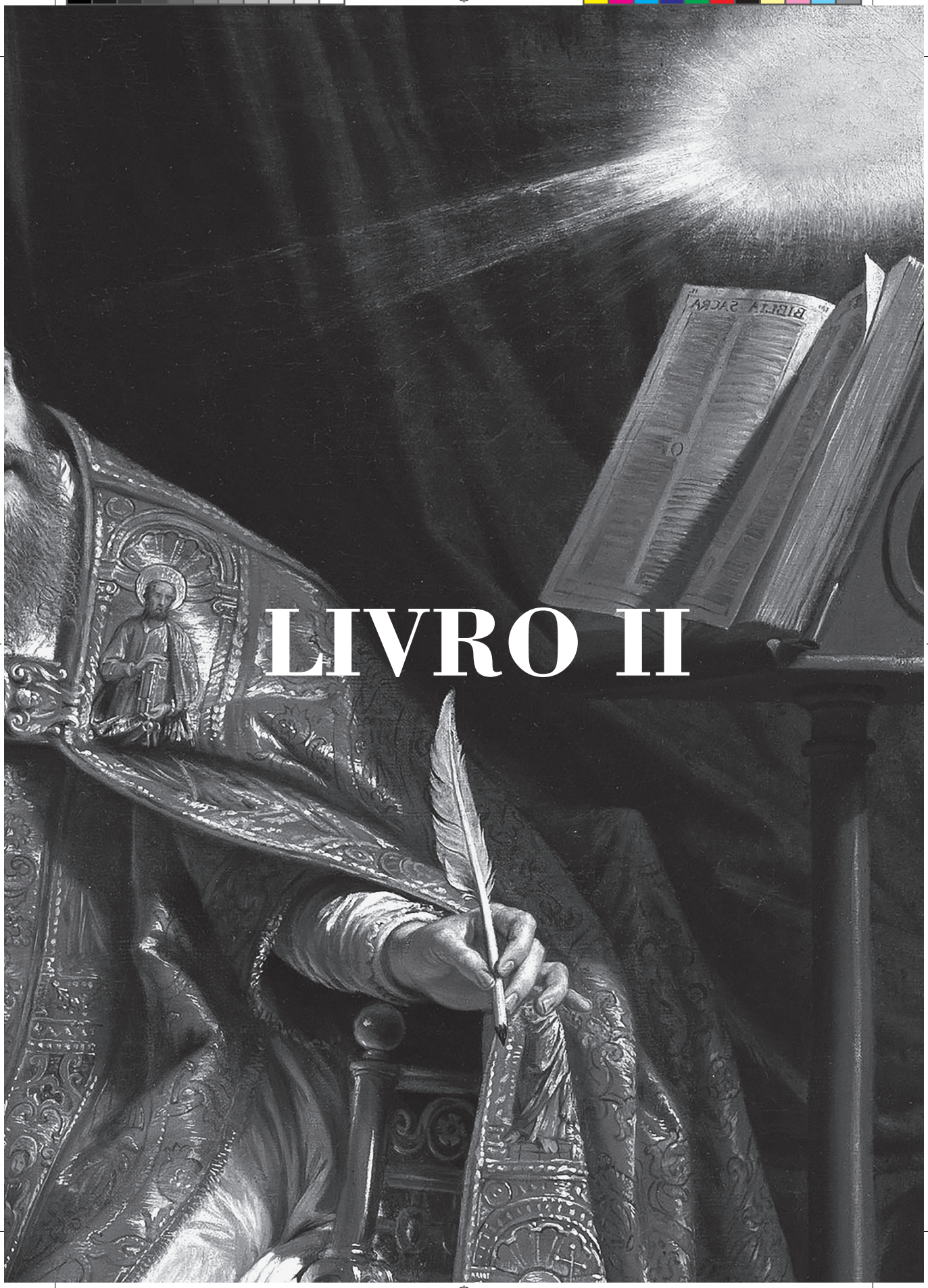
Logo, Aquele que me fez é bom e Ele mesmo é meu Bem, e n'Ele me regozijo por todas as coisas boas que me fizeram ser quem eu era desde menino. Esse foi o meu pecado: busquei prazeres, exaltações e verdades não n'Ele, mas em Suas criaturas - em mim e no resto delas - e então me precipitei em dores, constrangimentos e erros. Dou graças a Ti, minha Doçura, minha Honra e minha Garantia; meu Deus, agradeço-Te por Teus dons[49]. Preserve-os para mim, eu oro. Assim Tu me preservarás, e Teus dons para mim serão ampliados e completados; e eu mesmo estarei contigo, pois meu próprio ser também é Teu presente.

47 Mateus 19.14.

48 A oração latina é rectori universitatis. Está também em 3.8.16.

49 2 Coríntios 9.15.





LIVRO II

Prefácio do Tradutor

O livro II é o retrato de um adolescente perdido. Este é o momento em que Agostinho se lembra de seu tempo em Madaura, onde ele foi feliz imerso em Virgílio na escola dos gramáticos. De volta a casa aos quinze anos, e com muito pouco para fazer, ele está obcecado por sexo. Agostinho aborda no livro II de sua obra a luxúria, o amor excessivo ou mal direcionado. Ele confessa que a lascívia, perene em sua existência, se tornará desejo sexual em sua adolescência desenfreada.

A mãe de Agostinho, com admirável franqueza, avisa-lhe para se manter afastado da fornicação e, especialmente, para não cometer adultério com a esposa de nenhum homem (II.III.7). Porém, a inexistência da imposição de restrições ao desejo de Agostinho subverteu as suas amizades (II. II. 2). Agostinho, tentando acompanhar seus pares, finge ter mais experiência do que tem.

A maior parte do livro é dedicada ao relato de sua pequena gangue, que roubou algumas peras verdes da propriedade de um vizinho. O episódio é utilizado para indicar como isso foi uma imitação perversa de Deus, a fonte de todo o bem (II.IV.9-II.X.18). Segundo Agostinho, todas as pessoas agem com o objetivo de obter algo que consideram bom (II.V.10-11). Agostinho também descreve como ele despertou para a sexualidade (II.I.1-II.III.8), provocando orgulho em seu pai (II.III.6) e pouca resistência em sua mãe (II.III.7-8). Agostinho reflete que toda bondade, real ou aparente, tem sua fonte em Deus (II.VI.13), e que seu roubo pode ser entendido como uma imitação perversa de Deus (II. VI.14), embora ele não tivesse agido sozinho (II.VIII.16-II.IX.17).

I - Agostinho relembra suas culpas

1. Quero recordar as más obras que pratiquei e as corrupções carnais da minha alma, não porque as ame, mas para Te amar, meu Deus[50]. É pelo amor do Teu amor que faço isso, que revisito a memória do meu modo de vida totalmente depravado. Como é amargo pensar nisso tudo de novo! Ainda assim, o faço para receber Tua doçura, ó Doçura que não se pode enganar, Doçura que é feliz e segura. É por amor do Teu amor que reúno os fragmentos espalhados nos quais fui partido, enquanto me afastei de Ti, que és Um, e me perdi entre os muitos.

Nos dias de minha adolescência, eu ardia em chamas, disposto a me encher do inferno, e tive a ousadia de me tornar um selvagem em vários amores sombrios. Minha beleza se esvaiu e, à Tua vista, estava totalmente pútrido; ainda assim, aos meus próprios olhos, eu era uma visão atraente e queria muito que os outros também me achassem atraente.

II - O prazer do amor e a luxúria da carne

2. E o que foi que me deu prazer? Amar e ser amado? Não me importei com a medida da mente: a amizade e seus limites iluminados com uma luz deslumbrante. Fui apanhado pelos vapores da luxúria tenebrosa da carne, das feridas borbulhantes da puberdade, que tanto nublaram e escureceram o meu coração que não pude distinguir o brilho claro do amor da névoa da luxúria. Uma mistura desordenada dos dois me sacudiu como uma tempestade, devastando-me na fraqueza da minha juventude, atirando-me nos penhascos do desejo e mergulhando-me no abismo furioso do vício.

Tua ira contra mim se fortalecera, e eu não sabia disso. Ficara ensurdecido pelo tilintar das correntes da minha mortalidade, justa

50 Agostinho fala aqui da devassidão sexual adolescente vivida na Antiguidade Tardia. Assim, a obra cria uma tensão entre o passado vivido e o passado reescrito. Ele demonstrará neste capítulo que Deus é incorruptível, mas o homem corruptível. O fracasso da adolescência de Agostinho é o fracasso em adquirir a característica da ordem divina para o terceiro dia – há, em Confissões, seis idades do homem que se correlacionam com os seis dias da criação (1.8.13).

punição pela soberba de minha alma, e eu estava me afastando cada vez mais de Ti - e Tu o permitiste. Fui jogado ao redor, derramado. Estava entorpecido, fervendo em minhas fornicações, e Tu ficaste em silêncio. Ó minha alegria, chegaste tão tarde! Tu ficaste em silêncio, e eu fui cada vez mais longe de Ti, com sementes cada vez mais estéreis, sementes que só traziam dores, orgulhoso de minha humilhação e inquieto por causa do meu cansaço.

3. Ah, se alguém tivesse regulado minha miséria, se alguém tivesse direcionado para o mero uso das belezas fugazes daquelas coisas, por último entre todas, e posto um limite aos seus encantos para que a ebulição inchada de minha idade diminuísse na praia conjugal![51] Se eu não pudesse ter calma nisso, teria preferido que fosse pelo menos contido até o fim para a procriação dos filhos[52], como prescreve Tua lei, ó Senhor, que molda até mesmo a propagação de nossa mortalidade. Tu podes colocar Tua mão terna para amolecer os espinhos banidos do Teu paraíso[53], pois a Tua onipotência não está longe de nós, nem mesmo quando estamos longe de Ti. Se eu tivesse ouvido com mais atenção o som de Tuas nuvens[54]: "Eles sofrerão as tribulações da carne naquele estado; eu gostaria de evitá-los"[55]; "É bom para o homem não tocar na mulher"[56] e "quem vive sem mulher pensa nas coisas de Deus, em como agradá-lo; por outro lado, quem está ligado pelos laços do casamento pensa das coisas do mundo e de como agradar a sua esposa"[57]. Eu teria ouvido essas vozes com mais atenção e sido um eunuco "por causa do reino dos céus"?[58] Mais feliz, eu teria esperado por Teus abraços.

4. Desgraçado que eu era, ao invés de tudo que deveria ter ouvido, fervi de raiva, seguindo o impulso violento de minha própria devassidão e deixando-Te para trás. Eu transgredi todas as Tuas leis, mas não

51 Agostinho poderia ter se casado ou mantido o celibato. Ao emprega a sexualidade da forma como empregou, ele se torna alvo da ira divina.

52 Uma alusão a Gênesis 1.28.

53 Gênesis 3.17-18, Oseias 2.5-6.

54 Salmo 35.8 (Vulgata).

55 1 Coríntios 7.28.

56 1 Coríntios 7.1-2

57 1 Coríntios 7.32-33

58 Mateus 19.12.

escapei de Teus castigos - pois que mortal o pode fazer? Estavas sempre presente, enfurecido contra mim na Tua misericórdia e espalhando os mais amargos vexames sobre todas as minhas alegrias ilícitas para que eu procurasse uma alegria diferente e descobrisse que não poderia tê-la fora de Ti, ó Senhor, que fazes do sofrimento um professor[59], nos ataca para nos curar e nos mata para que não morramos separados de Ti. Onde estava eu? Quão distante estava meu exílio das delícias de Tua casa naquele décimo sexto ano da idade da minha carne[60], quando a loucura da luxúria empunhou seu cetro em mim - e eu me rendi completamente a ela - uma luxúria que dá rédea solta para a falta de vergonha humana, mas é proibida por suas leis? E ninguém na minha família tentou me salvar da queda casando-me; eles se importavam apenas que eu aprendesse a falar da melhor forma e da maneira mais persuasiva possível.

III - O ócio e a origem das paixões

5. Meus estudos foram interrompidos naquele ano. Eu havia sido trazido de Madaura[61], a cidade vizinha onde estava hospedado para começar a aprender literatura e retórica, e meu pai, que era apenas um cidadão pobre de Tagaste, estava juntando o dinheiro para me enviar mais longe, para Cartago - ele não era rico, mas tinha grandes ambições para mim[62].

Para quem estou contando essa história? Não para Ti, meu Deus; não, é na Tua presença que conto essa história para minha própria raça, a raça humana, por menor que seja a porção dela que possa se inclinar por

59 Salmo 93.20 (Vulgata), recorrendo ao Salmo 93.23-25, cujo tópico geral é a miséria da condição humana.

60 Agostinho nasceu em 13 de novembro de 354. Logo, o décimo sexto ano foi de novembro de 369 a novembro de 370.

61 É convencional supor alguma linha de contato intelectual entre Agostinho e o cidadão mais famoso de Madauros, Apuleio; contra tais inclinações está a falta de menção de Apuleio e suas obras em Agostinho até pelo menos 408-409.

62 Patrício era alguém cuja atividade pública deve ser vista contra o pano de fundo das intermináveis tentativas legislativas de manter os filhos de decuriões nos lugares de seus pais. A situação financeira de Patrício é difícil de avaliar: entre os ricos, ele era pobre, mas ele era capaz de financiar os estudos de Agostinho. Esta passagem, tomada em conjunto com a epístola 52, dirigida a um Donatista chamado Severino, que é algum tipo de parente de sangue de Agostinho, evidencia a história sectária de Mônica. Sendo Mônica natural de Tagaste, ela teria entre 16 e 29 anos, sendo uma jovem noiva e mãe, quando se converteu. É improvável que ela tenha ficado completamente intocada pelas controvérsias. Provavelmente, Mônica criada como Donatista.

meio dessas palavras. E com que propósito estou fazendo isso? Para que eu, e qualquer outra pessoa que leia isto, possa pensar em quão grande profundidade devemos invocá-Lo. E o que chega mais perto de Teus ouvidos do que um coração que confessa uma vida que é vivida pela fé? Todos elogiaram muito aquele homem, meu pai, que gastou além de suas posses para prover a seu filho o que fosse necessário para uma longa estada em uma cidade distante, para que eu pudesse continuar meus estudos. Muitos cidadãos muito mais ricos não se preocuparam tanto com seus filhos, assim como meu próprio pai não deu atenção a como eu estava crescendo em Ti ou o quão casto eu fui, contanto que eu fosse culto - embora esta cultura fosse uma falta de cultivo de Ti, ó Deus, que és o único verdadeiro e bom Mestre deste teu campo, meu coração[63].

6. Naquele décimo sexto ano de minha vida, quando as circunstâncias difíceis de nossa casa me afastaram de meus estudos, voltei a morar com meus pais e fui liberto de todos os trabalhos escolares. As amoreiras da luxúria cresceram sobre minha cabeça, e ninguém levantou a mão para limpá-las. Na verdade, quando meu pai viu nos banhos que eu estava chegando à idade adulta e que era dotado da excitação da adolescência[64], ele se gabou disso para minha mãe como se já estivesse esperando netos. Alegrou-se com o tipo de embriaguez em que este mundo esquece seu criador e ama a Tua criatura em vez de Ti, embriagado com o vinho invisível de uma obstinação perversa que se inclina para as coisas mais baixas.

Tu já havias começado a construir Teu templo[65] no coração de minha mãe e lançado o alicerce de Tua sagrada morada; mas meu pai era um catecúmeno[66], e ainda recente. Então, ela foi tomada por um santo temor, e tremor, e, embora eu ainda não fosse um crente, ela temia os

63 A metáfora do campo, que remete a 1 Coríntios 3.9 e Mateus 13.24-30, é aludida aqui, sendo Deus chamado de Dominus (Mestre).

64 A expressão latina inquieta indutum adulescentia diz respeito à inquietação e repouso presente na origem do pecado de Adão e Eva (Gênesis 3.7). O entusiasmo de Patrício era, de qualquer forma, perfeitamente típico de sua classe e posição na vida. O aparecimento de pelos pubianos e as primeiras ejaculações eram motivo de comemoração para toda a família, em particular para o pai. Nessas primeiras manifestações de maturidade sexual, o jovem seria objeto de renovadas atenções.

65 1 Coríntios 3.16-17.

66 O batismo de Patrício é mencionado em 9.9.22. A sua morte é mencionada em 3.4.7, e aconteceu em 370-371, no ano seguinte ao episódio aqui narrado.

caminhos deformados seguidos por aqueles que viram as costas para Ti em vez de seu rosto[67].

7. Ai de mim! E atrevo-me a dizer que Tu, meu Deus, ficaste em silêncio enquanto eu me afastava de Ti cada vez mais? Tu realmente não me disseste nada naquela época? As palavras cativantes que falaste aos meus ouvidos por meio de tua serva fiel, minha mãe: de quem eram as palavras senão Tuas? Palavras não saíram dos meus ouvidos para o meu coração, para que eu pudesse agir como elas me incentivaram a fazer. Pois era Teu desejo - e me lembro como ela me advertiu em particular e com grande ansiedade – para que eu evitasse a fornicação e, acima de tudo, que não cometesse adultério com a esposa de outro homem. Advertências femininas[68], pensei; teria vergonha de obedecê-las, mas não, eram Tuas, e eu não sabia. Achei que Tu estivesses calado e que fosse ela a falar; mas Tu não ficaste em silêncio. Falaste por meio dela e, ao desprezá-la, desprezava a Ti - eu, o filho dela, o filho de tua serva, eu, teu servo. Mas eu não sabia. Corri em frente, tão cego que, entre os da minha idade, tinha vergonha de ser menos cruel do que eles; pois eu os ouvia gabarem-se de seus crimes. Quanto mais vergonhoso o ato, mais se gabavam. Portanto, tive prazer não só em fazer o que queria, mas também nos elogios que recebi por tê-lo feito.

O que merece reprovação senão o vício? Tornei-me mais cruel para escapar à reprovação e, quando não tinha nada para admitir que me colocasse no mesmo nível dos que estavam perdidos, fingia ter feito o que não fizera, para não parecer desprezível, porque eu era mais inocente e menosprezado por ser mais casto.

8. Que companheiros eu tinha enquanto caminhava pelas ruas da Babilônia e me revolvia em sua imundície como se fossem especiarias e unguentos preciosos![69] E, conforme eu me agarrava cada vez mais tenazmente ao seu próprio centro, o inimigo invisível me pisoteava e me seduzia, pois eu estava maduro para a sedução.

67 Jeremias 2.27.

68 Em latim, monitus muliebres.

69 Cantares 4.14.

A mãe da minha carne, embora tivesse fugido do centro da Babilônia[70], permanecia ainda nos arredores. Embora me advertisse a ser casto, não se preocupou com o que ouviu de seu marido sobre mim. Pensou que seria um fardo para o presente e perigoso para o futuro se eu fosse contido dentro dos limites da afeição conjugal, presumindo que minha luxúria não pudesse ser reduzida até o âmago. Ela não fez nenhum esforço para me casar, porque temia que estar algemado a uma esposa interferisse em minhas esperanças: não a esperança que tinha da vida comigo no porvir, mas as esperanças de minha carreira literária. Não saberia dizer qual dos meus pais estava mais determinado para que eu tivesse essa carreira: meu pai, que quase não pensava em Ti e pensava trivialidades a meu respeito, ou minha mãe, que achava que o curso usual de estudos nessa área não apenas não faria mal, mas, na verdade, ajudar-me-ia muito a ir a Ti. De qualquer forma, então, eu conjecturo do que me lembro do modo de ser de meus pais.

Por outro lado, afrouxaram-se as rédeas das diversões, mais do que uma severidade moderada permite na libertinagem de várias paixões. Todas essas coisas eram uma névoa densa que me isolava do resplendor da Tua verdade, ó meu Deus, e a minha iniquidade brotou como de minha própria gordura.

IV - O FURTO DAS PERAS E A LEI

9. Certamente, ó Senhor, a Tua lei pune o roubo; e é uma lei escrita nos corações humanos, uma lei que nem mesmo a própria iniquidade apaga. Afinal, que ladrão vai tolerar outro ladrão? Mesmo um ladrão rico não tolerará alguém que rouba por necessidade. E, no entanto, desejei roubar e executei o roubo, não impelido por alguma necessidade, exceto que eu estava privado da justiça, que eu odiava, e cheio de iniquidade. Roubei algo que eu já tinha em abundância e muito melhor do aquilo que roubei. Eu nem queria aproveitar o que eu desejava roubar; o que eu queria era aproveitar o próprio roubo, o pecado. Havia uma pereira perto de nosso vinhedo, carregada de frutas que não eram atraentes

70 Jeremias 51.6.

nem na aparência nem no sabor. Uma noite miserável - era nosso hábito doentio manter nossas brincadeiras nas ruas noite adentro, e tínhamos feito isso então - um bando de jovens totalmente inúteis saiu para sacudir aquela árvore e fugir com seus frutos[71]. Levamos embora uma carga enorme, não para nossa própria comida, mas para jogar aos porcos[72]. Talvez tenhamos comido alguma coisa, mas, mesmo que comêssemos, foi pelo prazer de fazer o que não era permitido que pegamos as peras.

Contempla meu coração, ó Deus; eis o meu coração, do qual Tu tiveste misericórdia nas profundezas daquele abismo. Veja, deixe meu coração dizer-lhe agora o que ele estava procurando lá: procurando de que forma eu seria mau sem motivo, de tal modo que não houvesse nenhuma causa para a minha maldade além da própria maldade. Era horrível essa maldade, e ainda assim eu adorei. Eu amei morrer. Amei minha própria queda: não amei a coisa em que caí, mas a própria queda. Em minha própria alma, eu era vil e pulei de sua fortaleza para a destruição, não lutando por algo vergonhoso, mas buscando a vergonha.

V A origem do pecado

10. Verdadeiramente há encanto em corpos bonitos, em ouro, prata e em todo o resto. No toque carnal, a congruência das partes conta em grande medida, e cada um dos outros sentidos encontra sua própria adaptação aos corpos. A honra temporal e o poder de comandar e dominar também têm sua dignidade e atratividade, de onde vem o desejo de reivindicá-los. E, no entanto, ao nos esforçarmos por todas essas coisas, não devemos nos afastar de Ti, ó Senhor, ou nos desviar de Tua lei[73]. A vida que vivemos aqui tem uma atratividade própria devido

71 O roubo das peras descrito de forma tão detalhada e longa por Agostinho é paralelo ao roubo do fruto da árvore do bem e do mal no Jardim. Ele atende ao do livro 2, que é apresentar os pecados de concupiscência da carne, a prevalência da vontade inferior sobre a superior. O furto de peras é transgressão pura e simples, do tipo fundamental que explica e reencena a queda na concupiscência sexual. Não que roubassem as peras e depois, em sucessão cronológica, fossem vítimas de seus desejos. A concupiscência estava presente, mesmo sem o roubo. O roubo ocorre em um momento da vida de Agostinho em que representa a queda da vontade cujos efeitos foram visíveis em outras partes de sua vida no mesmo momento. A colheita da fruta era errada em si mesma, mas a deposição aos porcos era pior.

72 Há ecos aqui de Mateus 7.6 e de Lucas 15.15.

73 Tem paralelos com 1.7.12.

à medida certa de Tua beleza e Tua relação adequada com todas essas coisas que são os mais baixos dos belos objetos.

A amizade humana também é doce em seu vínculo precioso, porque torna muitas almas uma só. Por causa de todas essas coisas, e de outras semelhantes, abrimos espaço para o pecado: por causa de nossa inclinação desregrada para essas coisas – pois, embora sejam bens, são bens inferiores - abandonamos os bens melhores e mais elevados; nós Te abandonamos, ó Senhor nosso Deus, e Tua verdade e Tua lei. Certamente, mesmo esses pequenos bens oferecem delícias, mas não como o meu Deus, que fez todas as coisas[74], porque nele os justos se deleitam, e Ele constitui as delícias dos retos de coração[75].

11. Quando surge uma pergunta sobre por que algum ato criminoso foi cometido, as pessoas normalmente não aceitam qualquer explicação até que pareça que havia um desejo de obter, ou medo de perder, um daqueles bens que chamamos de bens mais baixos. Eles são belos e apropriados, embora sejam abjetos e desprezíveis em comparação com os bens superiores que trazem a verdadeira felicidade. Alguém cometeu assassinato. Por que fez isso? Ele amava a esposa ou a propriedade de sua vítima, ou queria roubar o suficiente para viver, ou tinha medo de perder algo para sua vítima, ou estava queimando para se vingar de alguém que o feriu? Certamente ninguém jamais cometeu assassinato simplesmente porque se deliciava com o próprio assassinato! Quem acreditaria em tal coisa? Mesmo para aquele homem selvagem e cruel de quem foi dito que ele era mau e cruel sem motivo, uma causa é, no entanto, declarada: "para que, pela ociosidade,", diz, "sua mão ou espírito se tornem inúteis"[76]. E pergunte novamente: "Por que ele fez isso?" Foi para que, uma vez que ele tomasse a cidade através da prática de seus crimes, pudesse obter honras, poderes e riquezas, estando livre da lei e "do peso da pobreza de sua propriedade - e de sua própria consciência da culpa de seus crimes"[77]. Portanto, nem mesmo Catilina amava seus crimes; ele amava outra coisa, que era a causa de seus crimes.

74 Eco de Gênesis 1.1, tem conexão com 1.2.2.

75 Salmo 63.11 (Vulgata).

76 Salústio, Catil. 16.3.

77 Salústio, Catil. 5.7.

VI As paixões e as exigências do espírito humano

12. O que eu - desgraçado que eu era - amei em você, meu roubo, meu crime à noite em meu décimo sexto ano? Você não era bonito, pois era um roubo. Ou você era realmente alguma coisa, para que eu pudesse falar contigo? Eram lindas aquelas peras que roubamos, pois foram criadas por Ti, ó mais belo de todos, Criador de tudo, bom Deus, Deus meu Bem Supremo e meu Verdadeiro Bem. Essas peras eram lindas, mas não eram o que minha alma miserável desejava. Afinal, eu tinha muitas peras melhores. Eu as escolhi apenas para roubar. As peras que eu tinha arrancado joguei fora. A única coisa que provei nelas foi a iniquidade; gostar disso foi o que me fez feliz. Pois mesmo que alguma coisa daquelas peras entrasse em minha boca, era o crime que dava o sabor.

E agora, ó Senhor meu Deus, estou perguntando o que me agradou naquele roubo, e eis: não havia beleza ali. Não me refiro apenas à beleza encontrada na equidade e na sabedoria prática, ou na mente e na memória humanas, e nos sentidos e na vida do corpo; nem mesmo quando as estrelas são lindas e adornam seus lugares apropriados, como a terra e o mar são lindos, repletos de novas vidas que nascem para tomar o lugar das coisas que estão passando - faltava até mesmo a beleza abortiva e sombria do enganoso vício.

13. O orgulho imita a elevação, quando na verdade Tu és o único Deus, Altíssimo acima de todas as coisas. O que a ambição busca senão honras e glória, quando na verdade Tu és aquele que deve ser honrado antes de todas as coisas e é glorioso por toda a eternidade?

A crueldade dos poderosos visa inspirar medo, mas quem deve ser temido senão o único Deus? E, em que aspecto, Teu poder pode ser restringido ou diminuído, quando, onde, como ou por quem?

As tentações dos luxuriosos têm o objetivo de despertar o amor, mas nada é mais atraente do que a Tua caridade, e nenhum amor é mais saudável do que o amor da Tua verdade, que supera todas as coisas em beleza e esplendor.

A curiosidade é uma demonstração de zelo pelo conhecimento, quando na verdade és Tu quem supremamente sabes todas as coisas.

Mesmo a ignorância e a estupidez são ocultadas sob o nome de simplicidade e inofensividade. Por que nada mais simples do que Tu pode ser encontrado? E o que é mais inofensivo do que Tu, visto que são as Tuas próprias obras que são inimigas dos ímpios?

A ociosidade deseja descanso, mas que descanso existe além do Senhor?

O luxo gostaria de ser chamado de plenitude e riqueza, mas Tu és a plenitude e a abundância infindável de doçura incorruptível.

A extravagância se disfarça de generosidade, mas Tu és o doador supremo e generoso de todas as coisas boas.

A avareza deseja possuir muitas coisas, mas Tu possuis tudo.

A inveja luta pela preeminência. O que é mais proeminente do que Tu?

A raiva busca vingança. Quem exige vingança com mais justiça do que Tu?

O medo evita ameaças inesperadas e repentinas às coisas que ama, ao mesmo tempo que toma precauções para mantê-las seguras. O que é inesperado para Tu? O que é repentino? Ou quem vai Te separar do que Tu amas? Ou onde, exceto em Tu, está a segurança inabalável?

A tristeza anseia pelas coisas que perdeu, coisas de que a cupidez se deleitou. Ela não desejaria perder nada, pois nada pode ser tirado de Ti.

14. Assim, a alma comete fornicação[78] quando se afasta e busca fora de Ti as coisas que não pode encontrar puras e sem adulteração, a menos que retorne para Ti.

Todos que se colocam longe e se exaltam contra Ti, imitam-Te perversamente. Mas mesmo assim, ao imitar-Te, declaram que és o Criador de toda a natureza e, portanto, não há lugar para onde possam fugir de Ti completamente.

O que, então, eu amei naquele meu roubo, e de que maneira eu estava viciosamente, perversamente, imitando meu Senhor? Agradou-me agir contra Tua lei, pelo menos por engano - já que eu não poderia fazer isso pela força - e assim imitar a liberdade restringida de um prisioneiro escapando, fazendo o que não era permitido, em uma

78 Em latim, ita fornicatur anima. O texto alude ao Salmo 72.27 (Vulgata: perdidisti omnem qui fornicatur abs te) e ao Salmo 78.8 (ne anima legem domini sui contemnat, et a deo suo fornicando dispereat).

sombra de onipotência? Olhe para aquele escravo, fugindo de seu mestre e perseguindo uma sombra. Que podridão! Que vida monstruosa e que abismo de morte! Ele não poderia fazer livremente o que não era permitido por nenhuma outra razão além de que não era permitido?

VII - A bondade de Deus e o perdão

15. O que devo oferecer ao Senhor em agradecimento[79] por lembrar essas coisas à minha memória de tal forma que minha alma não fique com medo por isso? Amar-Te-ei, Senhor, dar-Te-ei graças e confessarei o Teu nome[80], porque Tu me perdoaste por tais atos perversos e abomináveis. Devo à Tua graça e à Tua misericórdia que Tu derreteste os meus pecados como gelo[81]. Devo também à Tua graça todas as coisas más que não fiz; pois o que eu não era capaz de fazer, eu que amei até o crime sem razão alguma? E reconheço que fui perdoado por todas essas coisas, tanto as que fiz por minha própria conta, quanto as que me abstive de fazer porque Tu estavas me guiando.

Quem, entre os seres humanos, vendo como são fracos, ousaria atribuir sua castidade ou inocência aos seus próprios poderes e assim Te amar menos, como se tivessem menos necessidade de sua misericórdia, pela qual Tu perdoas os pecados daqueles que se voltam para Ti?[82]

Quanto àqueles que foram chamados por Ti, seguiram a Tua voz e evitaram as coisas que leram sobre mim, as coisas que gravei e reconheci sobre mim, que não zombem de mim porque fui curado pelo mesmo Médico que estava presente com eles quando não adoeceram - ou melhor, quando ficaram menos gravemente doentes. E deixe-os, portanto, amar-Te tanto - não, deixe-os amar-Te ainda mais - porque eles veem que Aquele que me resgatou das grandes enfermidades de meus pecados os impediu de serem enredados pelas grandes enfermidades do pecado.

79 Alusão ao Salmo 115.12 (Vulgata).

80 Salmo 53.8 (Vulgata).

81 Sirácida 3.17 apresenta esta imagem: sicut in sereno glacies ita solvur peccata tua. O mesmo pode ser visto em Salmo 125.10 (Vulgata).

82 Salmo 50.15 (Vulgata).

VIII - O PRAZER DO PECADO

16. Que fruto eu tinha[83] então, desgraçado que eu era, nessas coisas que agora me envergonho de lembrar, e especialmente naquele roubo em que amei o roubo em si, e nada mais, quando na verdade o roubo não era nada, e eu era em tudo mais miserável por conta dele?

E, no entanto, não o teria feito sozinho - é assim que me lembro do meu estado de espírito - certamente não o teria feito sozinho. Por isso, também adorei a companhia daqueles com quem fiz isso. Então é verdade, afinal de contas, não amei nada além do roubo? Com certeza, não amei mais nada, já que essa companhia também não é nada. O que é mesmo?

Quem é que me ensina senão aquele que ilumina meu coração e perfura suas sombras? O que é? Sinto-me impelido a fazer essa pergunta, discuti-la e meditá-la, porque, se eu tivesse amado a fruta que roubei e quisesse comê-la, poderia tê-lo feito mesmo que estivesse sozinho; se eu estivesse atrás apenas da emoção de cometer o ato maligno, não teria inflamado a coceira de minha cupidez esfregando-me nas almas que compartilhavam de minha culpa.

Não havia prazer para mim nas peras, o prazer estava no próprio crime, e foi minha companhia com outros pecadores que criou esse prazer.

IX - AS MÁS COMPANHIAS

17. Qual era essa disposição de espírito? Era com certeza um sentimento muito baixo, e claramente o era; e ai de mim que a tive. Contudo, o que era?

Quem entende os pecados?[84] Foi como uma risada que brilhou em nossos corações, ao enganar aqueles que não acreditaram que nós fizemos tais coisas, violentamente contrárias à sua vontade. Por que, então, me agradou que eu não estivesse fazendo isso sozinho? Será que se é facilmente levado a rir quando se está sozinho? Talvez não seja fácil,

83 Romanos 6.21.

84 Salmo 18.13 (Vulgata).

mas ainda assim, uma risada às vezes leva a melhor sobre as pessoas quando elas estão sozinhas e quando não há ninguém por perto, se algo completamente ridículo atinge seus sentidos ou sua mente. Mas eu não teria feito isso sozinho. Certamente não o teria feito sozinho.

Contempla diante de Ti, meu Deus, essa lembrança viva de minha alma. Se estivesse sozinho, não teria cometido aquele roubo em que o que me agradou não foi o que roubei, mas que roubei. Não teria me agradado fazê-lo sozinho e não o teria feito.

Ó, amizade hostil, sedução insondável da mente! Das brincadeiras e dos gracejos surgiu a paixão de fazer mal e o desejo de prejudicar outra pessoa sem nenhum ganho para mim, sem qualquer desejo de vingança! Apenas porque, quando alguém diz: "Vamos lá, vamos lá!", temos vergonha de não ser desavergonhados.

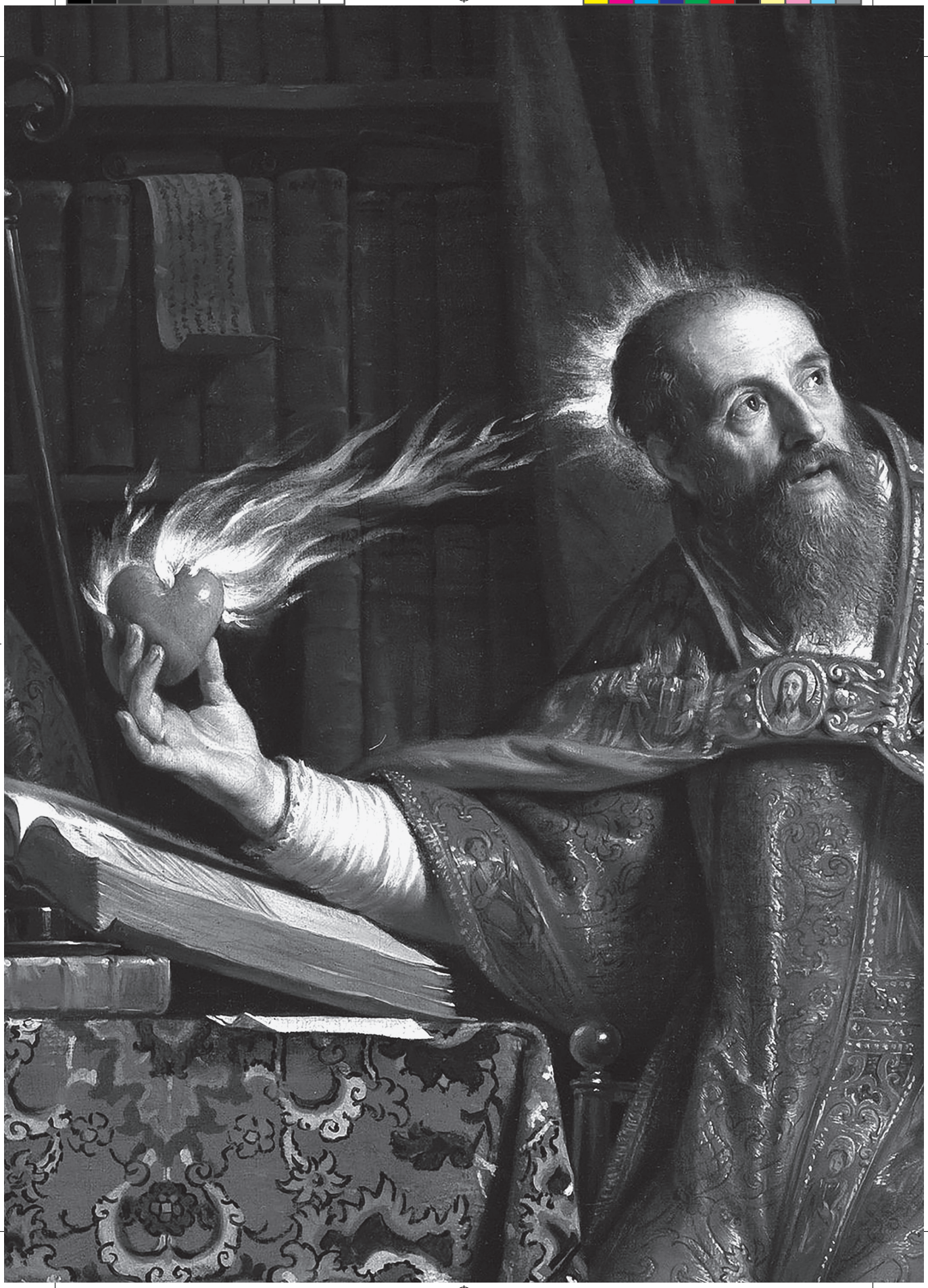
X Desejando a paz interior

18. Quem vai desvendar essa complexidade mais retorcida e mais emaranhada? É nojento: evito pensar nisso. Não quero olhar para isso. Quero olhar para Ti, bela e justa Justiça e Inocência, com olhos honrados e com um desejo que está sempre satisfeito, mas nunca saciado. Na Tua presença, há descanso, de fato, e uma vida que não conhece perturbações. Aqueles que entram em Ti entram no gozo de seu Senhor[85]; eles não terão medo, e tudo ficará extremamente bem com eles, pois habitam n'Aquele que é extremamente bom.

Abandonei-Te e me afastei, meu Deus, desviei-me de Tua orientação em minha juventude e tornei-me para mim uma terra de miséria[86].

85 Mateus 25.21.

86 Lucas 15.13-14. O final do livro ecoa o início (2.1.1): conligens me a dispersione, in qua frustatim discissus sum, dum ab uno te aversus in multa evanui.





LIVRO III

Prefácio do Tradutor

O livro III mostra que Agostinho foi enviado para a escola de retórica em Cartago, que era um porto próspero e dinâmico, de longe a maior cidade que ele já teria visitado (III.I.1-III.VI.6). Este livro coloca em primeiro plano a concupiscência dos olhos, a qual é mais forte e determinante no comportamento pecaminoso do que a concupiscência da carne e do que a ambição mundana.

Agostinho ainda é obcecado por sexo e confessa a prática de pecados sexuais (III.I.1, III.III.5). Seu relato de luxúria flutuante é corroborado por um sermão pregado mais de vinte anos depois, quando ele relembra as oportunidades de sexo proporcionadas pela mistura de homens e mulheres em vigílias na igreja quando ele estava estudando em Cartago (Sermão Dolbeau 5.2).

Agostinho diz que os olhos da carne e da mente tendem ao desvio. Ele confessa o fascínio pelos espetáculos de teatro que despertam uma piedade fingida, uma imitação pervertida de amizade. Ele gosta especialmente de tragédias e fala sobre o prazer de assistir à dor de outras pessoas (III.II.2-III.II.4). Esse também é claramente um período de expansão intelectual.

Ele lê o diálogo Hortênsio, de Cícero, que é descrito então e mais tarde como a primeira obra que o levou ao Deus cristão, encorajando o amor pela sabedoria (que Agostinho viria a associar a Cristo). Ao falar sobre Hortênsio, de Cícero (III.IV.7-8), Agostinho diz como se inspirou nele para buscar a sabedoria, mas sua busca dá errado quase imediatamente quando ele se volta para as Escrituras e as acha indignas de comparação com Cícero (III.V.9).

Em Cartago, Agostinho se converteu ao maniqueísmo (III. VI.10-III.X.18). Ele concorda com as críticas maniqueístas contra o cristianismo, especialmente com a repulsa pelo estilo grosseiro das Escrituras cristãs. Agostinho mostra como os maniqueístas oferecem uma imagem ilusória de Deus e da criação (III.VI.10-11) e levantam questões sobre a origem do mal, sobre a imagem de Deus, sobre a poligamia, assassinatos e sacrifícios de animais dos patriarcas do Antigo Testamento (III.VII.12). Muito deste livro é dedicado a investigar a

loucura dos maniqueus e lamentar a ignorância que os fez sucumbir a ela. Ele permaneceu um adepto da seita por quase uma década e descreve neste livro o sofrimento de Mônica, sua mãe, provocado por suas heresias, e o consolo e esperança trazidos a ela por uma visão e pelas palavras de um bispo. A mãe de Agostinho recebe a garantia de que ele eventualmente se tornará um cristão católico (III.XI.19-III.XII.21).

I - Amores lascivos

1. Vim para Cartago[87], e, ao meu redor, havia o borbulhar e chiar de amores vergonhosos. Eu não estava amando, mas estava amando o amor e no meu mais íntimo vazio eu me odiava por não estar mais vazio ainda.

Eu buscava algo para amar: amando amar, eu odiava a serenidade e o caminho sem armadilhas. Eu estava faminto por dentro, por falta do alimento interior que é Tu, meu Deus; e, no entanto, embora estivesse faminto, não sentia fome. Não, eu não tinha desejo por comida incorruptível, não porque me fartasse dela, mas porque, quanto mais vazio eu estava, mais repugnante me achava.

A minha alma estava doente; toda coberta de feridas, ela correu para fora de si, ansiosa para coçar sua coceira miserável por meio do toque das coisas sensíveis[88]. Mas, se essas coisas não tivessem alma, não poderiam ser verdadeiramente amadas.

Amar e ser amado eram doces para mim, ainda mais se eu pudesse desfrutar do corpo do amante. Assim, poluí o fluxo límpido da amizade com a sujeira da concupiscência e nublei seu brilho com o inferno da luxúria. E, no entanto, por mais rude e desonroso que eu fosse, conduzi-me - que vaidade opressora! - como um sujeito elegante e cortês. Eu desejava ser capturado pelo amor, então mergulhei de cabeça nisso.

Meu Deus, minha misericórdia, como Tu foste bom em borrifar fel sobre o que era doce para mim. Pois eu era amado e alcancei a escravidão de apreciar-Te, embora em segredo. Fiquei feliz por ser amarrado com correntes miseráveis, por ser escaldado com as barras de ferro[89] do ciúme e das suspeitas, dos medos, raivas e brigas[90].

87 Cartago era para Agostinho a cidade urbana que representava um grande mal para toda a África, sendo ao mesmo tempo a única cidade, além de Roma, que tinha excelentes artesãos de literatura latina.

88 Alusão a Jó 2.7-8 (Vulgata).

89 Salmo 2.9 (Vulgata).

90 Gálatas 5.20.

II - O teatro, fonte de sensações

2. Fiquei encantado com os espetáculos nos teatros que estavam cheios de imagens de minhas próprias misérias e acenderam o fogo dentro de mim.

Por que no teatro alguém deseja sentir tristeza ao ver acontecimentos lamentáveis e trágicos que ele de forma alguma gostaria de sofrer? No entanto, os espectadores desejam sofrer com essas coisas, e sua tristeza é seu prazer.

O que é isso senão uma loucura surpreendente?

Quanto mais alguém é afligido por tais sentimentos em sua vida real, mais fica comovido por eles quando os vê no palco. Normalmente chamamos de miséria quando alguém sofre em si mesmo e misericórdia[91] quando sofre por compaixão para com os outros; mas que tipo de misericórdia existe no faz-de-conta do palco? O público não é instigado a fornecer ajuda, mas simplesmente induzido a sentir tristeza; quanto maior a tristeza, maior o aplauso para o ator que retrata essas imagens. E, se essas tragédias humanas, sejam históricas ou fictícias, forem retratadas de modo que o público não sinta tristeza, eles saem do teatro reclamando e criticando; ao passo que, se sentem tristeza, permanecem absortos em atenção e desfrutando de suas lágrimas.

3. Então, até mesmo as tristezas são amadas.

Certamente todos os seres humanos desejam ser alegres. No entanto, embora ninguém queira ser miserável, ainda assim há algo gratificante em ser misericordioso, e não pode haver misericórdia sem tristeza. É por essa razão, somente por essa razão, que as tristezas são amadas?

E os sentimentos também surgem do fluxo da amizade. Mas para onde isso vai? Para onde está fluindo? Para que fim ela corre para um redemoinho borbulhante de piche, um caldeirão monstruoso de luxúrias repugnantes, seu curso mudou e seu caminho foi desviado, torcido e derrubado da serenidade celestial por seu próprio ímpeto? Devemos, portanto, renunciar à misericórdia? De jeito nenhum.

91 Há, aqui, um jogo de palavras entre os termos miseria e misericordia.

Às vezes, então, as dores são justamente amadas: mas guarda-Te das impurezas, ó minha alma, debaixo de Deus, meu Guardião e Mestre, o Deus de nossos pais, louvável e exaltado acima de tudo para sempre[92]. Cuidado com a impureza!

Não é que eu não sinta mais pena, mas, naqueles tempos no teatro, eu compartilhava a felicidade dos amantes[93] em sua perversa diversão, embora o que fizessem fosse apenas faz de conta, imagens transformadas em espetáculo para o palco. Todavia, quando os amantes se perdiam, eu sofria com eles; era um sentimento semelhante à misericórdia. No entanto, tanto minha felicidade quanto minha dor foram um deleite para mim. Agora, porém, tenho pena de alguém que está mais feliz em sua maldade do que de alguém que sofre grandes sofrimentos por perder algum prazer destrutivo ou por perder alguma felicidade que é realmente miséria.

Certamente isso é mais verdadeiramente misericórdia; mas a tristeza em tal misericórdia não dá prazer. Aquele que está triste pelos miseráveis é justamente elogiado, pois a caridade está em ação nele; mas é claro que alguém que é genuinamente misericordioso prefere que não haja motivo para tristeza. Se fosse possível - como não é - que a benevolência deseje o mal, alguém que verdadeira e sinceramente sente pena poderia desejar que as pessoas fossem miseráveis só para ter pena delas. E, assim, algumas tristezas merecem nossa aprovação, mas nenhuma tristeza deve ser amada. Pois a Tua misericórdia, ó Deus, amante das almas, é de longe mais pura e mais indestrutível do que a nossa, porque nenhuma dor Te atormenta.

E quem mais é capaz dessas coisas?[94]

4. Mas eu, naquela época, desgraçado que era, amava a tristeza e ia em busca de coisas para lamentar. Deliciei-me então com a representação de um ator das misérias de outra pessoa, falsa e teatral como era, e, quanto mais lágrimas ele arrancava de mim, mais poderosamente me

92 Daniel 3.52.

93 A expressão congaudebam amantibus é um indício de que as peças a que Agostinho se refere não eram de qualidade do ponto de vista aristotélico.

94 2 Coríntios 2.16-17.

atraía[95]. E não era de se admirar que uma ovelha infeliz[96], vagando para longe de seu rebanho e impaciente com seus cuidados, fosse infectada por uma ferida purulenta. Assim aconteceu que amei as tristezas, não aquelas que me atingiam profundamente - pois não amava sofrer as coisas que adorava ver no palco -, mas as mágoas imaginárias que testemunhei e que me tocaram apenas na superfície. Eram como unhas arranhando a pele, causando inchaço febril, decomposição e um terrível envenenamento do sangue.

Assim era a minha vida: era mesmo realmente uma vida, ó meu Deus?

III - AGOSTINHO E OS DESEJOS IMPUROS

5. E, acima de mim, pairava a Tua misericórdia fiel. Em quantas iniquidades e com que curiosidade sacrílega[97] me consumi, a ponto de Te abandonar para me entregar à mais baixa infidelidade e à escravidão enganosa dos demônios, aos quais ofereci minhas maldades, e, em todas elas, castigaste-me! Ousava mesmo, durante a celebração das vossas solenidades e dentro das paredes da igreja, cobiçar uma ação que me fornecesse o fruto da morte, sim, até concretizá-la.

Por isso Tu me bateste fortemente, infligindo punições que eram pesadas, e ainda assim não eram em nada comparáveis ao meu pecado, ó meu Deus, que és infinitamente misericordioso para comigo[98], meu Refúgio diante dos terríveis perigos entre os quais eu vaguei com dura cerviz, afastando-me ainda mais e mais longe de Ti, amando meus próprios caminhos e não os Teus, amando a liberdade de um fugitivo[99].

95 A. lágrimas que Agostinho derrama assistindo o espetáculo são suas primeiras lágrimas adultas. Ele afirmara que chorara regularmente quando era infans e puer (1.6.7).

96 A expressão "ovelha infeliz" (infelix pecus) é proveniente de Virgílio, Écloga 3.3. Concomitantemente, a alusão à ovelha que se afasta do rebanho é uma referência à Ovelha Perdida em Lucas 15, Isaías 53.6 e 1Pedro 2.25.

97 Em latim, curiosidade sacrílega é sacrilega curiositate. Ver ainda: 4.16.31, 4.10.12, 5.9.16, 8.2.4, 8.7.17 e 10.35.56.

98 Salmo 58.18 (Vulgata) e 143.2 (Vulgata).

99 Alusão à fuga do filho pródigo. Ver: 2.6.14.

6. Meus estudos - considerados honrosos - destinavam-se a me preparar para o sucesso no tribunal[100]: quanto mais fraudador eu me tornasse, mais elogios receberia. Tão grande é a cegueira daqueles que se gloriam em sua própria cegueira!

E eu já estava no topo da Escola de Retórica. Arrumei-me, inchado de orgulho. Ainda assim, fui excessivamente contido, como sabes, ó Senhor, e não tive nada a ver com os atos destrutivos dos "Destruidores"[101] - um nome perverso e diabólico que, de alguma forma, os distinguia como uma elite. Eu vivia entre eles, sentindo uma vergonha descarada por não ser como eles. Estava com eles e às vezes gostava de sua amizade, embora sempre detestasse o seu comportamento, os atos de destruição com os quais perseguiam de maneira desenfreada calouros nervosos apenas por diversão e assim fartavam-se em seu divertimento malicioso. O que poderia ser mais parecido com o comportamento dos demônios? "Destruidores" certamente era o nome correto, pois eles próprios eram completamente perturbados e pervertidos pelos espíritos que secretamente os ridicularizavam e os seduziam com o engano, com as mesmas ações com que eles procuravam ludibriar e enganar os outros.

IV - Agostinho e o amor à sabedoria

7. Entre eles, naquela idade débil, eu estudava os livros sobre eloquência. Ansiava por fazer um nome para mim mesmo como orador, para gratificar meu amor condenável e arrogante pela vaidade humana. No curso normal de estudo, encontrei um livro de um autor chamado Cícero[102], cuja língua quase todo mundo admira, embora não tanto seu coração[103].

100 Ovídio, Fasti 4.187-188.

101 O termo latino eversores, traduzido aqui como "destruidores", proveniente do verbo everso, que significa "derrubar, desapropriar, subverter, destruir". Tal uso remonta a uma gíria da época e local de Agostinho.

102 A expressão utilizada aqui, Cuiusdam Ciceronis, tem algo de ligeiramente malicioso, colocando em destaque a fama de Cícero na presença de Deus.

103 O termo latino para "coração" é pectus, a fonte interior das palavras. Dizer que as pessoas não admiram o pectus de Cícero é sugerir que as pessoas suspeitam que suas palavras eloquentes não refletem o

O livro dele, chamado Hortênsio[104], contém uma exortação à filosofia. Esse livro mudou minha maneira de sentir; mudou minhas orações para Ti, ó Senhor; criou novas resoluções e novos desejos em mim.

Em um instante, toda esperança vã tornou-se repugnante para mim, e meu coração estava em chamas com um anseio incrível pela imortalidade da sabedoria. Comecei a me levantar e voltar para Ti. Não usei este livro para afiar minha língua, que era o que eu deveria fazer com o dinheiro da minha mãe neste décimo nono ano da minha idade - meu pai havia morrido dois anos antes.

Não, não usei esse livro para aguçar a minha língua: o que me conquistou não foi o estilo, mas a substância.

8. Com que paixão, meu Deus, com que grande paixão ansiava por voar das coisas terrenas a Ti, e não sabia o que farias comigo. Pois contigo está a sabedoria. Ora, o amor à sabedoria tem em grego o nome de "filosofia", e foi esse amor que aqueles escritos incendiaram em mim.

Existem aqueles que desencaminham os outros através da filosofia, usando aquele grande, atraente e honrado nome para encobrir seus erros e envolvê-los em uma falsa beleza; e quase todas essas pessoas, tanto naquela época quanto antes, são identificadas e expostas naquele livro. Aí se manifesta também a salutar admoestação do Teu Espírito através do Teu servo bom e zeloso: "Cuida para que ninguém te enganes com a filosofia e a sedução vazia, segundo a tradição humana, segundo os elementos deste mundo e não segundo Cristo. Pois em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da Divindade"[105].

Naquela época, como Tu sabes, ó Luz do meu coração, essas palavras do Apóstolo eram desconhecidas para mim. Não, o que me encantou naquela exortação foi apenas isto: encorajou-me não a seguir esta ou aquela seita, mas, em vez disso, a amar a própria sabedoria, seja o que for, o que venha a ser, amá-la, buscá-la, persegui-la e mantê-la,

que se passa em seu interior. Pectus é o órgão de onde surgem os pensamentos e sentimentos que tomam forma. Ver: Aul. Gell. 1.10.4.

104 A maioria das referências e alusões ao Hortênsio feitas por Agostinho ocorrem em Cassiciacum. Sua leitura da obra permaneceu em sua mente por meio século, sempre vívida. A filosofia da ascensão da mente de Agostinho tem relação com a obra e com as suas influências neoplatônicas.

105 Colossenses 2.8-9.

abraçando-a com todas as minhas forças. E o livro me comoveu, me incendiou, e eu fui preenchido com um desejo apaixonado. Mas em meu grande ardor, havia apenas uma coisa que me impedia: o nome de Cristo não estava lá; pois, por Tua misericórdia, ó Senhor, meu terno coração bebeu esse nome, o nome de meu Salvador, Teu Filho, com o leite de minha mãe; e ele ainda retém esse nome bem no fundo. Onde que quer que faltasse esse nome, por mais letrado, polido e verdadeiro que pudesse ser, não poderia me capturar por completo.

V - Conhecendo as Sagradas Escrituras

9. E então decidi olhar para as Sagradas Escrituras e ver como elas poderiam ser. E o que se vê nela é algo não revelado aos orgulhosos ou exposto às crianças; algo que é preciso inclinar-se para entrar, mas é elevado por dentro e velado em mistérios. Era tal o meu caráter naquela época que não pude entrar.

Não conseguia dobrar a cerviz para seguir seu caminho. O que digo agora não é o que pensei quando dei atenção às Escrituras; muito pelo contrário, achei-o indigno de comparação com a grande dignidade de Cícero. Meu orgulho inchado desprezou o seu controle, meu olhar não penetrou em seus mistérios mais íntimos. A própria Escritura que cresceria com as criancinhas à medida que elas crescem, mas eu me recusei a ser uma criança; em minha arrogância e auto importância, eu era, aos meus próprios olhos, um adulto.

VI - O maniqueísmo

10. E assim eu caí entre pessoas que estavam perturbadas em seu orgulho, pessoas completamente carnais que tagarelavam indefinidamente[106]. Suas palavras eram armadilhas do diabo, uma

106 O termo alusivo à tagarelice em latim é loquaces. Aqui há um padrão em tríades, um contra-padrão trinitário: superbe delirantes [1], carnales nimis [3] et loquaces [2], indicando os três principais problemas dos maniqueístas: loucura, carnalidade e tagarelice.

armadilha de mel preparada com as sílabas do Teu Nome e dos nomes do Senhor Jesus Cristo e do Espírito Santo, nosso Advogado e Consolador[107]. Esses nomes estavam constantemente em seus lábios[108], mas eram apenas barulho e um meneio da língua; seus corações estavam vazios da verdade. Eles continuaram clamando "verdade, verdade" e disseram muitas coisas para mim, mas nunca houve qualquer verdade neles. Falaram falsidades, não apenas sobre Tu, que é realmente a Verdade[109], mas também sobre os elementos deste mundo, Tua criação. Por amor a Ti, meu Pai, Supremo Bem, a Beleza de todas as coisas belas, eu deveria ter ultrapassado até mesmo o que os filósofos dizem - e dizem verdadeiramente - sobre essas coisas.

Ó Verdade, Verdade, quão profundamente eu ansiava por Ti na própria medula da minha mente, enquanto eles falavam sobre Ti para mim muitas vezes e de muitas maneiras, no discurso, embora as suas palavras fossem mero ruído em seus muitos e maciços livros. Seus ensinamentos eram como travessas que serviam não a Ti - Aquele por quem eu tinha fome - mas ao sol e à lua, belas obras Tuas, mas ainda assim, apenas Tuas obras, não a Ti mesmo, nem mesmo à primeira de Tuas obras[110]. Tuas obras espirituais vêm antes dessas obras corporais, por mais celestiais e cheias de luz que estejam. E eu estava faminto e sedento, não por aquelas obras espirituais superiores, mas por Ti mesmo, a Verdade em que não há variação, nenhuma sombra de mudança[111].

E dessas travessas continuaram servindo-me fantasmas cintilantes, e para mim teria sido melhor amar o próprio sol, que é pelo menos um verdadeiro objeto para os olhos, do que amar esses falsos fantasmas com uma mente enganada pelos olhos. E, no entanto, porque pensei que fossem Tu, comi-os, embora não com grande avidez, pois não me fizeram provar de Ti, pois Tu não eras aquelas ficções vazias, e não me alimentaram; em vez disso, esgotaram-me. O que comemos em nossos sonhos é muito parecido com o que comemos quando estamos

107 João 14.26.

108 Josué 1.8.

109 João 14.6.

110 Colossenses 1.15.

111 Tiago 1.17.

acordados, mas os que dormem não recebem nenhum alimento de sua comida, pois estão dormindo. Mas aquelas ficções não eram como Tu de forma alguma (como Tu agora me disseste) porque eram fantasmas corporais, corpos falsos, menos certos do que os verdadeiros corpos, fossem eles celestiais ou terrestres, que vemos com a visão de nossa carne. Assim como o gado e os pássaros, vemos essas coisas, e eles têm mais certeza quando os vemos do que quando os imaginamos; e, por sua vez, têm mais certeza quando os imaginamos do que quando usamos suas imagens para construir castelos no ar, coisas que absolutamente não existem. Eu estava sendo alimentado por esse vazio e, portanto, não estava sendo alimentado.

Mas Tu, meu Amor, em quem sou fraco para ser forte[112], não és aqueles corpos que vemos, embora estejam no céu; nem são Tu as coisas que não vemos no céu, pois Tu as criaste e não as consideras as mais elevadas de Tuas criações. Quão distante, então, Tu estás daqueles meus fantasmas, fantasmas de corpos que absolutamente não existem! Comparadas a eles, as imagens dos corpos reais são mais certas do que as imagens dos próprios corpos, que, no entanto, não são Tu. Tu nem mesmo és a alma, que é a vida dos corpos - e, como a vida dos corpos, é melhor e mais certa do que estas; mas Tu és a vida das almas, a vida das vidas, o Único que vive por Si e não muda, a Vida da minha alma.

11. Então, onde Tu estavas em relação a mim? Quão longe? Eu estava viajando para longe de Ti, excluído até das cascas que dava aos porcos[113]. Quão melhores eram as fábulas dos gramáticos e poetas do que essas armadilhas! Pois o verso, a canção e a voadora Medeia[114] são certamente mais úteis do que os cinco elementos, diversamente embelezados para corresponder aos cinco antros das trevas, que não são nada e trazem a morte para aqueles que acreditam neles. Posso usar versos e canções como alimento genuíno e, embora possa ter cantado sobre o voo de Medeia, não concordei; e, se ouvi outra pessoa cantando

112 2 Coríntios 12.10.

113 Lucas 15.16.

114 Exemplo típico da perniciosa falsidade da ficção. Medeia representa um mal particularmente hediondo.

sobre ela, não acreditei[115]. Mas acreditei nessas ficções. Eu estava sendo conduzido passo a passo - que horrível lembrar disso! - às profundezas do inferno. Desprovido da verdade, trabalhei febrilmente, porque Te procurava, meu Deus, pois é a Ti que confesso, Tu que tens misericórdia de mim mesmo quando ainda não tinha feito a minha confissão, através dos sentidos da carne e não através do entendimento da mente, que Tu me deste para que eu pudesse ser superior aos animais. Mas Tu estavas mais profundamente dentro de mim do que a parte mais íntima do meu ser, mais alto do que o que havia de mais alto em mim.

Eu tinha encontrado aquela mulher ousada, desprovida de prudência, na alegoria de Salomão, sentada do lado de fora de sua porta e clamando: "Coma com prazer os pães escondidos e beba águas doces que são roubadas"[116]. Ela me desviou, pois me encontrou morando fora, no olho da minha carne, e mastigando repetidamente as coisas que eu tinha devorado avidamente com aquele olho[117].

VII Os erros dos maniqueus e a moralidade.

12. Eu não conhecia aquela outra realidade que verdadeiramente é. Estava sendo estimulado de forma um tanto severa a concordar com aqueles enganadores tolos quando me perguntaram de onde vem o mal e se Deus é cercado por uma forma corporal e tem cabelo e unhas; e se devemos considerar como justos aqueles que tiveram muitas esposas ao mesmo tempo, mataram outros seres humanos e fizeram sacrifícios de animais. Por ignorar esses assuntos, fiquei muito perturbado com essas questões. Parecia-me que estava indo em direção à verdade, embora, na realidade, estivesse afastando-me dela; pois ainda não tinha aprendido que o mal nada mais é do que uma privação do bem, tanto que não é nada. Como pude ver isso se os olhos da minha carne estavam fixos em corpos e os olhos da minha mente em fantasmas? E eu ainda não tinha

115 Agostinho alude às histórias que são criadas para serem contadas e cuja inverdade, portanto, não é crime. Mas há aquelas que são narradas para serem acreditadas, mas contém inverdades e, portanto, são desastrosas.

116 Aqui, temos uma citação de Provérbios 9.13-17 conforme a Vulgata.

117 Ou seja, ou seja, chafurdando em curiositas.

aprendido que Deus é espírito[118], que ele não tem partes espalhadas em comprimento e largura, que não tem volume; pois o que tem volume tem partes menores do que o todo; e se for infinito, é menor em qualquer região determinada do espaço do que em sua infinidade e, portanto, não existe como um todo em toda parte, como um espírito, como Deus. E eu era totalmente ignorante do que há em nós, pelo qual somos, e com que razão se diz que somos a imagem de Deus[119].

13. E eu ainda não tinha aprendido daquela verdadeira justiça interior, que não julga de acordo com o costume, mas de acordo com a lei supremamente reta do Deus Todo-Poderoso. As normas de comportamento em diferentes lugares e em diferentes momentos são formadas de acordo com essa lei, conforme convém a esses lugares e tempos, mas essa lei em si não varia de um lugar ou época para outro. Segundo essa lei, foram justos Abraão, Isaque, Jacó, Moisés, Davi e todos aqueles homens que receberam louvor da boca de Deus. Ainda assim, pessoas não acostumadas a pensamentos sérios - pessoas que julgam de acordo com os padrões de seu próprio tempo e tratam seu próprio comportamento como o padrão para toda a raça humana, julgam que esses homens eram perversos[120]. É como se alguém que nada soubesse sobre uma armadura e sobre qual peça é projetada para qual parte do corpo tentasse cobrir a cabeça com uma caneleira, ou usar um capacete como sapato, e depois reclamasse que a armadura não serve para nada; ou como se alguém reclamasse em um feriado que não está autorizado a fazer negócios à tarde, como era permitido fazer pela manhã; ou se alguém observasse em uma certa casa que um servo manuseia algo que aquele que carrega o copo não teria permissão para manusear; ou que algo fora feito atrás dos estábulos foi proibido à mesa de jantar e alguém se indignasse que as mesmas regras não valessem para todas as pessoas em todos os lugares, mesmo que se tratasse de uma única moradia e de uma única família. Essas são as pessoas que ficam indignadas quando ouvem que naquela época os justos tinham permissão para fazer coisas que os justos não têm permissão para fazer nesta era e que Deus deu

118 João 4.24.

119 Gênesis 1.26, Sirácida 17.1.

120 1 Coríntios 4.3.

ordens diferentes a pessoas diferentes, conforme apropriado para os tempos em que viveram; contudo, ambos eram servos de uma e da mesma justiça. E ainda assim, eles veem que uma coisa é permitida para certa pessoa em certo dia e em certa casa, mas outra coisa para outra; o que foi permitido até uma determinada hora do dia não é mais permitido posteriormente; e que algo é permitido, ou mesmo exigido, em uma parte da casa, algo que é proibido e punido em outra parte bem ao lado.

A retidão, então, é variável e mutável?[121] De jeito nenhum. Mas os tempos que ela preside não são uniformes à medida que passam; pois são tempos. No entanto, os seres humanos, cuja vida é breve na terra, não podem por seus sentidos traçar as causas que se aplicam a épocas passadas e outros povos, das quais eles não têm experiência; mas eles têm experiência para ver facilmente como isso se aplica a um corpo, um dia ou uma casa e para reconhecer o que é adequado para uma determinada parte do corpo, ou tempo, ou partes ou pessoas da casa. Eles se ofendem com a ideia de regras diferentes para diferentes idades ou povos, mas são escravos daqueles costumes que conhecem bem.

14. Eu não sabia dessas coisas e não prestei atenção a elas. De todas as direções, elas vieram diante de meus olhos, mas não as vi. Escrevia poesia e não tinha permissão para colocar o acento onde quisesse; usava metros diferentes, e havia lugares diferentes aos quais cada acento pertencia, e, em uma única linha, o mesmo acento não poderia ir para qualquer lugar[122]. Mas a arte de escrever não variava de um poema para outro; a mesma arte envolvia a todos eles de uma vez. E eu não percebi que a justiça observada por homens bons e santos está contida de uma forma muito mais excelente e sublime, simultaneamente, em todos os diversos preceitos, sem variar em lugar nenhum; mas tais não são distribuídos ou prescritos ao mesmo tempo em tempos diferentes, mas se atribui a cada um deles aquelas coisas que são apropriadas.

121 Em latim, numquid iustitia... mutabilis? Ver Eneida 4.569-570. Mercúrio instrui Eneias a encerrar o seu relacionamento com Dido e fala: varium et mutabile semper femina.

122 Agostinho está falando das sílabas tônicas em um verso.

VIII - Os fundamentos da moral

15. É errado, em qualquer momento ou lugar, amar a Deus de todo o coração, de toda a alma e de toda a mente, e amar o próximo como a si mesmo?[123] De igual modo, os pecados passionais[124] que são contra a natureza, como eram os pecados dos sodomitas, devem ser detestados e punidos sempre e em toda parte. Se todos os povos fizessem tais coisas, seriam considerados igualmente culpados perante a lei de Deus, que não criou os seres humanos para que usassem uns aos outros dessa maneira. A comunhão que devemos ter com Deus é quebrada quando a própria natureza da qual ele é o Autor é poluída pela perversidade da concupiscência. Quanto aos pecados passionais que vão contra os costumes humanos, eles devem ser evitados conforme a diversidade dos costumes exige, para que o acordo dentro de uma cidade ou povo, fundado no costume ou na lei, não seja rompido pelo desejo destemperado de um cidadão ou de um estrangeiro, pois qualquer parte que não se encaixe adequadamente no todo é vergonhosa.

Mas, se Deus ordena algo contrário ao costume ou ao acordo de qualquer povo, deve ser feito, mesmo que nunca tenha sido feito antes. Se caiu em desuso, deve ser trazido de volta; e, se nunca foi exigido antes, deve ser exigido agora. Afinal de contas, um rei pode comandar algo na cidade que governa, que ninguém, nem ele mesmo, jamais havia ordenado antes, mas a obediência a essa ordem não é contrária à unidade e à vida comum da cidade. Muito pelo contrário: desobedecer ao comando seria contrário à unidade e à vida comum da cidade, uma vez que a nossa vida comum como seres humanos é regida pelo acordo geral de que obedeceremos aos nossos governantes. Ainda mais Deus, o Governante, deve ser obedecido sem hesitação por todas as suas criaturas em tudo o que ele comanda. Assim, como no governo da sociedade humana, um

123 Mateus 22.37-40.

124 O termo latino traduzido como "pecados passionais", flagitia, está em contraste com os mais graves "crimes de violência" (facinora), que Agostinho discute em 3.8.16. Não há tradução totalmente satisfatória para facinora em Agostinho: ele chama seu roubo de peras de facinus, mas ele não executou um crime de violência. Há flagitia ilegais, crimes, mas há os que sejam vergonhosos e pecaminosos, mas não criminosos.

poder maior tem direito à obediência de um poder menor; no governo do universo, Deus tem direito à obediência de todos[125].

16. Considere também os crimes de violência, em que existe o desejo de ferir alguém insultando ou machucando-o. O motivo, em ambos os casos, pode ser vingança, como ocorre quando um inimigo age contra outro; ou obtendo algum benefício, como um ladrão ataca um viajante; ou para evitar algum mal, como atacamos alguém que tememos; ou por inveja, como alguém menos afortunado odeia alguém que é mais feliz, ou alguém que prosperou em algum aspecto teme que alguém se iguale a ele - ou lamenta que alguém já o tenha. Ou pode ser puro prazer no sofrimento de outra pessoa, enquanto os espectadores desfrutam do sofrimento dos gladiadores, e aqueles que zombam e ridicularizam os outros desfrutam de seu sofrimento.

Estes são os principais pecados que surgem da ânsia de domínio, da ânsia de visão e da ânsia de sensação[126]: de um deles, ou de dois, ou de todos os três de uma vez. Assim, as pessoas levam uma vida oposta ao três primeiros e aos outros sete mandamentos, Teu saltério de dez cordas[127], Teu Decálogo, ó Deus Altíssimo e Doce[128].

Mas como nossos pecados passionais podem fazer alguma coisa contra Ti, que não pode ser corrompido? Como nossos crimes de violência podem ser contra Ti, que não pode ser prejudicado? Mas Tu punes o que os seres humanos fazem dentro e contra si mesmos, pois, mesmo quando pecam contra Ti, eles agem perversamente contra suas próprias almas. A iniquidade deles fala para eles mesmos falsidades[129], seja corrompendo ou pervertendo sua própria natureza, que Tu criaste e ordenaste, ou fazendo uso imoderado de coisas lícitas, ou ardendo de desejo por coisas ilícitas que usam contra a natureza. Eles são considerados culpados pela selvageria de sua mente e por suas palavras

125 A expressão maior potestas minori ad oboediendum praeponitur, de Romanos 13.1, está parafraseada aqui (omnis anima potestatibus sublimioribus subdita sit. non est enim potestas nisi a deo; quae autem sunt, um deo ordinatae sunt).

126 Agostinho alude aqui à ambição mundana, à concupiscência dos olhos e à concupiscência da carne, respectivamente.

127 Salmo 32.2 (Vulgata).

128 Salmo 91.2 (Vulgata).

129 Salmo 26.12.

contra Ti, por recalcitrarem contra os aguilhões[130] ou por sentirem prazer no colapso da sociedade humana e presunçosamente estabelecerem suas próprias facções privadas com base em nada mais do que seus gostos pessoais, de acordo com o que os agrada ou irrita.

Todas essas coisas acontecem quando as pessoas Te abandonam, ó Fonte da Vida, Único e verdadeiro Criador e Governador de todo o universo; e amam, em vez disso, com orgulho de si mesmos, um falso Um em uma parte desse todo. E assim é, com humildade reverente, que nos voltamos a Ti, e Tu nos purificaste de nossos maus hábitos e és misericordioso para com os pecados daqueles que fazem sua confissão a Ti. Tu ouves o grito dos cativos e nos liberta das cadeias que fazemos para nós mesmos, desde que não nos levantemos contra Ti o comportamento de uma falsa liberdade[131], ávida de ter mais e punida com a perda de tudo, amando mais a si próprio do que a Ti, que és o Bem de todos.

IX - A imperfeição dos homens

17. Mas entre tantos pecados, crimes de violência e tantas iniquidades estão os pecados daqueles que estão fazendo progresso. Aqueles que julgam corretamente, pois tanto condenam esses pecados como desvios segundo a regra da perfeição, quanto elogiam, tendo esperança de fruto, que acontece quando surgem os brotos nos campos.

E há alguns atos que são semelhantes a pecados e crimes de violência, mas não são pecados porque não são ofensas nem contra Ti, ó Senhor nosso Deus, nem contra a sociedade humana. Por exemplo, alguém pode adquirir bens para usar em sua vida diária em um momento oportuno, e não está claro se ele o faz por desejo de posse; ou se as autoridades apropriadas podem infligir punição por algo se estiverem ansiosas para consertar as coisas, mas ainda não está claro se agiram por desejo de causar dano. Teu testemunho aprova muitas ações que os seres humanos acham que merecem reprovação, e Teu testemunho condena muitas ações que recebem elogios humanos. Muitas vezes acontece que a

130 Atos 26.14.

131 Em latim, cornua falsae libertatis (Salmo 74.5): nolite exaltare cornu vestrum (Salmo 74.7).

aparência de um ato desminta o que o agente tem em mente, e pode ser difícil julgar o que as circunstâncias de uma determinada época exigem.

Supondo que de repente Tu ordenes algo incomum e imprevisto - até mesmo algo que uma vez proibiste. Alguém duvidaria que deveríamos agir como Tu ordenaste, mesmo que por enquanto escondas o motivo de teu comando, ou mesmo que sejas contrário ao acordo estabelecido por alguma sociedade humana? Uma sociedade justa é aquela que o serve. Bem-aventurados aqueles que sabem que Tu deste ordens! Todos os Teus comandos são executados por aqueles que servem para demonstrar aquilo que é necessário no presente ou para predizer coisas que ainda estão por vir.

X AS DOUTRINAS DOS MANIQUEUS

18. Eu não sabia de tudo isso, por isso zombei de Teus santos servos e profetas. E o que eu estava fazendo quando zombei deles, senão fazer com que Tu pudesses rir de mim? Pouco a pouco, eu estava sendo desviado para crenças tão frívolas como as de um figo que chora quando é colhido e sua árvore mãe derrama lágrimas leitosas – mas, se um de seus santos comesse um figo que tivesse sido arrancado pelo delito de outra pessoa e não por si próprio, ele iria ser transformado em seu estômago e expirar anjos; na verdade, em suas orações, ele gerava partículas de Deus e as lançava. Essas partículas do Deus supremo e verdadeiro teriam permanecido presas naquele fruto se os santos eleitos não os tivessem libertado por seus dentes e estômago. Desgraçado que fui[132], passei a acreditar que maior misericórdia deveria ser dada aos frutos da terra do que aos seres humanos, por meio de quem esses frutos crescem. Se alguém que não fosse maniqueu estivesse com fome e me implorasse por alguma fruta, pareceria para mim que lhe dar a fruta seria como uma condenação de morte.

132 Romanos 9.15.

XI As súplicas e sonho de Mônica

19. E Tu enviaste Tua mão[133] do alto e resgataste minha alma desse abismo nebuloso. Pois minha mãe, Tua fiel, chorou por mim, em Tua presença, mais do que mães choram pelos corpos de seus filhos mortos. Foi pela fé e pelo Espírito que ela recebeu de Ti, que viu que eu estava morrendo; e Tu atendeste a sua oração, Senhor Deus. Tu atendeste à sua oração e não desprezaste as lágrimas dela. Em cada lugar em que orou, ela regou a terra sob teus olhos, e Tu a ouviste, ó Senhor. O que mais explicaria aquele sonho com que a confortaste, de tal modo que ela concordou em morar e compartilhar comigo as refeições em casa? Ela inicialmente resistiu concordar porque rejeitou e detestou as blasfêmias de meu erro. Nesse sonho, ela se viu apoiada em uma régua de madeira[134]. Vindo em sua direção, estava um jovem com roupas brilhantes, alegre e sorrindo para ela, embora ela estivesse triste e tomada pela dor. Ele perguntou por que ela estava triste e por que chorava dia após dia - perguntando, como tantas vezes acontece nos sonhos, não para descobrir, mas para ensinar. Ela respondeu que lamentava a minha destruição. Para que pudesse descansar segura, ele a instruiu e a encorajou a prestar atenção e ver que, onde ela estivesse, eu também estaria. E, quando olhou, viu-me parado ao lado dela, seguindo a mesma regra. De que outra forma esse sonho se realizaria, a não ser estando os Teus ouvidos no coração dela, ó Todo-Poderoso, que cuida de cada um de nós como se fôssemos Tua única preocupação e de todos cuida como se fossemos um só?

20. E de que outra forma aconteceria, quando ela me contou sobre esta visão, e eu tentei distorcer para dizer que ela deveria ter esperança de um dia estar onde eu estava, mas ela respondeu imediatamente e sem hesitação: "Ele não disse: 'Onde ele estiver, aí tu também estarás', mas 'Onde tu estiveres, ali ele também estará'"[135]

133 Salmo 143.7 (Vulgata).

134 A régua de madeira mencionada por Agostinho era provavelmente uma ferramenta de nivelamento usado na construção de aquedutos. A imagem então colocaria Agostinho e Mônica acima do solo, no caminho reto e estreito. A visão é relembrada no final da cena do jardim em 8.12.30.

135 João 14.3.

Confesso a Ti, Senhor, que tanto quanto me lembro - e tenho falado disso muitas vezes - fiquei mais comovido com a resposta que Tu deste por meio do estado de alerta de minha mãe do que com o sonho em si. Ela não se perturbou de forma alguma com a interpretação que eu ofereci, tão suave e ainda assim tão falsa. Ela viu imediatamente o que deveria ver, o que eu certamente não tinha visto até que ela disse isso. Por meio desse sonho, Tu deste conforto a essa mulher devota em sua aflição e assegurou-lhe a alegria que viria muito antes de ela realmente acontecer.

Foram quase nove anos que eu ainda chafurdei na lama da falsidade profunda e sombria; e, embora eu tentasse repetidas vezes me erguer, apenas me afundava ainda mais. No entanto, aquela viúva casta, devota e sóbria, como Tu amas[136], apesar de agora ser sustentada por uma esperança mais viva, não afrouxou as lágrimas e gemidos para Ti[137]. Hora a hora, ela não parava de derramar suas orações por mim a Ti, e as suas orações entravam em Tua presença. E ainda assim Tu me deixaste sozinho, para chafurdar na lama e ser absorvido por ela.

XII A PROFECIA E O BISPO

21. E, entretanto, Tu deste a ela outra resposta que me lembro (pois estou omitindo muitas coisas e apressando-me àquelas que mais desejo confessar a Ti; e há muitas coisas que não me lembro).

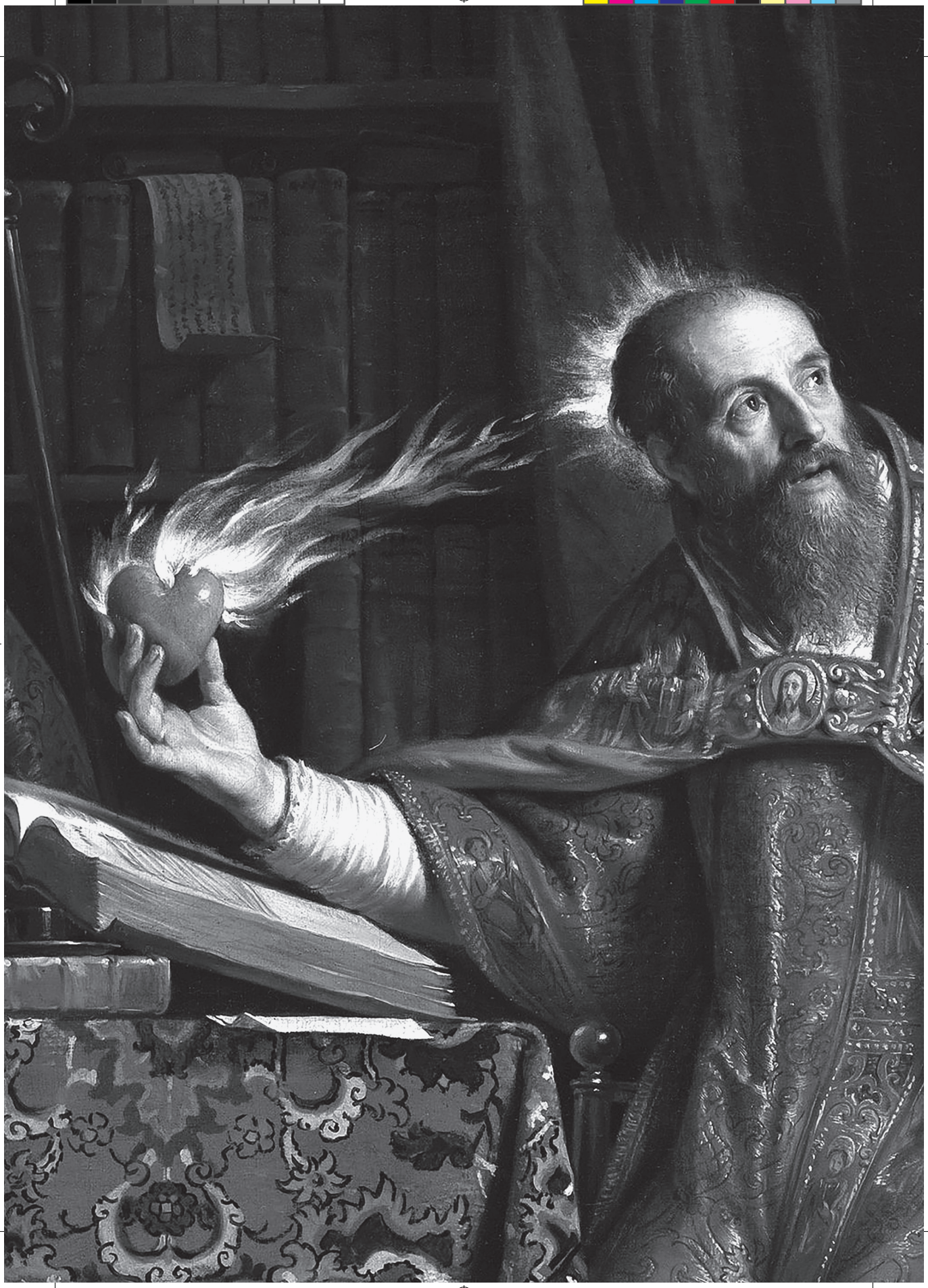
A resposta surgiu através de um padre, um bispo nutrido em Tua Igreja e bem treinado em Tuas Escrituras. Minha mãe rogou-lhe que falasse comigo e refutasse meus erros, que desmascarasse o que era mau e me ensinasse o que era bom; pois ele frequentemente fazia isso quando por acaso encontrava pessoas adequadas para instruir. No entanto, quando ela pediu isso, ele recusou com bastante sensatez, como percebi mais tarde. Ele respondeu que eu não era ensinável, porque estava muito inchado com a novidade daquela heresia e já havia incomodado muitos iletrados com minhas perguntas frívolas, como ela já havia lhe

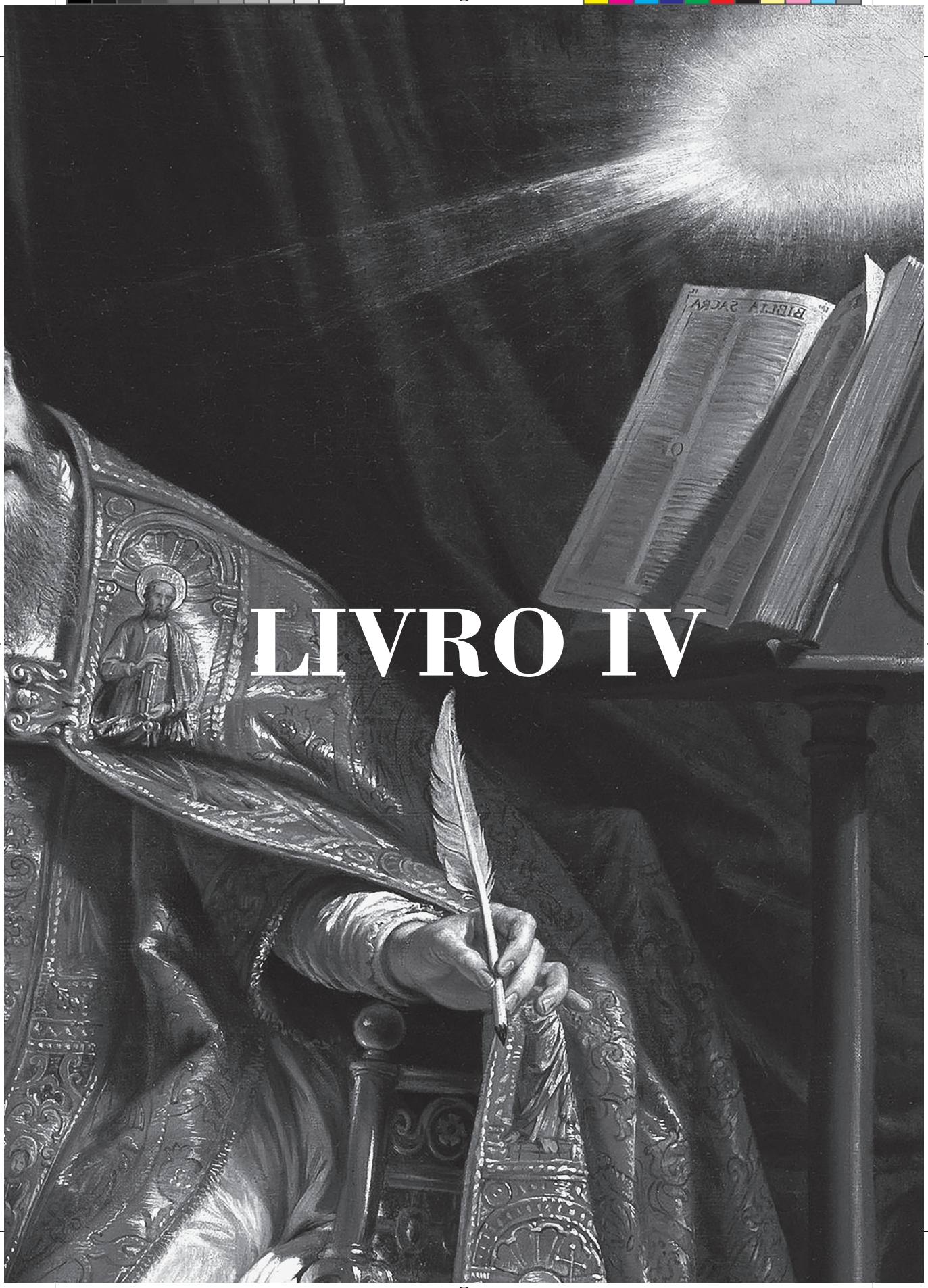
136 1 Timóteo 5.3-16.

137 Salmo 87.9 (Vulgata).

contado. "Deixe-o estar onde está", disse ele. "Apenas ore ao Senhor por ele. Ele descobrirá através da leitura qual é seu erro e quão grande é sua impiedade." Ao mesmo tempo, contou-lhe a história de como sua própria mãe foi desencaminhada pelos maniqueus e o entregou a eles, e que ele não só tinha lido quase todos os seus escritos, mas até mesmo escreveu alguns livros maniqueístas[138]. Mas, mesmo sem ninguém para discutir com ele ou convencê-lo, ficou claro para ele que aquela seita deveria ser evitada e então ele a abandonou. Quando disse tudo isso, ela se recusou a ceder; em vez disso, insistiu ainda mais, implorando com lágrimas copiosas para que ele me visse e me envolvesse em uma discussão. Então, ele ficou um pouco zangado e farto. "Deixa-me", disse. "Tão certo como tu vives, não é possível que o filho de lágrimas como essas pereça". E ela aceitou a resposta, como sempre me lembrava em nossas conversas, como se fosse uma voz do céu.

138 Não se diz aqui que o bispo copiou livros maniqueístas, mas que ele os escreveu.





LIVRO IV

Prefácio do Tradutor

O livro IV traça uma ligação entre as loucuras do maniqueísmo e do ensino das artes liberais, que Agostinho está fazendo agora em Tagaste. Desde o princípio, abordará a pompa vazia e frustrante dos prazeres. A sua meta era a aclamação popular (IV.I.1).

Agostinho está assombrado pela beleza sensual e pela experiência corporal. A busca pelo sexo é resolvida por um relacionamento com uma jovem a quem ele nunca menciona, mas com quem compartilha sua vida por alguns anos. Ele se diz sexualmente fiel à sua concubina (IV.II.3). Eles têm um filho, Adeodato, embora ele não seja nomeado até o Livro IX.

O texto mostra seu envolvimento com a astrologia (IV.III.4-6), que, assim como o maniqueísmo, oferecia um escape para a responsabilização de Agostinho pelos seus erros. Agostinho reflete aqui a respeito da maneira certa de amar os outros seres humanos, os bens transitórios e disserta a respeito das alegrias da amizade.

A busca pelo significado está longe de ser resolvida: Agostinho se interessa por astrologia; escreve o livro Sobre o Belo e o Harmonioso e se dedica a causa de ambições equivocadas. Ele dedica o seu conhecimento intelectual da obra que escreveu (IV. XIII.20-IV.XV.27) ao orador Hierius (IV.XV.21-23) e lê Categorias, de Aristóteles, orgulhando-se de sua capacidade de compreender a obra sem a ajuda de um professor (IV. XVI.28-IV.XVI.31). A obra de Aristóteles, segundo a sua avaliação, destina-se a dissertar como não pensar sobre Deus. Este livro também demonstra o início da atividade docente de Agostinho, que ensinou retórica em Cartago (IV.I.1-IV.III.6) em sua busca por sucesso financeiro e pela glória pessoal (IV.I.1-IV.II.2).

Agostinho também menciona a morte de um amigo de infância em Tagaste (IV.IV.7-IV.XII.19), um amigo que seguiu os maniqueus sob a influência de Agostinho, mas foi batizado no cristianismo, enquanto estava doente, e morreu, deixando Agostinho totalmente desolado. A

morte do amigo provocou em Agostinho grande dor, pois ele não zelou pelo seu amigo da forma apropriada como deveria fazer com o que é transitório (IV.IV.9-IV.XII.19). A compreensão que Agostinho tinha de Aristóteles e de vários outros livros não o ajudou a encaixar Deus no que ele leu (IV.XVI.29). Isso o levou a voltar a Cartago.

I - A diversidade das paixões

1. No período de nove anos, do décimo nono ano da minha idade até o vigésimo oitavo[139], fui seduzido e sedutor, enganador e enganado em distintas paixões: abertamente, através dos ensinamentos que são chamadas de artes liberais; e secretamente, sob o falso disfarce de religião. Naquelas paixões, era orgulhoso; e nestas, supersticioso; e, em todas as coisas, vão. Persegui o vazio da aclamação popular: os aplausos nos teatros, as competições de poesia, os concursos para coroas que se desvaneciam rapidamente, os espetáculos frívolos, as luxúrias descontroladas – e, por outro lado, esforçava-me para me purificar de toda essa sujeira, oferecendo comida para aqueles que eram chamados de eleitos e santos, cujos estômagos eram as fábricas nas quais fariam os anjos e deuses pelos quais eu seria liberto.

Que os arrogantes zombem de mim, aqueles que ainda não foram, para sua própria salvação, prostrados e abatidos por Ti, meu Deus.

Ainda assim, para Teu louvor, vou confessar meus atos vergonhosos. Conceda-me isso, eu imploro; deixa-me me recorrer com minha memória presente aos erros tortuosos de meu passado, para que eu possa oferecer-Te o sacrifício da alegria.

Sem Ti, o que sou para mim senão um guia para minha própria queda? E, quando tudo está bem comigo, o que sou eu senão uma criança em Teu peito, ou alguém que se alimenta de Ti[140], o alimento que não está corrompido?[141] Que tipo de ser humano é aquele que é meramente humano?

Zombe dos fortes e poderosos[142], que nós, fracos e pobres, vamos confessar-Te[143].

139 A data se refere ao período de 372-373 a 381-382.

140 A tradução literal aqui é "alguém que suga o seu leite", uma alusão a 1 Coríntios 3.1-2, e a Hebreus 5.12-14. A imagem do bebê no seio da mãe sugere imaturidade (1.6.7). Porém, Agostinho afirma que os seres humanos nunca superam sua necessidade do bem que vem de Deus (7.10.16).

141 João 6.27.

142 1 Coríntios 4.10.

143 Salmo 73.21 (Vulgata).

II - O PROFESSOR DE RETÓRICA E O AMOR

2. Eu estava ensinando a arte da retórica naquela época. Vítima da ganância e da ambição, vendia a vitória no discurso. No entanto, Tu sabes, ó Senhor, que eu preferia ter bons alunos, os alunos que são chamados de "bons", e sem engano eu os ensinava a enganar, não para usar isso contra a vida dos inocentes, mas às vezes para garantir a absolvição dos culpados. E Tu me viste, ó Deus; de longe, Tu me viste tropeçando naquele caminho escorregadio. Tu viste a centelha de honra, tremeluzindo no meio de uma grande nuvem de fumaça, que mostrei para aqueles que amavam a vaidade e buscavam mentiras; e eu era seu companheiro.

Naquela época, eu tinha uma mulher. Não éramos casados aos olhos da lei; minha paixão errante, privada de pensamentos sérios, a havia procurado. Mesmo assim, eu tinha apenas ela e era fiel. Descobri por experiência própria quão grande diferença existe entre a devida medida do casamento legítimo, que é uma aliança para o bem da procriação, e um acordo entre amantes lascivos que pretendem evitar ter filhos[144] - embora uma vez que os filhos nasçam, nós não possamos deixar de amá-los.

3. Recordo também que uma vez, quando decidi entrar no concurso de poesia em um dos teatros, um ou outro mágico mandou um mensageiro me perguntar o que eu estaria disposto a dar-lhe para ter a certeza da vitória[145]. Respondi que odiava e detestava aqueles mistérios vis e que não deixaria nem mesmo uma mosca ser morta para ganhar o prêmio, mesmo que tal fosse uma coroa de ouro imortal. Ele iria matar criaturas vivas em seus sacrifícios, e parecia-me que ele estaria prestando homenagem aos demônios a fim de ganhar o seu favor. Ainda assim, esse mal eu não rejeitei pela castidade que pertence a Ti, ó Deus do meu coração. Ainda não tinha aprendido a Te amar, já que ainda não tinha aprendido a pensar em outros fulgores que não os corpóreos.

144 Em latim, contra votum nascitur. Aqui, Agostinho acusa os maniqueus de resistirem ao casamento e aos filhos. Adeodato, filho de Agostinho, tinha nascido, o que parece mudar a opinião de Agostinho a respeito da paternidade indesejável, o que explica a razão dele recomendar mais tarde a paternidade.

145 Agostinho se nega a patrocinar o sacrifício, entre outras coisas, porque era contra a doutrina maniqueísta matar qualquer ser vivo.

Uma alma que suspira depois de tais ficções não comete fornicação contra Ti, confiando em falsidades e alimentando os ventos?[146] Então, de fato, recusei que alguém sacrificasse aos demônios em meu nome, quando eu mesmo estava sacrificando a eles por minha superstição[147]. O que significa alimentar os ventos senão alimentar os demônios? E isso fazemos quando nossos erros nos tornam um deleite para eles e um objeto de Teu desprezo.

III - A curiosidade pela astrologia

4. E, então, não vi nenhuma razão para parar de consultar aqueles fraudadores conhecidos como astrólogos[148], pois era como se não fizessem nenhum sacrifício e não dirigissem nenhuma oração a qualquer espírito com o propósito de adivinhação. Mas a verdadeira piedade cristã necessariamente os rejeita e condena: pois é bom confessar-se a Ti, ó Senhor, e dizer: "Tem misericórdia de mim; cura a minha alma, porque pequei contra Ti"[149] - não para usar mal a Tua misericórdia como licença para pecar, mas para ter em mente as palavras do Senhor: "Eis que foste curado. Agora não peques mais, para que não te aconteça algo pior"[150]. Os astrólogos tentam destruir essas palavras de cura quando dizem: "As estrelas tornam o seu pecado inevitável" ou "Vênus fez isso, ou Saturno, ou Marte"[151], significando que os seres humanos – carne, sangue[152] e orgulho podre - não têm culpa; e, em vez disso, o Criador e Governante dos céus e das estrelas é o culpado. E quem é este senão Tu, nosso Deus, nossa Doçura, a Fonte da Justiça, que recompensas a cada um segundo as suas obras e não desprezas o coração contrito e humilde?

146 Provérbios 10.4 (Vulgata), Oseias 12.1.

147 Veja: 3.6.10.

148 A astrologia é mencionada várias vezes em Confissões. Em 7.6.8, em 4.3.5 (que alude a Vindiciano) e 10.35.56. O lugar da astrologia na vida africana é descrito em 1.23.36.

149 Salmo 40.5 (Vulgata).

150 João 4.14.

151 Salmo 140.9 (Vulgata).

152 Mateus 16.17.

5. Naquela época, havia um homem sábio, altamente hábil na arte da medicina e muito conhecido por sua habilidade. Ele foi o procônsul que colocou a coroa da vitória sobre minha cabeça doentia, embora não o fizesse como médico, pois Tu és o Curador dessa doença: Tu que resistes aos orgulhosos, mas dá graça aos humildes[153]. E, no entanto, certamente Tu estavas presente para mim, trazendo cura para minha alma, mesmo por meio daquele velho. Pela primeira vez, fiquei mais familiarizado com ele e com a maneira como falava - não era um orador polido, mas suas palavras eram atraentes e pesavam por causa da vivacidade de seus pensamentos –; dediquei-me ansiosa e atentamente à sua companhia. No decorrer de minha conversa com ele, descobriu que eu me dedicava aos livros daqueles que lançam horóscopos; admoestou-me, de maneira gentil e paternal, a jogar fora aqueles livros e não desperdiçar em tal absurdo o esforço e a atenção necessários para as coisas que são realmente úteis. Ele disse que havia estudado astrologia quando estava começando, com a intenção de fazer dela a profissão com a qual ganharia a vida; e, se ele havia compreendido Hipócrates[154], certamente era capaz de compreender os escritos dos astrólogos. Mas, depois de lê-los, ele os abandonou para buscar a medicina, precisamente porque havia descoberto que estavam cheios de falsidades absolutas e, como um homem sério, não estava disposto a ganhar a vida enganando as pessoas. "Mas tu", disse ele, "tens a retórica como profissão. Tu não precisas da astrologia para colocar comida na mesa; tu estás perseguindo esse assunto fraudulento apenas como um passatempo. Mais um motivo para tu me ouvires, porque eu me esforcei para estudá-la profundamente, pois pretendia torná-la minha única fonte de renda". Perguntei a ele como era, então, que tantas das previsões dos astrólogos se concretizavam. Ele deu a melhor resposta que pôde: que foi por causa do poder do acaso, que está disperso por todo o universo. Por exemplo, alguém pode consultar a obra de um poeta que está escrevendo e pensando em outra coisa, mas acontece que ele encontra uma passagem que é surpreendentemente relevante para algum assunto que o preocupa. Não é nenhuma surpresa, disse

153 Tiago 4.6, 1 Pedro 5.5 e Provérbios 3.34 (LXX) trazem o seguinte texto latino: deus superbis resistit, humilibus autem dat gratiam.

154 Agostinho cita várias vezes em seu texto Hipócrates e parece conhecer os problemas de pseudonomínia em seus escritos.

ele, quando alguma linha se harmoniza com as coisas ou ações sobre as quais alguém está perguntando; acontece, não por habilidade, mas por acaso, por meio de algum instinto superior da alma humana, que nem mesmo tem consciência do que está fazendo.

6. Foste Tu que me providenciaste isso por intermédio dele, ou por meio dele, e esboçaste em minha memória as questões que mais tarde eu investigaria por mim mesmo. Na época, porém, nem ele nem meu querido amigo Nebrídio[155] - um jovem muito bom e casto, que costumava rir de toda essa história de adivinhação - conseguiram me persuadir a abandonar a astrologia. A autoridade dos astrólogos tinha um peso maior para mim, e eu ainda não havia encontrado o tipo de prova decisiva que procurava: uma prova que me convencesse, sem qualquer dúvida, de que as verdadeiras previsões que eles fizeram para quem os consultou eram fruto de sorte ou acaso, não da habilidade de observar as estrelas.

IV - A morte de um amigo e o sofrimento de Agostinho

7. Nos anos em que comecei a lecionar na cidade em que nasci, fiz um amigo muito querido que estava cursando o mesmo curso. Ele tinha a minha idade, no auge da juventude, assim como eu[156]. Ele cresceu comigo desde a infância; éramos companheiros na escola e companheiros nas brincadeiras. Mas ele nunca tinha sido - nem mesmo naquela época - um amigo no verdadeiro sentido da palavra; pois só existe amizade verdadeira quando alguém une aqueles que se apegam por meio da caridade que foi derramada em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado[157]. Em suma, era aquela amizade extremamente doce, amadurecida no fervor de atividades compartilhadas. Eu também o havia desviado da

155 Um dos dois companheiros importantes de Agostinho. O outro é Alípio, que é mencionado pela primeira vez em 6.7.11. A casa da família de Nebrídio ficava perto de Cartago, reduzindo ainda mais qualquer chance de que esse episódio ocorresse em Tagaste.

156 Em latim, conflorentem flore adulescentiae. O termo adulescentia era comumente considerado o período entre quinze e trinta anos de idade. Agostinho ensinou em Tagaste em 375/376. Ele completou 21 anos de idade em 13 de novembro de 375.

157 Romanos 5.5.

verdadeira fé (que, sendo jovem, ele não abraçava fielmente e de todo o coração) para as fábulas supersticiosas e perigosas que tanto entristeciam minha mãe. Então sua mente se juntou a mim em minhas andanças, e minha alma não poderia viver sem ele. Mas Tu estavas lá, porque estás sempre atrás de quem foge de Ti, ó Deus da vingança e também Fonte de misericórdia, que nos faz voltar a Ti de maneira maravilhosa. Eis que Tu tiraste aquele homem desta vida presente quando eu tinha passado quase um ano em minha amizade com ele, uma amizade que foi doce para mim além de todas as outras doçuras desta vida.

8. Quem pode contar os louvores que são a Ti devidos[158], ainda que se apegando ao que tem sido experimentado por si mesmo?

O que Tu fizeste então, ó meu Deus? Quão insondável era o abismo de Teus julgamentos![159] Quando ele estava sofrendo de febre alta, por um longo tempo ficou inconsciente, suando como quem iria morrer, e eles perderam a esperança. Ele foi batizado - nada sabendo a respeito. Eu não estava nem um pouco incomodado. Presumi que ele manteria a maneira de pensar que recebera de mim e não prestaria atenção ao que foi feito a seu corpo quando ele não estava ciente disso, mas as coisas aconteceram de maneira bem diferente. Ele se recuperou, a febre cedeu e assim pude falar com ele; foi assim que ele pôde falar comigo, já que eu nunca saí do seu lado e éramos muito dependentes um do outro. Tentei brincar com ele, supondo que se juntaria a mim na zombaria do batismo que havia recebido quando não conseguia entender ou sentir o que estava sendo feito com ele, embora nesse ponto tivesse sido informado sobre o que tinha acontecido. Mas, em vez disso, ele recuou de mim como se eu fosse um inimigo. Disse-me, com uma repentina autoconfiança que me surpreendeu, que, se eu quisesse ser seu amigo, pararia de dizer essas coisas a ele. Fiquei pasmo e muito perturbado, então decidi que iria adiar meus esforços até que ele recuperasse todas as suas forças; então, poderia fazer o que quisesse com ele.

No entanto, ele foi arrancado de minha loucura e levado à segurança em Tua presença, para meu consolo. Depois de alguns dias, a febre voltou e ele morreu. Eu não estava lá.

158 Salmo 105.2 (Vulgata).

159 Romanos 11.33.

9. Meu coração estava turvo[160] com tanta tristeza, e eu via a morte para onde quer que eu olhasse.

Minha cidade natal era um tormento, a casa de meu pai era uma miséria insondável. O que quer que eu tenha compartilhado com meu amigo se transformou em uma aflição selvagem sem ele. Meus olhos procuravam por ele em todos os lugares, mas ele não estava em lugar nenhum. Todas as coisas eram odiosas para mim porque não o continham e não podiam mais me dizer: "Olha, ele está vindo", como faziam quando ele estava vivo e estávamos separados. Eu me tornara uma grande questão para mim mesmo e perguntei à minha alma por que estava triste e por que estava tão inquieta dentro de mim[161], e ela não tinha resposta para me dar. Se eu dissesse: "Coloque sua esperança em Deus", com toda a razão não obedeceria, pois aquele amigo precioso que eu havia perdido era mais verdadeiro e melhor do que o fantasma em que fui ordenado a colocar a minha esperança. Nada foi doce para mim, exceto minhas próprias lágrimas, e elas tomaram o lugar de meu amigo entre as delícias de minha mente[162].

V - O pranto restaurador

10. E agora, ó Senhor, essas coisas já passaram há muito tempo, e o tempo suavizou minha dor. Posso ouvir de Ti, que é a Verdade[163], e levar o ouvido do meu coração à Tua boca para que Tu possas me explicar por que as lágrimas são doces para os infelizes? Seria porque, embora Tu estejas em toda parte, Tu lanças nossa infelicidade para longe de Ti e permanece em Ti mesmo enquanto suportamos a turbulência de uma experiência após a outra? A menos que nós tragamos nossos gritos diante de Teus ouvidos, não há nenhuma esperança para nós. Como é, então, que da amargura da vida podemos colher o doce fruto do luto, do pranto, do suspiro e da lamentação? Essas coisas são doces para nós porque esperamos que Tu estejas ouvindo? Certamente isso

160 Lamentações 5.17.

161 Salmo 41.6 (Vulgata).

162 Salmo 138.11 (Vulgata).

163 João 14.6.

é verdade em nossas orações, porque, quando oramos, queremos que nossas orações cheguem a Ti, mas certamente isso não acontecia com a tristeza e o luto por minha perda que me oprimia naqueles dias. Eu não tinha esperança de que ele fosse restaurado à vida e não implorei por isso em meio às minhas lágrimas. Simplesmente sofri e chorei, pois estava infeliz. Tinha perdido minha alegria.

O choro é uma coisa amarga. No entanto, será que ele também dá prazer porque agora detestamos as coisas que outrora desfrutávamos, coisas diante das quais agora temos repulsa?

VI - A AMARGURA DA VIDA E O MEDO DA MORTE

11. Por que estou dizendo essas coisas? Agora não é hora de fazer perguntas, mas de confessar-me a Ti. Eu estava amargurado: é assim toda mente que é vencida pela amizade, pelas coisas mortais[164] e se dilacera quando as perde, sentindo então pela primeira vez a amargura que já existia antes mesmo de perdê-las. Era assim que eu era naquela época, e chorei copiosamente, encontrando descanso na amargura. Estava tão infeliz que minha própria vida miserável era mais preciosa para mim do que meu amigo. Sim, eu teria mudado minha vida de bom grado, mas não gostaria de perder minha vida em vez de perder meu amigo e não tenho certeza se teria desistido de minha vida até por ele. Conta-se de Orestes e Pílades (se não for apenas uma história) que eles queriam morrer um pelo outro, ou pelo menos ao mesmo tempo, porque não estarem vivos ao mesmo tempo era para eles pior do que a morte[165]. Mas, de alguma forma, o sentimento oposto surgiu em mim: eu estava profundamente farto de viver, mas com medo de morrer[166]. Acho que, quanto mais eu o amava, mais odiava e temia a morte como o terrível inimigo que o havia tirado de mim. Achei que a morte de repente engoliria a todos, como foi capaz de fazer com ele. Lembro que era exatamente assim que eu pensava.

164 A expressão "amizade pelas coisas mortais" (amicitia rerum mortalium) aparece em 1.13.21.

165 Cícero, Sobre a amizade 7.24.

166 Ovídio, Metamorfoses 10.482: mortisque metus et taedia vitae.

Olha para o meu coração, ó meu Deus; olha dentro de mim! Observa, porque me lembro, Tu que me limpas da impureza de tais afeições, dirigindo os meus olhos a Ti e resgatando os meus pés da armadilha[167].

Fiquei perturbado ao ver que outros mortais estivessem vivos quando ele, a quem eu amava como se nunca fosse morrer, estava morto. E fiquei mais surpreso que, tendo ele morrido, eu ainda estava vivo; eu, que era a outra parte dele. Alguém disse uma vez que um amigo era metade de sua alma[168], e realmente ele falava bem. Eu sentia que minha alma e a dele eram uma alma em dois corpos, e assim a vida era um terror para mim, porque eu não queria viver como uma metade; e talvez temesse a morte porque não queria que aquele que eu tanto amava morresse de uma vez.

VII - A mudança: Agostinho deixa Tagaste

12. Que loucura não saber amar o homem como o homem deve ser amado! Quão tolo é alguém que não consegue se manter dentro dos devidos limites para suportar as dificuldades da condição humana! E, então, eu me enfureci, e suspirei, e chorei, e estava em turbulência. Não conseguia ficar em paz, não conseguia pensar com clareza. Carreguei minha alma ferida e sangrando comigo; não suportava carregá-la, mas não consegui encontrar nenhum lugar para largá-la: nem em agradáveis bosques, nem em jogos e canções, nem em lugares cheirosos, nem em banquetes bem preparados, nem nos prazeres do quarto, nem mesmo nos livros ou na poesia, em parte alguma podia descansar. Tudo era um horror para mim, até a própria luz. Tudo o que não era o que ele tinha sido era vil e odioso para mim - tudo exceto meus gemidos e lágrimas, pois somente neles eu encontrava um pouco de paz - quando minha alma era distraída por eles, isso me pesava como um grande fardo de infelicidade. Eu sabia, ó Senhor, que eras Tu que podias levantar o meu

167 Salmo 24.15 (Vulgata).

168 Horácio, Carmina 1.3.5-8.

fardo e curar a minha alma, mas não Te queria e não tinha forças para Te suplicar, ainda mais porque, quando pensava em Ti, não Te considerava algo sólido e firme. Não foste Tu, ó meu Deus, mas um fantasma vazio, um erro meu. Se eu tentasse deixar meu fardo ali para que eu pudesse descansar, ele deslizaria pelo vazio e cairia pesadamente sobre mim mais uma vez. Eu havia me tornado e permaneci um lugar de desespero por mim mesmo. Não suportava ficar ali e não tinha forças para partir. Para onde meu coração poderia ir para fugir do meu coração? Para onde eu poderia ir para fugir de mim mesmo? Para onde eu não seguiria a mim mesmo? Todavia, pelo menos fugi da minha cidade natal, pois meus olhos não o buscariam tanto onde eu não estava acostumado a vê-lo. Então, deixei a cidade de Tagaste e vim para Cartago.

VIII - O RECOMEÇO

13. O tempo é precioso e não passa em nossas vidas em vão; mas faz obras surpreendentes na mente. Os sentimentos iam e vinham, dia após dia e, indo e vindo, traziam-me outras esperanças e outras memórias; mas não demorou muito para que eles me devolvessem o interesse pelos prazeres que eu conhecia e que tinham cedido o lugar à minha grande tristeza - cederam o seu lugar não propriamente a outras tristezas, mas às causas de outras tristezas. Afinal, como foi que essa tristeza me perfurara tão facilmente, tão profundamente, senão porque eu derramara minha alma na areia[169] por amar alguém que ia morrer, como se ele fosse imortal?

E, de fato, o que me restaurou e renovou acima de tudo foram os consolos de outros amigos. Com eles amei o que amei em vez de Te amar: um mito rude, uma grande mentira, e, por causa do nosso caso adúltero com essa falsidade de nossas mentes, como uma coceira nos ouvidos, nossas mentes foram corrompidas. Para mim, esse mito permaneceria mesmo se um de meus amigos morresse.

O que me cativou em meus amigos foram outras coisas: conversar, rir juntos, servir uns aos outros com alegria, ler livros com frases doces

169 Há aqui uma alusão a Ovídio, Tristia 5.6.43-44: "Aquele que não se contenta com essas coisas derrama areia na praia, trigo nos campos, águas no mar". É também uma referência indireta a Mateus 7.26-27.

juntos, compartilhar conversas triviais e sérias, discordar de vez em quando sem rancor, de forma semelhante a um homem debatendo consigo mesmo, visto que os desentendimentos eram tão raros que tornavam a nossa convivência usual ainda mais doce, pois íamos ensinando uns aos outros ou aprendendo uns com os outros, sentindo saudades dos ausentes e saudando com alegria os que voltavam. Estes e outros semelhantes são os sinais dados pela boca, pela língua, pelos olhos e por mil gestos ternos provenientes do coração de quem ama e de quem retribui amor, sendo sinais que iluminam as almas e fazem de muitos, um.

IX - A felicidade de amar a Deus

14. Isso é o que amamos nos amigos: amar de tal maneira que nossa consciência[170] fica pouco à vontade se não amarmos aqueles que nos amam de volta ou se não retribuirmos o amor daqueles que nos amam, nada buscando em seus corpos, senão esses sinais de boa vontade. Daí nossa dor se alguém morresse; daí a escuridão da dor, um coração encharcado de lágrimas, a doçura transformada em amargura: a morte de quem perde a vida torna-se a morte de quem vive.

Bem-aventurados aqueles que Te amam[171], e que amam em Ti os amigos e os inimigos por Tua causa[172]. Somente eles não perdem um ente querido, porque, para Ti, todos são queridos e, se estão em Ti, não estão perdidos. E quem é este senão o nosso Deus, que fez o céu e a terra e os preencheu: porque ao preenchê-los os fez. Ninguém Te perde, exceto aqueles que Te mandam embora e, ao Te mandar embora, para onde vão? Para onde eles fogem?[173] Só de Ti e para Ti: do Teu bom prazer à

170 O termo latino para consciência, conscientia, alude a uma instância inquieta 8.7.18, 10.3.4, 10.30.41, especialmente diante de Deus: 5.6.11 (domine deus meus, arbiter conscientiae meae). O sentido de consciência em latim parece próximo de Romanos 9.1.

171 Mateus 5.43-44.

172 Jogo de palavras amittit... dimittit presente em 9.1.1.

173 Salmo 138.7 (Vulgata).

Tua ira[174], pois onde, em Tua punição, eles não encontram a Tua lei? E Tua lei é a verdade, e Tu és a verdade[175].

X - O DESTINO INCERTO DAS CRIATURAS

15. "Deus dos exércitos, volta-nos para Ti e mostra-nos a Tua face, e nós seremos salvos"[176]. Para onde quer que a alma humana se volte, ela se fixa nas tristezas, a menos que se volte para Ti. Mesmo que se fixe em coisas belas fora de Ti e fora dela mesma, as coisas belas não seriam nada se não fossem Tuas. Elas nascem e morrem: ao nascerem, começam a ser e crescem para que possam se tornar totalmente maduras e, uma vez que amadurecem, elas envelhecem e perecem. Nem todas as coisas envelhecem, mas todas as coisas perecem. Portanto, quando nascem e dobram seu curso em direção ao ser, quanto mais rapidamente crescem, mais se apressam em direção ao não-ser. Essa é a sua condição. Isso Tu concedeste a elas, porque são partes das coisas que não existem de uma vez. Em vez disso, à medida que uma coisa passa e outra toma o seu lugar, todas juntas constituem um todo. O mesmo ocorre quando expressamos algo por meio de sinais audíveis: não haverá enunciação completa, a menos que uma palavra passe para que outra tome o seu lugar.

Por todas essas coisas, que a minha alma Te louve, ó Deus, Criador de todas as coisas[177], mas que ela não se deixe conduzir pelo amor advindo dos sentidos do corpo; pois eles vão para onde querem ir, de modo que não existem mais, e dilaceram a alma por meio de seus desejos doentios. A alma deseja existir e adora descansar nas coisas que ama, mas não há lugar para descansar nos desejos, pois eles não ficam parados: e quem pode persegui-los através dos sentidos do corpo? Quem, de fato, pode compreendê-los totalmente, mesmo quando estão presentes? O sentido corporal é lento, simplesmente porque é o sentido corporal, tal é a sua

174 Salmo 94.2 (Vulgata).

175 Salmo 118.143 (Vulgata).

176 Salmo 79.8 (Vulgata).

177 A expressão "ó Deus, Criador de todas as coisas" (em latim, Deus, creator omnium) é a primeira linha de um hino de Ambrósio, citado em 2.6.12, 6.4.5, 9.6.14, 9.12.32, 10.34.52 e 11.27.35.

condição. Ele é suficiente para o propósito para o qual foi criado, mas não para manter firmes as coisas que estão se movimentando desde o início até o fim designado. Em Tua Palavra, por quem eles foram criados, ouvem-Te dizer: "Daqui para lá e não para mais longe".

XI - A estabilidade de Deus

16. Não fique vazia, minha alma, e não deixe o ouvido do teu coração se ensurdecer com o barulho do seu vazio. Ouça: a própria Palavra clama para que tu voltes, e aí, nela, está um lugar de repouso tranquilo que não pode ser perturbado, um lugar em que o amor não é abandonado, a menos que o próprio amor o abandone. Essas coisas passam para que outras possam tomar o seu lugar, e todas as suas partes juntas constituem este universo humilde, mas a Palavra de Deus diz: "Algum dia irei embora?" Fixa n'Ele a tua morada, ó minha alma; confie a Ele tudo o que tens deste mundo. No mínimo, porque estás cansada de falsidades, confie à Verdade tudo o que tens de verdade e não perderás nada. O que está podre em ti começará a florescer novamente, e todas as tuas doenças serão curadas. Todas as coisas que oscilam e são instáveis em ti receberão forma novamente, serão renovadas e firmemente ligadas a ti; elas não irão lançá-la para os lugares para onde vão, mas, em vez disso, permanecerão firmes contigo e com Deus, que se mantem firme e permanece para sempre[178].

17. Por que tu te voltas para a perversidade e segue a tua carne? Em vez disso, volte-se a Deus e deixe tua carne segui-Lo. Tudo o que percebes através da tua carne é apenas uma parte e tu não dás atenção ao todo do qual essas coisas são partes e, ainda assim, elas lhe dão prazer. Se o sentido de tua carne fosse adequado para compreender o todo e não fosse justamente constrangido, para tua própria punição, a aceitar teu lugar como parte do todo, tu desejarias que tudo o que existe no presente passasse, para que todas as coisas possam agradar ainda mais. Afinal, por meio desse mesmo sentido corporal, tu ouves o que falamos e não quer que as sílabas permaneçam fixas; não, tu queres que eles

178 Salmo 101.13 (Vulgata).

passem para que outros venham e que tu possas ouvir o todo. Esse é sempre o caso quando uma coisa compõe um todo, e as coisas das quais o todo é composto não existem todas de uma vez: se todas as coisas que compõem o todo podem ser sentidas, todas juntas dão maior prazer do que qualquer uma delas só por si.

Entretanto, muito melhor do que todas essas coisas, é Aquele que as fez todas, e este é o nosso Deus; e Ele não morre, pois nada mais toma seu lugar.

XII BUSCANDO A FELICIDADE EM DEUS

18. Se os corpos o agradam[179], louve a Deus por eles e devolva o teu amor ao teu Criador, para que não O desagrade com as coisas que te agradam. Se as almas o agradam, ame-as em Deus, pois elas são mutáveis em si mesmas, mas nele se tornam constantes e firmes - do contrário, partiriam e pereceriam. Portanto, ame-as em Deus. Pegue o máximo de almas que puderes e traga-as contigo diante de Deus e diga-lhes a quem devemos amar. Ele fez essas coisas e não está longe de nós. Pois Ele não as fez e depois se afastou: elas são d'Ele e estão n'Ele. Então, estão onde Ele está, onde quer que haja o sabor e a fragrância da Verdade. Ele está no fundo do coração, mas o nosso coração se afastou d'Ele[180].

Voltem, pecadores, aos seus corações e apeguem-se Aquele que os criou. Fiquem com Ele e permanecerão firmes; descansem nele e terão descanso. Para onde vocês estão indo por meio desses caminhos espinhosos? Para onde estão indo? O bem que vocês amam vem d'Ele; e na medida em que é para Ele, é bom e doce; mas vocês o abandonaram, tudo o que vier d'Ele se tornará amargo, pois é amado de maneira incorreta. Por que vocês continuam caminhando por caminhos difíceis e cansativos? Não há descanso onde estão procurando descanso. Busquem o que estão procurando, mas não onde vocês estão procurando. Vocês

179 Salmo 148.15 (Vulgata).

180 Isaías 46.8.

procuram a vida feliz na terra da morte: ela não está lá. Como realmente pode haver uma vida feliz onde não há vida alguma?

19. E a nossa própria vida desceu[181] aqui, levou nossa morte e a matou com a abundância de sua vida. Ele deu vozes de trovão, clamando que daqui voltaríamos para Ele, para aquele lugar secreto de onde Ele veio a nós, primeiro, no ventre virginal de Maria, no qual Ele se uniu à criatura humana, carne mortal, para que ela nem sempre fosse mortal. Dali, como um marido pulando da cama, exultante como um herói, Ele saiu correndo, porque não demorou. Em vez disso, correu gritando com suas palavras, seus atos, sua morte, sua vida, sua descida e sua ascensão, clamando para que voltássemos para Ele. E, se Ele desapareceu diante de nossos olhos, foi para que pudéssemos retornar para nossos corações e encontrá-Lo. Bem, Ele saiu, mas aqui está Ele. Ele não queria ficar conosco por muito tempo, mas não nos abandonou. Subiu para um lugar que nunca deixou, porque o mundo foi feito por Ele e, neste mundo, Ele foi; e, para este mundo, veio para salvar os pecadores. A Ele minha alma confessa, e Ele a cura, porque pecou contra Ele.

"Ó homens, até quando sereis duros de coração?"[182] Nem mesmo depois de ter descido a vida até vós, vós quereis subir e viver? Mas aonde vós realmente subistes, quando vós estáveis no topo, e colocastes vossa boca contra o céu? Descei, para ascenderes a Deus, visto que caístes subindo contra Ele.

Dize-lhes estas coisas para que chorem no vale do choro. E leva-os contigo para Deus, porque, se as disseres queimando na chama da caridade, as direis do seu próprio Espírito.

XIII A beleza e a harmonia

20. Naquela época, eu ainda não sabia de tudo isso. Amava as belezas inferiores e afundei nas profundezas. Disse aos meus amigos: "Certamente não amamos nada além do que é belo. Então, o que é lindo? E o que é beleza? O que é que nos atrai para as coisas que amamos e nos

181 João 6.33.

182 Salmo 83.6-7 (Vulgata).

une a elas? Se não houvesse esplendor nelas, nenhuma beleza, de forma alguma nos atrairiam." E eu olhei em volta e vi nas coisas do corpo que algumas são bonitas pelo que são como um todo, enquanto outras são adequadas porque estão apropriadamente acomodadas a outra coisa; como uma parte do corpo é adequada para o corpo todo, um sapato é adequado para o pé e assim por diante.

E essa linha de pensamento brotou em minha mente do fundo do meu coração, e escrevi livros sobre o Belo e o Adequado[183] - dois ou três livros, eu acho. Tu sabes, Deus, porque eu esqueci. Não os tenho mais; de uma forma ou de outra, perdi-os de vista.

XIV O TRIBUTO A HIÉRIO

21. O que foi, ó Senhor meu Deus, que me impeliu a dedicar aqueles livros a Hiério, o orador da cidade de Roma? Nunca o conheci, mas o amava pela esplêndida reputação que ele ganhou com os seus ensinamentos; e eu tinha ouvido algumas de suas palavras e as achei agradáveis. Apesar disso, o que mais me agradou foi que outros as acharam agradáveis e lhe deram muitos elogios. Eles se maravilharam com o fato de um homem da Síria, educado originalmente na eloquência grega, ter mais tarde se tornado um surpreendente falante de latim e ser extremamente versado sobre assuntos relativos ao estudo da sabedoria. Tudo isso foi agradável para mim. Um homem que nem mesmo está presente é elogiado e amado. Esse amor sai da boca de quem louva e entra no coração de quem o ouve? Que nunca seja! Mas o amor de uma pessoa é aceso pelo de outra, e então, quando acreditamos que aquele que está proclamando seu louvor não tem engano em seu coração - isto é, que ele ama genuinamente a pessoa que está elogiando -, nós amamos aquele que é elogiado.

183 Agostinho apresenta estudos formais da estética, e limitou seu amor à beleza material e terrena. Consequentemente, ele não encontrou nenhuma maneira de subir das profundezas. De particular interesse em Agostinho são os padrões de ideia e expressão que ligam a composição entre pulchro et apto, bem como a primeira tentativa de ascensão intelectual a Deus, cujos estágios posteriores são exibidos de forma mais dramática em 7.10.16 , 7.17.23 , 9.10.24 -25, 10.6.8 - 10.27.38. O lugar da beleza nas obras de Agostinho é afetado por sua leitura de Plotino.

22. Era assim mesmo que eu amava as pessoas naqueles dias, confiando no julgamento de outras pessoas e não no Teu, meu Deus, em que ninguém se engana. Mas, então, por que meu amor por Hiério não era como o que alguém sente por um famoso cocheiro, ou por um lutador adorado pelas multidões? Era muito diferente, muito mais sério: elogiei-o exatamente como queria ser elogiado. Eu não queria ser elogiado e amado como os atores, embora eu mesmo os elogiasse e amasse; na verdade, preferia ser desconhecido do que ser famoso dessa forma, preferia ser odiado do que ser amado dessa forma. Onde estão esses vários e divergentes pesos de amor repartidos dentro de uma única alma?[184] Como é possível que eu ame em outra pessoa o que também odeio - pois eu odiaria e rejeitaria isso em mim mesmo - embora nós dois sejamos seres humanos? Um bom cavalo é amado por quem não gostaria de ser cavalo, mesmo que isso fosse possível. Mas não é o que devemos dizer a respeito de um ator que compartilha de nossa natureza. Amo então em um ser humano o que deveria odiar ser, embora eu também seja um ser humano? Nós, seres humanos, somos um grande mistério, embora Tu, ó Senhor, tenhas numerado os próprios cabelos da nossa cabeça, e em Ti eles não diminuam: e ainda assim os cabelos da nossa cabeça são mais fáceis de contar[185] do que as nossas afeições e os movimentos do nosso coração.

23. Contudo, aquele retórico era o tipo de homem que eu amava tanto que queria ser como ele. Estava me perdendo em meu orgulho, levado por todos os ventos, mas, da maneira mais oculta, Tu estavas no leme, guiando-me. Como é que eu sei, como é que Te confesso com tanta certeza, eu, que o amei mais pelo amor de quem o elogiava do que pelas coisas pelas quais foi elogiado? Se as pessoas tivessem dito as mesmas coisas sobre ele, mas com críticas e desprezo, nenhum amor por ele, nenhum entusiasmo teria se acendido em mim. No entanto, tudo o mais teria sido exatamente o mesmo, e o próprio homem não teria sido diferente; apenas as atitudes daqueles que me falaram dele teriam sido diferentes.

184 Para a imagem do amor como o peso da alma, consulte 13.9.10.

185 Mateus 10.30.

Olhe para esta alma frágil, ainda não compreendendo a solidez da verdade. Qualquer que seja a direção que sopre os ventos do coração de quem dá sua opinião, a alma é carregada por eles, e é virada para um lado e para outro, sendo o seu curso dirigido ora para um lado ora para o oposto. Tua luz está escondida pelas nuvens, e não se pode discernir a verdade, embora a olhe! A verdade está bem diante de nós.

Era uma questão de grande importância para mim que minha escrita e meus esforços devessem chamar a atenção daquele homem. Se ele os aprovasse, o fogo do meu amor cresceria ainda mais; mas, se ele desaprovasse, meu vão coração, vazio de sua solidez, teria ficado gravemente ferido. E, no entanto, fiquei feliz em trazer o belo e o adequado (o assunto dos livros que dedicara a ele) repetidamente diante de minha contemplação e fiquei extasiado, não me importando se alguém mais compartilhasse minha apreciação[186].

XV O PODER DA VERDADE E OS PRIMEIROS LIVROS

24. Mas eu ainda não tinha visto na Tua arte o pivô sobre o qual gira tão grande coisa, ó Todo-Poderoso, o único que faz maravilhas[187]. Era por meio das formas corpóreas que minha mente definia e distinguia o belo, que o era por si mesmo, por causa do encaixe, do que era adequado porque se acomodava a outra coisa; e foi nas coisas corpóreas que colhi meus exemplos. Voltei minha atenção para a natureza da mente, e a falsa opinião que eu tinha sobre as coisas espirituais me impediu de discernir a verdade. O próprio poder da verdade caiu sobre meus olhos, mas desviei minha mente lutando contra as coisas espirituais para recorrer às formas, cores e magnitudes crescentes e porque eu não podia ver as coisas espirituais na mente, concluí que não podia ver a mente. Ora, como na virtude amei a paz, enquanto no vício odiava a discórdia, observei que na virtude há unidade e no vício, divisão. E parecia-me que a mente

186 A expressão "fiquei extasiado, não me importando se alguém mais compartilhasse minha apreciação" (em latim, nullo conlaudatore mirabar) significa, literalmente "eu admirei, sem co-elogiador". A frase revela o isolamento intelectual de Agostinho quando ele superou seus colegas e contemporâneos.

187 Salmo 71.18 (Vulgata).

racional e a natureza da verdade e do bem supremo consistiam nessa unidade, enquanto a divisão da vida irracional constituía - de alguma forma que eu não conseguia entender - a substância e a natureza do mal supremo. Este mal supremo não era apenas uma substância; era uma coisa totalmente viva. E, no entanto, não foi de Ti, meu Deus, de quem são todas as coisas, tal opinião: essa era minha opinião miserável. Chamei essa unidade de "Mônada", como uma mente sem sexo, e à divisão, chamei-a de "Díade"[188], que era a ira nos crimes de violência, a luxúria nos pecados da paixão – mas eu não tinha ideia do que estava dizendo. Eu não sabia, não tinha aprendido que o mal não é uma substância, ou que nossa própria mente não é o bem supremo e imutável.

25. Da mesma forma como há crimes de violência quando um movimento vicioso da mente fornece o impulso para agir, que irrompe com insolência e violência; e como há pecados da paixão quando a afeição da alma se desprende e bebe profundamente dos prazeres carnais; assim também a própria mente racional é viciosa quando erros e falsas opiniões contaminam a sua vida[189]. E assim foi comigo naquela época: eu não sabia que havia outra luz que deveria estar iluminando minha própria mente para fazê-la participar da verdade. Pois minha mente não é a própria natureza da verdade. Pois és Tu que acendes a minha lâmpada, ó Senhor; Ó Deus, Tu fazes minha escuridão brilhar; e de Tua plenitude todos nós recebemos. Pois Tu és a verdadeira luz que ilumina todo ser humano que vem ao mundo[190], e em Ti não há variação, nem sombra de mudança[191].

26. Eu, porém, me apegava a Ti, e fui expulso de Ti para sentir o gosto da morte; pois Tu resistes aos soberbos[192]. O que de fato poderia mostrar maior orgulho do que afirmar em minha própria loucura surpreendente que eu era naturalmente o que Tu és? Pois eu era mutável

188 A distinção entre Mônada e Díade tem raízes no pitagorianismo. Três textos africanos do século V mostram o poder dessas ideias. O aluno de Agostinho em Cartago entre 376 e 383, Favônio Eulogius (Coleção Latomus 27), Macróbio e Marciano Capela.

189 Agostinho completa a tríade formada pela ambição mundana, luxúria da carne e concupiscência dos olhos ao estender a sua distinção entre crimes de violência e pecados passionais (vistos pela primeira vez em 3.8.16), adicionando erros da mente racional.

190 João 1.16-17.

191 Tiago 1.17.

192 Salmo 42.2 (Vulgata).

- como era evidente para mim pelo próprio fato de que realmente queria me tornar sábio e, assim, mudei de pior para melhor - mas preferia pensar que Tu também eras mutável, em vez de pensar que eu não era o que Tu és e por isso fui rejeitado.

Tu resististe à minha vaidade e à minha teimosia. Continuei imaginando formas corpóreas. Carne que eu era, acusei a carne, e meu espírito errante ainda não havia voltado para Ti. Vaguei por coisas que não são, nem em Ti, nem em mim, nem em um corpo, coisas que foram criadas por mim, não por Tua verdade, mas por minha própria vaidade, que as formou fora dos corpos. E disse aos Teus fiéis pequeninos, meus concidadãos[193], com os quais eu vivia no exílio, embora não soubesse disso, disse-lhes, divagando com o meu jeito impertinente: "Por que então a alma, que Deus fez, caiu em erro?" Mas eu não permitiria que ninguém me perguntasse: "Por que, então, Deus comete um erro?" Portanto, preferia argumentar que a substância imutável foi coagida ao erro, em vez de confessar que minha própria substância mutável se extraviou por conta própria e caiu no erro por sua própria punição.

27. Eu tinha talvez vinte e seis ou vinte e sete anos quando escrevi aqueles volumes[194], ponderando dentro de mim as ficções corporais que clamavam nos ouvidos do meu coração. Em meu pensamento sobre o belo e o adequado, meus ouvidos ouviam atentamente Tua melodia interior, ó doce Verdade. Estava ansioso para ficar quieto, ouvir-Te e alegrar-me intensamente com a voz do Noivo - mas não pude, porque fui arrastado para as coisas externas pelas vozes de meus próprios erros e afundei nas profundezas no peso de meu orgulho; pois não me fizeste ouvir falar de regozijo e alegria, nem os meus ossos exultaram, porque ainda não tinham sido humilhados[195].

193 Há, aqui, uma alusão a Efésios 2.19. Agostinho não está fazendo referência aos concidadãos de Tagaste, mas aos outros cristãos.

194 Por volta de 13 de novembro de 380-382, quando ele estava de volta a Cartago, onde ensinou por quatro ou cinco anos, dois ou três anos antes de partir para Roma. Perto do final dos 'nove anos 'ele se tornou maniqueu (5.6.10). Esse período terminou em cerca de 382-383.

195 Referência a 4.15.26-27.

XVI A obra de Aristóteles

28. Quando eu tinha cerca de vinte anos[196], peguei uma certa obra de Aristóteles chamada As Dez Categorias. Meu professor, o Orador de Cartago, e outros com reputação de eruditos demonstravam orgulho quando mencionavam esse livro; e, de alguma forma, concebi a ideia de que era uma grande e divina obra e, por isso, estava desesperadamente ansioso para lê-la. Eu li - por mim mesmo - e entendi. E que bem isso me fez?

Quando conversei sobre o trabalho com pessoas que diziam que mal conseguiam entendê-lo com a ajuda dos professores mais eruditos, que não só falavam, mas faziam muitos diagramas na areia, nada podiam me dizer sobre o trabalho que eu não tivesse aprendido apenas lendo sozinho. Na verdade, achei que o livro tratava de substâncias de maneira bastante direta, como os seres humanos; e as características das substâncias, como a forma de um ser humano: como ele é; seu tamanho: quantos metros de altura ele tem; sua relação familiar, de quem é irmão; ou onde ele está; ou quando ele nasceu; ou se ele está de pé ou sentado; ou se ele está usando sapatos ou armadura; ou se ele está fazendo ou passando por algo; e todas as inúmeras coisas que se enquadram nas nove categorias das quais dei exemplos, ou na própria categoria de substância[197].

29. Que bem isso me fez? Na verdade, fez-me mal, porque eu pensava que tudo estava inteiramente contido nessas dez categorias, e então tentei entender a Ti, meu Deus, que é maravilhosamente simples e imutável, como se fosse o sujeito de Tua própria grandeza e beleza, para que estivessem em Ti como sujeito, da mesma forma que a grandeza e a beleza estão em um corpo. No entanto, Tu mesmo és a Tua própria grandeza, Tua própria beleza, ao passo que um corpo não é grande e belo simplesmente pelo fato de ser um corpo - pois se fosse menos grande e menos belo, seria menos corpo? O que pensei sobre Ti era mentira, eram

196 Agostinho completou 20 anos em novembro de 374.

197 Existem várias maneiras de listar as categorias: de substantiis (= substantia), qualis sit (= qualitas), et statura (= quantiatas), cognatio (= relatio), ubi, quando, aut stet an sedeat (= positio), aut calciatus vel armatus sit (= habitus), aut aliquid faciat aut patiatur aliquid (= actio / passio).

as ficções de minha própria miséria, não o firmamento de Tua felicidade. Tu ordenaste - e assim foi feito em mim - que a terra produzisse espinhos e abrolhos para mim, e com dificuldade eu alcançaria o pão[198].

30. E que bem me fez, escravo desesperadamente perverso dos desejos malignos que eu era, ler e compreender por conta própria todos os livros de artes liberais que eu pudesse colocar as mãos? Alegrei-me com eles, mas não conhecia a Fonte de tudo o que neles era verdadeiro e certo. Estava de costas para a luz e meu rosto, para as coisas em que ela reluzia. Vi as coisas sobre as quais a luz estava brilhando, mas na face que eu virei para olhar nenhuma luz brilhou[199]. Sem grande dificuldade e sem necessidade de instrução humana, entendi tudo o que li sobre a arte de falar e raciocinar, sobre as dimensões das formas, sobre música e números.

Tu sabes disso, ó Senhor meu Deus, porque a rapidez do meu entendimento e a agudeza do meu discernimento são o Teu dom. Mas não ofereci nenhum sacrifício a Ti por essas coisas e, portanto, elas funcionaram mais em meu prejuízo do que em meu benefício. Trabalhei incansavelmente para manter esta parte muito boa de minha substância[200] sob meu próprio controle e não entreguei minhas forças a Ti para a protegeres. Em vez disso, viajei para longe de Ti, para um país distante, e desperdicei minha substância em desejos libidinosos.

O que essa coisa boa fez de bom para mim? Pois eu não estava fazendo bom uso disso. Na verdade, não percebi que mesmo alunos dedicados e talentosos achavam as artes liberais extremamente difíceis de entender até que tentei ensiná-las, e um aluno excepcional conseguiu acompanhar minha explicação sem ficar muito para trás.

31. Que bem me fez isso, que pensava que Tu, ó Senhor Deus, ó Verdade, eras um corpo imenso e resplandecente e que eu era um fragmento desse corpo? Que perversidade incrível! Contudo, eu era

198 Gênesis 3.18.

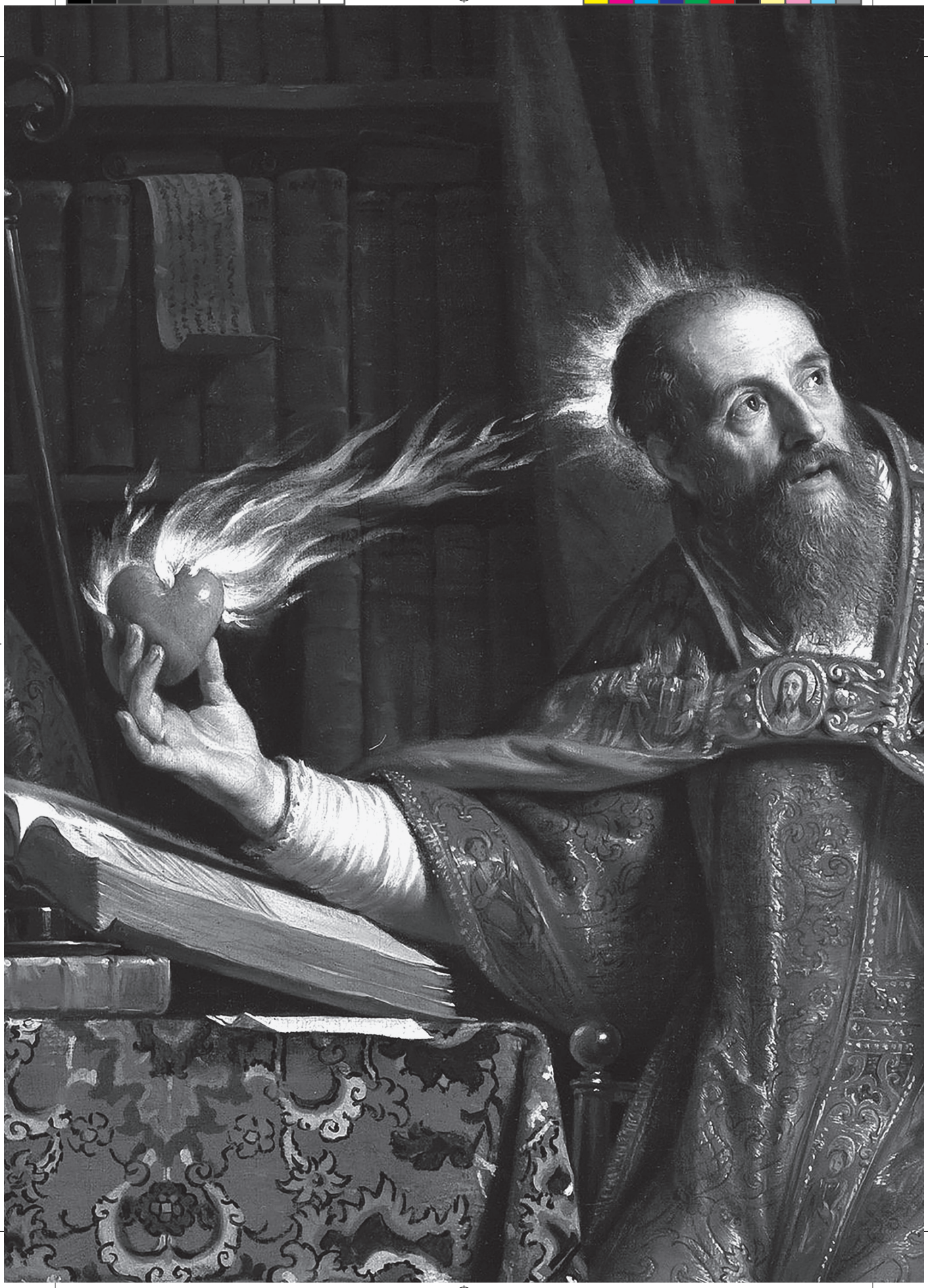
199 Plotino 5.5.7.16-19.

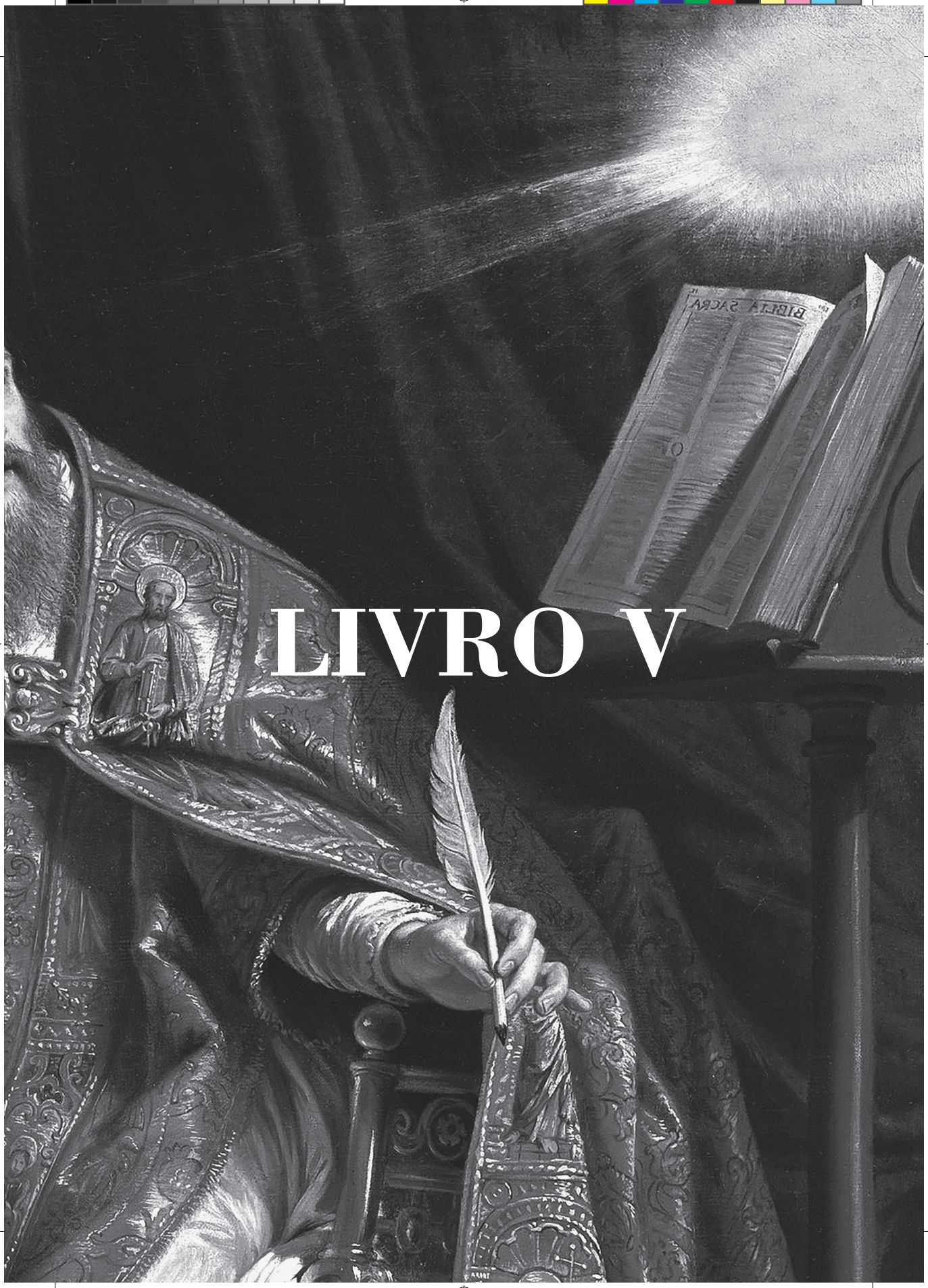
200 Em latim, o termo para substância é substantia, vocábulo que remete para a discussão em Categorias de Aristóteles, nas quais a substância é a categoria fundamental. Ao mesmo tempo, Agostinho alude à história do filho pródigo na próxima frase, visto que a palavra para "propriedade" está em frases da Vulgata como "Dá-me minha parte da propriedade" e "Ele desperdiçou sua propriedade". O termo empregado na Vulgata para propriedade é substantia.

assim, e não me envergonho, meu Deus, em Te confessar e dar graças por Tua misericórdia para comigo e para Te invocar - eu que naqueles dias não ruborizava ao professar minhas blasfêmias perante os outros e insistentemente Te insultar.

Que bem me fez naqueles dias ter uma mente adepta aos ensinamentos das artes liberais, desvendando as complexidades mais intrincadas desses livros sem a necessidade da ajuda de qualquer instrução humana, quando, em minha deformidade e maldade sacrílega, eu estava vagando longe do ensino da verdadeira piedade? Que mal causaram aos Teus pequeninos, às suas mentes muito mais preguiçosas, visto que não se afastaram de Ti, mas eram calouros a salvo no ninho da Tua Igreja, alimentando-se das asas da caridade com o alimento de uma fé sólida? Ó, Senhor nosso Deus, que possamos colocar nossa esperança sob a cobertura de Tuas asas; nos proteja e nos carregue! Tu carregarás Teus pequeninos, carregá-los-á até os cabelos grisalhos, pois, quando és tu a nossa força, há força de fato; mas, quando a força é somente nossa, então é fraqueza.

O bem está sempre vivo em Ti, e, porque nos afastamos desse bem, voltamos para a perversidade. Restaura-nos agora, Senhor, para que não Te voltemos as costas, porque em Ti o nosso bem está vivo, um bem do qual nada falta: porque este bem és Tu mesmo. Apesar de termos nos afastado de Ti, não temos medo de que não haja nenhum lugar para onde voltar; pois, embora possamos estar ausentes, nosso verdadeiro lar, Tua eternidade, não é derrubado.





LIVRO V

Prefácio do Tradutor: Da África à Itália

Agostinho, no livro V, depois de oferecer um prólogo (V.I.1-V. II.2), reflete novamente sobre a natureza da confissão e antecipa os temas da iniciativa divina e a busca de Deus que dominam este livro. Agostinho conta a história de seu vigésimo nono ano: relata como exerceu vários cargos de professor em busca de prestígio, dinheiro e melhores condições de trabalho, passando de uma filosofia e de um professor para outro em busca de um fundamento sólido. O livro V narra o início lento e inquieto de sua volta em direção a Deus. No início do livro, Agostinho ainda está em Cartago e ainda está cativado pelos maniqueus.

Agostinho descreve no livro V como os maniqueus ensinavam falsidades sobre o mundo natural e como os filósofos encontravam a verdade, mas falhavam em buscar o Autor da verdade. Agostinho menciona o bispo maniqueu Fausto, a quem fez perguntas, enquanto ensinava em Cartago (V.III.3-V.VII.13), e esperava obter respostas. As suas esperanças de que Fausto respondesse às suas perguntas (V.III.3-V.V.9) se mostraram infundadas (V.VI.10-V.VII.13), pois, no estilo grandiloquente do bispo maniqueu, a substância de seu ensino era pobre.

A desilusão de Agostinho com os maniqueus estava articulada em torno da crescente desconfiança de Agostinho na eloquência retórica. A ignorância de Fausto abalou sua fé. Agostinho, então, deixou Cartago e foi para Roma para avançar em sua carreira (V.VIII.14-V.XI.21), abandonando a sua mãe (V.VIII.15). Ele ficou gravemente doente ao chegar (V.IX.16-V.X.18) e perdeu a esperança de encontrar a verdade (V.X.19-V.XI.21).

Em Roma, Agostinho considerou os estudantes da cidade desonestos e se candidatou a um cargo de professor em Milão (V.XII.22). Ele alcançou o cargo, sendo recomendado por Símaco para ser mestre da retórica em Milão. Assim, ele se afastou dos maniqueus, embora isso não estivesse explícito para eles ou para Agostinho (V.XIII.23). No tempo em que esteve em Milão, Agostinho se encontrou com o bispo cristão Ambrósio, que tem o conteúdo que ele esperava acessar. Porém, ele, Agostinho, ao querer encontrar a verdade no maniqueísmo

ou no cristianismo, aprendeu com Ambrósio como interpretar passagens problemáticas do Antigo Testamento de forma figurada (V.XII.23–V. XIV.25). Mesmo com sua apatia, tornou-se um catecúmeno cristão - alguém que aprende sobre a fé cristã na preparação para o batismo - embora sua única afiliação intelectual na época fosse com os céticos, que duvidam de todos os fundamentos para obter conhecimento.

I - A importância das confissões

1. Aceita o sacrifício das minhas confissões, da mão da minha língua, que formaste, que despertaste para dar graças ao Teu Nome[201]. Cura todos os meus ossos e diga-lhes: "Senhor, quem é como Tu?"[202]

Os que confessam a Ti não Te ensinam o que se passa dentro deles, pois um coração fechado não se esconde dos Teus olhos, e nenhuma dureza humana é capaz de repelir o toque da Tua mão. Não, Tu o derretes quando quiser, seja mostrando misericórdia ou exigindo punição, e não há ninguém que possa se esconder do Teu calor ardente.

Mas deixe minha alma elogiar a Ti para que possa amar-Te; deixe-a dar graças a Ti por Teus atos de misericórdia, para que possa louvar-Te. Toda a Tua criação nunca cessa de Te louvar, nunca se cala ao cantar os Teus louvores: todo espírito cuja boca está voltada a Ti fala os Teus louvores, cada animal e cada coisa do corpo fala os Teus louvores pela boca de quem lhes dá atenção, para que nossa alma possa sacudir seu cansaço, apoiando-se nas coisas que Tu fizeste e passando delas para Ti, que fizeste essas coisas da maneira mais maravilhosa, e encontre em Ti um revigoramento e verdadeira força.

II - O Deus consolador

2. Deixa os ímpios que estão inquietos se afastarem de Ti e fugirem. Tu os vês e marcas suas sombras e vês que a totalidade das coisas que os incluem é bela, embora eles próprios sejam feios. Que mal fizeram a Ti? De que forma mancharam a beleza de Teus domínios, que são justos e perfeitos desde os céus até os lugares mais humildes? De fato, para onde fugiram quando fugiram de Tua face?[203] Onde Tu não consegues encontrá-los? No entanto, fugiram para não ver Quem os vê e, em sua cegueira, tropeçam em Ti - pois Tu não abandonas nada do

201 As palavras "confissões" e "agradecer" são provenientes em latim da mesma raiz (confessionum e confiteatur). O grande número de citações aos Salmos no livro 1 e no livro 5 indica o início de uma nova unidade estrutural.

202 Salmo 6.3 (Vulgata).

203 Salmo 138.7-8 (Vulgata).

que fizeste - para que os injustos que tropeçam em Ti sejam justamente atormentados; eles se afastam de sua gentileza apenas para tropeçar em sua retidão e cair em sua severidade. Não sabem que Tu estás em toda parte; nenhum lugar Te confinas e só Tu estás presente mesmo para aqueles que se afastam de Ti. Deixa-os voltar e procurar-Te; pois não abandonaste Tuas criaturas como elas abandonaram seu Criador. Deixa que se voltem para Ti. E eis que estás nos seus corações, nos corações daqueles que Te confessam, jogam-se aos Teus braços e choram no Teu peito quando chegam ao fim dos seus difíceis caminhos. És gentil com eles e enxuga suas lágrimas[204]; eles choram ainda mais e se regozijam em seu choro, pois és Tu, ó Senhor - não qualquer ser humano, de carne e osso, mas Tu, ó Senhor - que os torna novos e os consola. E onde eu estava quando estava Te procurando? Tu estavas bem na minha frente, mas eu havia me afastado. Não conseguia encontrar nem a mim mesmo, quanto mais a Ti.

III - O BISPO MANIQUEU

3. Aos olhos de meu Deus, contarei a história de meu vigésimo nono ano[205]. Um certo bispo maniqueu, de nome Fausto, acabara de chegar a Cartago. Ele era uma grande armadilha do diabo; seu discurso suave e vitorioso atraiu a muitos e os prendeu. Eu era um grande admirador da eloquência, é claro, mas sabia a diferença entre a eloquência e a verdade em relação aos assuntos que estava ansioso para aprender. O que me importava era o banquete de conhecimento que esse célebre Fausto deles me ofereceria, não o estilo de linguagem em que ele o serviria. Já ouvira falar de sua reputação: ele era, diziam, extraordinariamente versado em todos os campos de valor genuíno e particularmente erudito nas artes liberais. Como eu tinha lido e memorizado muitos ditos dos filósofos e ainda me lembrava deles, comparei-os àquelas fábulas intermináveis dos maniqueus e me pareceu que aquilo que os filósofos tinham a dizer era

204 Isaías 25.8.

205 Entre 13 de novembro de 382 e 13 de outubro 383. A datação por sua idade conecta esta passagem àquelas anteriores e inferiores que marcam seu progresso no maniqueísmo (3.4.7). Agostinho tinha 18 anos quando se tornou maniqueus, e permaneceu na seita dos dezoito aos vinte e sete anos.

mais provável, embora sua habilidade se estendesse apenas o suficiente para que pudessem avaliar este mundo presente[206]; eles não podiam, de forma alguma, descobrir seu Senhor. Grande és Tu, Senhor, e olhas com graça para o que é humilde, mas percebe de longe a quem é muito exaltado[207]. Somente daqueles cujos corações estão contritos Tu Te aproximas; os orgulhosos não Te encontram, nem mesmo aqueles que, em sua intrometida perícia, numeram as estrelas, e a areia, e medem os domínios dos céus, e seguem os caminhos das constelações.

4. Com suas mentes, procuram essas coisas e, com o brilho que Tu lhes deste, fizeram muitas descobertas. Muitos anos atrás, previram eclipses do sol e da lua - em que dia e a que horas eles aconteceriam; quanto seria eclipsado - e seus cálculos não os enganaram. Tudo aconteceu exatamente como previram, e eles escreveram as regras que suas investigações haviam revelado. Esses escritos são lidos até hoje, e, com base neles, as previsões são feitas sobre o ano, o mês, o dia do mês, a hora do dia e quão grande será a luz do sol ou da lua eclipsada; e isso vai acontecer exatamente como previsto. As pessoas ficam maravilhadas com essas coisas: aqueles que não têm conhecimento delas ficam perplexos, e aqueles que têm conhecimento se gabam disso e ganham grande renome. Por seu orgulho não religioso, afastam-se de Tua luz e a eclipsam. Preveem o eclipse do sol muito antes que aconteça, mas não veem seu próprio eclipse, mesmo enquanto ele está ocorrendo. Eles não questionam religiosamente a origem da engenhosidade com que investigam essas coisas e, descobrindo que Tu as deste a eles, não se entregam a Ti, para que mantenhas o que fizeste, nem Te oferecem como um sacrifício o que fizeram por si mesmos. Não matam sua arrogância como pássaros do céu, nem matam suas curiosidades como peixes no mar, com os quais percorrem os caminhos secretos do abismo[208], nem como ovelhas do campo suas luxúrias, para que Tu, Deus que estás a devorar com o fogo, destine Teus cuidados aos mortos e os recrie para a imortalidade[209].

206 Sabedoria 13.8-9.

207 Salmo 95.4 (Vulgata), 144.3 (Vulgata), 137.6 (Vulgata) e Lucas 18.14.

208 Salmo 8.8-9 (Vulgata).

209 Ver 5.1.1.

5. Mas eles não conhecem o Caminho, a Tua Palavra, através da qual Tu fizeste as coisas que eles contam e aquilo que eles numeraram, e o sentido que eles percebem nas coisas que contam, e a mente por meio da qual eles contam; mas, para a Tua sabedoria, não há medida[210]. Em vez disso, o seu Unigênito se tornou para nós sabedoria, justiça e santificação; ele foi contado entre nós e prestou homenagem a César[211]. Eles não conhecem esse Caminho, pelo qual podem descer de si mesmos para Ele e, por Ele, ascender a Ele. Eles não conhecem esse Caminho e supõem que são elevados, entre as estrelas e as luzes celestiais; mas na verdade eles caíram pesadamente na terra, e os seus corações tolos estão obscurecidos[212]. Dizem muitas coisas verdadeiras sobre a criação, mas não procuram piedosamente a Verdade, o Criador da criação e por isso não Te encontram[213]: ou, se encontram, embora conheçam a Deus, não o honram como Deus ou dão graças a ele, mas se tornam fúteis em seus pensamentos. Dizem-se sábios ao atribuir a si mesmos o que pertence a Ti e então continuam a partir daí - tão extraordinariamente perversa é a sua cegueira - para atribuir a Ti o que lhes pertence, juntando as mentiras a Ti, que é a Verdade, e mudando a glória do Deus incorruptível à semelhança de uma imagem de seres humanos e pássaros corruptíveis, e bestas, e répteis. Eles transformam sua verdade em mentira e adoram e servem à criatura em vez do Criador[214].

6. Não obstante eu tivesse em mente as muitas conclusões verdadeiras a que chegaram a partir da própria criação, aí encontrei uma explicação racional baseada em números, na ordem dos tempos e nas manifestações visíveis das estrelas. Comparei isso com os ditos de Mani[215], que, em sua loucura[216], escreveu prolixamente sobre tais assuntos, e não encontrei nenhuma explicação racional de solstícios e

210 Salmo 146.5 (Vulgata).

211 A expressão "mas para a Tua sabedoria não há medida" é, em latim et sapientiae tuae non est numerus. A mesma expressão é citado em 1.1.1.

212 Romanos 1.21.

213 Alusão a Mateus 7.7.

214 O final do parágrafo cita e expande Romanos 1.21-25.

215 Fundador da seita maniqueísta.

216 Em latim, delirans. Agostinho chama de loucura o comportamento dos maniqueus (3.6.10) e dos matemáticos (7.6.8 e 7.6.10).

equinócios, ou de eclipses, ou de qualquer fenômeno semelhante que eu havia aprendido nos livros de sabedoria secular. Entre os maniqueus, disseram-me simplesmente que devo acreditar: as explicações racionais confirmadas por números e por meus próprios olhos não foram encontradas em lugar nenhum, e o que me foi dito, em vez disso, era muito diferente.

IV - A fé divina e a ciência humana

7. Senhor Deus da verdade[217], aqueles que conhecem essas coisas agradam a Ti simplesmente porque as conhecem? Certamente não. Na verdade, miseráveis são aqueles que sabem todas essas coisas, mas não Te conhecem; mas felizes são aqueles que Te conhecem, mesmo que não saibam dessas coisas. E aqueles que Te conhecem e também as outras coisas, não são mais felizes por causa delas. Não, eles só ficam felizes por Tua causa, conhecendo a Ti como Tu és, eles Te glorificam, agradecem e não se tornam fúteis em seus pensamentos. Alguém que possui uma árvore e dá graças pelo benefício que tem dela, mesmo que não saiba quantos metros de altura ela tem ou quão larga é sua copa, está em melhor situação do que alguém que mede a árvore e enumera todos os seus ramos, mas não possui ou conhece e ama seu Criador. E assim é com os seres humanos fiéis, cujas riquezas abrangem o mundo inteiro[218], e que, como nada tendo, ainda possuem todas as coisas apegando-se a Ti, a quem todas as coisas servem. Eles podem não conhecer nem mesmo os caminhos da Ursa Maior, mas seria tolice duvidar que estão em melhor situação do que alguém que mede os céus, conta as estrelas e pesa os elementos, mas não dá atenção a Ti, que organizou todas as coisas por medida, número e peso.

217 Salmo 30.6 (Vulgata).

218 Há aqui uma citação a Provérbios 17.6 conforme a Vetus Latina. Agostinho utiliza o verso dessa versão com uma ressonância adicional do termo "fiéis" (fidelis) – ou seja, os cristãos batizados.

V - A divindade de Mani

8. E, além disso, quem pediu a esse tal Mani que escrevesse todas essas coisas? Ninguém precisa de especialização nelas para aprender a piedade. Tu disseste à humanidade: "Eis que a piedade é sabedoria"[219]. Mesmo que Mani tivesse entendido essas coisas perfeitamente bem, ele ainda poderia ter ignorado a piedade: mas ele nada sabia sobre elas e, por isso, foi extraordinariamente presunçoso da parte dele ensiná-las; portanto, ele também não poderia conhecer a piedade. Professar essas coisas - mesmo quando se sabe - é vaidade; confessar a Ti é piedade. Ele, desviando-se do caminho da piedade, falou longamente sobre essas coisas, expondo-se, assim, como um charlatão a todos que haviam aprendido a verdade sobre elas, e deixou bem claro que a sua opinião valeria para temas mais obscuros. Certamente não se contentava em ser desprezado: procurava, de fato, persuadir as pessoas de que o Espírito Santo, Consolador e Enriquecedor dos seus fiéis, estava nele, pessoalmente e com plena autoridade. Então, quando ele foi pego falando falsidades sobre o céu, as estrelas, e os movimentos do sol e da lua, suas divagações desavergonhadas foram reveladas como o cúmulo do sacrilégio: não porque essas questões façam parte da doutrina religiosa (pois não fazem), mas porque falava de coisas que não sabia - até mesmo falava mentiras - com um orgulho tão insanamente enganador que procurou atribuí-las a si mesmo, como se fosse uma pessoa divina.

9. Quando ouço outros cristãos falando ignorante e erroneamente sobre essas coisas, eu os tolero pacientemente por expressar suas opiniões. Nem mesmo acho que lhes faça mal ignorar a estrutura e o arranjo da criação material, desde que não acreditem em nada indigno de Ti, ó Senhor, Criador de todas as coisas[220]. No entanto, faz mal a eles se supuserem que esses assuntos são uma parte essencial dos ensinamentos da fé e se têm a ousadia de fazer afirmações obstinadas sobre tópicos dos quais nada sabem. Mesmo assim, a caridade, nossa mãe, oferece apoio e força para tal fraqueza naqueles que ainda estão na infância de sua fé, até

219 Jó 28.28.

220 Alusão a Ambrósio, Hinos 1.2.1.

que o novo homem[221] se levante e se torne um homem maduro que não pode mais ser carregado por todos os ventos de doutrina. No entanto, esse homem - que se estabeleceu como mestre, como autoridade, como guia e líder daqueles que havia conquistado para o seu lado - ousou se apresentar de forma que seus discípulos acreditassem que estavam seguindo, não apenas um ser humano, mas o Espírito Santo. Quem, então, ao descobrir que havia falado mentiras, não julgaria que tal loucura absoluta deveria ser desprezada e inteiramente rejeitada? Eu ainda não tinha trabalhado com a certeza de que havia alguma maneira de explicar por que dias e noites se tornam mais longos ou mais curtos e por que há dia e noite, por que há eclipses e outras coisas que li em outros livros, de uma forma consistente com o que ele havia escrito. Se pudesse fazer isso, permaneceria uma questão em aberto para mim se Mani estava certo ou os astrônomos estavam certos; e, então, eu favoreceria Mani por causa de sua reputação de santidade.

VI - A encantadora oratória de Fausto

10. Por quase todos os nove anos em que fui um ouvinte entre os maniqueus, enquanto minha mente se desviava, esperava com intenso[222] desejo a chegada de Fausto. Quaisquer outros maniqueus que eu pudesse ter encontrado que não conseguiriam responder às perguntas que fiz sobre essas coisas, mas me prometeram que, quando Fausto viesse, e eu tivesse a oportunidade de conversar e falar com ele, ele responderia a essas perguntas com a maior facilidade. E, se eu, por acaso, tivesse outras perguntas ainda mais difíceis para ele, as suas explicações resolveriam todas as minhas dúvidas. Então ele veio, e vi um homem encantador, com uma maneira encantadora de falar; mas ele disse exatamente as mesmas coisas que o resto deles sempre dizem, apenas com mais suavidade e fluência. Eu estava com sede; então, de que adiantou ter um garçom bem vestido me servindo com vasilhas caras? Meus ouvidos já estavam

221 Efésios 4.24.

222 Há, aqui, um eco de Filipenses 3.13.

fartos de tais coisas, o que não me parecia melhor só porque eram bem ditas ou verdadeiras porque eram expressas com eloquência; nem achei que sua alma fosse sábia apenas porque suas feições eram agradáveis e a sua fala, elegante.

Aqueles que me fizeram tais promessas sobre ele eram péssimos juízes de como as coisas realmente eram: consideravam-no inteligente e sábio, porque sua maneira de falar lhes dava muito prazer. No entanto, também tive a experiência de um grupo bastante diferente de pessoas, que suspeitam da própria verdade e se recusam a aceitá-la se for apresentada em uma linguagem rica e bem adornada. Mas Tu, meu Deus, já me tinhas ensinado de maneiras maravilhosas e ocultas; portanto, aprendi contigo que não devo pensar que algo é verdadeiro só porque é dito com estilo, ou falso só porque as palavras que o expressam caem desajeitadamente dos lábios de alguém; nem ao contrário, algo é verdadeiro apenas porque é expresso de forma desajeitada ou falso apenas porque a linguagem é bela. E por que eu acredito que foi Tu quem me ensinaste isso? Porque é verdade. Não há nenhum professor da verdade além de Ti, onde e como essa verdade pode ter se tornado clara. Em vez disso, a sabedoria e a loucura são como os alimentos saudáveis e os prejudiciais; as palavras elegantes e as simples; as travessas de prata e as baixelas de barro[223] ou qualquer tipo de comida que pode ser servida em qualquer tipo de prato.

11. A ansiedade com que eu havia esperado esse homem por tanto tempo certamente foi gratificada pela forma que ele se conduzia na discussão, pelo espírito com que se engajava nela e pelas palavras adequadas e frases bem elaboradas que vinham tão facilmente para ele. Fiquei maravilhado e, junto com muitos outros, até mais, na verdade, do que muitos outros, elogiei-o e falei dele com entusiasmo. No entanto, fiquei aborrecido por não ter podido dirigir-me a ele na presença de uma audiência para partilhar as questões que me preocupavam e para que pudéssemos debater como iguais, desfrutando do dar e receber da discussão. Finalmente tive a oportunidade de falar com ele, na companhia de alguns amigos, em um momento apropriado para uma discussão

223 A expressão "travessas de prata e baixelas de barro" é a tradução da expressão latina vasis urbanis et rusticanis. Seria possível traduzir "vasos da cidade e do campo". Ver ainda, a expressão "vasos escolhidos e preciosos" de 1.16.26.

genuína, e apresentei algumas das questões que me atormentavam. E o que encontrei foi um homem cujo conhecimento das artes liberais se estendia apenas até a literatura e, mesmo assim, da maneira mais comum e convencional. Ele tinha lido alguns dos discursos de Cícero, alguns livros de Sêneca e alguns dos poetas, junto com quaisquer escritos de sua própria seita que estavam em latim e bem escritos; e ele os usava, junto com suas oportunidades diárias de falar em público, para preencher sua eloquência, que se tornava ainda mais gratificante - e sedutora - pelo uso criterioso de seus dons intelectuais e por um certo encanto natural.

Foi assim como eu me lembro, ó Senhor meu Deus, Juiz de minha consciência? Meu coração e minha memória estão abertos a Ti, que desde então operas em mim pela Tua secreta e oculta providência, pondo diante dos meus olhos[224] os meus erros desonrosos para que eu os visse e odiasse.

VII - O desencanto com o Maniqueísmo

12. Assim que ficou claro para mim que ele precisava de conhecimento nas mesmas artes nas quais eu pensava que se destacaria, comecei a perder a esperança de que ele seria capaz de esclarecer os assuntos que me incomodavam e de resolver minhas dificuldades. É claro que ele poderia ignorar esses assuntos e ainda manter a piedade genuína se ao menos não fosse um maniqueu. Seus livros estão cheios das fábulas intermináveis sobre o céu e as estrelas, o sol e a lua, e eu queria muito apresentar-lhe os cálculos que havia lido em outro lugar e depois perguntar se os relatos encontrados nos livros dos maniqueus eram verdade ou não; ou se pelo menos havia alguma explicação igualmente convincente, que pudesse ser extraída de suas obras. Entretanto, não tinha mais confiança de que ele poderia dar uma resposta sofisticada. Mesmo assim, apresentei o tema como algo a ser considerado e discutido; ele, modestamente, recusou-se a aceitar o desafio. Sabia que não tinha conhecimento de tais coisas e não tinha vergonha de admitir isso. Não

224 Salmo 49.21 (Vulgata).

era uma daquelas pessoas tagarelas[225] - já suportei tantas delas - que tentam me ensinar sem conseguir dizer nada. Não, ele tinha um coração e, embora não fosse correto para Ti, também não era desprotegido para consigo mesmo. Ele não era de forma alguma ignorante de sua própria ignorância e não queria se envolver de forma imprudente em discussões nas quais não poderia ter sucesso e das quais não poderia se retirar graciosamente. Por isso também eu o admirei ainda mais. A modéstia de uma mente que reconhece suas limitações é mais bela do que as coisas que eu desejava saber. Encontrei nele essa modéstia em relação a todas as questões de grande dificuldade e sutileza.

13.Assim interrompi meu estudo planejado dos escritos maniqueístas. Já que aquele renomado Fausto[226] apareceu e se mostrou ignorante nas questões que mais me preocupavam, perdi qualquer esperança de que outros professores maniqueístas pudessem fazer melhor. Comecei a passar muito tempo com ele por causa de seu grande interesse pelos estudos literários que naquela época eu ensinava a adolescentes na qualidade de orador de Cartago. Juntos lemos livros que ele estava interessado em ler ou que achei apropriados para o seu estado de espírito, mas isso foi tudo. Conhecê-lo aniquilou quaisquer esforços posteriores de minha parte para avançar naquela seita, embora eu não rompesse com eles completamente. Em vez disso, como ainda não havia encontrado nada melhor, decidi temporariamente me contentar com o empreendimento em que eu havia caído sem pensar até que talvez uma escolha melhor pudesse se tornar clara. Desse modo, Fausto, que era uma armadilha mortal[227] para muitos, começou a soltar a armadilha que me prendia embora eu nem desejasse, nem soubesse disso.

Nas operações ocultas de sua providência, ó meu Deus, Tuas mãos não abandonaram minha alma, e, pelo sangue do coração de minha mãe, um sacrifício de lágrimas estava sendo oferecido a Ti por minha causa dia e noite.

225 Agostinho mais uma vez utiliza o termo latino loquaces, como visto em 1.5.4.

226 A expressão "aquele renomado Fausto" (em latim, ille nominatus) indica um trocadilho. Primeiro, ele tinha um nome notável no sentido de uma grande reputação. Segundo, Fausto, que significa "sortudo", era um nome notável e inusual entre os cristãos.

227 Salmo 17.6 (Vulgata).

Tu agiste em mim de maneira maravilhosa, pois diriges nossos passos e escolhes nossos caminhos[228]. E o que traz saúde e salvação? Apenas Tua mão, que torna novas as coisas que fizeste.

VIII - Viajando para Roma

14. Foi, portanto, pela Tua obra em mim que fui persuadido a ir a Roma e a ensinar lá o que ensinava em Cartago. Não deixarei de Te confessar as razões pelas quais fui persuadido a fazê-lo, porque o afastamento da Tua infinita elevação e a íntima presença da Tua misericórdia em nós são dignos de serem ponderados e proclamados. Os amigos que me persuadiram prometeram-me uma renda maior e maior dignidade, mas não foi por esses motivos que decidi ir a Roma, embora eles tivessem seu apelo para mim na época. Não, o principal motivo - praticamente o único - foi que ouvi que os alunos em Roma se comportavam melhor e eram mantidos sob controle por uma disciplina mais rígida: não irrompiam descaradamente em aulas oferecidas por um professor que não era deles e, na verdade, não tinham permissão para entrar a menos que o professor desse permissão. Em Cartago, por outro lado, os alunos desfrutam de uma liberdade nojenta e irrestrita. Interferem imprudentemente, com olhares quase enlouquecidos em seus rostos, e jogam no caos as instruções ordeiras que o professor criou para garantir que seus alunos progridam. Com espantosa grosseria, causam grande dano. Deviam ser punidos de acordo com as leis, mas o costume dá sua aprovação. Mostram-se ainda mais miseráveis ao fazer, como se fosse permitido, o que Tua lei eterna jamais permitirá. Pensam que estão agindo com impunidade, quando, na verdade, a própria cegueira com que fazem essas coisas é o seu castigo, e o que sofrem é incomparavelmente pior do que o que fazem.

Por isso, fui forçado, como professor, a tolerar um comportamento da parte dos outros que me recusei a adotar quando era estudante. Então, estava decidido a ir a um lugar onde, como todos os bem informados me disseram, tais coisas não fossem feitas. Mas foste Tu a minha esperança

228 Salmo 36.23 (Vulgata).

e o meu quinhão na terra dos viventes[229], que, para a salvação da minha alma, me induziste a mudar de uma terra para outra. Foste Tu que aplicaste os aguilhões com que fui expulso de Cartago e me apresentaste os motivos que me atraíram a Roma. Tudo isso mostraste-me por meio de pessoas que amam esta vida mortal; algumas fazendo obras de loucura, outras prometendo ninharias e vaidade. E, para corrigir meus passos, Tu estavas secretamente usando tanto a perversidade deles quanto a minha. Aqueles que estavam destruindo minha paz estavam cegos em sua repugnante loucura, e aqueles que me prometiam paz em outro lugar tinham suas mentes voltadas para as coisas terrenas[230]. No entanto, embora detestasse a miséria genuína que sofri em Cartago, ainda desejava a falsa felicidade que me foi prometida em Roma.

15. Tu sabias, meu Deus, por que saí de Cartago e fui a Roma. Não revelaste o motivo para mim ou para minha mãe, que chorou copiosamente por causa de minha partida e me seguiu até o mar. Ela se agarrou a mim com todas as suas forças, implorando para que eu ficasse ou permitisse que ela fosse comigo, mas eu a enganei. Fingi que tinha um amigo que não queria deixar até que o vento mudasse e ele pudesse zarpar: menti para minha mãe, e para uma mãe assim! E escapei, porque, em Tua misericórdia, até isso me perdoaste, salvando-me das águas do mar, embora eu tivesse manchas detestáveis[231], até chegar às águas da Tua graça, para que, por elas, lavado, secassem os rios dos olhos de minha mãe, com os quais, todos os dias, na Tua presença, ela regava a terra por mim sob o seu rosto. Na época ela se recusou a ir para casa sem mim, e eu mal consegui convencê-la a ficar aquela noite em um memorial de São Cipriano, que ficava bem perto de nosso navio. Durante a noite, parti em segredo, sozinho. Ela permaneceu onde estava, orando e chorando. E o que ela Te pedia, meu Deus, com tantas lágrimas? Apenas isto: que Tu não me permitisses navegar. Tu estavas ouvindo com atenção

229 Salmo 141.6 (Vulgata).

230 Agostinho descreve como os maniqueus o estavam encorajando a se mudar para Roma. Além disso, os maniqueus acreditavam que Cristo não foi genuinamente crucificado (5.9.6), e criam que seus eleitos convertiam o alimento em partículas de Deus (3.10.18, 4.1.1). Agostinho nos diz aqui quais eram as coisas terrenas nas quais as mentes de seus amigos estavam estabelecidas: circunstâncias mais tranquilas para seguir sua carreira, com uma renda melhor e mais prestígio.

231 A expressão "manchas detestáveis" (em latim, sordes), aludem às manchas que serão removidas no batismo, citadas em 1.1.17. Por isso, Agostinho fala a seguir das "águas da Tua graça".

o que realmente estava em seu desejo e, em Tua profunda sabedoria, não atendeu ao que ela estava pedindo a Ti naquele momento para que pudesses fazer de mim o que ela sempre pedia.

O vento soprou e encheu nossas velas. A costa sumiu de nossa vista, e, naquela manhã, ela estava louca de tristeza. Encheu os Teus ouvidos com censuras e lamentações, mas Tu não tinhas consideração por elas, porque estavas me arrastando para longe com meus próprios desejos desordenados a fim de acabar com esses mesmos desejos. E Tu a punias, com justiça, com o látego da pena por seu afeto mundano demais. Como todas as mães, muito mais do que muitas, ela amava minha presença com ela e não sabia que alegrias Tu irias trazer-lhe durante minha ausência. Ela não sabia; então, chorou e lamentou. Sua agonia deu testemunho dos resquícios de Eva que permaneceram nela: buscou nas lágrimas aquele que com lágrimas deu à luz. E, no entanto, quando terminou de clamar contra minhas decepções e minha crueldade, rogou a Ti por minha causa e voltou à sua vida normal, enquanto fui para Roma.

IX - A enfermidade

16. Ao chegar a Roma, fui açoitado com o látego de uma doença corporal e estava a caminho do inferno[232], carregando comigo todos os erros que havia cometido contra Ti, contra mim mesmo e contra os outros; muitos e graves erros além e acima da escravidão do pecado original por meio do qual todos nós morremos em Adão[233]. Tu ainda não tinhas me perdoado em Cristo por nenhum dos meus pecados, e Ele ainda não tinha quebrado com Tua cruz a inimizade que eu causara por meio de meus pecados[234]. Como se poderia quebrar essa inimizade por meio da cruz de um fantasma, que é o que eu acreditava sobre Ele naquela época? A morte de minha alma era real, tão real quanto eu supunha que a morte de Seu corpo era falsa; e, por mais real que fosse a morte de Seu corpo, tão falsa era a vida de minha alma, que não me

232 Atos 7.9 (Vulgata).

233 Romanos 5.12-14. Ver ainda 1.15.22.

234 Efésios 2.16.

permitia acreditar nisso. Minha febre foi piorando, e eu estava a ponto de partir e morrer. E para onde eu teria ido se tivesse partido daqui? Onde mais, senão para o fogo, para os tormentos que, na verdade de seu governo, eram adequados aos meus atos? Minha mãe nada sabia disso, mas orou por mim na minha ausência; e vós, que estais em toda parte, ouvistes de onde ela estava e tivestes piedade de mim onde eu estava, para que recuperasse a saúde do meu corpo, embora continuasse doente no meu coração sacrílego. Apesar de tão grande perigo, eu não desejava o teu batismo: fui melhor quando menino, quando apelava para a piedade de minha mãe e implorava pelo batismo, como me lembrei e já confessei[235]. Não, eu havia crescido em minha desgraça e, na minha loucura, zombei do remédio que Tu prescreveste. Ainda assim, não me permitiste morrer a segunda morte em tal estado[236]; isso teria ferido tanto o coração de minha mãe que ela nunca teria se recuperado. Não posso expressar adequadamente a profundidade de seu amor por mim e com quanto cuidado ela trabalhou para me dar à luz pelo espírito muito mais do que pela carne[237].

17. Então, não vejo como ela poderia ter se recuperado se minha morte em tal estado a tivesse apunhalado em seu próprio coração. E o que seria de suas orações fervorosas, que derramava abundantemente e sem cessar?[238] Estariam contigo e em nenhum outro lugar. Desprezarás, ó Deus da misericórdia, o coração humilde e contrito de uma viúva casta e sóbria que foi generosa em dar aos pobres, que foi misericordiosa com os Teus santos, que os serviu, que não deixou passar um dia sem trazer a Tua oferta ao Teu altar e que duas vezes por dia, de manhã e à noite, ia sem falta à Tua igreja, não para ouvir comentários e conversas vazias, mas para que ela pudesse ouvir Tuas palavras e para que Tu pudesses ouvir as suas orações? Suas lágrimas não pediam prata e ouro, ou qualquer bem frágil ou fugaz, mas a salvação de seu filho; e foi pelo Teu dom que ela agiu assim. Tu, então, desprezarias as lágrimas dela e Te negarias a ajudar? Ao contrário, Tu estavas presente com ela e ouviste as suas

235 Referência a 1.11.17.

236 Apocalipse 20.14.

237 Gálatas 4.19.

238 1 Tessalonicenses 5.17.

orações, fizeste tudo na ordem em que havias predestinado que fosse feito. Longe de Ti querer enganá-la nas visões e respostas que deste a ela - aquelas que já anotei por escrito e aquelas que não tenho. Ela guardava em seu coração fiel e sempre instou contigo em suas orações como promessas feitas com sua própria caligrafia[239]. A Tua misericórdia dura para sempre[240], e, assim, por Tuas promessas, Tu Te tornas graciosamente um devedor daquelas cujas dívidas perdoas totalmente[241].

X - O maniqueísmo e o ceticismo acadêmico

18.Tu me curaste daquela doença e salvaste o filho da Tua serva[242]: salvaste-me, por enquanto, no meu corpo, para me preservar para a melhor e mais verdadeira salvação que me darás. Naquela época, em Roma, associei-me com aqueles santos falsos e enganadores, não apenas com seus ouvintes, um dos quais era o homem em cuja casa eu tinha estado doente e fui recuperado, mas também com aqueles a quem chamam de eleitos. Eu ainda pensava que não somos nós que pecamos, mas sim que alguma natureza estranha, não sabia qual, que peca em nós. Satisfazia o meu orgulho não ter culpa e, quando fazia algo mau, não confessava que o tinha feito, para que a minha alma fosse curada, porque tinha pecado contra Ti. Em vez disso, gostava de me desculpar e acusar outra coisa, não sabia o quê, que estava comigo, mas que não era eu. Na verdade, era eu, totalmente eu, e minha impiedade, que me dividiu contra mim mesmo. Meu julgamento de que eu não era um pecador era em si um pecado ainda mais incurável, uma iniquidade detestável: preferia acreditar que Tu, Deus Todo-Poderoso, foste vencido dentro de mim em meu detrimento do que ser vencido por Ti para minha salvação. Tu ainda não tinhas posto uma guarda diante de minha boca ou guardado a porta de meus lábios, para que meu coração não se inclinasse a palavras más, para perdoar meus pecados na companhia daqueles que

239 Colossenses 2.13.

240 Salmo 117.1 (Vulgata).

241 Mateus 18.32.

242 Salmo 85.16 (Vulgata).

praticam a iniquidade; e, por isso, eu ainda era companheiro dos eleitos. Àquela altura, eu já havia perdido qualquer esperança de poder avançar naquele falso ensino[243]; ainda assim, decidi me contentar com isso, se não encontrasse nada melhor, embora me apegasse a ele com cada vez mais relutância e sem entusiasmo.

19. Na verdade, comecei a pensar que os filósofos que são chamados de Acadêmicos eram mais sensatos do que os demais. Eles sustentavam que todas as coisas deveriam ser questionadas e ensinavam que os seres humanos não podem conhecer nenhuma verdade com certeza. Parecia claro para mim, assim como a opinião popular sustentava, que esse era o ensino deles. Ainda não havia entendido o que realmente significavam, tampouco deixei de conter o entusiasmo excessivo que percebi que meu anfitrião nutria pelos contos selvagens que enchem os livros dos maniqueus. Mesmo assim, mantinha amizades mais próximas entre eles do que com outros que não pertenciam a essa heresia. Não os defendia mais com o espírito combativo que demonstrara no início, mas o meu bom relacionamento com eles - e há muitos deles escondidos em Roma - me deixou bastante reticente para procurar outra coisa, especialmente porque eu não tinha esperança em tudo o que pude encontrar sobre a verdade em sua Igreja, ó Senhor do céu e da terra[244], Criador de todas as coisas visíveis e invisíveis[245]; pois eles me voltaram contra a Tua Igreja. Pareceu-me totalmente desprezível acreditar que Tu assumiste a natureza da carne humana e estiveste limitado como nós pela forma de um corpo. E, quando tentava pensar em meu Deus, não sabia como pensar em nada além de uma massa corporal, pois não pensei que existisse nada que não fosse corporal, e esta foi a principal e, de fato, quase a única causa de meu erro inevitável.

20. Por isso acreditei que o mal também era uma substância corpórea, como uma massa repulsiva e propriamente feia ou densa, que chamavam de terra, ou rarefeita e fina, como é o corpo feito de ar, que imaginaram como uma mente maligna que rastejava pela terra. E porque

243 A referência ao avanço no falso ensino alude tanto ao fazer progresso intelectual por meio da falsa doutrina, quanto a subir na hierarquia dos maniqueus.

244 Mateus 11.25.

245 O Credo Niceno, como Agostinho o conhecia, começa assim: "Cremos em um Deus, o Pai Todo-Poderoso, criador de todas as coisas visíveis e invisíveis".

minha piedade (tal como era) me compeliu a acreditar que um Deus bom não criou a natureza má, montei duas massas em oposição uma à outra; ambos eram ilimitados, mas a massa má estava mais contraída e a massa boa era mais expansiva. Desse ponto de partida prejudicial, outros sacrilégios vieram em seguida. Quando minha mente tentou retornar à fé católica, fui repelido, porque a fé católica não era o que eu pensava, e me pareceu mais piedoso acreditar que Tu, meu Deus, cujos atos de misericórdia para comigo (agora estou confessando) eram totalmente ilimitados - com uma exceção: o fato de haver uma massa de maldade contra Ti significava que eu tinha que reconhecer que Tu estavas limitado em um aspecto e, por isso, eu sustentava que Tu estavas totalmente limitado à forma de um corpo humano. Assim, pareceu-me melhor acreditar que não criaste nada de mal do que acreditar que a natureza má como eu a concebia vinha de Ti. Não era apenas porque eu não sabia que o mal não era uma substância; na verdade, pensei que fosse uma substância corporal. Eu nem sabia como pensar sobre a mente, exceto como um corpo sutil que, de alguma forma, estava difundido pelo espaço. Quanto ao próprio nosso Salvador, Teu Unigênito, pensei nele como um pedaço de Tua massa resplandecente, que foi quebrado para a nossa salvação. Poderia acreditar nele somente o que conseguisse criar em minha imaginação vazia. Concluí que tal natureza não poderia nascer da Virgem Maria sem se misturar à carne e não via como ele (ou melhor, o que eu o imaginava dele) poderia se misturar à carne sem ser contaminado por ela. Então, tive medo de acreditar que ele havia nascido na carne porque não queria ser obrigado a aceitar que ele havia sido contaminado pela carne.

Agora, Teus servos que são espiritualmente maduros rirão de mim, com ternura e amor, se lerem estas minhas confissões; mas era assim que eu era.

XI - Os maniqueus e contestação das Sagradas Escrituras

21. Pensei que não havia maneira de defender Tuas Escrituras contra as críticas dos maniqueus, embora desejasse discutir as passagens específicas que criticavam com alguém excepcionalmente bem versado nas Escrituras e descobrir quais eram realmente as suas opiniões sobre o assunto. Quando ainda estava em Cartago, comecei a ficar preocupado com os discursos e disputas de um homem chamado Elpídio, que falava abertamente contra os maniqueus e expunha as Escrituras de tal forma que não podia ser facilmente contestada. Achei a resposta dos maniqueus - que estavam relutantes em apresentar em público, mas que nos foi transmitida em particular - bastante fraca. Disseram que as Escrituras do Novo Testamento foram falsificadas por pessoas que não tenho ideia de quem supostamente eram, pessoas que procuraram inserir a lei judaica na fé cristã, mas que não podiam produzir nenhuma cópia não-corrompida. Apesar disso, mais do que qualquer outra coisa, foram as coisas do corpo que me mantiveram cativo, como se estivessem me pressionando e sufocando. Eu estava ofegante sob o peso das massas que eram os objetos de meu pensamento e não conseguia respirar o ar puro e limpo de Tua verdade.

XII - Os estudantes romanos

22. Dediquei-me ao trabalho que vim fazer em Roma: ensinar a arte da retórica. Primeiro reuni alguns alunos em minha casa e comecei a me aproximar deles para que, através deles, me tornasse conhecido. Logo descobri que aconteciam em Roma coisas que eu não tinha que suportar na África. É verdade que vi claramente que os atos destrutivos[246] de adolescentes perdidos não foram cometidos em Roma; mas, disseram-me, "para evitar pagar o professor, grupos de jovens conspiram para se transferirem para outro professor. Eles voltam em sua palavra e consideram a justiça barata em comparação com seu grande amor pelo

246 A frase "atos destrutivos" (em latim, eversiones) tem conexão com os eversores de 3.3.6.

dinheiro." Meu coração os odiava, embora não com um ódio perfeito[247]. Odiava o que iria sofrer com o comportamento deles, talvez mais do que odiava o fato de que estavam fazendo algo errado com alguém. Sem dúvida, essas pessoas são detestáveis: eles promovem desonras contra Ti por amarem seus atos de escárnio, que passam em um momento; e o dinheiro imundo[248] mancha as suas mãos assim que o pegam para abraçarem este mundo fugaz e ao desprezar-Te, justo a Ti que permanece para sempre e os chama de volta, perdoas uma alma humana que se associou com prostitutas e depois se volta para Ti. Até mesmo agora, odeio essas pessoas depravadas e distorcidas, embora as ame como pessoas que podem se tornar corretas, tendo menos consideração pelo dinheiro do que pelo ensino que recebem e menos consideração, por sua vez, por aquele ensino do que por Ti, ó Deus, a Verdade mais pura, a mais pura abundância do Bem inabalável, a mais pura Paz. Naquela época, pensando em mim mesmo, para que eu não tivesse que sofrer em suas mãos, não queria que eles fossem maus ao invés de que, para o seu próprio bem, desejasse que fossem bons.

XIII - O encontro com o bispo Ambrósio, em Milão

23. Algum tempo depois, uma mensagem foi enviada de Milão a Roma, pedindo ao prefeito da cidade que arranjasse um professor de retórica para Milão. Ele até ofereceu o direito de viajar pagando as despesas com recursos públicos. Então, eu me dispus ao trabalho através de minhas conexões com pessoas inebriadas com as ideias vãs dos maniqueus. Estava começando a me afastar deles, embora nem eles, nem eu soubessem. Fiz um discurso experimental sobre um assunto determinado. Símaco, o prefeito da época, deu a sua aprovação e me mandou para Milão.

Em Milão, encontrei o bispo Ambrósio[249], que era conhecido em todo o mundo como um homem excelente. Era um devoto adorador, e,

247 Salmo 132.22 (Vulgata).

248 Tito 1.7.

249 Ambrósio, bispo de Milão desde 374, tinha pouco mais de quarenta anos.

naqueles dias, a sua poderosa pregação apresentava ao seu povo o Teu melhor trigo, a alegria do azeite e a sóbria embriaguez do Teu vinho. Eu estava, sem saber, sendo conduzido por Ti até ele para que através dele fosse levado conscientemente a Ti. Aquele homem de Deus me recebeu de maneira paternal e cuidou de minha jornada de maneira totalmente condizente com um bispo. Comecei a amá-lo; a princípio, não como um mestre da verdade, porque eu não tinha nenhuma esperança de encontrar a verdade em Tua Igreja, mas simplesmente como um homem que foi bom para mim. Acompanhava atentamente suas apresentações públicas, não com a intenção que deveria, mas testando sua eloquência, para ver se fazia jus à sua reputação ou se era mais ou menos fluente do que todos diziam. Ouvi as suas palavras com toda a atenção, mas não tinha nenhum interesse na mensagem que estava proferindo, apenas desprezo. Fiquei encantado com a doçura de sua fala, que era mais erudita do que a de Fausto, embora faltasse seu brilho e leveza de toque. Essa é uma questão de estilo. Quanto ao conteúdo, não havia comparação: Fausto estava vagando entre as decepções dos maniqueus, ao passo que Ambrósio estava ensinando sobre salvação da maneira mais edificante. A salvação está longe de pecadores como eu era naquela época; e, ainda assim, eu estava me aproximando dela aos poucos[250], embora não soubesse.

XIV - DISTANCIAMENTO DO MANIQUEÍSMO

24. Embora eu não me esforçasse para aprender as coisas que ele dizia, mas apenas para ouvir como ele as dizia, aquela preocupação vazia foi tudo o que me restou nesse momento em que eu havia desistido da esperança de que os seres humanos pudessem encontrar seu caminho para Ti. A mensagem que eu não estava prestando atenção começou a entrar em minha mente junto com o estilo, com o qual eu me importava muito; pois, na verdade, eu não conseguia separar os dois. Quando abri meu coração para reconhecer como ele falava lindamente, fiquei igualmente impressionado ao ver como falava verdadeiramente, embora isso tenha acontecido apenas de maneira gradual. A princípio, comecei a pensar que

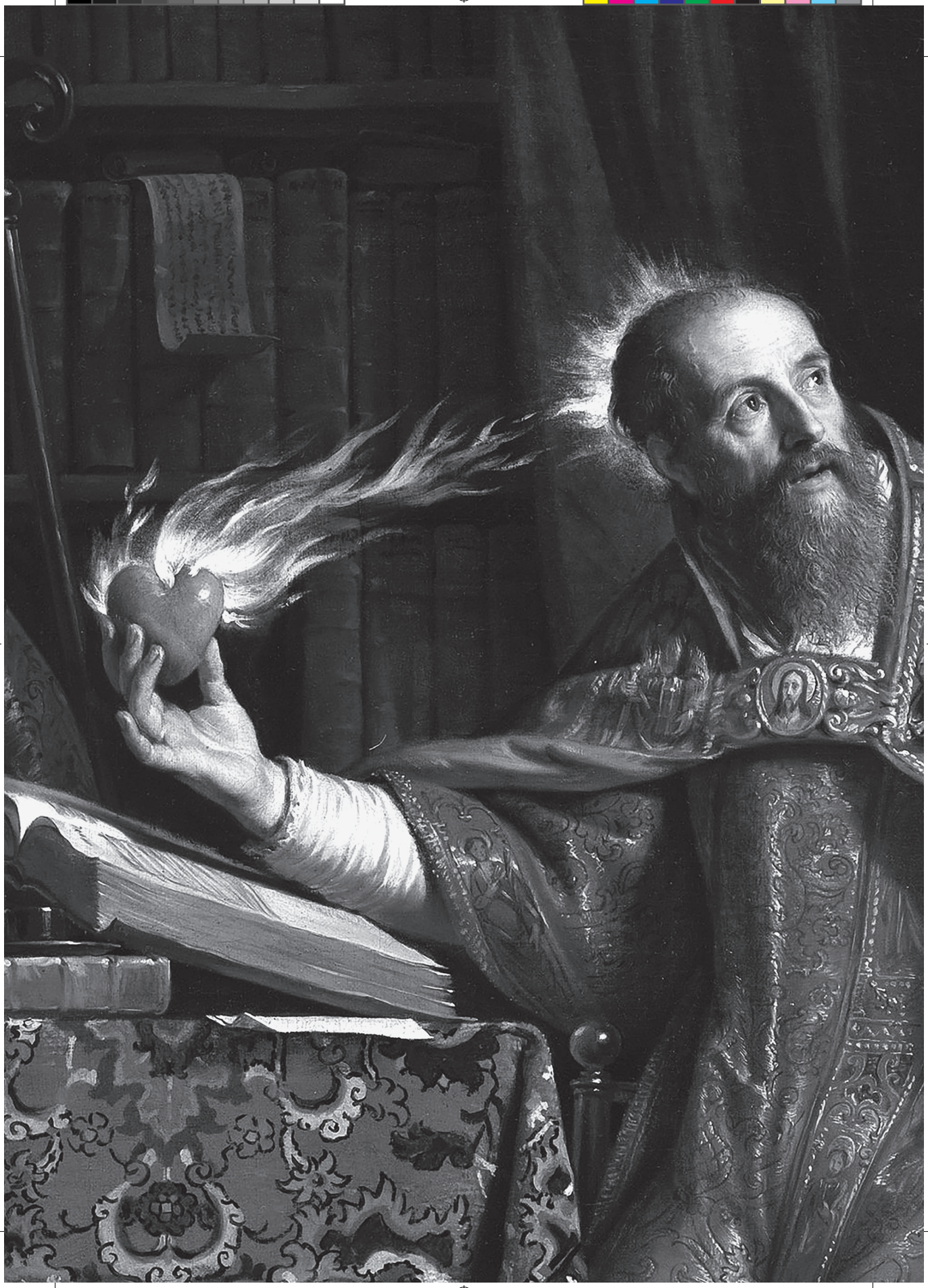
250 Salmo 118.155 (Vulgata).

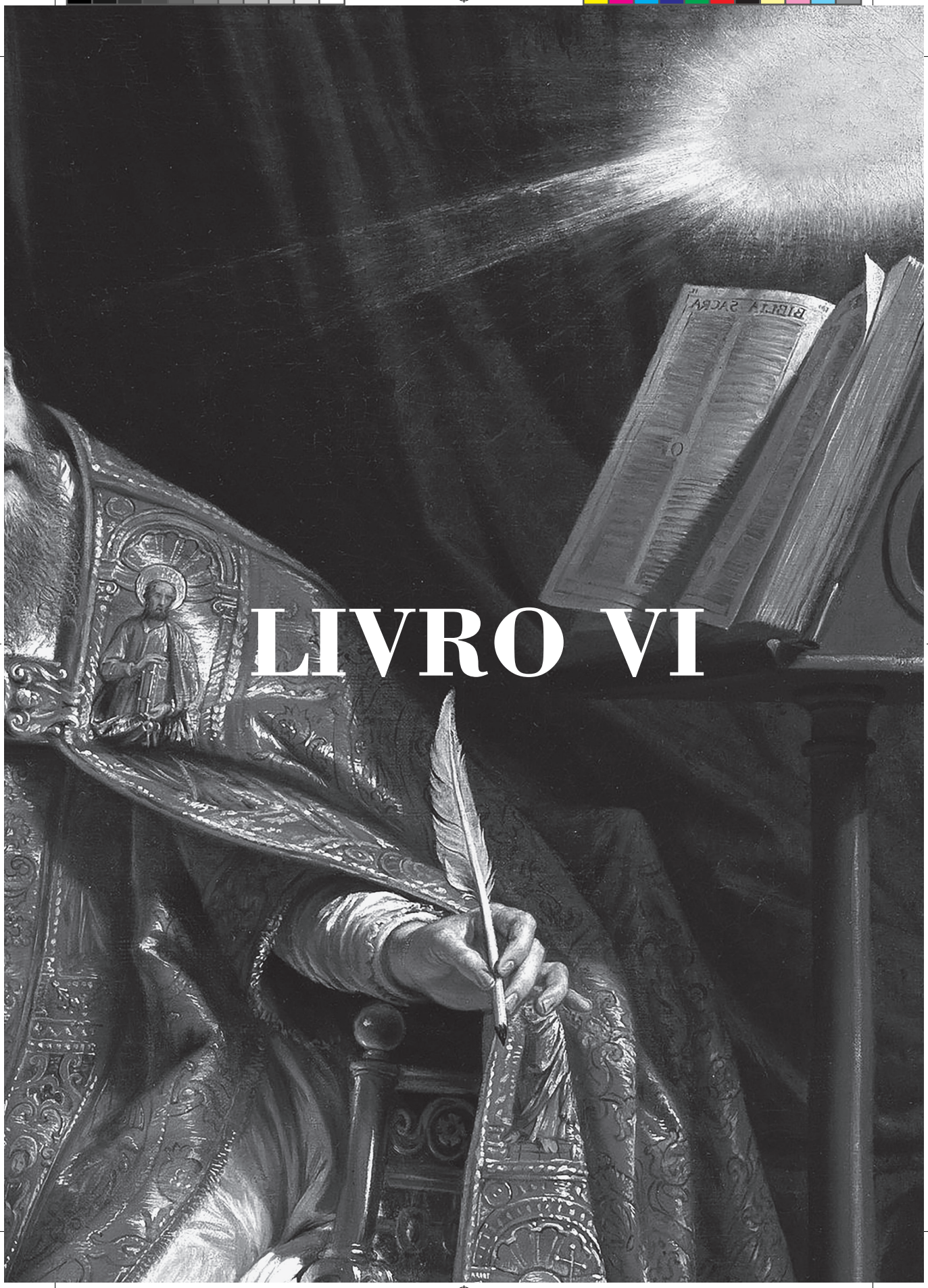
o que ele disse poderia ser defendido; afinal, até então eu supunha que nada havia a ser dito em resposta às críticas dos maniqueus, mas agora não achava mais precipitado afirmar a fé católica, especialmente depois de ouvir passagens do Antigo Testamento, uma após a outra; na verdade, uma grande quantidade delas explicada alegoricamente, passagens que foram mortais para mim quando as entendi literalmente[251]. Então, depois que muitos lugares nesses livros foram expostos espiritualmente dessa forma para mim, repreendi o meu desespero, a minha falta de esperança na crença de que poderia haver qualquer maneira de resistir àqueles que detestam e zombam da lei e dos profetas[252]. O fato de que o caminho católico também podia ter defensores eruditos, que refutavam objeções longamente e sem absurdos, não foi o suficiente para me convencer de que era preciso aceitá-lo ou que o caminho que eu seguia devia ser condenado, mas argumentos favoráveis a cada lado foram apresentados de maneira uniforme. Assim, a fé católica, pensei, não foi vencida; mas eu ainda não era obviamente vitorioso.

25. Nesse momento, direcionei firmemente meus pensamentos para ver se havia alguma prova irrefutável por meio da qual pudesse, de alguma maneira, convencer os maniqueus de erro. Se eu pudesse conceber uma substância espiritual, todos os seus enganos teriam sido desmascarados e expulsos de minha mente; mas eu não conseguia. No entanto, conforme pensava mais e mais nas visões dos filósofos e as comparava com as dos maniqueus, concluía que as visões geralmente sustentadas pelos filósofos sobre o corpo deste mundo e sobre toda a natureza que os sentidos da carne podem perceber eram mais prováveis. Assim como os Acadêmicos (como são geralmente entendidos), eu estava em dúvida sobre todas as coisas, incerto sobre todas as coisas. Decidi, pelo menos, deixar os maniqueus. Naquele tempo de dúvida, não pensei que fosse justo ficar com eles, ainda que mantivesse alguns dos filósofos em alta estima. Recusei-me totalmente a confiar a cura da doença da minha alma a esses filósofos, pois eles não tinham o nome salvador de Cristo. Decidi, então, ser catecúmeno na Igreja católica, a Igreja a cujo cuidado meus pais me haviam confiado, até que raiou uma luz de certeza que poderia orientar meus passos.

251 2 Coríntios 3.5-6.

252 Mateus 5.17, 7.12, Lucas 16.16.





LIVRO VI

Prefácio do Tradutor: Agostinho aos Trinta Anos

Agostinho está atolado em seus próprios questionamentos no livro VI. Ele continua a ser um catecúmeno em Milão, em busca de compromisso e direção. À medida que a ambição mundana começa a perder o controle sobre Agostinho e seu orgulho é rejeitado, a narrativa traz outros - Mônica, Ambrósio e Alípio - aos holofotes pela primeira vez. Mônica, mãe de Agostinho, vai ao encontro do filho em Milão, e lemos sobre sua piedade e devoção a Ambrósio, que confunde Agostinho por não se colocar à disposição para questionamentos e para mostrar que os ataques maniqueus ao cristianismo eram infundados (VI.I.1-6.2.2, VI.III.3).

Agostinho começa a se afastar de seu materialismo bruto (VI.III.4) e começa a se sentir menos alienado pelas Escrituras cristãs. Aprende com a pregação pública de Ambrósio que os cristãos católicos não concebem Deus como algo corporal (VI.III.4-VI.IV.5) e interpretam o Antigo Testamento de maneiras que destroem a força das objeções maniqueístas (VI.IV.6-VI.V.8).

Um encontro com um mendigo bêbado revela a Agostinho o vazio da ambição mundana, mas ele não consegue renunciar à carreira (VI. VI.9-10). Os amigos de Agostinho, Alípio e Nebrídio, compartilham seu anseio por sabedoria, bem como suas frustrações (VI.VII.11-VI.X.17). Ele dramatiza seus intermináveis solilóquios (uma palavra que, não por acaso, Agostinho inventou) sobre compromisso e adiamento (VI.XI.20).

Agostinho relata seu estado de espírito inquieto (VI.XI.18-20) e sua incapacidade de enfrentar a perspectiva de abstinência sexual (VI.XII.21-VI.XVI.26). Mônica tenta assegurar-lhe um casamento socialmente vantajoso (VI.XIII.23); mas os planos de casamento frustram a esperança de Agostinho de fundar uma comunidade devotada à contemplação filosófica (VI.XIV.24), o que exige a demissão de pretendente a esposa (VI.XV.25), mas Agostinho imediatamente arranja outra amante.

I - O encontro de Mônica com o filho em Milão

1. Minha esperança desde os dias da minha juventude[253], onde estavas e por que Tu Te afastaste de mim? Tu não me criaste e me separaste das bestas, e me fizeste mais sábio do que os pássaros do céu? Eu caminhava por caminhos escuros[254] e escorregadios e Te busquei fora de mim, mas não encontrei o Deus do meu coração. Eu havia mergulhado nas profundezas do mar e estava desconfiado, sem esperança de encontrar a verdade.

A essa altura, minha mãe, firme em sua piedade, tinha vindo até mim, seguindo-me por terra e mar[255], confiante em Ti diante de todos os perigos. Normalmente são os marinheiros que tranquilizam os passageiros assustados que não estão acostumados a viagens marítimas, mas, neste caso, foi minha mãe que tranquilizou os marinheiros quando o perigo os ameaçava: ela prometeu que chegariam em segurança, pois Tu tinhas prometido isso a ela em uma visão.

Ela me encontrou em grave perigo, em desespero para encontrar a verdade. No entanto, quando eu disse que não era mais um maniqueu, embora também não fosse um cristão católico, ela se alegrou, mas não como se a notícia fosse inesperada: ela já estava confiante de que me livraria daquela parte de minha miséria, pela qual chorou por mim como alguém que estivesse morto, mas seria restaurado à vida por Ti. Ela me apresentou a Ti no esquife de seu pensamento, para que Tu pudesses dizer ao filho da viúva: "Jovem, Eu te digo, levanta-te", e voltasse à vida e começasse a falar, e Tu o confiarias para sua mãe[256]. Portanto, não houve agitação em seu coração, nenhum frenesi de júbilo, quando soube que eu já havia me tornado em parte o que ela pedia diariamente a Ti que fizesse de mim. Embora ainda não tivesse abraçado a verdade, fui resgatado da falsidade; mas, apesar disso, ela tinha certeza de que Tu lhe darias tudo o que faltava, pois lhe havias prometido. Então, com perfeita calma e

253 Salmo 70.5 (Vulgata).

254 Isaías 50.10, Salmo 34.6 (Vulgata).

255 Virgílio, Eneida 9.492.

256 Lucas 7.12-15.

um coração cheio de fé, ela me respondeu que acreditava que me veria como um católico fiel antes de partir desta vida. Na verdade, foi isso que ela me disse, mas, para Ti, fonte de misericórdia, ela orou com ainda mais fervor, com as lágrimas fluindo mais copiosamente, para que Tu Te apressasses em me ajudar e fazer uma luz brilhar em minha escuridão. Ela foi à igreja com mais ansiedade ainda e se agarrou às palavras de Ambrósio, descobrindo em sua pregação uma fonte de água jorrando para a vida eterna[257]. Oh, ela amava aquele homem como um anjo de Deus, pois sabia que fora por meio dele que eu havia sido conduzido à vacilação e dúvida e que passaria da doença para a saúde. Ela tinha uma confiança inabalável de que eu seria curado, embora primeiro houvesse o que os médicos chamam de "crise", na qual minha doença se agravaria e eu correria um perigo mais grave.

II - A SUBMISSÃO DE MÔNICA

2. No dia em minha mãe trouxe bolos, pão e vinho para os memoriais dos santos, como era o costume na África, o porteiro a rejeitou[258]. Assim que descobriu que o bispo havia proibido isso, aceitou sua determinação tão piedosa e obedientemente, que fiquei maravilhado com o quanto ela estava mais pronta para condenar a sua própria prática anterior do que para julgar a sua proibição.

A embriaguez não se apossou de seu espírito, e o amor ao vinho não a incitou ao ódio diante da verdade, como acontece com tantos homens e mulheres que ficam enjoados com o elogio da sobriedade, como um bêbado fica ao sorver água.

Quando trouxe a cesta cheia com os alimentos solenes que ela primeiro provaria e depois compartilharia, pegou não mais do que uma pequena taça de vinho, medida para se adequar ao seu paladar sóbrio, e tomou um pequeno gole por uma questão de cortesia. E, se houvesse muitos falecidos para serem homenageados dessa maneira, ela

257 João 4.14.

258 A numerosa comunidade cristã em Roma, com uma multidão de peregrinos, implica em costumes diversos e na tentativa de controlá-los. As práticas e cerimônias funerárias em especial eram criticadas, mas a oração eucarística pelos mortos foi aceita por todos os lados (9.11.27).

levaria a mesma taça consigo - ela a carregava para todos os lugares – e, quando terminava, o vinho estava completamente diluído e morno. Ela compartilhava pequenos goles com outras pessoas que lá estavam, pois era piedade, não prazer, o que buscava ali.

No momento em que soube que o pregador deslumbrante, o sumo-sacerdote da piedade, havia ordenado que essas coisas não fossem mais feitas, mesmo por aqueles que as faziam sobriamente, de tal modo que nenhuma pedra de tropeço fosse colocada no caminho daqueles que bebiam demais; e porque esses comportamentos eram muito parecidos com as supersticiosas Parentálias dos gentios[259], ela ficou muito feliz em abandoná-las. Em vez de um cesto cheio dos frutos da terra, aprendeu a levar um coração cheio de orações aos memoriais dos mártires, tanto para que pudesse doar aos necessitados, como para que a comunhão do Corpo do Senhor pudesse ser celebrada ali, pois foi na imitação da Paixão que os mártires foram sacrificados e receberam as suas coroas. E, no entanto, parece-me, Senhor meu Deus - e assim minha alma atesta este assunto à sua vista - que minha mãe talvez não tivesse sido tão facilmente persuadida a restringir sua prática habitual se tivesse sido proibida por alguém que não amasse como ela amou Ambrósio. Ela o amava por causa da minha salvação, enquanto ele a amava por seu modo de vida extremamente religioso: tão fervorosa de espírito, ela se dedicava as boas obras e ia regularmente à igreja - tanto que, quando me via, ele se derramava em elogios a ela, parabenizando-me por ter uma mãe assim, sem perceber que tipo de filho eu era. Naquele momento, eu ainda estava em dúvida sobre todas as coisas e acreditava ser impossível encontrar o caminho da vida.

III - Conhecendo Ambrósio

3. Eu ainda não tinha começado a implorar em oração que Tu me ajudasses. Em vez disso, minha mente inquieta estava concentrada em fazer perguntas e entrar em discussões. Achava que o próprio Ambrósio era um homem feliz aos olhos do mundo, visto que tantas pessoas

259 Os Parentalia eram celebrados entre 13 a 21 de fevereiro, com oferendas aos ancestrais (Ovídio, Fast. 2.533-616).

poderosas o estimavam; apenas seu celibato[260] me parecia um fardo pesado de carregar. Mas eu não podia conjecturar, pois não tive nenhuma experiência e desconhecia quais eram suas esperanças, as lutas que teve contra as tentações às quais sua proeminência o expôs, que consolo tinha nas adversidades ou quão doces eram as alegrias que sua boca ocultava, a boca de seu coração, que provara mastigando seu pão. Ele também não sabia da minha indecisão ou do poço em que corria o risco de cair. Não podia questioná-lo da maneira que queria, pois as multidões que se relacionavam com ele, cujos problemas procurava aliviar, afastavam-me de seus ouvidos e de sua boca. Quando não estava com eles - uma porção muito pequena de seu tempo - ele restaurava o seu corpo com a nutrição de que precisava ou restaurava sua mente lendo. Quando lia, seus olhos percorriam as páginas, e seu coração examinava profundamente seu significado, mas sua voz e sua língua permaneciam quietas[261]. Sempre que estávamos lá - o que acontecia com frequência, pois qualquer pessoa tinha permissão para entrar e não era costume anunciar os visitantes - víamos lendo assim; nunca foi diferente. Ficávamos sentados em um silêncio prolongado - quem se atreveria a interromper alguém tão concentrado em seu trabalho? - e depois partíamos. Chegamos à conclusão de que, no pouquíssimo tempo que tinha para renovar sua mente, quando tinha um intervalo de folga dos problemas de outras pessoas, ele não desejava ser distraído por mais nada; e talvez estivesse tomando cuidado para que, se encontrasse algo um tanto obscuro em sua leitura, não tivesse que explicar ou responder perguntas difíceis sobre isso para um ouvinte perplexo que estava prestando atenção cuidadosa e, ao devotar seu tempo a esse trabalho, fizesse menos progresso no livro do que desejava. Outra possibilidade era que, lendo silenciosamente, ele pudesse salvar mais apropriadamente sua voz, que facilmente ficava rouca. Ainda assim, por qualquer motivo que tenha feito isso, foi sem dúvida um bom motivo.

4. De fato, não tive a oportunidade de colocar as amplas perguntas que queria fazer ao Teu santo oráculo, com o Teu entendimento. Eu

260 O termo latino empregado aqui, coelibatus, significa solteiro. Seu uso sugere o equivalente a solteiro, sem uma coloração moral evidente.

261 A leitura silenciosa de Ambrósio era uma prática conhecida desde muito antes (Cícero, Tusc. 5.40.116. Marcial, quase contemporâneo de Ambrósio, recomendou a leitura em voz alta baixinho como um auxílio para a memorização (Marcial, Div. 5.539). A leitura aqui tem relação com 1 Samuel 1.13.

só tinha permissão para perguntas que poderiam ser respondidas com poucas palavras; mas precisava que ele estivesse muito à vontade para responder às minhas perguntas ardentes, mas nunca o encontrei assim. Apesar disso, ouvia-o todos os domingos em público, manejando corretamente a Palavra da Verdade[262], e diversas vezes me foi confirmado que toda a rede de ataques astutos tecida por nossos enganadores contra os escritos divinos poderia ser desfeita. No entanto, quando descobri que seus filhos espirituais, aqueles que pela graça renasceram de nossa mãe, a Igreja católica, não entenderam a afirmação de que os seres humanos foram criados à imagem de Deus[263] - não como evidência de que Tu estás limitado à forma de um corpo humano - não era isso que eles acreditavam, não era o que pensavam de Ti ; alegrei-me em meu constrangimento, porque o que eu havia combatido durante todos aqueles anos não era a fé católica, mas ficções inventadas pelos pensamentos carnais. Ainda não tinha ideia, nem mesmo uma ideia superficial e vaga, de como uma substância espiritual poderia ser. Tinha realmente sido precipitado e ímpio: em vez de aprender sobre essas coisas fazendo perguntas, como deveria ter feito, fui à frente e falei contra eles. Mas Tu, Altíssimo e Próximo, mais Oculto e mais Presente, não tens partes corporais, algumas maiores e outras menores; Tu estás em toda parte como um todo e, em nenhum lugar, Tu estás em um só lugar. Afinal de contas, não és uma forma corporal e, no entanto, fizeste os seres humanos à Tua imagem, e vejam que eles estão limitados em um lugar, da cabeça aos pés.

IV - A verdade

5. Por não saber como essa Tua imagem subsistia, eu deveria ter batido à porta, perguntando em que se deveria acreditar, não insultando e argumentando contra o que supunha que eles acreditavam. Porém, quanto mais era enganado e ludibriado pelos erros infantis e pelo espírito combativo de certos homens, tagarelando continuamente sobre questões

262 2 Timóteo 2.5.

263 Gênesis 1.26.

incertas como se fossem certas, mais envergonhado me sentia e tanto mais agudo era o desejo de possuir algo certo, desejo que roía meu eu mais íntimo. Que eles eram de fato falsos, só ficou claro para mim mais tarde; mas era certo que eles eram incertos e que por algum tempo os considerei como certos, quando lancei minhas acusações cegas contra sua Igreja católica. Mesmo que eu ainda não tivesse descoberto que a Igreja ensina o que é verdade, sabia pelo menos que ela não ensinava as coisas que eu havia criticado tão amargamente. Assim, fui lançado em confusão e fui transformado; e me regozijei, meu Deus, que sua única Igreja, o Corpo de seu único Filho[264], em que o nome de Cristo foi marcado em mim na minha infância, não ensinasse tolices infantis. Seu ensino sólido não sustentava que Tu, Criador de todas as coisas[265], estás confinado a uma localização espacial, por mais elevada e vasta que pudesse ser; muito menos pudesse ser delimitado por todos os lados pela forma de um corpo humano.

6. Também me alegrei que o Antigo Testamento, a Lei e os Profetas, não fossem mais trazidos aos meus olhos para serem lidos da maneira que antes parecia absurda, quando estava argumentando como se seus santos acreditassem nesses absurdos, embora de fato eles não o fizessem. Fiquei encantado ao ouvir Ambrósio em seus sermões populares, muitas vezes recomendando esta passagem, com muita insistência, como uma regra a ser seguida: "A letra mata, mas o espírito vivifica"[266]. Quando as Escrituras do Antigo Testamento, tomadas ao pé da letra, pareciam ensinar perversidade, ele levantava o véu místico e desvendava o seu sentido espiritual[267]; e o que ele disse não me desagradou, embora eu não soubesse se o que disse era verdade. Meu coração hesitou em todo consentimento, estava com medo de me comprometer muito precipitadamente, mas estava sendo morto por enforcamento. Queria ter a certeza das coisas que não podia ver, pois tinha certeza de que sete mais três são dez. É claro que eu não era tão louco a ponto de pensar que nem mesmo isso poderia ser compreendido,

264 Colossenses 1.18.

265 Mais uma alusão ao hino de Ambrósio. Ver ainda 9.12.32.

266 2 Coríntios 3.6.

267 2 Coríntios 3.14-16.

mas queria que outras coisas fossem exatamente assim; fossem elas coisas corporais que não estavam presentes aos meus sentidos; fossem coisas espirituais que eu não sabia como pensar, exceto como corporais. Eu poderia ter sido curado por acreditar, para que o olhar da minha mente, purificado pela fé, pudesse de alguma forma ser direcionado para a Tua verdade, que permanece para sempre[268] e nunca falha, mesmo no mais ínfimo aspecto. Assim como costuma acontecer com alguém que passou por um mau médico e tem medo de confiar até mesmo em um bom médico, assim era a doença da minha alma: não poderia ser curada a não ser por acreditar; mas, por medo de acreditar em algo falso, recusava-se a ser curada, resistindo às Tuas mãos, que moldaram os remédios da fé e os espalharam sobre as doenças do mundo, dotando-os de grande autoridade.

V - Escolhendo a fé católica

7. A partir de então, preferi o ensino católico. Percebi que entre os católicos fui convidado a acreditar no que não era demonstrado. Se era demonstrável, mas, por acaso, um crente em particular não era capaz de compreender a demonstração, ou simplesmente não era demonstrável, eles não faziam nenhuma demanda extravagante e eram bastante honestos sobre o que estavam pedindo; ao passo que os maniqueus precipitadamente prometiam conhecimento e ridicularizaram a crença, mas depois ordenavam que alguém acreditasse em muitas histórias extraordinariamente absurdas e fantasiosas que não podiam ser demonstradas. Pouco a pouco, Tu, ó Senhor, tocaste o meu coração e o acalmaste com Tua mão mais gentil e misericordiosa. Considerei quantas coisas havia - mais do que poderia contar - que eu acreditara mesmo não as tendo visto ou estado presente quando elas aconteceram; tantos eventos na história das nações, tantas verdades sobre lugares e cidades. Nunca tinha visto tantas coisas que me foram contadas por amigos, por médicos, por esta pessoa e aquela. Se não crêssemos em todas essas coisas, não poderíamos fazer absolutamente nada nesta

268 Salmo 116.2 (Vulgata).

vida. E, finalmente, considerei o quão firme e inabalável acreditava em quem eram meus pais, algo que eu não poderia saber, exceto por acreditar no que tinha ouvido. E, como considerei estas coisas, Tu me persuadiste de que não são aqueles que acreditam em suas Escrituras, que Tu estabeleceste com tão grande autoridade entre quase todos os povos do mundo, mas sim aqueles que não acreditam nelas, que merecem reprovação. E eu não deveria prestar atenção se me perguntassem: "Como você sabe que aqueles livros foram dados à raça humana pelo Espírito do único Deus verdadeiro e perfeitamente verdadeiro?", pois é precisamente isso que vale a pena acreditar acima de tudo. Entre todos os ditados conflitantes dos filósofos que li, não houve nenhum ataque, nenhum ataque de perguntas astutas, que pudesse me afastar da minha crença de que Tu existes, apesar de não ainda saber quem exatamente Tu eras e que o comando dos assuntos humanos pertence a Ti.

8. Às vezes acreditava nisso com mais firmeza, às vezes com mais fraqueza; mas sempre acreditei que Tu existes e que Te preocupas com a raça humana, embora não soubesse como pensar direito sobre o que Tu és e não soubesse o caminho que me levaria ou reconduziria a Ti.

Éramos muito fracos[269] para descobrir a verdade por uma razão clara e convincente; por isso, precisávamos da autoridade das Sagradas Escrituras. Comecei a acreditar que Tu de forma alguma terias concedido às Escrituras tal autoridade notável em todo o mundo se não quisesse que acreditássemos e buscássemos a Ti através delas. Agora que já tinha ouvido muitas passagens da Escritura explicadas de forma plausível, vi que o que eu costumava achar absurdo e ofensivo na verdade contribuía para o elevado mistério da Escritura, cuja autoridade me parecia ainda mais venerável e digna de fé inviolável, precisamente porque ela poderia ser facilmente lida por todos, e a dignidade de seu significado oculto podia ser preservada para aqueles de compreensão mais profunda. Com palavras simples e estilo humilde, a Escritura se oferece a todos, mas desafia a engenhosidade dos que não são levianos. Assim, ela dá as boas-vindas a todas as pessoas em seu cerne e, através de passagens estreitas como as de um buraco de agulha[270], traz alguns até Ti, muitos mais do que

269 Romanos 5.6.

270 Mateus 19.24.

traria se sua autoridade estivesse em um ápice de eminência - multidões são atraídas para o abraço de Tua sagrada humildade.

Pensei nessas coisas, e Tu estavas comigo. Suspirei, e Tu me ouviste. Vacilei, e Tu me guiaste. Percorri o largo caminho deste mundo[271], e Tu não me abandonaste.

VI - A fugaz felicidade

9. Ansiava por honras, dinheiro e casamento, e Tu zombaste de mim. A aflição que sofri por causa desses desejos foi realmente amarga, e, quanto menos doçura Tu me permitisses encontrar em qualquer coisa que não fosse a Ti mesmo, mais gentil eras comigo. Olha para o meu coração, ó Senhor[272], de quem é a vontade que eu chame isso à mente e confesse a Ti. Deixa minha alma agarrar-se a Ti agora[273]: essa minha alma, uma vez presa na armadilha de mel da morte, da qual Tu a libertastes. Como foi horrível! E Tu me perfuraste e me fizeste sentir como fui ferido gravemente para que eu deixasse tudo[274] para trás e me voltasse para Ti, que estás acima de todas as coisas e sem o qual tudo aquilo não seria nada, para que eu voltasse para Ti e fosse curado. Eu era miserável, e Tu trabalhaste em mim para que pudesse sentir e conhecer minha miséria. Um dia, estava me preparando para fazer um discurso em louvor ao imperador - o discurso seria cheio de mentiras e bem recebido por pessoas que sabiam que eu estava mentindo -, e meu coração estava sufocado com esses cuidados e ardendo com a febre dos meus pensamentos, e isso me consumiu. Estava passando por um certo bairro de Milão e me deparei com um pobre mendigo, já bêbado, creio eu; ele estava rindo e alegre. Gemi e falei aos amigos que estavam comigo sobre as muitas tristezas que nossa loucura nos havia causado. Em todos os nossos grandes esforços - como no trabalho que tinha diante de mim naquele momento, instigados por meus desejos de arrastar o fardo de minha própria infelicidade, um fardo que se tornou ainda mais pesado

271 Mateus 7.13-14.

272 Lamentações 1.9-11.

273 Salmo 72.28.

274 Lucas 5.11.

de arrastar - tudo o que queríamos era alcançar uma alegria que estava livre de cuidados. O mendigo havia chegado antes de nós: ele já havia alcançado tanta alegria, e talvez nunca pudéssemos alcançá-la. Algumas pequenas moedas, o produto de sua mendicância, compraram para ele o que eu perseguia por caminhos tão tortuosos, tão cheios de angústia: a alegria de uma felicidade momentânea.

O que ele tinha, é claro, não era a verdadeira alegria, mas era muito mais genuína do que a alegria que eu buscava por meio de minhas ambições. Ele pelo menos estava alegre; eu, angustiado. Ele estava livre de cuidados; eu, desesperadamente preocupado.

Se alguém tivesse me perguntado se eu preferia ficar alegre ou com medo, teria respondido: "Alegre". No entanto, se alguém tivesse me perguntado se preferia ser como era ou como o mendigo era, teria escolhido ser como era, com todos os meus problemas e medos - uma preferência perversa, certamente, e não de acordo com a verdade. Eu não deveria ter me imaginado melhor do que o mendigo simplesmente porque era mais culto, porque meu aprendizado não me trazia alegria. Usei apenas o estudo como uma forma de agradar outras pessoas, não com o objetivo de ensiná-las alguma coisa. E, por isso, Tu estavas quebrando meus ossos com a vara de Tua disciplina[275].

10. Que se afastem da minha alma[276] aqueles que dizem: "O que importa é a causa da felicidade. Aquele mendigo estava feliz em sua embriaguez, mas eu ansiava pela felicidade na glória. Mas que glória, ó Senhor? Uma glória que não está em Ti[277]. A alegria dele não era a verdadeira, mas a minha também não era a verdadeira glória, e isso capturou minha mente de modo ainda mais completo. Contudo, naquela mesma noite, ele teria digerido sua embriaguez, enquanto eu teria dormido e me levantado, voltado a dormir, me levantado com ela e assim por diante, quantos dias! Importa muito, eu sei, no que cada um coloca a sua alegria e a que vem da esperança dos fiéis está incomparavelmente longe dessa vaidade. Eu sei disso: a alegria de uma esperança confiável é muito diferente, incomparavelmente diferente, daquela vaidade.

275 Salmo 41.11.

276 Jeremias 6.8.

277 1 Coríntios 1.31.

Havia mesmo uma diferença entre eu e o mendigo: pois ele era muito mais feliz, não apenas porque transbordava de alegria enquanto eu estava sendo esvaziado pela ansiedade, mas também porque ele havia obtido seu vinho desejando boa sorte para os transeuntes, enquanto eu procurava a importância através da mentira. Falei muito nesse sentido com meus queridos amigos e, nessas ocasiões, muitas vezes voltei meus pensamentos para como estava me saindo. Sentindo-me mal, descobri: ao lamentar meu estado deplorável, tornei-o ainda pior. E, se a sorte algum dia sorrisse para mim, não me importaria em aproveitar a oportunidade, pois ela voaria antes mesmo que pudesse segurá-la.

VII - Alípio, o amigo

11.Todos nós, que vivíamos juntos como amigos, partilhamos essas tristezas, mas foi com Alípio e Nebrídio que tive minhas conversas mais extensas e íntimas sobre essas coisas. Alípio nasceu na mesma cidade em que eu nasci; seus pais eram pessoas importantes lá. Ele era mais jovem do que eu e estudara comigo quando comecei a lecionar em nossa cidade[278], bem como depois em Cartago. Ele gostava muito de mim, porque me considerava bom e erudito, e eu gostava muito dele por causa de sua aptidão natural para a virtude, que, mesmo em uma tenra idade, era impressionante. Apesar disso, o redemoinho dos costumes cartagineses - o amor febril por espetáculos inúteis, pela loucura dos circos - o consumiu.

Na época em que ele girava sem rumo dessa maneira miserável, eu ensinava a arte da retórica em uma escola aberta ao público. Ele não era meu aluno por causa de uma briga que tive com seu pai. Quando soube que ele tinha essa paixão destrutiva pelo circo, fiquei triste ao pensar que um jovem tão promissor estaria perdido, ou na verdade, já estava perdido. Entretanto, eu não tinha recursos para aconselhá-lo ou trazê-lo de volta à sanidade, impondo-lhe alguma restrição: nem a boa vontade de um amigo, nem a autoridade de um professor. Pensei que ele tinha a mesma opinião que seu pai tinha, embora na verdade não

278 Em 375-376, ano da morte do outro grande amigo de Agostinho.

tivesse. Então, ele desconsiderou os desejos de seu pai nesta disputa e começou a me cumprimentar quando me encontrava; vinha às minhas palestras, ouvia por um tempo e depois ia embora.

12. Eu pretendia tentar persuadi-lo a não destruir uma inteligência tão boa com seu entusiasmo cego e imprudente por jogos sem sentido, mas não consegui manter isso em mente. Mas Tu, Senhor, que governas todas as coisas que criaste, não Te esqueceste deste homem, que deveria estar entre os Teus filhos e filhas como Sumo-sacerdote do Teu Sacramento. E, para que o castigo dele fosse manifestamente a Ti atribuído, Tu o fizeste ir aos Teus sagrados mistérios através de mim, sem que eu o soubesse.

Um dia, quando eu estava sentado no meu lugar de costume e meus alunos estavam comigo, ele entrou, cumprimentou-me e sentou-se, prestou muita atenção ao que estava sendo discutido. Por acaso, enquanto fazia a leitura daquela lição, ocorreu-me que poderia usar os circos como uma ilustração que me ajudasse a expor meu ponto de maneira mais humorística e eficaz, zombando sarcasticamente daqueles que eram prisioneiros de tal loucura. Tu sabes, meu Deus, que eu não estava pensando em curar Alípio daquela doença, mas ele imediatamente levou isso a sério e pensou que o que eu tinha dito era inteiramente por causa dele. Outra pessoa teria entendido isso como motivo para estar com raiva de mim, mas aquele jovem digno interpretou como motivo para estar com raiva de si mesmo e para me amar com mais fervor.

Como Tu havias dito há muito tempo e inseriu em Tuas Escrituras: "Adverte o homem sábio, e ele te amará"[279]. Não fui eu quem o castigou, foste Tu. Tu fazes uso de todas as coisas, tanto as conhecidas quanto as não conhecidas, de acordo com a ordem que de antemão conheces - e essa ordem é justa - e Tu estavas trabalhando, fazendo meu coração e minha língua queimarem brasas[280] pelas quais Tu queimarias as ruínas daquela mente enferma, tão cheia de boas promessas, e a curarias.

Qualquer um que não leva em conta as Tuas misericórdias, que fique calado e retenha o teu louvor: Tuas misericórdias dão testemunho de Ti até a parte mais profunda do meu ser. Após essas palavras, ele

279 Provérbios 9.8.

280 Salmo 139.11.

saltou do poço profundo onde caíra voluntariamente, onde teve um prazer surpreendente em sua cegueira. Com poderosa temperança, sacudiu sua mente, e toda a sujeira dos circos voou para longe dela e nunca mais voltou.

Por fim, convenceu seu relutante pai a permitir-me ser seu professor; seu pai cedeu e concordou. Quando retomou os seus estudos, ele se envolveu comigo na superstição dos maniqueus, a quem ele amava por sua vã demonstração de continência, que pensava ser verdadeira e genuína. Ao contrário: era insensata e sedutora, atraindo almas preciosas[281] que ainda não sabiam como chegar às profundezas da virtude e eram facilmente enganadas pelo que estava na superfície, a aparência externa do que era na verdade uma virtude fingida e falsificada.

VIII - A fascinação de Alípio pelos espetáculos sangrentos do circo

13. Enfeitiçado pelos seus pais, com visões de um caminho terreno que ele não estava disposto a abandonar, Alípio foi a Roma, antes de mim, para estudar Direito. E aí, de forma inusitada, foi tomado por uma paixão intensa por espetáculos de gladiadores[282]. Ele odiava e detestava tais espetáculos, mas, quando alguns de seus amigos e colegas estudantes estavam voltando da refeição do meio-dia e o estádio estava aberto, eles o forçavam a entrar, usando uma amistosa violência, embora ele protestasse veementemente e tentasse resistir. Era um dos dias de jogos cruéis e mortais. Ele disse: "Vós podeis arrastar meu corpo para aquele lugar e me manter lá, mas certamente não podeis forçar minha mente e meus olhos a prestar atenção aos espetáculos. Estarei presente, mas ausente, e assim vencerei tanto a vós quanto a eles". Quando ouviram isso, não ficaram menos determinados a trazê-lo com eles. Talvez estivessem ansiosos para descobrir se ele poderia fazer o que disse. Quando entraram e ocuparam todos os lugares que puderam encontrar, todos os espectadores estavam em chamas com os prazeres mais selvagens: mas ele fechou os olhos

281 Provérbios 6.26.

282 Agostinho se deleita com uma forma de espetáculo que ele até ali não tinha (até onde sabemos) participado (6.7.12). Agostinho participou de esportes juvenis e assistiu a apresentações de teatro.

e proibiu sua mente de cuidar de tais males. Se ao menos ele pudesse fechar os ouvidos! No decorrer da luta, um homem caiu, e um grande rugido de toda a multidão atingiu Alípio com uma força tremenda. Ele foi dominado pela curiosidade e abriu os olhos como se resolvesse desprezar a visão e superá-la, fosse o que fosse. Ele recebeu uma ferida mais grave em sua alma do que o homem que estava ansioso para ver recebeu em seu corpo. Assim, caiu de forma mais miserável do que o homem cuja queda fizera a multidão rugir. Aquele clamor entrou por seus ouvidos e abriu seus olhos, para que fossem os instrumentos pelos quais a sua mente seria espancada e derrubada: uma mente mais temerária do que forte e tanto mais fraca porque confiou em si mesma quando deveria ter confiado em Ti. Ele viu o sangue e bebeu da selvageria ao mesmo tempo, e não se virou: fixou o olhar e se embebeu na loucura, mas não sabia o que estava fazendo. Ele se deleitou com a maldade da competição e estava bêbado com a sede de sangue. Já não era mais aquele que tinha vindo forçado; mas fazia parte da multidão, um verdadeiro companheiro daqueles que o haviam trazido. O que mais há pra dizer? Ele assistia, gritava, ardia de paixão. Levou consigo uma loucura que o incitou a retornar, não apenas com aqueles que o arrastaram pela primeira vez, mas na frente deles e arrastando outros com ele. Ainda assim, Tu o salvaste de tudo isso com Tua mão mais poderosa e misericordiosa e o ensinaste a confiar não em si mesmo, mas em Ti; porém, isso foi muito mais tarde.

IX - ALÍPIO E O JULGAMENTO DOS HOMENS

14. Essa lembrança estava sendo armazenada na memória de Alípio como um remédio para sua cura futura. Assim também ocorreu em Cartago, quando ele ainda era meu aluno e estava no fórum, no meio do dia, pensando sobre o que iria recitar - praticando, como os alunos fazem. Tu permitiste que ele fosse preso pelos guardas do templo como um ladrão. E creio que o Senhor permitiu, meu Deus, por nenhuma outra razão senão esta: que um homem, que um dia seria tão grande,

começasse a aprender que, ao ouvir casos, não deve correr para julgar e condenar outro homem.

Ele caminhava sozinho em frente ao tribunal, com as tábuas e os estiletes nas mãos. Não sabia que outro jovem - o verdadeiro ladrão, um estudante – que estava secretamente carregando um machado, ganhou acesso às grades das lojas dos ourives e começou a cortar o chumbo. Os ourives que estavam embaixo ouviram o som do machado, começaram a sussurrar entre si e enviaram pessoas para pegar quem pudessem encontrar. Ao perceber a movimentação, o ladrão largou o machado e saiu com medo de ser pego. Mas Alípio, que não tinha visto o ladrão entrar, notou que ele saía; viu que estava fugindo com pressa e, querendo saber o motivo, entrou. Ele encontrou o machado e ficou ali, imaginando o que estava acontecendo, quando aqueles que haviam sido enviados o encontraram, sozinho, segurando o mesmo machado cujo som os alertara para vir. Eles o agarraram e arrastaram para fora, vangloriando-se para uma multidão de espectadores no fórum de que haviam flagrado um ladrão[283], e dali o levaram para ser apresentado aos juízes.

15. Até aqui é onde a lição precisava chegar; pois, imediatamente, Senhor, vieste em auxílio da inocência dele, da qual só Tu foste testemunha[284]. Enquanto ele era levado para ser preso ou espancado, encontraram um certo arquiteto que estava encarregado dos edifícios públicos. Ficaram encantados por tê-lo encontrado em particular, pois ele frequentemente suspeitava de que eram eles que haviam retirado os itens que haviam desaparecido do fórum. Agora, pensaram, ele finalmente perceberia quem era realmente o responsável por aqueles roubos. No entanto, esse homem frequentemente via Alípio na casa de um certo senador que ele frequentemente visitava para apresentar seus respeitos. Reconheceu Alípio imediatamente, pegou-o pela mão e o conduziu para longe da multidão. Perguntou-lhe qual era a causa do problema e, quando soube do ocorrido, ordenou a todos os presentes, alvoroçando-se e gritando ameaçadoramente, que o acompanhassem. Eles chegaram na casa do jovem que havia cometido o roubo. Ali havia um menino na porta

283 O crime foi de fato roubo. E, sendo pego com a posse do machado, tomado como prova de que Agostinho o roubara, era adequado sugerir que ele era o ladrão.

284 Sabedoria 1.6.

que era muito jovem e temia que pudesse prejudicar seu amo, mas que era provável que contasse toda a história porque o teria acompanhado ao fórum. Alípio o reconheceu e apontou para o arquiteto, que mostrou o machado ao menino e perguntou de quem era. "Nosso", ele disse, sem hesitação; e, ao ser questionado, contou todo o resto do que havia acontecido. Assim, o caso foi movido contra aquela casa, e a multidão, que já havia começado a aglomerar-se sobre Alípio, ficou alvoroçada. Alípio, que um dia seria pregador da Tua Palavra e julgaria muitos casos na sua Igreja[285], partiu como um homem mais experiente e mais instruído.

X - A RETIDÃO DE ALÍPIO

16.Encontrei Alípio em Roma. Ele se apegou profundamente a mim e foi comigo para Milão para não perder minha companhia e para colocar em prática alguns dos conhecimentos jurídicos que havia adquirido, bem mais pelos desejos de seus pais do que pelos seus. Ele já exercera três vezes o cargo de assessor e mostrava uma integridade que surpreendia os outros, ao passo que ficava mais espantado com quem valorizava mais o dinheiro do que a inocência. Sua honestidade natural foi posta à prova não apenas pelas tentações da ganância, mas também por um medo agudo. Em Roma, foi assessor do Chanceler do Tesouro Italiano. Naquela época, havia um senador muito poderoso que tinha subornado muitos com favores e mantido outros na linha por meio de intimidação. Ele queria permissão para fazer algo que não era permitido pelas leis. Normalmente, sua influência o capacitava a se safar dessas coisas, mas Alípio a ele se opôs. Um suborno foi oferecido, e Alípio riu de sua oferta; ameaças foram feitas, Alípio as desprezou. Todos ficaram maravilhados com essa alma excepcional que não queria esse homem como amigo nem o temia como inimigo, por maior que fosse, e amplamente conhecido pelas inúmeras maneiras que tinha de ajudar ou ferir os outros. Ora, o juiz a quem Alípio servia como advogado não queria conceder a petição, mas não estava disposto a recusar abertamente; assim, atribuiu a responsabilidade a Alípio, alegando que ele o impediu

285 Tito 1.7.

de fazer o que quisesse; pois, se tivesse concedido a petição, Alípio teria deixado o tribunal.

Pelo seu amor a literatura, Alípio foi quase seduzido a encomendar livros feitos para si às custas do tribunal. No entanto, deu ouvidos à justiça e direcionou seu pensamento para um curso melhor, julgando que a equidade, que o proibia, era de maior valor do que poder, que o permitia.

Isso é uma coisa muito pequena, mas quem é fiel no pouco também é fiel no muito[286], e estas palavras que procedem da boca da Tua Verdade nunca serão em vão: "Se alguém não for fiel nas riquezas desonestas, quem lhe dará as verdadeiras riquezas? E, se não for fiel no que é do outro, quem vai lhe dar o que é seu?"[287]

Um homem como esse era meu amigo íntimo naquela época e comigo titubeou enquanto procurávamos determinar qual estilo de vida deveríamos seguir.

17. Nebrídio também havia deixado tudo para trás: sua cidade natal perto de Cartago, e a própria Cartago, onde passara muito tempo; a bela propriedade rural de seu pai; sua casa; sua mãe, que não deveria seguilo. Foi para Milão com o único propósito de me acompanhar em uma busca apaixonada pela verdade e pela sabedoria. Ele tinha os mesmos anseios, as mesmas incertezas; era um perseguidor fervoroso da vida feliz e um investigador extraordinariamente perspicaz das questões mais difíceis. Eram três bocas escancaradas em sua necessidade, exalando sua pobreza uma sobre a outra e esperando que Tu desses a eles Teu alimento no tempo devido. Em toda a amargura que, por Tua misericórdia, acompanhou os nossos atos mundanos, procuramos vislumbrar a razão de estarmos sofrendo, mas encontramos apenas escuridão. Nós nos virávamos, gemendo, e perguntávamos: "Por quanto tempo devemos suportar isso?"[288] Repetidamente perguntamos. Embora pedíssemos, não deixávamos nossos cuidados mundanos para trás, porque não havia nenhum vislumbre de algo certo em que poderíamos nos agarrar se os deixássemos para trás.

286 Lucas 16.10.

287 Lucas 16.10-13.

288 Salmo 103.27.

XI - A hesitação de Agostinho

18.Quando olhei para trás para ver quanto tempo havia se passado desde meu décimo nono ano, o que mais me impressionou em meio aos meus problemas foi o quão apaixonado eu tinha sido quando comecei a buscar a sabedoria, resolvendo que, assim que a encontrasse, deixaria para trás todas as esperanças vazias e mentiras loucas de meus desejos vãos. E, agora, no entanto, no meu trigésimo ano, ainda preso na mesma lama[289] pela minha ânsia de desfrutar das coisas presentes que fugiram rapidamente e me consumiram, eu passava o tempo todo dizendo: "Amanhã eu vou encontrar. Tudo ficará claro, e então irei segurá-lo. Eis que Fausto virá e explicará tudo. Oh, que grandes homens são os Acadêmicos! Nada certo pode ser compreendido pelo qual possamos guiar nossas vidas.

"Em vez disso, investiguemos com mais diligência e não percamos as esperanças. Olha, as coisas que pareciam absurdas nas Escrituras da Igreja não são absurdas afinal; elas podem ser entendidas de forma diferente, com crédito. Vou plantar meus pés no degrau em que meus pais me colocaram quando era menino, até encontrar uma verdade inconfundível.

"Mas onde a vou procurar? Quando irei buscá-la? Ambrósio não tem tempo para mim. Não tenho tempo para ler. Onde vamos encontrar livros? Quando e de onde iremos obtê-los? Podemos pegá-los emprestados de alguém?

"Reservemos horários e dediquemos certas horas à saúde de nossas almas. Uma grande esperança surgiu: a fé católica não ensina o que pensávamos, o que nós, em nossa vaidade, a acusávamos de ensinar. Os eruditos entre eles pensam que é ímpio acreditar que Deus está limitado pela forma de um corpo humano. Hesitaremos em insistir para que outros mistérios nos sejam revelados? Os alunos ocupam as horas da manhã: o que faremos com o resto do dia? Por que não fazer isso?

"Mas, quando vamos prestar nossos respeitos aos amigos importantes, de cujo patrocínio dependemos? Quando prepararemos as

289 Terêncio, Fórmio 780 utiliza a mesma fórmula in eodem luto haesitas. Ela aparece ainda em Lactâncio, Inst. 2.8.24, 7.2.3; e Hierão, Ep. 143.2.

aulas que nossos alunos comprarão? Quando nos refrescaremos tirando essas preocupações de nossas mentes?"

19. "Esqueça todas essas coisas! Vamos dizer adeus a todas essas preocupações vazias e insignificantes e devotar todas as nossas energias a um objetivo: a busca pela verdade. A vida é miserável, a morte é incerta[290]. Suponha que nos sobrevenha de repente: em que condições partiremos daqui? E onde vamos aprender as coisas que deixamos de aprender aqui? Ou, em vez disso, não pagaremos por nosso fracasso com punição? E se a morte cortasse todas as nossas preocupações, uma vez que corta as sensações e acaba com elas? Devemos buscar uma resposta para essa pergunta também. Não, não pode, não deve ser assim. Não é por acaso, não é uma coincidência vazia, que a fé cristã se espalhou pelo mundo com autoridade tão proeminente. Deus nunca teria feito coisas tão grandes e notáveis por nós se a vida da alma fosse destruída com a morte do corpo. Então, por que devemos hesitar em deixar para trás nossas esperanças mundanas e devotar todo o nosso ser à busca de Deus e de uma vida feliz?

"Espere! Essas coisas também são deliciosas; têm uma doçura própria, uma doçura que de forma alguma é desprezível. Não devemos nos desligar delas levianamente porque seria uma vergonha voltar para elas. Considere que grande coisa é receber um alto cargo: o que mais se poderia desejar? Temos muitos amigos influentes. Sem exigir muito, muito rápido, poderíamos pelo menos receber um cargo de governador. E, então, casar com uma mulher que tem algum dinheiro para não nos sobrecarregar com despesas, e isso será tudo o que alguém pode querer. Muitos grandes homens que vale a pena imitar se dedicaram à busca da sabedoria, embora fossem casados."

20. Enquanto eu falava essas coisas e os ventos mudavam, dirigindo meu coração para um lado e para outro, os tempos foram passando, e demorei a me voltar para o Senhor. Dia a dia adiei viver em Ti e não adiei morrer todos os dias em mim. Amei a vida feliz, mas a temia em Tua morada e a busquei, fugindo dela. Pensei que ficaria totalmente miserável se fosse privado dos abraços de uma mulher. Não pensei em tomar o remédio de Tua misericórdia para curar aquela enfermidade,

290 Aqui há uma alusão à teoria epicurista. Ver ainda 6.16.26 e 7.5.7.

pois não tinha conhecimento disso. Acreditava que a continência era uma questão de força própria, que eu sabia que não tinha. Fui tão tolo que não sabia que, como está escrito, ninguém pode ser continente a menos que Tu o concedas[291]: e Tu realmente concederias se eu lançasse em Teus ouvidos meu gemido interior e sobre Ti[292], o meu fardo, com fé inabalável[293].

XII - A DÚVIDA SOBRE O MATRIMÔNIO

21. É verdade que Alípio me impediu de casar. Repetidamente, ele me lembrava que não poderíamos desfrutar do lazer estabelecido para viver juntos no amor à sabedoria, como há muito desejávamos, se eu fizesse isso. Na verdade, ele já era perfeitamente casto naquele tempo e tanto que era surpreendente, já que havia começado a ter relações sexuais no início de sua adolescência, mas não se apegou a elas. Em vez disso, arrependeu-se e as rejeitou; e, a partir de então, viveu em perfeita continência. No entanto, eu lhe respondia com exemplos de pessoas casadas que cultivaram sabedoria, viveram dignamente diante de Deus e foram fiéis e amorosas com seus amigos - mas eu estava longe de sua grandeza mental. Fui algemado por uma doença da carne e com uma doçura mortal arrastei minha corrente, temendo ser liberto. Suas palavras de persuasão bem intencionada foram como a mão que me libertaria, mas lutei contra ela como se fosse para me atingir e ferir.

Ainda mais, a serpente estava falando através de mim para Alípio; estava tecendo armadilhas atraentes[294] em minha língua e espalhando-as em seu caminho para enredar seus pés honrados e livres.

22. Alípio estava bastante surpreso de que eu, por quem ele tinha tanto respeito, estivesse tão preso no pântano daquele prazer, que, cada vez que falávamos sobre isso, juraria que nunca levaria uma vida celibatária. Ele achou essa afirmação bastante notável. Defendi-me dizendo que havia uma grande diferença entre sua experiência rápida e

291 Sabedoria 8.21.

292 1 Pedro 5.7.

293 Salmo 51.10.

294 Ver também 3.6.10 e 10.36.59.

furtiva, da qual ele mal se lembrava e por isso não encontrava dificuldade em rejeitar, e meus próprios prazeres habituais. Se meus prazeres recebessem além do honorável nome de casamento, não haveria razão para achar surpreendente que eu fosse incapaz de desistir de tal vida.

Como resultado, ele próprio começou a desejar o casamento, não superado de forma alguma pelo desejo de tal prazer, mas pela curiosidade. Disse que estava ansioso para saber o que poderia ser essa coisa, sem a qual minha vida - que para ele parecia tão agradável - não seria a meus olhos nenhuma vida, mas um castigo. Sua mente estava livre disso, e, desse modo, ficou ele confuso com minha escravidão. Perplexo, começou a ansiar por experimentá-la por si mesmo. Estava determinado a ir em frente, ter tal experiência, e talvez assim tivesse caído na mesma escravidão que tanto o confundiu, pois desejava se casar com a morte. Logo, aquele que está apaixonado pelo perigo cairá nela.

Há beleza na vida de casado, em cumprir os deveres do casamento e ter filhos, mas nenhum de nós tinha mais do que a mais tênue ideia disso. Para mim, o que mais importava, e o que me atormentava violentamente e me mantinha cativo, era o hábito de satisfazer minha luxúria insaciável; ao passo que, para ele, foi sua curiosidade instigante que o arrastou até lá.

Éramos assim até que Tu, ó Altíssimo, tiveste misericórdia de nós em nossa miséria. Tu não abandonaste nosso pó, mas vieste em nosso auxílio de maneira maravilhosa e oculta.

XII - O noivado

23. Todo esforço estava sendo feito para eu me casar. Eu já estava pedindo e sendo prometido. Minha mãe, em particular, estava trabalhando arduamente, pensando que, depois de casado, eu seria lavado no batismo que cura e salva. Naqueles dias, ela se alegrou por estar sendo preparado para isso e viu que suas orações e suas promessas a respeito de minha fé estavam a ponto de se cumprir. Na verdade, por minha insistência e por seu próprio desejo, ela suplicou-Te todos os dias com um forte clamor de coração para que Tu lhe mostrasses algo em uma visão sobre meu futuro casamento, mas nunca foi Tua vontade

fazê-lo. Ela via certas coisas vazias e fantásticas, sonhos movidos pelas preocupações do espírito humano. Contou -me sobre eles, mas não com a confiança que costumava demonstrar quando Tu lhe revelavas algo; em vez disso, ela os desprezou. Disse que havia um certo sabor que ela não conseguia colocar em palavras, pelo qual poderia dizer a diferença entre a Tua revelação e os sonhos de sua própria alma. Mesmo assim, esforços foram feitos, e a menina foi apresentada. Ela era dois anos mais jovem do que o necessário para se casar[295] e, como foi aprovada, a espera começou.

XIV - A união por uma vida em Comum

24. Vários de nós, em um grupo de amigos, reviramos os pensamentos, discutindo o quanto odiamos os males tempestuosos da vida humana. Tínhamos quase resolvido viver no lazer, longe das multidões abundantes. Fazíamos o possível para organizar nosso lazer de tal forma que, se pudéssemos ter quaisquer bens, os comprometeríamos para o bem de todos, unindo-os em um único tesouro doméstico. Assim, na pureza de nossa amizade, não haveria "meu" ou "seu", mas sim um bem comum para todos; todos os nossos bens pertenceriam a cada um de nós, e tudo pertenceria a todos. Vimos que poderíamos reunir ao menos dez de nós na mesma irmandade, que teria também algumas pessoas muito ricas - especialmente Romeno[296], que era de nossa cidade natal e, na época, tinha sido impelido a comparecer ao tribunal devido a sérias dificuldades a respeito de sua propriedade. Ele tinha sido meu amigo íntimo desde meus primeiros dias. Estava especialmente interessado nesse projeto, e sua adesão foi muito poderosa, porque tinha muito mais recursos do que o resto de nós. Nossa ideia era que nós dois simultaneamente serviríamos como magistrados por um ano e cuidaríamos de todos os negócios da comunidade, deixando os outros livres de preocupações. Então, começamos a nos perguntar se as

295 Justiniano, Inst. 1.22 informa que os homens atingem a puberdade aos 14 anos, e que as mulheres estão aptas para o casamento com 12 anos.

296 Romeno era o benfeitor financeiro de Agostinho e, provavelmente, um homem rico.

mulheres permitiriam: alguns de nós já tinham esposas, outros queriam se casar, e todo o arranjo, que havíamos pensado com tanto cuidado, se desfez em nossas mãos, despedaçou-se e foi jogado fora.

Voltamos aos nossos suspiros e gemidos e colocamos nossos pés novamente nos caminhos largos e desgastados deste mundo. Tínhamos muitos planos em nossos corações, mas Teu propósito permanece para sempre e, por meio dele, zombaste de nossos desejos e preparaste para nós os Teus: dar-nos comida no tempo devido, abrir Tua mão e encher nossas almas de bênçãos[297].

XV - A escravidão dos desejos

25. Nesse ínterim, meus pecados foram sendo multiplicados. A mulher com quem eu costumava dormir foi arrancada de mim como um obstáculo ao meu casamento, e meu coração, que estava profundamente apegado a ela, foi cortado em pedaços, ferido e pingava sangue. Ela voltou para a África[298], jurando nunca mais ficar com outro homem, deixando para trás o filho ilegítimo que tive com ela. Mas eu estava infeliz e não conseguia nem seguir o exemplo de uma mulher: não aguentava a demora de dois anos antes de me casar com a moça de quem estava noivo, porque não era amante do casamento, mas escravo da luxúria. Assim, encontrei outra mulher, que não tive como minha esposa.

Sua companhia manteria vivo o hábito pelo qual a doença de minha alma seria sustentada e prolongada com força total ou mesmo aumentada, até que eu entrasse no domínio do casamento. A ferida feita pelo corte anterior não foi curada; depois do calor abrasador e da agonia, apodreceu e latejava com uma dor mais fria, porém, mais desesperadora.

297 Salmo 144.15-16 (Vulgata).

298 Agostinho viveu com a mulher entre 370 e 371 em concubinato, o que não era incomum, nem ilegal. Os seus leitores romanos tardios sabiam que um jovem professor estaria em tal condição por causa do sistema de castas romano tardio. A terrível separação da primeira mulher é provavelmente posterior a 4 de abril de 386. Ela está com ele durante a primavera e o verão que conduzem ao cenário do jardim. Sobre a segunda ruptura, ver 8.12.30.

XVI - DISCUTE COM OS AMIGOS O SUMO BEM E O SUMO MAL

26. A Ti seja o louvor e a glória[299], ó fonte de misericórdias!

Eu estava ficando cada vez mais miserável, e Tu Te aproximavas. A cada momento, Tua mão direita estava presente[300], pronta para me tirar da lama[301] e me lavar, mas eu não sabia. E só havia uma coisa que me impedia de cair em um abismo ainda mais profundo dos prazeres carnais: o medo da morte e do Teu julgamento futuro, que nunca saiu de minha mente mesmo em meio a todas as minhas outras crenças instáveis.

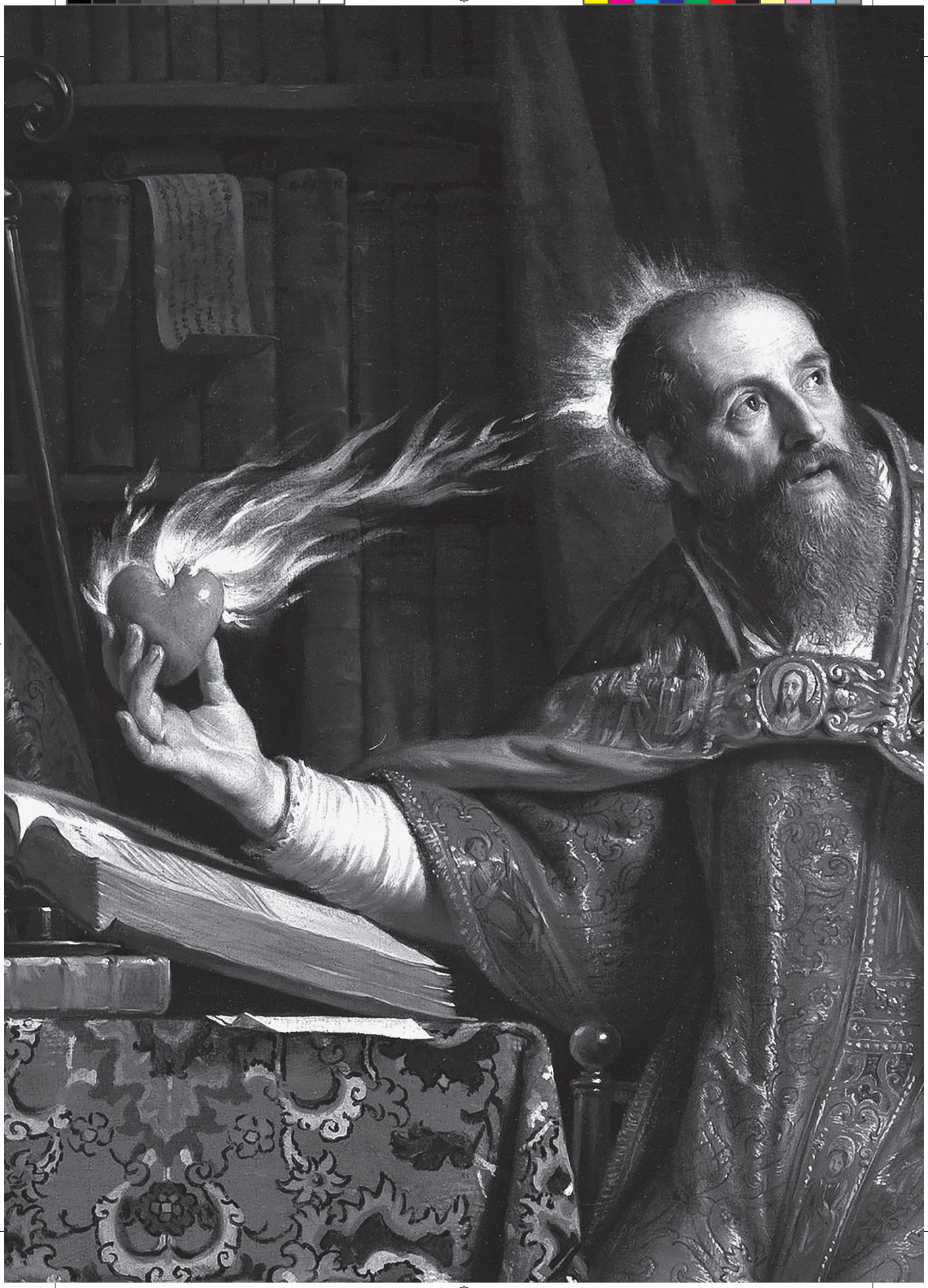
Com meus amigos Alípio e Nebrídio, comecei a discutir os fins das coisas boas e más. Disse que Epicuro teria a vitória em minha mente se eu não acreditasse que depois da morte a alma continuaria a viver e recebesse sua justa recompensa, o que Epicuro negou. E perguntei: "Se fôssemos imortais e desfrutássemos de uma vida de prazer corporal contínuo, sem medo de perdê-lo, por que não seríamos felizes? O que mais poderíamos pedir?" Não percebi que era de fato uma questão de grande infelicidade estar tão afundado no abismo, tão cego, que não pudesse ver a luz da integridade e de uma beleza que deveria ser abraçada por si mesma, uma beleza que os olhos da carne não discernem, uma beleza que se vê de dentro. Na cegueira que vivia, nem prestei atenção à beleza que surgiu em conversas tão doces com meus amigos, embora sobre assuntos tão ignóbeis, ou ao fato de que eu não poderia ser feliz sem amigos, mesmo que minha mente estivesse ocupada com tão grande extravagância de prazeres carnais. Amava esses amigos sem outros interesses e sabia que eles, por sua vez, me amavam da mesma forma. Quão tortuosos eram meus caminhos![302] Ai da alma temerária que espera ter algo melhor se afastando de Ti. Ela sacode e gira, de costas, de lado, de frente, e nada é confortável; só Tu és descanso. Eis que Tu se aproximaste, nos libertaste de nossas peregrinações miseráveis, plantaste nossos pés em Teu caminho e nos confortaste, dizendo: "Correi! Eu vos carregarei, levá-los-ei até o fim e serei vosso sustento".

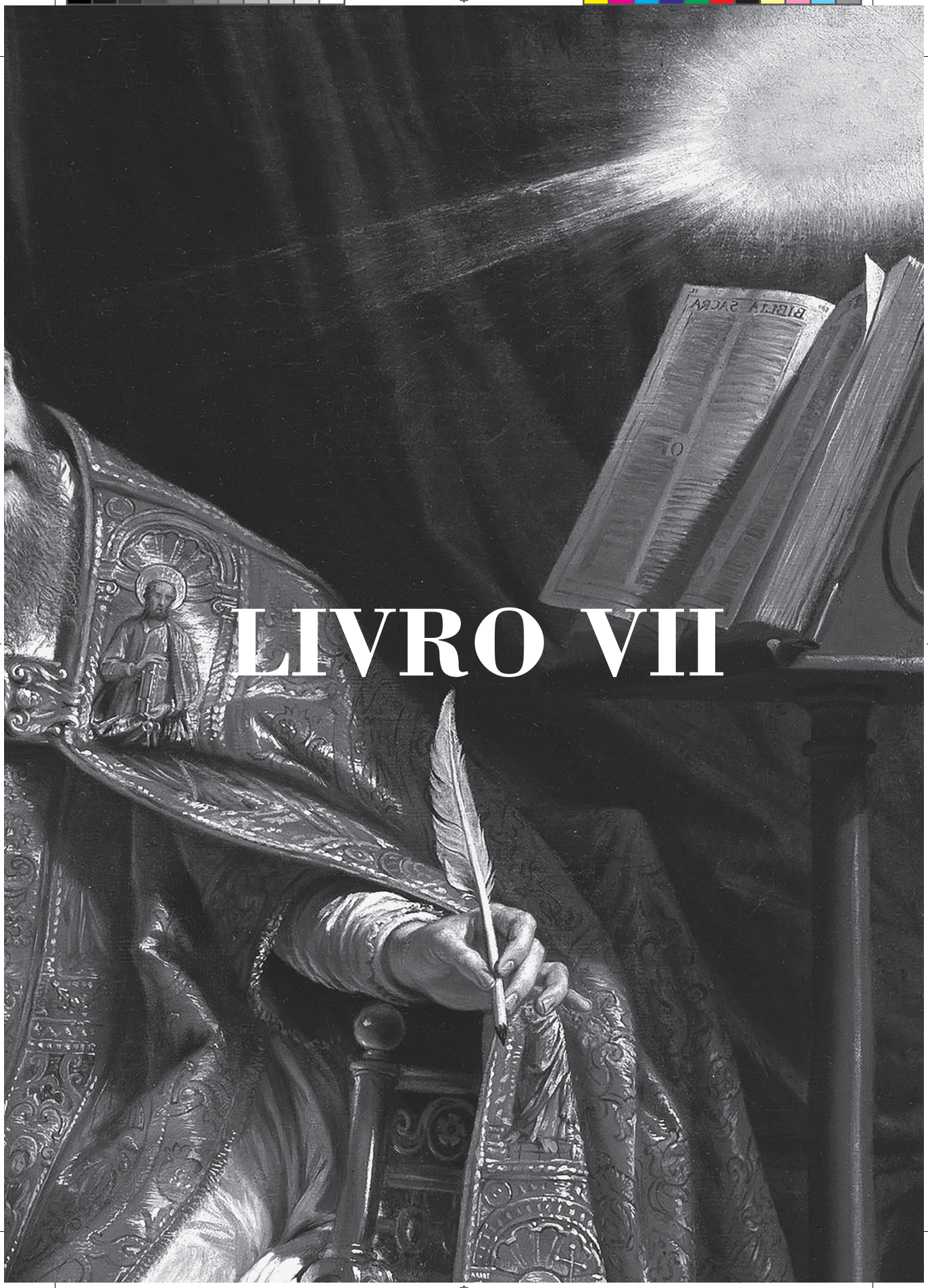
299 A referência aqui parece remontar ao culto, sendo litúrgica.

300 Salmo 108.29 (Vulgata).

301 Salmo 39.4 (Vulgata).

302 Há referências a essa imagem em: 2.3.6, 4.12.18, 6.5.8, 6.14.24 e 10.36.59.





LIVRO VII

Prefácio do Tradutor

O livro VII continua a lutar com ideias e a prestar relativamente pouca atenção a eventos externos. Agostinho está convencido de que Deus é "incorruptível, inviolável e imutável" (VII.I.1), mas ele é incapaz de conceber Deus adequadamente, porque não consegue apreender a noção de uma substância imaterial (VII.I.1-2). O aspecto incorpóreo e imutável de Deus permanecem pontos críticos para Agostinho; ele argumenta energicamente contra os maniqueus, mas está apenas começando a formular onde eles estão errados em sua divisão fundamental do mundo em entidades boas e más.

Agostinho ainda não é capaz de entender a origem do mal (VII.II.3-VII.V.7, VII.VII.11-VII.VIII.12), a astrologia permanece uma questão (VII.VI.8-10), e as explicações para as suas dificuldades intelectuais, advindas da leitura de alguns livros platônicos (VII.IX.13-15), lançam alguma luz sobre a natureza divina (VII.X.16). Agostinho concebe que em Deus não existe nenhuma forma de mal (VII.XIII.19) e elabora outros debates internos que são circulares, pois ele está tentando compreender o livre arbítrio por meio da própria vontade.

A filosofia neoplatônica exorta Agostinho a retornar a si mesmo, mas Agostinho ainda não pode encontrar Cristo dentro de si. Em meio a tudo isso, ele rejeita final e decididamente a predição astrológica e está começando a lidar com a noção de Cristo como mediador, embora, nesse momento, ele e Alípio tenham noções heréticas diferentes sobre o que Cristo pode ser.

Agostinho ainda não elaborou algo sobre o aparecimento de Deus no mundo por meio da Encarnação (VII.XVIII.24-VII.XX.26). Ele descobre a Verdade acima de sua mente, sendo tal Verdade não um objeto físico; porém, ainda assim, inegavelmente real. Agostinho descobre que tudo é bom na medida em que existe, e o mal não é uma substância em si mesma, mas é a ausência da bondade, tendo sua natureza por meio da privação e da perversidade (VII.XI.17-VII.XVI.22). Agostinho ainda não consegue fixar o olhar na Verdade que descobriu e permanece assim até que o Mediador entre Deus e os homens o habilite (VII.XVIII.24). Paulo auxiliará Agostinho nesse caminho (VII.XXI.17).

I - A essência de Deus

1. Nesse momento, minha ímpia e abominável adolescência estava morta. Estava me aproximando do auge da vida e, quanto mais crescia, mais caía na baixeza e no vazio: era incapaz de conceber qualquer outra substância além do tipo que pode ser visto pelos olhos da carne. Não Te concebi, ó Deus, na forma de um corpo humano; mas, assim que comecei a ouvir algo da sabedoria, rejeitei totalmente tal pensamento e me alegrei ao descobrir que a fé de nossa mãe espiritual, a Igreja Católica, concordava comigo nisso. Ser humano como eu era - e que ser humano! - não sabia de que outra forma poderia conceber-Te. Tentei conceber-Te, ó Deus supremo, único e verdadeiro. Acreditava desde o meu mais profundo ser que Tu és incorruptível, inviolável e imutável, embora não soubesse baseado em que ou de que forma sabia disso. No entanto, vi claramente e estava certo de que o que pode ser corrompido é inferior ao que não pode. Preferia, sem hesitar, o que não podia ser violado ao que era violável e o que é imutável ao que está sujeito a mudança.

Meu coração clamou com fervor contra todos os meus pensamentos imundos. Tentei afastar a nuvem rodopiante de impureza[303] do olhar de minha mente com um único golpe; porém, assim que a dispersei, ela voltou em um piscar de olhos, embaçando minha visão de tal modo que, embora eu não tenha Te imaginado na forma de um corpo humano, fui compelido a conceber-Te como algo corporal[304], estendido no espaço - talvez infundido no mundo ou disperso no espaço infinito, além do mundo. Além disso, considerei-Te também incorruptível, inviolável e imutável, classificando-Te acima do que era corruptível, violável e sujeito a mudanças. Tudo o que precisava de toda essa localização espacial parecia-me nada, absolutamente nada, nem mesmo uma espécie de vazio deixado quando o corpo é removido de um lugar e o lugar permanecesse, esvaziado de todo corpo – fosse ele terreno, úmido, arejado ou celestial – mas, ainda assim, um lugar vazio, um nada que ainda era, de alguma forma, como o espaço.

303 A expressão latina é circumvolantem turbam immunditiae, uma citação de Ovídio, Eneida 3.233.

304 A ideia de que os deuses têm corpo, defendida por Cícero (Nat. deor. 1.12.30), se liga à ideia de que as divindades estão distribuídas nos quatro elementos (Cícero, Nat. deor. 1.37.103).

2. Assim, meu coração ficou entorpecido[305], não estava presente nem mesmo com os meus próprios olhos. Pensei que tudo o que não estava esticado, ou espalhado, ou amontoado, ou inchado em algum tipo de espaço, ou tudo o que não continha ou não podia conter tal coisa era absolutamente nada. Meu coração foi em busca de imagens de formas semelhantes às que meus olhos estavam acostumados a ver. Não percebi que o modo pelo qual formei essas imagens não era espacial. Minha imaginação não poderia ter concebido tais imagens, a menos que elas fossem algo realmente grande. Do mesmo modo, também pensei em Ti, ó Vida da minha vida, como algo imenso, ocupando espaços infinitos em todas as direções, penetrando toda a massa do mundo e os vastos e ilimitados espaços além dele, de modo que a terra Te contivesse, os céus Te contivessem e todas as coisas Te contivessem, limitando-se a Ti, embora não estivesses de qualquer forma limitado. Assim como o corpo do ar - quero dizer, o ar que está acima da terra - não é obstáculo para a luz do sol, que passa por ele e o penetra, sem estilhaçá-lo ou cortá-lo, mas preenchendo-o por completo, então pensei que Tu impregnaste não apenas os céus, o ar, o mar, mas também o corpo da terra, que era permeável e aberto para receber Tua presença em todas as partes, da menor à maior, a de dentro e a de fora. Tu respiravas através deles de uma maneira oculta e assim governavas todas as coisas que criaste. Essa era a minha opinião, pois não conseguia conceber outra coisa; mas era falsa. Se fosse verdadeira, uma parte maior da terra teria segurado uma parte maior de Ti e uma parte menor, a menor parte. Assim, todas as coisas estariam cheias de Ti, do mesmo modo que um elefante Te conteria mais do que um pardal porque proporcionalmente é maior e ocupa um espaço maior. Se assim fosse, Tu estarias presente aos poucos nas partes do mundo; pequenas partes em lugares pequenos, partes grandes em lugares grandes.

Todavia, não é o caso. Tu ainda não iluminaste minha escuridão.

305 Mateus 13.15, Atos 28.27 e Isaías 6.10.

II - Nebrídio e os maniqueus

3. Tive à minha disposição, ó Senhor, argumentação suficiente para contestar aqueles enganadores, aqueles tagarelas que ainda nada disseram; pois não foi a Tua Palavra que saiu de seus lábios. A discussão que Nebrídio tantas vezes encetou há muito tempo em Cartago, que abalou a todos nós que a ouvimos, era tudo de que eu precisava[306]. O que ele perguntou foi a respeito daquela escuridão, fosse ela o que fosse, o que faria contigo a escuridão que, segundo eles, era uma massa oposta a Ti se Tu não estivesses disposto a lutar contra ela? Se a resposta fosse que terias feito algo para prejudicá-la, Tu serias violável e corruptível. Mas, se eles dissessem que a escuridão não poderia fazer mal a Ti, então não poderiam oferecer nenhuma razão pela qual Tu lutarias contra ela, ou lutaria de tal forma que alguma parte ou parte de Ti, ou algum descendente de Tua própria substância se misturasse com os poderes hostis, naturezas não criadas por Ti, tornando-se tão corrompido e degradado que cairia da felicidade à miséria e precisaria de ajuda para ser libertado e purificado. Esta seria a alma, escravizada, contaminada e corrompida, ajudada por Tua Palavra livre, pura e sonora. No entanto, sua própria Palavra também seria corruptível, visto que vem de uma única e mesma substância. Então, se dissessem que Tu, sejas o que for - isto é, a substância pela qual Tu existes -, és incorruptível, todas essas coisas seriam falsas e detestáveis. Porém, se dissessem que Tu és corruptível, essa mesma afirmação seria falsa, devendo ser rejeitada no momento em que fosse pronunciada. Esse argumento, então, foi o suficiente para que eu os repelisse completamente com um violento aperto interior, pois não tinham como acreditar e falar de Ti sem cometer um terrível sacrilégio de coração e língua.

306 Foi o argumento de Nebrídio contra os maniqueus que ajudou Agostinho a questionar o maniqueísmo e que foi utilizado na longa controvérsia de Agostinho contra eles.

III - A gênese do Mal

4. Ainda assim, embora eu dissesse e acreditasse firmemente que Tu, nosso Deus, o Deus verdadeiro, que fizeste não apenas nossas almas, mas também nossos corpos e não apenas nossas almas e corpos, mas todas as almas e corpos, não poderias ser contaminado ou alterado ou de alguma forma mudado. Não encontrei uma explicação clara da causa do mal. No entanto, fosse qual fosse a causa, percebi que teria de procurá-la como algo que não me obrigasse a acreditar que o Deus imutável era mutável para que eu não me tornasse exatamente o que estava procurando. E assim procurei calmamente, convencido de que o que foi dito por aqueles a quem repudiei de todo o coração era falso; pois vi que, em sua busca pela causa do mal, eles próprios estavam cheios de malícia[307]: o mal de acreditar que Tua substância sofre o mal, em vez de afirmarem que a Tua própria substância cria o mal.

5. Prestei muita atenção para que pudesse entender o que estava ouvindo: que o livre arbítrio da vontade é a causa de praticarmos o mal e o Teu justo julgamento[308], a causa de nosso sofrimento. Mas eu não conseguia ter uma compreensão clara disso.

Tentei tirar o olhar de minha alma do abismo, mas afundei nele; repetidamente tentei, e novamente, e ainda mais uma vez, afundei. O que estava ouvindo me elevou o suficiente para a Tua luz, que eu sabia que tinha uma vontade tão boa, que me fez perceber que estava vivo. Então, tive absoluta certeza que desejava ou queria algo. Era eu mesmo, e ninguém mais, que desejava ou queria algo. Diversas vezes, repetidamente, percebi que a livre escolha da vontade era a causa do meu pecado. Entretanto, pareceu-me que o que fiz de má vontade foi algo que aconteceu comigo, não algo que fiz. Dessa forma, concluí que isso não era uma falta, mas uma punição; e, como acreditava que Tu eras justo, fui facilmente levado a reconhecer que não seria injusto que me infligisses tal punição. Então eu perguntava: "Quem me criou? Não foi meu Deus, que não é apenas um grande bem, mas o próprio Bem? Como, então, posso fazer o mal e querer algo contra o bem? É para

307 Romanos 1.29.

308 Salmo 118.117 (Vulgata).

que eu possa sofrer punições com justiça? Quem colocou isso em mim? Quem plantou em mim essa semente de amargura quando tudo de que sou formado foi feito pelo meu Deus, que é de doçura incomparável? Imagine que o demônio fosse o responsável. Então, de onde veio o demônio? Se foi pela perversidade de Tua vontade que um anjo bom se tornou demônio, de onde veio a vontade maligna pela qual se tornou o demônio, já que todo o anjo foi feito pelo melhor Criador possível?" Repetidamente fui oprimido e estrangulado por esses pensamentos, mas nunca fui desviado para aquele inferno de erro onde ninguém Te reconhece[309], o inferno de acreditar que estás sujeito ao mal ao invés dos homens os praticarem.

IV - Deus Supremo, incorruptível

6. Estava tentando descobrir outras verdades e já havia descoberto que o incorruptível é melhor do que o corruptível quanto confessei que Tu, fosse quem fosse, seria incorruptível. Nenhuma alma jamais foi ou será capaz de conceber algo que seja melhor do que Tu, que é o Supremo e melhor Bem. Se o incorruptível, que mais verdadeira e seguramente se classifica mais alto do que o corruptível, como percebi que acontecia; se Tu não fosses incorruptível, eu mesmo teria sido capaz de conceber algo que seria melhor do que meu Deus. Deveria ter Te procurado, então, no mesmo lugar em que vi que o incorruptível deve ser preferido ao corruptível; era lá que deveria ter procurado a fonte do mal, ou seja, a fonte da corrupção em que a Tua substância não pode de forma alguma ser violada. Não há como a corrupção violar nosso Deus - nem por vontade própria, nem por necessidade, nem por acaso imprevisto. Ele é Deus e o que deseja para Si mesmo é bom. Ele é o próprio Bem, e ser corrompido não é bom. Tu não podes ser forçado a nada contra a Tua vontade, pois a Tua vontade não é maior do que o seu poder. Na verdade, seria maior se Tu fosses maior do que Tu mesmo, porque a vontade de Deus e o poder de Deus são o próprio Deus. O que é imprevisto por Ti, que sabe todas as coisas? Nenhuma natureza

309 Salmo 6.6 (Vulgata).

existe, exceto porque Tu a conheces. Na verdade, com que propósito oferecemos tantos argumentos para mostrar que a substância de Deus não é corruptível; pois, se o fosse, Ele não seria Deus?

V - AINDA A FONTE DO MAL

7. Procurei a fonte do mal, mas de um jeito inadequado; não percebi o mal que havia naquela minha forma de buscá-la. Com o olhar da minha mente, examinei toda a criação: tudo o que podemos perceber nela como a terra, o mar, o ar, as estrelas, as árvores e os animais mortais, junto com tudo o que não podemos ver, como o firmamento, todos os anjos[310] e todos os seres espirituais da criação. Minha imaginação forneceu lugares até mesmo para esses seres espirituais, como se fossem corpos. Fiz de Tua criação uma grande massa única, articulada em tipos de corpos, corpos reais ou os tipos de criaturas que imaginei como corpos.

Não o imaginei tão grande como era, pois não podia sabê-lo, mas o fiz tão grande quanto quis, limitado e claro por todos os lados; mas contigo, Senhor, envolvendo-o e penetrando cada parte, ainda infinito em todas as direções, como se houvesse um mar em todos os lugares, um único mar infinito estendendo-se através do espaço incomensurável, que tinha uma grande, embora finita, esponja nele. Cada parte da esponja seria, é claro, preenchida com o mar incomensurável. Esta é a maneira que pensei que Tua criação finita estava cheia de Ti, o Deus infinito. E eu disse: "Aqui estais Deus, e aqui está o que Deus criou. Deus é bom, vasta e incomparavelmente mais excelente do que as criaturas. Esse Deus bom criou coisas boas, veja como Ele as envolve e as preenche. De onde então veio o mal? De onde e por que caminho invadiu a criação? Qual é a sua raiz e semente? Ou o mal não existe? Por que então tememos e evitamos o que não existe? Se nosso medo é em vão, esse medo é certamente um mal pelo qual o coração é perturbado e atormentado sem razão. E, quanto mais tememos esse mal inexistente, maior é o

310 A referência aos anjos feita aqui é a primeira referência direta. Antes, fez-se referência aos anjos caídos em 1.17.27 , 7.3.5; aos falsos anjos dos maniqueus em 3.10.18 , 4.1.1; e à veneração de Mônica por Ambrósio como se ele fosse um anjo de Deus (6.1.1).

mal - e nós o tememos. Portanto, ou existe um mal que tememos ou o próprio fato de que o tememos é um mal em si. Como, então, existe o mal, visto que Deus é bom e fez todas essas coisas boas?[311] Um Bem superior - na verdade o maior - fez esses bens menores, e ainda assim, o Criador é bom e todas as coisas criadas são boas. Então, de onde vem o mal? Será que Ele os fez de alguma matéria que era má, que formou e ordenou, mas deixou algo nela que não transformou em boa? Como isso seria? Faltou-Te, ó Todo-Poderoso, o poder de transformar e moldar toda a matéria sem que nenhum mal permanecesse? Finalmente, por que Ele quis fazer algo com a matéria em vez de usar a Sua onipotência para fazer com que não houvesse matéria? Ou, de fato, como poderia a matéria existir contrariamente à Sua vontade? Ou, se fosse eterno, por que Ele permitiu que existisse através dos infinitos alcances dos tempos passados e só muito mais tarde decidiu fazer algo com ele? Ou, se Ele quisesse, pela primeira vez, agir, por que o Todo-Poderoso não faria, em vez disso, que a matéria não existisse, e só Ele existisse, o Bem completo, verdadeiro, supremo e infinito? Ou se, por ser bom, não Lhe convinha não modelar e criar algo de ruim, porque não geraria a matéria boa, com a qual criaria todas as coisas? Por que não destruiria, aniquilaria a matéria que era má? Ele não seria Todo-Poderoso se não pudesse criar nada de bom sem a ajuda de uma matéria que Ele mesmo não havia criado."

Revirei essas perguntas repetidamente em minha mente miserável, oprimida por preocupações agudamente pungentes, com medo de morrer antes de encontrar a verdade. Contudo, a fé de Tua Igreja Católica em seu Cristo, nosso Senhor e Salvador[312], tinha um lugar firme em meu coração. É verdade que, em muitos aspectos, eu ainda estava informe, ainda no mar, além dos limites da doutrina correta; mas minha mente nunca abandonou essa fé. Na verdade, dia após dia, a bebia cada vez mais.

311 Gênesis 1.31.

312 2 Pedro 2.20.

VI - ASTROLOGIA, ILUSÃO PROFANA

8. Naquela época, eu também havia repudiado as previsões enganosas e ilusões profanas dos astrólogos. Por isso, ó meu Deus, deixe que Tuas misericórdias a Ti confessem desde o mais íntimo de minha alma. Tu, e somente Tu, que me deste o remédio para a teimosia com que resisti a Vindiciano, aquele velho inteligente, e a Nebrídio, aquele jovem de espírito maravilhoso. Quem mais, senão a Vida que não conhece a morte, nos chamaria de volta da morte, de todo erro? Quem mais, senão a Sabedoria que não precisa de luz e ilumina as mentes necessitadas, a Sabedoria pela qual o mundo é governado e que desceu até o farfalhar das folhas das árvores? Vindiciano argumentou enfaticamente e Nebrídio, com certa hesitação, mas repetidamente, que a astrologia não era uma arte de prever o futuro; mas, em vez disso, que as conjecturas humanas muitas vezes têm o poder do acaso. Os astrólogos comentam tanto que muitas coisas que dizem realmente acontecem, não porque aqueles que fazem essas previsões saibam alguma coisa, mas porque, por não se calarem, tropeçam em coisas que realmente acontecerão. Para esse fim, Tu me forneceste um amigo, um homem que fazia questão de consultar astrólogos embora não fosse muito versado em seus escritos. Ainda assim, como eu disse, ele os consultou por curiosidade, sabendo algo sobre eles que disse ter aprendido com seu pai - sem perceber o quão poderoso esse conhecimento seria para subverter minha opinião sobre essa arte. Este homem chamava-se Firmino. Era bem instruído nas artes liberais e treinado em eloquência. Quando me consultou como um amigo querido sobre certos assuntos Teus nos quais ele havia colocado uma quantidade um tanto exagerada de esperança mundana, ele me perguntou o que Tuas constelações, como os astrólogos as chamam, pareciam para mim. Naquela época eu tinha começado a compreender a opinião de Nebrídio sobre o assunto. Não me recusei a fazer uma previsão e contar-lhe o que ocorria à minha mente vacilante, mas acrescentei que estava quase convencido de que todo o negócio era ridículo e sem sentido. Foi quando ele me disse que seu pai tinha uma curiosidade excepcional sobre esses livros e tinha um amigo que estava igualmente interessado, que também seguia a astrologia. Ao estudar e discutir juntos, eles atiçavam o fogo de seus corações para essas trivialidades, tanto que, quando qualquer

um deles tinha um animal que dava à luz, marcavam o momento do nascimento e anotavam a posição dos céus para reunir evidências para sua arte. Firmino então me contou que, quando sua mãe estava grávida dele, uma escrava na casa desse amigo de seu pai também estava grávida. O dono da casa dificilmente poderia ignorar a coincidência, pois se preocupava em saber nos mínimos detalhes, até mesmo a data em seus cães parira. E aconteceu que, enquanto eles estavam fazendo a anotação mais cuidadosa do dia, da hora e das menores frações de uma hora - uma para sua mãe e outra para a escrava - as duas mulheres deram à luz ao mesmo tempo, obrigando esses homens a fazer os mesmos gráficos, até o último minuto, para os dois recém-nascidos, um para Firmino e o outro para o filho dessa escrava. Assim que as mulheres entraram em trabalho de parto, os dois homens se mantiveram informados sobre o que estava acontecendo em cada casa. Tinham mensageiros prontos para enviar uns aos outros a notícia do nascimento assim que acontecesse. Foi fácil para cada um deles, estando em sua propriedade, fazer com que a notícia fosse comunicada imediatamente. Disse que os mensageiros que cada um enviou se encontraram exatamente no meio do caminho entre as duas casas, fazendo com que nenhum deles pudesse registrar qualquer diferença na posição das estrelas ou quaisquer outros detalhes dos momentos do nascimento. Firmino, nascido em uma família rica, desfrutou de uma carreira mundana comparativamente brilhante, cresceu em riqueza e foi homenageado com honras, enquanto o escravo passou a servir seus senhores, e o peso de sua condição não foi de forma alguma aliviado. Foi dessa forma que Firmino, que o conhecia, contou-me.

9. Assim que ouvi essa história, acreditei[313] - tal era o caráter do homem que a contou -, e todas as minhas hesitações cessaram. Ele, no entanto, estava curioso, perplexo. Tentei primeiro dissuadi-lo dessa mesma curiosidade. Disse que, se fosse fazer uma previsão verdadeira observando as constelações, teria que observar nelas que seus pais eram pessoas distintas: uma família era nobre, estava em sua cidade natal e a criança nasceu livre, sendo bem criado e treinado nas artes liberais. Se o escravo tivesse vindo a mim para um horóscopo com base nessas mesmas constelações, pois elas também eram dele, a fim de fazer uma

313 A expressão latina aqui utilizada, talis quippe narraverat, indica a autoridade do interlocutor, especialmente a sua autoridade moral.

previsão verdadeira para si, teria que observar nelas a condição humilde de sua família, a sua própria condição de escravo e muitos outros fatos bem diferentes dos que observei no caso de Firmino. Segue-se, portanto, que, para fazer previsões verdadeiras, eu teria que dizer coisas diferentes com base na mesma informação. Se, em vez disso, dissesse as mesmas coisas, minha previsão seria falsa. A partir disso, concluí com certeza absoluta que as pessoas que fizeram previsões verdadeiras observando as constelações as fizeram por acaso, não por habilidade. Aqueles que fizeram previsões falsas não eram inábeis, apenas azarados.

10. Tendo ouvido essa história e aceitado a sua veracidade, comecei a refletir sobre como poderia responder se um daqueles loucos que se dedicam a tal investigação - que eu já estava ansioso para confrontar e rebater com o ridículo – resolvesse argumentar que Firmino havia mentido para mim ou seu pai para ele.

Considerei aqueles que nascem como gêmeos. Frequentemente, um sai do útero pouco tempo depois do outro. Os astrólogos afirmam que esse intervalo tem um efeito potente na maneira como as coisas acontecem e, no entanto, não pode ser capturado pela observação humana e registrado nos mapas que um astrólogo consultará para fazer uma previsão verdadeira. E suas previsões não serão verdadeiras. Eles observariam os mesmos gráficos para Esaú e Jacó, mas ambos não tiveram as mesmas experiências[314]. Portanto, ou suas previsões seriam falsas; ou, se fossem verdadeiras, não seriam as mesmas. Ainda assim, estariam olhando para as mesmas informações. Conclui-se que eles fazem previsões verdadeiras não por habilidade, mas por acaso.

Tu, Senhor, mais justo Governante do universo, ages por uma inspiração oculta tanto sobre aqueles que consultam astrólogos quanto sobre aqueles que são consultados, embora eles não saibam disso, para que, das profundezas de Teu justo julgamento[315], ouçam o que é adequado para se ouvir à luz dos méritos de suas almas. Não deixes nenhum ser humano dizer diante de Tua justiça: "O que é isso? Por que é isso?"[316] Não, que ninguém diga isso, que ninguém diga, pois são apenas humanos.

314 Gênesis 25-27.

315 Salmo 35.7 (Vulgata).

316 Sirácida 39.25-26.

VII - Procurando da origem do mal

11. E, então, Tu, que és meu auxílio, já tinhas me libertado dessas correntes. Procurei a fonte do mal, mas minha busca não levou a lugar nenhum. Ainda assim, não permitiste que algum pensamento turbulento me afastasse da fé de que existes, que Tua substância é imutável, que exerces cuidado e julgamento em relação aos seres humanos, que em Cristo, Teu Filho, nosso Senhor, e nas Sagradas Escrituras recomendadas pela autoridade de Tua Igreja católica, traças um caminho para a salvação humana para a vida que há de vir após a morte.

Mesmo que todas essas coisas estivessem seguras e inabalavelmente firmes em minha mente, eu estava confuso em minha busca pela fonte do mal. Tantas dores de parto agonizavam em meu coração, tantos gemidos, meu Deus! Tu me ouviste[317], embora eu não soubesse disso! Apesar de minhas indagações persistentes terem sido silenciosas, as dores não ditas do meu coração clamavam em altas vozes por Tua misericórdia. Apenas Tu sabias que eu estava sofrendo, ninguém mais. Havia tão pouco que pudesse colocar em palavras, mesmo para meus amigos mais próximos. Eles poderiam ter ouvido todo o tumulto de minha alma, que não tive tempo nem palavras para expressar? Eu chorava com o gemido do meu coração, meu anseio estava diante de ti e a luz dos meus olhos não estava comigo. Aquela luz estava dentro, mas eu estava fora, e ela não estava em nenhum lugar. Voltei minha atenção para as coisas que estão contidas nos lugares e não encontrei nenhum lugar para descansar; pois não me deram as boas-vindas e me deixaram dizer: "Isso é o suficiente! Tudo está bem!"; nem me deixaram ir para que pudesse voltar para onde tudo estaria de fato bem. Fui superior a tudo isso; porém, inferior a Ti. Serias a minha verdadeira alegria, enquanto estive submisso a Ti, que submeteste a mim as criaturas que eram inferiores.

Poderia ser esse o equilíbrio adequado, o reino intermediário de minha salvação, para que pudesse permanecer como Tua imagem e ao Teu serviço, assumir o controle do corpo. No entanto, arrogantemente

317 Salmo 37.9-11 (Vulgata).

me levantei contra Ti e o acusei com todas as minhas argumentações prontas, mesmo quando aquelas coisas mais baixas foram colocadas acima de mim e me oprimiram, e eu não conseguia descansar, não conseguia respirar. De todos os lados, elas pressionavam-me onde quer que eu olhasse, maciçamente; e, quando tentei pensar, as imagens daquelas criaturas atrapalharam meu caminho e não me deixaram voltar. Era como se estivessem dizendo-me: "Para onde está indo, seu sujeito inútil e sórdido?"[318] Todas essas coisas surgiram da minha ferida, pois Tu humilhaste[319] este homem orgulhoso com uma chaga. Minha soberba me afastou de Ti, e meu rosto estava tão inchado que manteve os meus olhos fechados.

VIII - O SOCORRO DA MISERICÓRDIA DIVINA

12. Mas Tu, Senhor, que habitas na eternidade, não Te zangarás conosco para sempre, porque tens misericórdia sobre a terra e as cinzas[320], e Te satisfaz restaurar minha deformidade. Com os Teus aguilhões, estimulaste-me para que ficasse impaciente até que meu olhar interno o visse firmemente. Através da mão oculta de Teu remédio[321], meu inchaço diminuiu, e o olhar turbulento e turvo de minha mente foi sendo curado. Dia a dia, Tu aplicaste o bálsamo de dores curativas na visão de minha mente perturbada e sombria.

IX - A LEITURA DOS NEOPLATÔNICOS

13. Em primeiro lugar, quis mostrar-me como resistes aos soberbos, mas dá graça aos humildes, e quão grande é a Tua misericórdia[322], que mostraste aos seres humanos através da humildade, na medida em que

318 Jó 15.26.

319 Salmo 88.11 (Vulgata).

320 Salmo 101.13 (Vulgata).

321 Apocalipse 3.18.

322 Provérbios 3.3-4, Tiago 4.6 e 1 Pedro 5.5.

se fez carne o Teu Verbo e habitou entre nós[323]. Destinaste para mim, por meio de um certo sujeito que estava inflado com a arrogância mais monstruosa, certos livros dos platônicos traduzidos do grego para o latim. Neles li - não com estas palavras, mas exatamente a mesma lição, apresentada de forma persuasiva com muitos argumentos de diferentes formas - que no "no princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada foi feito se fez. Nele estava a vida; e a vida era a luz dos homens. E a luz resplandece nas trevas, que não a compreenderam". Li também que a alma humana, embora dê testemunho da Luz, não é ela mesma essa luz; antes, Deus, o Verbo, é a verdadeira Luz que ilumina todo ser humano que vem a este mundo. Além disso, li que Ele estava no mundo, que o mundo foi feito por meio d'Ele, e o mundo não O reconheceu. Ele voltou para o que era Seu, e Seu próprio povo não o recebeu; mas para todos quantos O receberam, para aqueles que acreditaram em seu Nome, deu poder para se tornarem filhos de Deus[324], e essa verdade não li nesses livros.

14. Nesses livros também li que Deus, o Verbo, nasceu, não do sangue, nem da vontade do homem, nem da vontade da carne, mas de Deus. Que o Verbo se fez carne e habitou entre nós[325], isso também não li neles. E, de fato, descobri naqueles escritos, declarados de muitas e várias maneiras, que o Filho estava na forma do Pai, mas não considerava usurpação a igualdade com Deus, visto que ele é por natureza o mesmo que Deus.

Mas não li nesses livros que Ele se esvaziou, tomando a forma de um escravo; e, sendo feito à semelhança dos seres humanos e encontrado na forma humana, Ele se humilhou, tornando-se obediente até a morte, até a morte de cruz. E, assim, Deus o ressuscitou dentre os mortos e lhe deu um nome, Jesus, que está acima de todos, para que, em seu nome, todos os joelhos se dobrem, as coisas no céu, as coisas na terra,

323 João 1.14.

324 João 1.10-11.

325 João 1.14.

as coisas debaixo da terra e toda língua confesse que Jesus é o Senhor, para a glória de Deus Pai[326].

Nos livros também se descobre que, antes de todos os tempos e além de todos os tempos, seu Filho unigênito[327], que é coeterno com Deus, permanece imutável; que, de sua plenitude[328], as almas recebem bem-aventurança e que, compartilhando da Sabedoria que habita em si[329], as almas são renovadas para que se tornem sábias. No entanto, não se descobre que no tempo certo ele morreu pelos ímpios[330] e que Tu não poupaste Teu único Filho, mas o deu por todos nós[331].

"Ocultaste estas coisas aos sábios, e as revelaste aos pequeninos", [332]de tal modo que os que trabalham e estão sobrecarregados virão a Ele e Ele os aliviará; [333]pois Ele é manso e humilde de coração. Ele guiará os mansos no julgamento e ensinar-lhe-á os Seus caminhos[334], olhando para nossa humildade e trabalho, e perdoando todos os nossos pecados[335].

Quanto aos que se ensoberbecem, como se estivessem colocados no pedestal de um ensinamento mais sublime, eles não o ouvirão dizer: "Aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e vós encontrareis descanso para vossas almas"[336]. Mesmo tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; mas os seus pensamentos tornam-se estéreis, e seus corações tolos escurecem. Apesar de se professarem sábios, tornaram-se tolos[337].

15. E, por essa razão, também li naqueles livros que eles trocaram a glória do Teu Ser incorruptível por ídolos e vários fantasmas, pela semelhança da imagem de seres humanos corruptíveis, e pássaros, e

326 Filipenses 2.6-11.

327 João 1.14.

328 João 1.16.

329 Sabedoria 7.27.

330 Romanos 5.6.

331 Romanos 8.32.

332 Mt 11,25

333 Mt 11,28-29

334 Salmo 24.9 (Vulgata).

335 Salmo 24.18 (Vulgata).

336 Mateus 11.29.

337 Romanos 1.21-22.

criaturas quadrúpedes, e serpentes[338], ou aquela comida egípcia pela qual Esaú desistiu de seus direitos como primogênito[339]. O coração de Teu povo primogênito voltou para o Egito, e adoraram a cabeça de uma besta de quatro patas em vez de adorarem a Ti. Suas almas se curvaram diante da imagem de um bezerro que come feno.

Essas coisas eu encontrei nos livros, mas não as assimilei. Agrada-Te, Senhor, remover de Jacó a desonra de sua inferioridade, para que o mais velho servisse ao mais jovem; e Tu chamaste as nações para a sua herança[340]. E eu vim para Ti dessas nações. Tinha me dedicado ao ouro que Teu povo possuía, por Tua vontade, levado da terra do Egito - pois esse ouro era Teu, não importava onde eu estivesse[341].

E, por Teu apóstolo, disseste aos atenienses que em Ti vivemos, nos movemos e existimos[342], como disseram algumas das Tuas autoridades. Tais livros a eles pertenciam.

Não me dediquei aos ídolos dos egípcios, aos quais ofereciam sacrifícios com o Teu ouro, que "mudaram a verdade de Deus em mentira e honraram e serviram mais a criatura do que o Criador"[343].

X - Agostinho descobre a Verdade

16. Aconselhado por tais livros a retornar a mim mesmo, entrei em meu ser mais íntimo, tendo-Te como meu guia; e fui capaz de fazer isso porque Te tornaste meu ajudante. Entrei e, pelo olhar da minha alma, vi - acima dos olhos da minha alma, acima da minha mente – a Luz imutável. Não era a luz comum e visível a toda carne; nem era uma luz do mesmo tipo, apenas mais nobre, como se a luz comum tivesse se tornado mais clara, mais brilhante e tão grande que preenchia todas as coisas. Não, a Luz não era assim; era algo totalmente diferente de todas essas coisas. E não estava acima da minha mente no sentido de que o óleo está sobre a

338 Romanos 1.23.

339 Gênesis 25.33-34.

340 Salmo 78.1.

341 A referência ao ouro egípcio é uma alusão ao platonismo.

342 Atos 17.27-28.

343 Romanos 1.25.

água ou o céu está acima da terra; era superior, pois aquela Luz me fez, e eu era inferior, pois fui feito por ela. Aquele que conhece a Verdade, conhece essa Luz; aquele que conhece essa Luz, conhece a eternidade. O amor conhece essa luz. Ó eterna Verdade, verdadeiro Amor e amada Eternidade, Tu és meu Deus! Suspiro por Ti dia e noite![344] E, quando Te vi pela primeira vez, levantaste-me para que eu pudesse ver o que vi, mas o que vi ainda não existia. Tu repeliste a fraqueza do meu olhar, irradiando sobre mim com grande força, e eu tremi de amor e de terror. Descobri que estava longe de Ti, em uma terra de dessemelhança, como se ouvisse tua voz do alto: "Eu sou alimento para os adultos; cresce e vais se alimentar de mim. E Tu não vais me transformar em Ti, como muda o alimento da sua carne, mas, em vez disso, serás transformado em mim". Reconheci que castigaste os seres humanos por causa de seus pecados e fez minha alma derreter como uma teia de aranha. E eu disse: "Então a verdade não é nada, porque não está espalhada por nenhuma extensão finita ou infinita de lugares?" E Tu gritaste de longe: não, de fato; verdadeiramente, "Eu sou o que sou"[345]. E eu ouvi, como se ouve no coração; e não tinha mais espaço para duvidar. Teria duvidado mais facilmente de que eu estava vivo do que da existência da Verdade, que é percebida por meio das coisas que foram feitas.

XI - A EXISTÊNCIA DAS CRIATURAS

17. Examinei as outras coisas que estão abaixo de ti e vi que não existem e nem totalmente deixam de existir. Realmente existem porque se originam de Ti, mas não são o que Tu és, e o que de fato existe é o que permanece imutável. "Mas, para mim, bom é aproximar-me de Deus"[346]; se não permaneço n'Ele, também não posso permanecer em mim mesmo. Mas Ele, permanecendo em Si mesmo, "faz novas todas as coisas". [347]Tu és, ó meu Senhor, porque não precisas dos bens que são meus.

344 Salmo 41.4 (Vulgata).

345 Êxodo 3.14.

346 Sl 73,28

347 Ap. 21,5

XII - A diferença do bem e do mal

18. E ficou claro para mim que as coisas que são corrompidas também são boas. Elas não poderiam ser corrompidas se fossem os bens mais elevados ou se não fossem absolutamente boas. Se fossem os bens mais elevados, seriam incorruptíveis; mas, se de nenhum modo fossem boas, não haveria nada nelas para ser corrompido. Afinal, a corrupção prejudica alguma coisa; e, a menos que diminuísse algum bem, não faria mal. Portanto, ou a corrupção não prejudica nada, o que é impossível, ou então - o que certamente é o caso - tudo que está corrompido é privado de algum bem. Agora, se as coisas forem privadas de todo bem, elas não existirão de forma alguma. Se ainda existem e não podem mais ser corrompidas, serão melhores, porque persistirão incorruptivelmente: o que poderia ser mais monstruoso do que dizer que as coisas se tornam melhores por serem privadas de todo o bem? Portanto, se elas forem privadas de todo o bem, não existirão de forma alguma. Então, enquanto as coisas existem, elas são boas. Portanto, todas as coisas que existem são boas, e aquele mal cuja origem eu estava investigando não é uma substância. Se fosse uma substância, seria boa, visto que seria uma substância incorruptível e, portanto, é claro, um grande bem, ou uma substância corruptível, que não seria corruptível a menos que fosse boa. Então ficou claro para mim que Tu tornaste todas as coisas boas, que não há substâncias que não tenhas feito. E por que não fizeste todas as coisas iguais, todas as coisas existem; pois, individualmente, todas são boas e, juntas, são muito boas, porque nosso Deus fez todas as coisas muito boas.

XIII O lado bom das criaturas

19. Para Ti, o mal não existe de forma alguma - e não apenas para Ti, mas para toda a Tua criação, uma vez que não há nada fora dela que invada e corrompa a ordem que lhe impuseste. Provavelmente existem partes que são consideradas ruins porque não se encaixam harmoniosamente com todas as partes; mas mesmo assim servem para

algumas e também são boas em si mesmas. E todas essas coisas que não se encaixam harmoniosamente umas nas outras são bem adequadas à porção inferior do que chamamos de terra, que tem um céu nublado e com ventos adequados a ela. Longe de mim dizer: "Estas coisas não deveriam ser", pois, mesmo que não pudesse ver nada além delas, e, na verdade, desejasse coisas melhores, ainda assim deveria agradecer-Te por elas. As coisas da terra - dragões e todas as profundezas, fogo e granizo, neve e gelo, os ventos tempestuosos que cumprem sua Palavra, montanhas e todas as colinas, árvores frutíferas e todos os cedros, feras selvagens e todo o gado, coisas rastejantes e pássaros alados - revelam que és digno de louvor. Reis da terra e todos os povos, príncipes e todos os juízes da terra, jovens e donzelas, velhos e jovens juntos; que louvem o Teu nome. Que também Te louvem desde os céus; que Te louvem, nosso Senhor. Todos os Teus anjos nas alturas, todos os Teus poderes, o sol e a lua, todas as estrelas e a luz, os céus dos céus e as águas que estão acima dos céus: deixe-os louvar o Teu nome[348]. Já não desejava coisas melhores, porque tinha todas as coisas em meu pensamento; e, com um julgamento mais sólido, considerei as coisas superiores como sendo, é claro, melhores do que as inferiores, mas todas as coisas juntas são melhores do que as coisas superiores por si mesmas.

XIV - REFLEXÃO SOBRE O DUALISMO MANIQUEÍSTA

20. Não há saúde naqueles que estão descontentes com qualquer criatura Tua, assim como não havia juízo[349] em mim quando estava descontente com muitas coisas que fizeste. Minha alma não teve a ousadia de ficar descontente com meu Deus, pois não queria que nada que a desagradasse fosse Teu. E, a partir desse ponto, passou a considerar que existem duas substâncias; mas não encontrou descanso ali e deu voz a opiniões que não eram realmente Tuas. Voltando dali, fez para si um deus estendido na extensão infinita de todos os lugares; e pensou que

348 Salmo 148.1-6 (Vulgata).

349 Salmo 37.4 (Vulgata).

esse deus fosse Tu. Estabeleceu esse deus em seu coração e novamente se tornou um templo para seu próprio ídolo, uma abominação diante de Ti. No entanto, depois disso Tu deitaste minha cabeça em Teu colo, embora eu não soubesse, e fechou os meus olhos para que não olhasse para a inutilidade[350]. Por um momento descansei de mim mesmo, e a minha inquietação foi adormecida. Acordei e vi que és infinito, mas de uma forma diferente. E essa visão não derivou da carne.

XV - Deus e a existência das coisas

21. Voltei minha atenção para outras coisas e vi que elas devem sua existência a Ti, que todas as coisas finitas existem em Ti, embora de uma maneira diferente. Não existem em Ti como se estivessem em um lugar, mas no sentido de que tens todas as coisas em Tuas mãos, e todas são verdadeiras na medida em que existem. A falsidade não é nada, exceto quando se pensa que algo é o que não é. Vi que todas as coisas se ajustam harmoniosamente não apenas com seus lugares, mas também com seus tempos. Tu, que és o único eterno, não começaste a agir após incontáveis intervalos de tempo; mas em todos os intervalos de tempo, e aqueles que já faleceram e que irão passar não iriam nem se separariam de Tua atuação e permanência.

XVI - A dualidade do mal

22. Aprendi por experiência que não é surpresa quando um pão com sabor doce para um paladar é repugnante para alguém que não é saudável; e que uma luz agradável para olhos não maculados é odiosa para os olhos doentes. Até mesmo a Tua retidão desagrada os ímpios quanto mais a víboras e vermes, que Tu criaste bons e adequados para as partes inferiores de Tua criação - para os quais os próprios ímpios são adequados, quanto mais diferem de Ti. Ao contrário, quanto mais se assemelham a Ti, mais adequados as partes superiores se tornam. Perguntei o que era maldade e o que eu encontrei não foi uma substância,

350 Salmo 118.37 (Vulgata).

mas sim a perversidade de uma vontade que se afastou da substância suprema - de Ti, ó Deus - uma vontade que rejeita o que está dentro de si e está inchada por fora.

XVII - A descoberta de Deus

23. Fiquei maravilhado porque era a Ti que eu amava, não a algum fantasma em Teu lugar. E não parei de desfrutar do meu Deus; fui conquistado pela Tua beleza. Assim que fui atraído por Ti, fui arrancado pelo meu próprio peso e caí nas profundezas com um suspiro. Esse peso era o hábito da carne. Uma lembrança Tua ficou comigo, não deixando dúvidas de que era realmente a Ti a quem eu deveria me apegar, mas não era mais capaz de fazer isso, porque o corpo corrompido pesa sobre a alma[351], e Tua morada terrena esmaga sua percepção com pensamentos de muitas coisas. Eu estava totalmente certo de que Teus atributos invisíveis foram vistos desde a fundação do mundo, compreendidos por meio das coisas que foram feitas, e que Teu poder e Divindade são eternos[352]. Questionei-me como é que eu aprovava a beleza dos corpos, terrestres ou celestiais, e o que era isso que estava tão presente para mim que poderia julgar as coisas mutáveis e dizer: "Isso é exatamente como deveria ser; aquilo não é". E, assim, perguntando qual era a fonte de meu julgamento, quando fiz tais julgamentos, descobri a eternidade imutável e verdadeira da verdade acima de minha mente mutável. Assim me desfiz gradativamente das coisas corporais para ascender a alma que sente através do corpo, e de lá para aquela força interna pela qual o sentido do corpo dá conhecimento das coisas externas[353] - isto é o mais longe que os animais podem ir - e depois para o poder de raciocínio, diante do qual trago para julgamento as coisas que retiro dos sentidos do corpo. Esse poder em mim fez um balanço de si mesmo e, descobrindo que também era mutável, elevou-se à Tua inteligência; retirou o pensamento do hábito e se desvencilhou das hostes contraditórias de fantasmas para

351 Sabedoria 9.15.

352 Romanos 1.20.

353 Cícero, Tusc. 1.16.38.

descobrir a fonte da luz que foi borrifada sobre ela quando gritou sem dúvida que o imutável deve ser preferido ao mutável. Dessa forma, poderia descobrir como conhecia o imutável; se ao menos o conhecesse de alguma forma, poderia chegar Àquele que é o lampejo de um olhar trêmulo. De alguma fora, tive tanta certeza em preferi-lo ao mutável. Então, de fato, vi seus atributos invisíveis, compreendidos pelas coisas que foram feitas[354], mas não fui capaz de manter minha visão fixada ali. Vencido por minha própria fraqueza, voltei aos meus lugares de costume, levando comigo apenas um amor na memória e um desejo por uma comida que pude sentir o cheiro, mas ainda não pude comer.

XVIII - O Cristo mediador

24. Procurei uma forma que me desse forças para usufruir de Ti. Não a encontrei até que abracei o Mediador entre Deus e os homens, o ser humano Cristo Jesus, que é Deus acima de todas as coisas, bendito para sempre, clamando e dizendo: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida"[355]. O alimento que eu tinha ainda não era forte o suficiente para recebê-lo, misturando-se com a carne, porque o Verbo se fez carne[356], para que a Tua Sabedoria, por meio da qual Tu criaste todas as coisas, pudesse fornecer leite para a nossa infância. Ainda não estava me apegando a Jesus como meu Deus, um homem humilde que abraçava o Humilde, e ainda não tinha aprendido o que a Sua fraqueza tinha a me ensinar. A Tua Palavra, a Verdade eterna, grandemente exaltada acima das partes mais altas da Tua criação, eleva a si aqueles que são Seus súditos; mas, nas partes mais baixas, construiu uma casa humilde de nosso próprio pó[357], por meio da qual derruba aqueles que precisam estar sujeitos a Ele e os atrai a Si. Ele cura seu orgulho inchado e nutre seu amor para que sua autossuficiência não os afaste ainda mais d'Ele. Em vez disso, tornar-se-ão mais fracos ao verem diante de seus passos a fraqueza que

354 Romanos 1.20.

355 João 14.6.

356 João 1.14.

357 Provérbios 9.1.

Sua Divindade[358] assumiu ao compartilhar as vestes da nossa carne[359]. Ela, a Palavra, fez isso para que eles, cansados, seus súditos, prostrassem-se diante dela; e para que, quando ela se levantasse, pudesse levá-los.

XIX - O MISTÉRIO SOBRE O VERBO E A CARNE

25. Não era assim que eu pensava na época. Considerava meu Senhor Cristo como um homem de notável sabedoria com quem ninguém poderia competir, especialmente porque nasceu milagrosamente de uma virgem e nos deu exemplo ao desprezar as coisas temporais a fim de alcançar a imortalidade. Percebi que, no cuidado de Deus, Cristo ganhou grande autoridade como professor. Quanto ao mistério do Verbo feito carne[360], não tinha a menor ideia. Tudo o que sabia, que estava escrito, era que ele comia e bebia, dormia, caminhava, alegrava-se, lamentava, conversava e que não uniu sua carne à sua Palavra, exceto por uma alma e mente humanas. Todos os que sabem disso conhecem a imutabilidade da sua Palavra, que eu já conhecia o melhor que podia e não havia razão para duvidar. É uma marca da mutabilidade de um corpo e de uma mente que alguém mova seus membros por sua vontade e depois não os mova mais ao ser dominado por alguma emoção, apresentando sinais que expressam sentimentos e o emudecem. Se essas coisas que foram escritas sobre Ele fossem falsas, tudo estaria sob suspeita de mentira, e nenhuma fé salvadora nas Escrituras seria deixada para a raça humana. Então, sendo essas lições escritas verdadeiras, reconheci em Cristo um ser humano completo, não apenas um corpo humano ou um corpo com alma, mas sem inteligência, mas um verdadeiro ser humano. Ainda assim, acreditava que esse ser humano deveria ser estimado mais altamente do que os outros, não como a Pessoa da Verdade, mas por causa da grande excelência de Sua natureza humana e Sua participação mais perfeita na sabedoria.

358 1 Coríntios 1.25.

359 Gênesis 3.21.

360 João 1.14.

Alípio, entretanto, pensava que os católicos acreditavam que Deus havia sido vestido de carne de tal maneira que não havia nada além de Deus e carne em Cristo; e julgava que eles não acreditassem que Cristo tinha espírito e alma humanos. Visto que estava totalmente persuadido de que as ações registradas de Cristo só poderiam ter sido feitas por uma criatura dotada de vida e razão, não tinha muita pressa em se unir à fé cristã. Depois que soube que essa visão era a dos hereges apolinaristas[361], ficou muito feliz ao descobrir o que a fé católica realmente ensinava e dela se aproximou.

Quanto a mim, devo reconhecer que foi algum tempo depois que aprendi como se distingue a verdade católica da falsidade fotiniana[362]: "o Verbo se fez carne[363]". Na verdade, a refutação dos hereges torna ainda mais evidente o que sua Igreja ensina e a sã doutrina que possui. Era necessário que existissem heresias para que, entre os fracos, manifestassem-se os que são provados e considerados aceitáveis.

XX - A origem da humildade e as Escrituras

26. Naquela época, tendo lido aqueles livros dos platônicos e atendido sua admoestação para buscar a verdade incorpórea, vi Teus atributos invisíveis[364], compreendidos por meio das coisas que foram feitas; mas senti uma escuridão em minha alma que não me permitia contemplá-los.

Tinha certeza de que Tu existias e eras infinito - não por estar espalhado por lugares, sejam finitos ou infinitos - e que Tu, que sempre foste o mesmo, existe mais verdadeiramente, não sendo diferente em nenhuma parte nem se alterando por nenhum movimento, enquanto todas as outras coisas existiam de Ti, como uma existência que oferece

361 Apolinário de Laodiceia, condenado pelos sínodos de Roma em 374 e 380, e pelo Concílio de Constantinopla em 381, acreditava que não havia alma no Cristo terrestre visível.

362 Fotino de Sirmium foi deposto como bispo e exilado em 351. Em seguida, foi condenado em vários concílios. Ele duvidou do Cristo preexistente e sustentou que o Cristo existiu pela primeira vez no ventre da virgem.

363 Jo 1,14

364 Romanos 1.20.

a prova mais inconfundível. De todas essas coisas, eu tinha realmente certeza, mas estava fraco demais para Te amar. Divagava sem parar como se fosse um especialista: e, no entanto, a menos que procurasse o Teu caminho em Cristo nosso Salvador, eu não seria um especialista; mas estaria fadado à destruição.

Eu já começara a desejar parecer sábio, embora estivesse cheio de minha punição e, ainda assim, não chorasse, mas permanecesse inchado de conhecimento. Onde, então, estava a caridade que se constrói sobre o fundamento da humildade, que é Cristo Jesus? Quando os livros teriam me ensinado isso? Acho que Tu querias que eu tropeçasse neles antes de meditar em Tuas Escrituras, a fim de gravar na minha memória a impressão que me causaram, para que, depois de ter me instruído em Teus livros e ter curado minhas feridas sob o cuidado de Teus dedos, discernisse e percebesse a diferença entre presunção e confissão, entre quem vê para onde deve ir, mas não sabe para onde, e aquele que é o Caminho que leva não só a ver a pátria bendita, mas também a habitá-la.

Se eu tivesse sido moldado por Tuas Escrituras desde o início, e Tu tivesses concedido a mim a doçura que vem de conhecê-las intimamente; e só mais tarde eu tivesse encontrado esses livros, talvez eles me tivessem arrancado do sólido fundamento da piedade, ou então, se eu tivesse permanecido constante na devoção que bebi de Tua fonte vital, teria pensado que a mesma devoção também poderia ser extraída desses livros se todos aprendessem com eles, e somente neles.

XXI - AS LIÇÕES DO APÓSTOLO SÃO PAULO

27. E, assim, com a maior avidez, lancei-me sobre a venerável pluma do Teu Espírito, e com preferência a todas as Escrituras sobre as do apóstolo Paulo. Certa vez, pensei que ele se contradizia e que o rumo de seus escritos estava em desacordo com o testemunho da Lei e dos Profetas. Agora, todas as minhas críticas caíram em pedaços, aquelas palavras puras[365] vieram juntas aos meus pensamentos como

365 Salmo 11.7 (Vulgata).

uma imagem única, consistente e, dessa maneira, aprendi a me alegrar com tremor.

Comecei a ler e descobri que tudo o que eu havia lido nesses outros livros foi dito lá também, mas sempre com o reconhecimento de Tua graça, para que aqueles que a virem não se vangloriem, como se não tivessem recebido não apenas o que viram, mas percebam que receberam até mesmo o poder de ver tudo - pois o que têm que não receberam?[366] E que eles possam ser admoestados não apenas a olhar para Ti, que és sempre o mesmo, para serem curados, mas para que possam reter-Te.

Quanto àqueles que não podem ver-Te de longe, deixe-os, não obstante, seguir o caminho pelo qual devem vir até a Ti. Eles conseguirão ver e vão se agarrar a Ti. Mesmo que os seres humanos se deleitem na Lei de Deus em seu íntimo, o que farão com relação à outra lei em seus membros, que está em guerra com a lei de suas mentes e os torna cativos à lei do pecado, que está em seus membros?[367]

Porque Tu és justo, ó Senhor; enquanto nós pecamos, cometemos iniquidade e agimos com impiedade, Tua mão pesa sobre nós[368]. Entregaste-nos com justiça ao poder do antigo pecador, o governante do reino da morte[369], porque ele persuadiu nossa vontade a ser como a dele, que não permaneceu em Tua verdade[370].

O que os miseráveis seres humanos devem fazer? Quem nos livrará do corpo desta morte?[371] Somente a Tua graça, por Jesus Cristo nosso Senhor, a quem geraste, coeterno contigo, e criaste no início dos Teus caminhos[372], em quem o governante deste mundo nada achou digno de morte, mas O matou, e a letra do decreto que era contra nós foi anulada[373].

366 1 Coríntios 4.7.

367 Romanos 7.22-23.

368 Salmo 31.4 (Vulgata).

369 Hebreus 2.14-15.

370 João 8.44.

371 Romanos 7.24.

372 Provérbios 8.22.

373 Colossenses 2.14-15.

Os outros livros não têm nada disso. Em nenhum lugar de outras páginas, encontramos o rosto da verdadeira piedade[374], as lágrimas da confissão, o sacrifício de um espírito perturbado, um coração quebrantado e contrito, a salvação para o povo, a cidade vestida de noiva, a garantia do Santo Espírito, o cálice do nosso resgate. Ninguém nesses livros canta: "Não estará a minha alma sujeita a Deus? Pois d'Ele vem a minha salvação; pois Ele mesmo é meu Deus e minha salvação, meu libertador, e não serei abalado"[375]. Ninguém nesses livros encontra: "Vinde a mim, vós que estais sobrecarregados de trabalhos"[376]. Seus autores são muito arrogantes para aprender com Ele, pois Ele é manso e humilde de coração. Ele escondeu essas coisas dos eruditos e sábios e as revelou às crianças[377]. Uma coisa é ver nossa pátria de paz de um pico na floresta[378] e não encontrar o caminho até lá e lutar desesperadamente, atravessando um terreno intransponível, enquanto somos assediados por desertores fugitivos, que nos cercam e ficam à espreita para nos emboscar, obedecendo às ordens de seu mestre, o leão e o dragão. Outra coisa bem diferente é apegar-se ao Caminho que leva até lá, um Caminho fortalecido pelos cuidados do rei celestial, em que aqueles que abandonaram as hostes celestiais não usurpam o Caminho, porque tal é para eles um tormento tão grande que se mantêm longe de assim o fazer.

Todas essas coisas penetraram em minhas entranhas de maneiras maravilhosas enquanto eu lia o menor dos seus apóstolos[379] e olhava para as suas obras com santo temor.

374 Romanos 1.21-23.

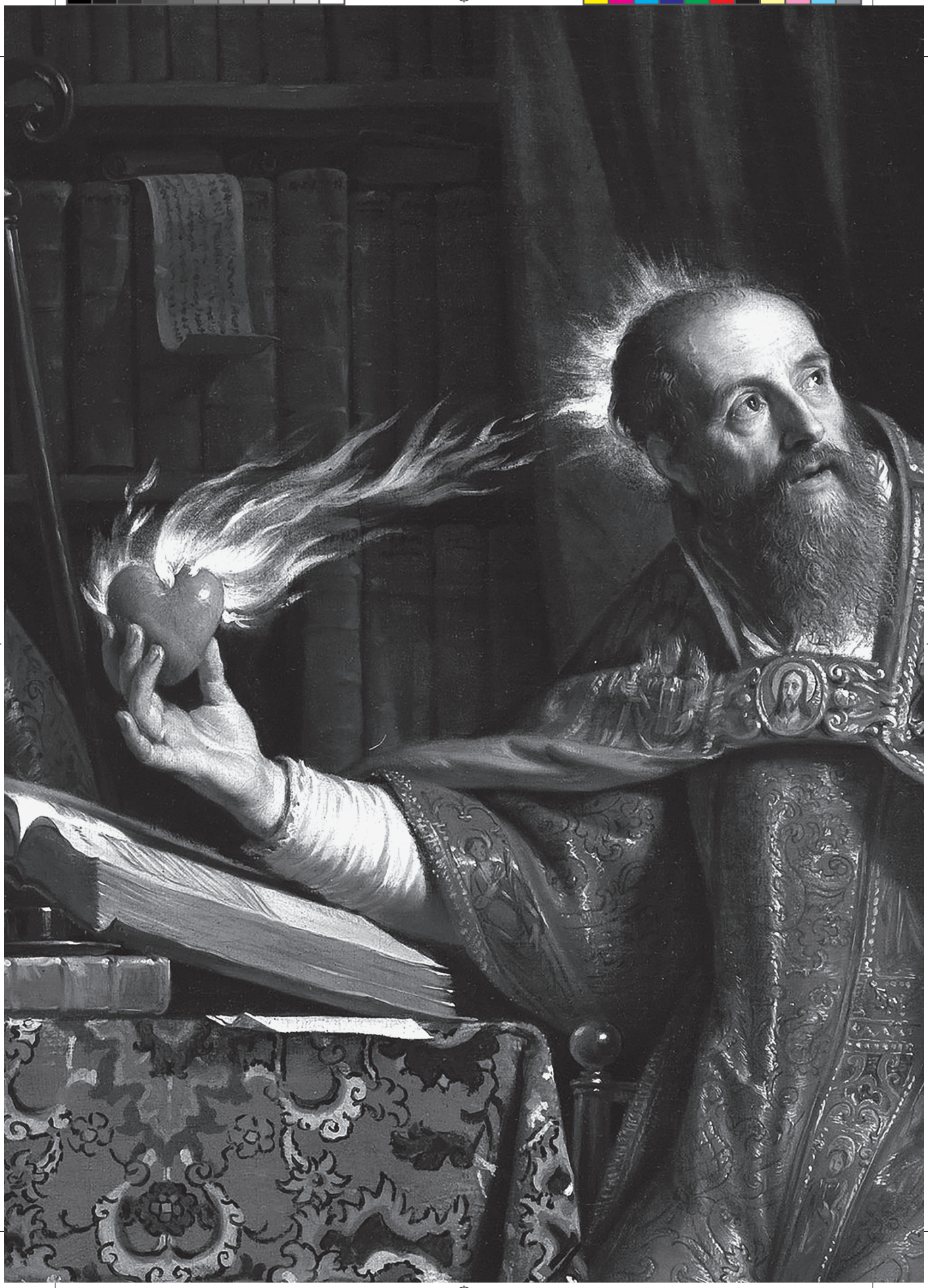
375 Salmo 61.2-3 (Vulgata).

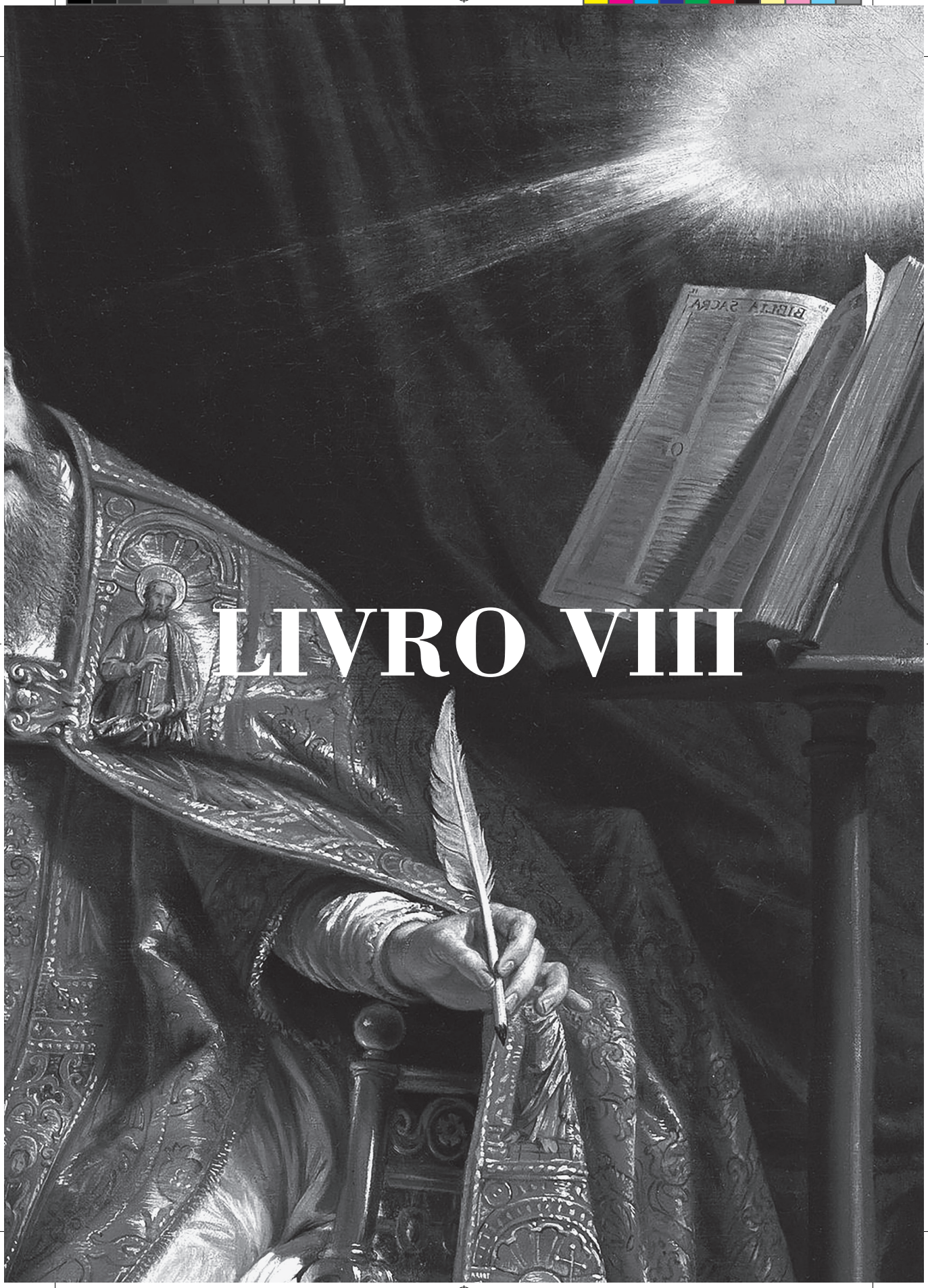
376 Mateus 11.28-29.

377 Mateus 11.25.

378 Deuteronômio 32.49.

379 1 Coríntios 15.9.





LIVRO VIII

Prefácio do Tradutor

O livro VIII começa em êxtase e termina em paz - dois estados muito diferentes. Agostinho narra o que despertou nele o desejo de se devotar de todo o coração a Deus. Ele também narra as cadeias do desejo sexual que o impedem de fazê-lo. Ainda hesitante, Agostinho vai a Simpliciano para buscar seu conselho (VIII.I.I-2).

Simpliciano conta a Agostinho a história da conversão de Mário Vitorino, e Agostinho reflete a respeito do fato de que os convertidos famosos provocam maior alegria do que os convertidos menos conhecidos, ou do que o testemunho daqueles que nunca estiveram fora do rebanho (VIII.II.3-VIII.V.12).

Ponticiano conta a Agostinho e Alípio sobre Antônio do Egito (VII.VI.14) e sobre as conversões de dois oficiais da corte imperial (VIII.VI.15-VIII.VII.16). Agostinho prepara os leitores para o ponto de inflexão com essas duas histórias de conversão. A leitura do icônico texto da conversão e retirada monástica; A Vida de Antônio e de dois oficiais da corte em Trier, contadas por Simpliciano e Ponticiano, respectivamente, imprimem uma dinâmica inspiradora de uma história de conversão e preparam os leitores para sua própria declaração pública de compromisso com o Cristianismo.

É digno de nota que tanto Vitorino quanto Ponticiano sejam africanos. Vitorino é mencionado com o cognome Afer, "africano"; e Ponticiano é descrito como "africano" e "nosso compatriota".

Agostinho repreende a si mesmo por sua lentidão e indecisão sobre se voltar para Deus (VIII.VII.17-18). Então, ele narra o episódio da dolorosa luta no jardim, na presença do devotado Alípio, parte do paradoxo da fraqueza da vontade, situação em que a mente comanda a si mesma e encontra resistência (VIII.IX.21). No jardim de seus aposentos em Milão (VIII.VIII.19-VIII.XII.29), Agostinho luta em agonia, e a atração do sexo que ele decidiu que deve evitar ainda o assombra (VIII. XI.26).

Dividido entre essas duas vontades que faziam guerra dentro de si, ele ouve a voz de uma criança, que diz: "Pegue e leia". Ele lança a mão, então, da Carta aos Romanos e lê a passagem que primeiro chamou

a sua atenção, o que fez entrar dentro dele a luz, pondo fim às suas dúvidas (VIII.XII.29). Ele leu Romanos 13,13-14. Então, os prazeres da comida, do sexo, da competição retórica nas escolas em que Agostinho se destacou: entendeu que tudo isso devia ser desprezado para que ele se revestisse de Cristo.

Por fim, Agostinho é confrontado em seu dramático diálogo interior com a figura da Continência, que o desafiou a segui-la. Aqui isso é apresentado como um gesto, não como um processo; como se a conversão fosse realmente uma questão de vestir Cristo com a simplicidade e plenitude de se envolver em um novo manto. Da mesma forma que Agostinho, Alípio, seu amigo, voltou-se para Deus, e Mônica recebeu a notícia da conversão de Agostinho com alegria (VIII.XII.30).

I - O exemplo de Simpliciano

1.Meu Deus, com ações de graças a Ti gostaria de lembrar[380] e confessar a Tua misericórdia para comigo. Deixe os meus ossos transbordarem com o Teu amor, deixe-os dizer: "Ó Senhor, quem é como Tu? Tu quebraste minhas cadeias: devo oferecer a Ti um sacrifício de louvor"[381]. Contarei história de como as quebraste; que todos aqueles que Te adoram digam, quando ouvirem estas coisas: "Bendito seja o Senhor nos céus e na terra; grande e maravilhoso é o Teu nome"[382].

Tuas palavras fixaram-se nas profundezas do meu coração, e eu estava cercado por Ti por todos os lados. De Tua vida eterna, eu tinha certeza, embora a tivesse visto apenas vagamente, como por um espelho. Eu havia sido aliviado de todas as minhas incertezas sobre a substância incorruptível: tinha certeza de que, a partir dela, toda substância existia. O que eu queria não era ter mais certeza sobre Ti, mas estar mais firmemente enraizado em Ti. Em vez disso, tudo em minha vida temporal estava vacilando, e o meu coração precisava ser limpo do fermento antigo. Fiquei imediatamente satisfeito com o Caminho, o próprio Salvador[383], mas envergonhado de entrar pela porta estreita[384].

E Tu pensaste em mim e pareceu-me bem ir a Simpliciano; pois era evidente que ele era um bom servo Teu, que resplandecia a Tua graça. Além disso, ouvi dizer que ele viveu com a maior devoção por Ti desde a sua juventude e, agora que era um homem velho e que havia passado muitos anos destinando tanta energia para seguir o modo de vida em Ti, ele devia, pensei, ser bem versado em muitos assuntos e saber de muitas coisas. E, de fato, ele era. Por isso, eu queria conversar com ele sobre minhas ansiedades para que pudesse sugerir uma maneira

380 Isaías 63.7.

381 Salmo 32.22 (Vulgata) e Salmo 85.13 (Vulgata).

382 A referência aqui é a vários textos, como Salmo 71.18-19 (benedictus dominus deus Israhel, qui fecit mirabilia solus, et benedictum nomen gloriae eius in aeternum et in saeculum saeculi); 2 Crônicas 2.12 (benedictus dominus deus Israhel, qui fecit caelum et terram); Salmo 134.6 (omnia, quaecumque voluit, dominus fecit in caelo et in terra); Salmo 8.2 (= 8.10 - Vulgata) (domine dominus noster, quam admirabile est nomen tuum in aeternum); Salmo 75.2 (notus in Iudaea deus, in Israhel: magnum nomen eius) e Salmo 88.53 (benedictus dominus in aeternum).

383 João 14.6.

384 Mateus 7.14.

adequada pela qual alguém em tais condições como as minhas pudesse trilhar o Teu Caminho.

2. Vi a igreja cheia, mas uma pessoa vivia de uma maneira, outra pessoa vivia de outra maneira. No entanto, a minha vida no mundo era odiosa para mim e um grande fardo, porque eu não estava ardendo no fogo das paixões - a esperança de ter honra e dinheiro -, que costumava tornar essa grande escravidão suportável. Por causa da Tua doçura e da beleza da Tua casa[385], que eu amava, aquelas paixões já não me davam prazer; mas eu ainda estava profundamente escravizado por uma mulher.

O apóstolo não me proibiu de casar, embora me encorajasse a seguir um caminho melhor, desejando acima de tudo que todos fossem como ele[386]. Todavia, eu estava muito fraco e escolhi uma vida mais indulgente. E só por isso vacilei, preguiçoso em outros assuntos e definhando com preocupações, que haviam perdido as forças, porque a vida de casado que me comprometia me obrigava também a suportar outras coisas que não desejava.

Eu tinha ouvido da boca da Verdade que há eunucos que assim se fizeram por causa do reino dos céus; mas, Ele disse: "aquele que pode receber este ensino, receba-o"[387]. Certamente, todos os que carecem do conhecimento de Deus estão vazios e não puderam descobrir Aquele que É olhando entre as coisas que lhes pareciam boas[388]. Eu não estava mais naquele vazio. Já o havia ultrapassado ao fazer minhas perguntas sobre toda a criação e descobri a Ti, nosso Criador, e a Tua Palavra, que é Deus em Ti, único e o mesmo Deus, por meio do qual Tu criaste todas as coisas.

Há pessoas ímpias de outro tipo: aqueles que, embora conheçam a Deus, não o glorificaram como Deus, nem dão graças[389]. Eu tinha caído neste erro também, e a Tua destra me resgatou e me colocou onde eu pudesse recuperar a saúde, pois ele disse aos seres humanos: "Eis que

385 Salmo 25.8 (Vulgata).

386 1 Coríntios 7.26-28.

387 Mateus 19.12.

388 Sabedoria 13.1-3.

389 Romanos 1.21.

a piedade é sabedoria"[390] e "Não desejeis parecer sábios, pois aqueles que se dizem sábios se tornaram tolos"[391]. Eu já tinha encontrado a boa pérola: devia ter vendido tudo o que tinha e a comprado, mas hesitei[392].

II - Simpliciano e a conversão de Vitorino

3. Fui então a Simpliciano[393], que era o pai do bispo Ambrósio, segundo a graça, e a quem Ambrósio realmente amava como pai. Contei-lhe a história tortuosa de minhas andanças. Então, quando lhe disse que tinha lido certos livros dos platônicos, que haviam sido traduzidos para o latim por Vitorino[394], ex-orador da cidade de Roma, e que tinha ouvido dizer que ele tinha morrido cristão, ele me parabenizou por não ter tropeçado nos escritos de outros filósofos, pois eram cheios de falácias e enganos de acordo com os elementos deste mundo, ao passo que, nos livros dos platônicos, Deus e a Sua Palavra são divulgados de todas as maneiras possíveis[395]. Depois, para me exortar à humildade de Cristo, que se esconde dos sábios, mas que se revela às crianças[396], ele recordou o próprio Vitorino, com quem tinha relações muito amistosas em Roma. Contou-me uma história sobre ele que eu não deixarei de contar, pois é uma história que redundou em louvor de Tua graça e deve ser confessada diante de Ti. Aquele velho excepcionalmente erudito era um mestre em todas as artes liberais[397]. Havia lido muitas obras dos filósofos e chegado às suas próprias conclusões sobre elas. Tinha sido o professor

390 Jó 28.28.

391 Mateus 13.45-46.

392 Mateus 19.21.

393 Simpliciano é procurado por Agostinho. Ao dar o exemplo de Mário Vitorino, está-se diante de um modelo retórico com interesses filosóficos. A filosofia platônica está sendo discutida, porém, na igreja, que só será acessada se houver a humildade necessária. O episódio é tão útil para esses propósitos que devemos ter cuidado para não presumir que temos algo parecido com um relato completo de qualquer conversa com Agostinho realmente teve Simplício.

394 Mário Vitorino, nascido entre 281 e 291, converteu-se antes de erguida a estátua em sua homenagem em 354. Sobre a importância de ter uma estátua erigida em sua honra, ver Amm. Marc. 14.6.8.

395 Ver 7.9.13.

396 Mateus 11.25.

397 Citadas em 4.16.30.

de muitos nobres senadores e, por causa de seu ensino extraordinário, ganhou e recebeu uma estátua no fórum romano, algo que os cidadãos deste mundo consideravam uma grande honra. Até a sua velhice, foi um adorador de ídolos e um participante dos sacrilégios rituais que quase toda a auto satisfeita nobreza romana daqueles dias favorecia, pois aumentara o entusiasmo do povo por Osíris e pelo "deus monstruoso que muda de forma e late, Anúbis, que uma vez guerreou contra Netuno, Vênus e Minerva"[398]. E agora Roma estava se curvando na adoração aos deuses que havia conquistado. O idoso Vitorino defendeu repetidas vezes esses rituais com palavras terríveis e estrondosas, mas não tinha vergonha de se tornar um filho de seu Cristo e um bebê mudo em Sua fonte, tendo sua cerviz dobrada para o jugo da humildade e sua testa franzida diante da vergonha da Cruz.

4. Ó Senhor, Senhor, que curvou os céus e desceu, Tu tocaste as montanhas, e elas fumegaram[399]. Com que meios abriste o caminho para o interior de seu ser? Vitorino disse a Simpliciano que leu a Sagrada Escritura, que pesquisou e examinou todos os escritos cristãos com a maior atenção. E revelou também a Simpliciano - não abertamente, mas em particular, em uma conversa íntima – "Tu deves saber que já sou um cristão". Simpliciano respondeu: "Não vou acreditar em ti, nem vou te considerar um dos cristãos a menos que te veja na igreja de Cristo". Vitorino apenas riu e disse: "Então, são as paredes que tornam alguém cristão?" Repetidamente afirmou que já era cristão e, por diversas vezes, Simpliciano falava a mesma coisa. Vitorino repetia ironicamente o mesmo argumento sobre as paredes, pois tinha medo de ofender seus amigos orgulhosos e adoradores do diabo. Pensava que a inimizade deles cairia sobre ele do alto da grandeza da Babilônia, como cedros do Líbano que o Senhor ainda não havia derrubado[400]. Mas, por fim, adquiriu forças por meio de tantas leituras e temeu ser negado por Cristo perante os santos anjos, por ter medo de confessar a Cristo

398 Em Virgílio, Eneida 8.698-700, está escrito: omnigenumque deum monstra et latrator Anubis / contra Neptunum et Venerem contraque Minervam / tela tenent.

399 Salmo 143.5 (Vulgata).

400 Isaías 14.4, 14.12, 14.13, Apocalipse 17.9, Salmo 28.5 (Vulgata).

perante os seres humanos[401]. Parecia-lhe que era culpado de pecado grave por se envergonhar dos sacramentos da humildade da Palavra, ao mesmo tempo em que não se envergonhava dos rituais sacrílegos de demônios orgulhosos dos quais uma vez havia participado, imitando seu orgulho. Ele ficou constrangido com o seu vazio e envergonhado diante da verdade. De repente e inesperadamente, disse a Simpliciano, que me contou a história: "Vamos à igreja; quero me tornar um cristão". Incapaz de conter sua alegria, Simpliciano foi com ele. Ele recebeu os primeiros sacramentos da instrução e, não demorou muito, deu o seu nome para renascer no batismo. Roma ficou pasma; a Igreja se alegrou. Os orgulhosos viram e ficaram com raiva, rangeram os dentes e definharam[402]. A esperança de seu servo estava no Senhor Deus, e ele não tinha consideração por vaidades e falsidades loucas.

5. Finalmente chegou a hora da profissão de fé. O costume romano era que aqueles que se aproximassem de sua graça professassem sua fé de uma forma determinada, com palavras que haviam memorizado, falando de um lugar elevado aos olhos do povo batizado de Roma. Simpliciano disse que os presbíteros ofereceram a Vitorino a oportunidade de fazer sua profissão de fé em particular, como costumava ser feito com aqueles que pareciam ficar nervosos com sua timidez; mas ele preferiu professar sua salvação aos olhos da santa assembleia. O que ensinou em retórica não foi a salvação, mas o que ele professou publicamente. Não teve medo de professar com suas próprias palavras diante de multidões enlouquecidas; logo, teve menos receio de professar Tua Palavra diante de Teu manso rebanho! Então, quando ele subiu para fazer sua profissão, todos que o conheciam - e quem entre os presentes não o conheciam? - gritaram em voz alta em agradecimento. Então, o som de seu nome estava nos lábios de todos aqueles que se regozijavam juntos: "Vitorino, Vitorino". Eles rapidamente explodiam em gritos de alegria porque o viram; e, em seguida, calavam-se e ficavam atentos para que pudessem ouvi-lo. Ele declarou a verdadeira fé com notável confiança, e todos queriam apoderar-se do que estava em seu interior para ter isso em seus

401 Lucas 12.8-9.

402 Salmo 69.4.

corações: tanto o Teu amor quanto a Tua alegria eram as mãos que o seguravam.

III - O júbilo da conversão

6. Ó Deus de grande bondade, o que se passa no homem para que nos regozijemos mais pela salvação de uma alma para a qual não tínhamos esperança, uma alma libertada de um perigo maior, do que pela esperança de sempre, cujo perigo fora menor? De fato, Tu, misericordioso Pai, Te alegras mais por aquele que se arrepende do que por noventa e nove justos que não precisam de arrependimento[403]. Ouvimos com grande alegria a história do pastor que carrega a ovelha perdida em seus ombros, jubiloso; e da moeda devolvida ao seu tesouro enquanto os vizinhos se alegram com a mulher que a encontrou. A alegria da solenidade de Tua casa nos leva às lágrimas, quando a história do filho mais novo é lida, pois ele estava morto e voltou à vida; estava perdido e agora foi encontrado[404]. Tu Te alegras em nós e em Teus anjos, que são santificados pela santa caridade; pois Tu és sempre o mesmo e Teu conhecimento imutável sempre abrange todas as coisas que nem sempre existiram e nem sempre são as mesmas.

7. O que, então, se passa na alma quando ela sente maior prazer em encontrar ou receber de volta as coisas que ama do que teria diante das coisas que sempre teve? Para outras instâncias, ateste isso, e toda a nossa experiência clame claramente: "Sim, é verdade." Um imperador se vangloria em sua vitória. Ele não teria sido vitorioso se não tivesse ido para a guerra e, quanto mais perigosa a batalha, mais alegria sente em seu triunfo. Surge uma tempestade, e os marinheiros estão em perigo de naufrágio; todos empalidecem com a perspectiva da morte. O céu e o mar ficam calmos, e os marinheiros se regozijam muito, porque sentiram muito medo. Um ente querido está doente, e seu pulso revela o quão doente ele está; todo aquele que o quer saudável fica doente na mente junto com ele. Se ele se recuperar, mesmo que não ande

403 Lucas 15.4-7.

404 Parábolas de Lucas 15.

mais com a força que antes tinha, agora há uma alegria que ninguém sentia antes, maior do que quando estava são e andava com força total. Os seres humanos obtêm prazeres na vida não apenas por meio de eventos imprevistos e indesejados, mas também por meio de problemas que fazem parte do curso esperado dos eventos e daqueles que são empreendidos voluntariamente. Não há prazer em comer e beber, a menos que tenhamos experimentado primeiro o desconforto da fome e da sede, e os bêbados comem alimentos salgados para induzir o desconforto de uma sede furiosa, de modo que terão prazer quando sua bebida o aliviar. Faz parte do curso esperado que os noivos não se casem imediatamente, para que o noivo tenha saudades da noiva e não desdenhe da esposa por quem não teve que esperar.

8. Isso é verdade na alegria vergonhosa e abominável; é verdade na alegria diante do que é permitido e lícito; e é verdade mesmo diante da amizade mais genuína e honrada; é verdade diante daquele que morreu e voltou à vida, que estava perdido e agora foi achado[405]: em todos os casos, a maior alegria vem depois da maior angústia. Por que isso, ó Senhor meu Deus, quando Tu mesmo, que és Tua própria alegria eterna, aquelas criaturas que estão mais próximas a Ti se alegram sempre? Por que essa parte da criação vai e volta entre a decadência e o aprimoramento, entre a luta e a reconciliação? É talvez esse o seu modo próprio de ser, tanto quanto Tu concedeste à criação, de que das alturas dos céus às profundezas da terra, do início ao fim dos tempos, dos anjos aos vermes, do primeiro ao último movimento, Tu colocas todos os tipos de bens e todas as Tuas obras justas em seus devidos lugares e os realiza em seus momentos apropriados? Oh, quão exaltado Tu és em Tuas alturas, quão profundo em Tuas profundezas![406] E Tu nunca recuas de nós, mas dificilmente podemos voltar a Ti.

405 Lucas 15.24 (Lucas 15.32).

406 Isaías 33.5.

IV - Alegria pela conversão de Vitorino

9. Vem, Senhor: desperta-nos e chama-nos de volta, acende-nos e apodera-Te de nós, resplandece, torna-Te doce, para que Te amemos, para que possamos correr. Muitas pessoas não voltaram para Ti de um inferno de cegueira mais profundo[407] do que Vitorino? Eles não se aproximaram e foram iluminados recebendo Tua luz?[408] E, se eles Te recebem, obterão de Ti o poder de se tornarem Teus filhos e filhas[409]. Mas, se são menos conhecidos dos homens, mesmo as pessoas que os conhecem se alegram menos com eles; mas, quando muitos compartilham a alegria, a alegria de cada pessoa é maior, porque todos compartilham o entusiasmo uns com os outros. Além disso, o fato de serem conhecidos por muitos significa que servirão para muitos como um exemplo impressionante de salvação: eles vão primeiro, e muitos outros os seguirão. E, assim, aqueles que vieram antes, alegram-se muito com eles, porque não estão se alegrando apenas com eles.

Que nunca haja partidarismo em Teu templo - que os ricos não sejam bem-vindos em detrimento dos pobres, ou os bem-nascidos em detrimento dos humildes – pois Tu escolheste as coisas fracas do mundo para confundir as fortes e escolheste as coisas humildes e desprezíveis deste mundo e as coisas que não são, como se fossem, para reduzir a nada as coisas que são[410]. E, no entanto, o menor de Teus apóstolos, o mesmo por cuja língua Tu fizeste estas palavras ressoarem, gostava de ser chamado de Paulo em vez de seu nome anterior, Saulo, para comemorar sua grande vitória quando derrotou em combate o orgulho do procônsul. Paulo trouxe o seu pescoço sob o leve jugo de Cristo, o que fez dele um cidadão do grande Rei. A derrota do inimigo é maior quando ele é derrotado em alguém sobre quem tem um domínio mais forte, ou através de quem mantém muitos em seu poder; e tem um domínio mais poderoso sobre aqueles que são orgulhosos porque alegam nobre

407 Ver 1.16.26 e 3.1.1.

408 Salmo 33.6 (Vulgata).

409 João 1.9,12.

410 1 Coríntios 1.27-28.

nascimento e mantém muitos em seu poder por meio da autoridade que afirmam. Portanto, seus filhos estavam certos ao se alegrar ainda mais exuberantemente, porque valorizavam tanto a mente de Vitorino, que o diabo havia capturado como uma fortaleza inexpugnável, e a língua de Vitorino, aquela grande e afiada espada pela qual o diabo havia levado muitos a destruição. O nosso Rei amarrou o homem forte[411], e Seus filhos viram os vasos serem roubados e limpos, com o fim de se tornarem adequados para a Sua honra e serem úteis ao Senhor para toda boa obra[412].

V - Agostinho entre duas vontades

10. Assim que ouvi essa história, comecei a querer imitar Vitorino; na verdade, foi exatamente com esse propósito que Teu servo Simpliciano me contou o relato. Mas depois ele me disse algo mais. No tempo do imperador Juliano, foi aprovada uma lei proibindo os cristãos de ensinar literatura e retórica. Vitorino obedeceu: preferia abandonar a tagarelice da sala de aula do que a Tua Palavra, com a qual Tu fazes as línguas dos bebês falarem claramente[413]. Ele me pareceu tão feliz quanto ousado, pois encontrou uma oportunidade de estar à vontade contigo. Isso era exatamente o que eu ansiava, mas eu estava acorrentado, não por nada fora de mim, mas pelos grilhões de ferro de minha própria vontade. O inimigo manteve minha vontade em seu poder e moldou a partir disso as correntes que me prendiam com firmeza. Na verdade, uma vontade perversa dá origem ao desejo desordenado, e, quando a vontade serve ao desejo desordenado, um hábito é formado; e, quando o hábito não é resistido, ele se torna compulsão. Por meio desses pequenos elos, cada um unido ao anterior (é por isso que os chamei de corrente), uma escravidão brutal me prendeu em suas garras. E, no entanto, uma nova vontade começou a surgir em mim, uma vontade de Te adorar sem desejo de recompensa e de desfrutar de Ti, ó Deus, nossa única

411 Mateus 12.29.

412 2 Timóteo 2.21.

413 Salmo 8.3 (Vulgata), Sabedoria 10.21.

Alegria segura. Essa nova vontade ainda não foi capaz de derrubar minha vontade anterior, que se tornava cada vez mais forte à medida que durava. Assim, minhas duas vontades, uma antiga e uma nova, uma carnal e outra espiritual, estavam em guerra uma com a outra e, por seu conflito, destruíram minha alma.

11. Assim, entendi por experiência própria o que tinha lido: que a carne deseja contra o espírito e o espírito contra a carne[414]. Estive mesmo em ambos, mas estive mais naquilo que me aprovava do que naquilo que me desaprovava. Este último já não era tanto eu mesmo, visto que, em grande parte, era algo acontecendo comigo contra a minha vontade e não algo que eu estava fazendo voluntariamente.

No entanto, foi minha própria culpa que o hábito se tornou um adversário mais poderoso contra mim, pois desejava chegar onde não queria estar. E quem poderia reclamar com razão quando uma punição justa atinge um pecador?

Antes eu pensava que tinha uma desculpa para não rejeitar o mundo e servir a Ti: minha compreensão da verdade era incerta. Essa desculpa não poderia mais servir, pois eu tinha certeza de Tua verdade. Mesmo assim, ainda estava preso à terra e recusei-me a me alistar em Teu serviço[415]. Estava com medo de ter todos os obstáculos removidos quando deveria ter medo dos meus próprios obstáculos.

12. Fui oprimido pelo fardo do mundo, mas a opressão era doce, como tantas vezes acontece no sono. Os pensamentos nos quais gostaria de meditar a Teu respeito[416] eram como os esforços daqueles que tentam despertar, mas são vencidos e afundam nas profundezas do sono. Ninguém gostaria de estar dormindo o tempo todo, e todas as pessoas de bom senso concordam que é melhor estar acordado. Ainda assim, as pessoas muitas vezes adiam se levantar, pois seus corpos são muito preguiçosos, e, embora tenha chegado a hora de despertar, a alternativa mais agradável se apodera delas, embora não a aprovem. Da mesma forma, tive a certeza de que era melhor que me entregasse à Tua caridade mais do que à minha própria cobiça. Render-se a Ti foi

414 Gálatas 5.17.

415 2 Timóteo 2.3-4.

416 Salmo 62.7 (Vulgata).

o que eu aprovei, e foi o melhor caminho; mas ceder à minha própria cupidez foi agradável e me prendeu em correntes. Eu não tinha nenhuma resposta para Te dar, quando Tu me disseste: "Desperta, tu que dormes, e levanta-te dentre os mortos, e Cristo te iluminará"[417], e tudo ao meu redor deixou claro que estavas falando a verdade. Eu estava convencido da verdade e não tinha resposta alguma para dar, a não ser palavras preguiçosas e sonolentas: "daqui a pouco"; "realmente, daqui a pouco"; "dá-me só mais um momento". Contudo, "daqui a pouco" nunca veio, e "dá-me só mais um momento" continuou indefinidamente. Em vão me deliciei com Tua lei no meu íntimo, porque outra lei em meus membros estava em guerra contra a lei de minha mente e me fez cativo da lei do pecado que estava em meus membros. A lei do pecado é a forte força do hábito pelo qual a mente é levada e mantida mesmo contra Tua vontade e merecidamente; porque, voluntariamente, caiu nesse hábito. Que homem miserável que eu era! Quem me livraria do corpo dessa morte? Só a Tua graça, por Jesus Cristo nosso Senhor[418].

VI - A beleza da vida monástica

13. Ó Senhor, meu Auxiliador e meu Redentor, vou agora dizer e confessar o Teu nome[419], como Tu me libertaste das cadeias do desejo por sexo, que me prendiam tão fortemente, e da minha escravidão aos negócios mundanos. Prossegui em meus afazeres habituais com ansiedade crescente e todos os dias suspiro por Ti. Eu estava frequentemente em Tua igreja sempre que havia folga do trabalho, que me oprimia e me fazia gemer. Alípio, que havia terminado sua terceira sessão como assessor e não tinha nenhum trabalho jurídico a fazer, estava comigo. Esperava por pessoas a quem pudesse vender seus conselhos, assim como eu vendia facilidade na fala (supondo que ela possa até ser ensinada). Nebrídio, porém, cedeu às reivindicações de amizade e estava ajudando Verecundo, um companheiro muito querido de todos nós. Ele era um cidadão de

417 Efésios 5.14.

418 Romanos 7.22-25.

419 Salmo 53.8 (Vulgata), Salmo 18.15 (Vulgata).

Milão e um professor de gramática lá, que precisava muito de uma ajuda confiável e reivindicou-a por direito de amizade entre nós. Portanto, não foi a ganância de lucro que atraiu Nebrídio - ele poderia ter tido uma posição melhor como professor de literatura se quisesse. Era uma questão de boa vontade, da parte dele, não estar disposto a recusar nosso pedido, um amigo tão doce e tão fácil de lidar como era. No entanto, ele executou seu trabalho com discernimento excepcional, tomando cuidado para não se tornar conhecido por pessoas que são grandes aos olhos do mundo, porque estava evitando a perturbação mental que causariam. Ele queria ter a sua mente livre e tantas horas quanto possível à sua disposição para buscar algo para ler ou ouvir sobre sabedoria.

14.Então, um dia em que Nebrídio estava ausente, não me lembro a razão, um homem chamado Ponticiano veio visitar-me e também a Alípio em nossa casa. Era um cidadão africano como nós e ocupava um alto cargo no tribunal; mas queria uma coisa ou outra de nós. Sentamos e conversamos. Ele por acaso notou um livro em cima da mesa que estava à nossa frente. Pegou-o, abriu e encontrou o apóstolo Paulo - certamente não o que ele esperava, pois pensara que seria um dos livros que eu me dedicara no decorrer de minha profissão. Então ele sorriu, olhou para mim e com euforia expressou sua surpresa ao saber que aqueles escritos, e somente aqueles, estavam diante dos meus olhos. Ele era um cristão batizado de fato e muitas vezes se prostrou em Tua igreja diante de Ti, nosso Deus, em suas orações frequentes e prolongadas. Quando eu disse que estava dedicando minha atenção mais cuidadosa àquelas Escrituras, ele começou a contar a história do monge Antônio do Egito - um nome de grande renome entre Teus servos, mas desconhecido para nós até aquele momento. Contou a sua história, fazendo-nos conhecer o grande homem que ignorávamos, surpreendendo-se de nossa ignorância. Ficamos espantados quando ouvimos falar de feitos tão maravilhosos[420], definitivamente atestados pela memória recente e realizados quase em nossos dias a partir da fé verdadeira e na Igreja católica. Ficamos todos pasmos, Alípio e eu, porque os feitos eram tão grandes, e nunca tínhamos ouvido falar deles antes de Ponticiano.

420 Salmo 144.6 (Vulgata).

15. De lá, sua conversa se voltou para as multidões de mosteiros, para os modos de vida que exalam uma doce fragrância diante de ti e para as terras férteis do deserto. Não sabíamos nada dessas coisas. Havia em Milão um mosteiro que desconhecíamos, fora das muralhas da cidade, cheio de bons irmãos sob os cuidados de Ambrósio. Ele contava, explicava, enquanto ficamos em silêncio e demos a ele nossa atenção. Em seguida, passou a falar de uma época em que ele e três companheiros seus, sem dúvida em Trier, haviam saído para um passeio nos jardins adjacentes às paredes, enquanto o imperador se ocupava com o show matinal no circo. Acontece que, à medida que caminhavam, eles se dividiam em pares; um deles ficou com Ponticiano, enquanto os outros dois continuaram juntos. Os dois andarilhos encontraram uma casa onde viviam certos servos seus, homens pobres de espírito, a quem pertence o reino dos céus, e encontraram ali um livro contendo a Vida de Teu servo Antônio. Um deles começou a lê-lo. Ele estava em chamas de admiração e, ao ler, começou a pensar em assumir tal vida para si mesmo, deixando para trás sua carreira mundana para servi-lo. Repentinamente, cheio de amor santo e vergonha de seus pensamentos limitados, ele ficou com raiva de si mesmo, voltou os olhos para o amigo e disse-lhe: "Diga-me, eu imploro: em todos esses nossos trabalhos, o que esperamos alcançar? O que estamos procurando? Pelo que estamos lutando? Será que poderíamos ter mais esperança na vida no palácio do que sermos amigos do imperador? E o que há em tal posição que não seja tênue e perigoso? Quantos perigos devemos enfrentar para chegar a um perigo ainda maior? E quanto tempo vamos levar para alcançá-lo? Mas veja bem: posso me tornar um amigo de Deus agora se simplesmente quiser". Ele disse isso e, em turbulência com as dores do parto de uma nova vida, voltou os olhos para as páginas do livro. Continuou a ler e mudou por dentro, pois sua mente estava sendo despojada do mundo, como logo ficaria evidente. Enquanto lia, e a tempestade rodopiou em seu coração, ele gemeu de repente: discerniu o melhor caminho e o escolheu. Já sou Dele, disse ao amigo: "Já me afastei daquela nossa esperança e resolvi servir a Deus e, de fato, o faço a partir de agora neste mesmo lugar. Se você tem vergonha de seguir meu exemplo, não fique no meu caminho". Seu amigo respondeu que seria seu companheiro

constante por tão grande recompensa, em tão grande serviço. Ambos já estavam construindo uma torre para Ti[421] a um custo justo: deixar para trás tudo o que tinham para Te seguir. Ponticiano e o amigo que o acompanhava por outras partes do jardim foram procurá-los. Chegaram ao mesmo local e, encontrando os dois amigos, incentivaram-nos a regressar, pois já era tarde[422]. Contaram aos seus amigos sobre a sua decisão e resolução, explicando como tal vontade havia surgido neles e se tornado firmemente estabelecida. Pediram que pelo menos não ficassem em seu caminho se não estivessem dispostos a se juntar a eles. Ponticiano e seu companheiro não mudaram de forma alguma em relação ao estado anterior, mas mesmo assim choraram pelos amigos, como ele nos disse, e lhes desejaram felicidade, recomendando-se às suas orações. Ponticiano e seu companheiro voltaram ao palácio, arrastando seus corações na terra; seus dois amigos permaneceram na casa, seus corações apegados ao céu. Os dois estavam noivos e, quando as suas noivas souberam de tudo isso, também dedicaram sua virgindade a Ti.

VII - A Batalha espiritual de Agostinho

16.Ponticiano continuou contando a sua história. Enquanto falava, Tu, ó Senhor, estavas me puxando para mim mesmo. Recusei-me a olhar honestamente para mim, dei as costas para mim mesmo; mas Tu me arrancaste daquela posição e me colocaste diante do meu próprio rosto, para que eu pudesse ver como eu era perverso, deformado e sujo, coberto de manchas e feridas. Vi e recuei de horror, e não havia nenhum lugar para onde eu pudesse fugir de mim mesmo. E, se eu tentasse desviar o olhar de mim mesmo, enquanto ele continuava contando sua história, Tu mais uma vez me arrastavas e me obrigavas a olhar para mim mesmo para que descobrisse minha iniquidade e a odiasse. Eu sempre soube disso, mas disfarcei, reprimi e tirei isso da cabeça.

421 Lucas 14.28-33.

422 Lucas 24.29.

17. Mas, agora, quanto mais eu amava aqueles de cujas resoluções benéficas ouvia falar, que se haviam entregado inteiramente a Ti para serem curados, mais eu passava a me repudiar e a odiar a mim mesmo em comparação com eles. Tantos anos da minha vida tinha escapado de mim - doze anos[423], talvez - desde que eu li o Hortênsio de Cícero. Em meu décimo nono ano, fui despertado a me devotar à sabedoria e adiei desprezar a felicidade terrena para ficar à vontade para pesquisar sabedoria. A mera busca pela sabedoria, sem falar em sua descoberta real, valia mais do que encontrar todos os tesouros dos reis das nações e me fartar dos prazeres do corpo. Por mais miserável que eu fosse na minha juventude – fui miserável desde o início da minha juventude -, mesmo assim, pedi castidade a Ti. Eu disse: "Dá-me castidade e continência: mas não imediatamente". Temia que atendesses minha oração naquele exato momento e na mesma hora me curasses da doença da concupiscência, que eu queria satisfazer, não extinguir. Continuei a trilhar os caminhos depravados do sacrilégio supersticioso, não porque estivesse certo deles, mas simplesmente porque os preferia a outros caminhos. Esses outros caminhos não busquei piedosamente; não, coloquei-me como seu inimigo e lutei contra eles.

18. Eu tinha pensado que consegui adiar, mas, dia após dia, desprezando a esperança no mundo presente, eu Te seguia sozinho, porque não havia encontrado nada que pudesse direcionar meu curso. Agora havia chegado o dia em que fui despido diante de mim mesmo, e minha consciência me falou claramente: "O quê? Nada mais a dizer? Você sempre disse que não estava disposto a deixar de lado o peso de seu vazio, porque não tinha certeza da verdade. Mas olhe agora: você está certo, e ainda assim o seu fardo o pressiona, enquanto as pessoas que não se cansaram da busca, que não têm contemplado essas coisas por dez anos ou mais, receberam asas em ombros mais livres". Tudo isso corroeu meu íntimo, e fiquei violentamente angustiado, com uma vergonha terrível, enquanto Ponticiano continuava a falar dessas coisas. Quando terminou de falar, concluiu o negócio para o qual tinha vindo;

423 O décimo nono ano de Agostinho (3.4.7) caiu em 372-373. Doze anos depois, chegamos a 384-385, época em que Agostinho chegou em Milão. Mas os relatos aqui remontam a 386, culminando na cena do jardim em agosto daquele ano. Explica-se o equívoco pela atração de Agostinho pelo número doze.

foi embora, e eu fiquei sozinho. Houve algo que eu não disse a mim mesmo? Sobrou alguma palavra que não usei para fazer minha alma me seguir enquanto eu tentava ir atrás de Ti? Ela revidou, resistiu, mas não encontrou desculpa para si mesma. Todos os seus argumentos foram usados e derrotados. O que restou foi um pavor mudo: minha alma temia ser reprimida pelo fluxo fácil do hábito, temia isso como se fosse a própria morte, embora pelo hábito estivesse se consumindo até a morte.

VIII - A indecisão de Agostinho

19. Eu tinha despertado poderosamente um grande embate interno no meu coração; e, no meio dessa luta em minha morada interior[424], a turbulência de minha mente apareceu em meu rosto; aproximei-me de Alípio e exclamei: "O que há de errado conosco? O que é isto? Os iletrados estão se levantando e se apoderando do céu, e nós, com todo o nosso saber - olhe para nós -, chafurdando em carne e sangue! Temos vergonha de segui-los, porque eles foram primeiro e não temos vergonha de nos recusar a segui-los?" Eu disse uma coisa ou outra assim, e então minha irritação me separou dele enquanto ele me olhava com um espanto silencioso - pois eu não parecia mais como sempre estivera. Minha testa, minhas bochechas, meus olhos, minha cor, o tom da minha voz, tudo expressou minha mente de forma mais eloquente do que as palavras que proferi. Havia um pequeno jardim na casa do nosso anfitrião, e podíamos usá-lo junto com toda a casa, pois o dono não morava lá. O tumulto de meus sentimentos me levou até esse lugar, onde ninguém iria intervir no ataque de fogo que lançara contra mim mesmo até que tal ataque fosse concluído. Qual seria o resultado, somente Tu sabias, mas eu não. Eu estava enlouquecendo para recuperar minha sanidade, morrendo para a vida, bem ciente do mal que estava em mim e sem saber que bem viria ao meu encontro em pouco tempo. Saí para o jardim, e Alípio logo me seguiu. Sua presença não interferiu em minha privacidade. Como ele poderia ter me deixado sozinho em tal estado? Então sentamo-nos o mais longe possível de casa. Eu gemia em espírito,

424 Mateus 6.6.

gravemente angustiado e muito indignado por não entrar no vínculo e aliança contigo, meu Deus, embora todos os meus ossos clamassem por isso e louvassem aos céus. O caminho não foi feito por navio, carruagem ou a pé; nem mesmo fui obrigado a ir de casa até o lugar onde nos sentamos. Para ir até lá – ou mesmo, de fato, chegar até lá –, exigia-se apenas que eu desejasse ir, mas que o desejasse com força e com todo o meu ser, não com uma vontade ferida, que gira e torce de um lado para outro, que padece por causa da luta entre uma parte que iria subir e uma parte que estava caindo.

20. Por fim, nas agitações de minha indecisão, eu fazia gestos corporais que as pessoas às vezes querem fazer, mas não podem, porque os seus membros estão faltando ou estão presos por correntes, ou desfeitos pelo cansaço, ou de alguma forma impedidos. Se eu arranquei os cabelos, se bati na testa, se juntei as mãos e abracei o joelho, o fiz porque quis. Mas era possível desejar essas coisas e não as fazer caso o movimento de meus membros não estivesse sob meu controle. Fiz todas essas coisas quando tive vontade de fazê-las, o que não é o mesmo de ter o poder de fazê-las. No entanto, eu não estava agindo porque tivesse um desejo incomparavelmente maior de fazer o que me agradasse muito, embora pudesse fazê-lo assim que quisesse; pois, assim que quisesse, eu o desejaria. A habilidade, a vontade, estava lá, e o querer já era fazer; e, ainda assim, não era feito, pois meu corpo obedecia à vontade mais insignificante de minha alma e movia meus membros ao comando da vontade mais prontamente do que minha alma obedecia a si mesma e realizava um desígnio que residisse apenas na vontade.

IX - O conflito da vontade

21.Qual foi a fonte desse conflito notável? Como essas coisas aconteceram? Deixe Tua misericórdia brilhar sobre mim e deixe-me inquirir: talvez eu encontre uma resposta nos esconderijos secretos dos castigos que afligem os seres humanos, nas sombras mais escuras das dores dos filhos de Adão. Qual foi a fonte desse conflito notável? Como as coisas aconteceram? A mente comanda o corpo e imediatamente é

obedecida; a mente comanda a si mesma e é resistida. A mente ordena que a mão se mova, e seu controle é tão grande que mal se pode distinguir o comando da obediência - e a mente é espiritual, ao passo que a mão é parte do corpo. A mente se comanda, se quiser, e nada mais é do que ela mesma; e, ainda assim, não se obedece. Qual é a fonte desse conflito notável? Como as coisas acontecem para que a mente deseje o que não ordenaria a menos que desejasse, e ainda assim não faz o que ordena? Ela não o quer de todo o coração, por isso não comanda de todo o coração. Tanto quanto deseja, ela comanda; na medida em que não quer, o comando não é executado. O que a vontade está comandando é que uma certa vontade deva existir: não alguma outra vontade, mas a vontade própria. E, assim, não é a vontade mais ampla que comanda, e por isso o que ordena não vem a ser. Se fosse a vontade absoluta, não ordenaria que tal vontade existisse, uma vez que ela já existiria. Portanto, não é notável, afinal, existir alguém que esteja parcialmente desejoso e parcialmente indisposto. Tal pessoa sofre de uma doença da mente, porque está tão sobrecarregada pelo hábito que não pode se elevar totalmente na verdade. E a razão de haver duas vontades é que nenhuma delas é absoluta, e algo que está presente em uma está faltando na outra.

X - OPOSIÇÃO AOS MANIQUEUS

22. Há aqueles que observam essas duas vontades na deliberação e concluem que existem duas naturezas, provenientes de duas mentes: uma boa, uma má. Deixe-os morrer em sua presença[425], ó Deus, que pereçam como faladores vazios e sedutores da mente. São eles os verdadeiramente maus, porque têm esses pontos de vista malignos; e eles próprios seriam bons se mantivessem pontos de vista verdadeiros e consentissem com o que é verdadeiro, para que o seu apóstolo possa lhes dizer: "Antes vós éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor"[426]. Enquanto quiserem ser luz, não no Senhor, mas em si mesmos, ao supor que a natureza da alma é o que Deus é, eles se tornarão trevas mais profundas; pois, em

425 Salmo 67.3 (Vulgata).

426 Efésios 5.8.

sua terrível arrogância, afastaram-se de Ti, a verdadeira Luz que ilumina cada ser humano que vem a este mundo[427]. A eles, digo o seguinte: deem ouvidos ao que Tu estás dizendo e tenham vergonha; vão a Ele e receberão a Tua luz, e seus rostos não ficarão envergonhados. Quando estava deliberando se agora serviria ao Senhor meu Deus como há muito pretendia, fui eu quem quis, fui eu quem não quis; fui eu! Não o desejei totalmente, nem falhei totalmente em desejá-lo. Por essa razão, eu estava lutando contra mim mesmo, rasgando-me em fragmentos, e essa fragmentação estava acontecendo contra minha vontade; mas o que ela revelou não foi a natureza de uma mente diferente da minha, e sim o castigo de minha própria natureza. Portanto, essa fragmentação não foi, afinal, obra minha: era a obra do pecado que habitava em mim, como punição por causa do pecado de alguém que fora mais livre do que eu; pois eu era filho de Adão.

23. Se houver tanto naturezas contrárias quanto vontades conflitantes, não haverá apenas duas, mas muitas. Suponha que alguém esteja deliberando se vai a uma assembleia dos maniqueus ou ao teatro. Os maniqueus falarão: "Vejam: duas naturezas, uma natureza boa que o está conduzindo a nós; e uma natureza má, que o está conduzindo para outro lugar. O que mais poderia ser a fonte dessa oscilação entre vontades opostas?" Digo que ambas as vontades são más, tanto a que leva aos maniqueus quanto a que leva de volta ao teatro, enquanto eles acreditam que aquela que os manda só pode ser boa. O que acontece, então, se alguém de nossa irmandade estiver deliberando e vacilar dentro de si entre duas vontades que se opõem? Ele irá ao teatro ou à nossa igreja? Os maniqueus não vacilarão em responder? Ou vão admitir o que querem negar: que a vontade de ir à nossa igreja é boa, tão boa quanto a vontade daqueles que foram iniciados nos sacramentos dos maniqueus e lá foram presos. Eles vão concluir que duas más naturezas e duas mentes ruins estão em conflito em uma única pessoa. Então, a sua resposta costumeira, de que existe uma natureza boa e uma natureza má, não será verdadeira, ou se voltarão para a verdade e não negarão que, quando alguém delibera, há uma alma, lançada em turbulência por divergentes testamentos.

427 João 1.9.

24. Não devem mais dizer, quando experimentam duas vontades lutando uma contra a outra na mesma pessoa, que há duas mentes contrárias - uma boa e uma má - lutando uma contra a outra, derivando de duas substâncias opostas e de dois princípios opostos. Para Ti, ó Deus verdadeiro, refute-os; Tu argumentas contra eles e os derrotas.

Suponha que ambas as vontades sejam más: alguém está deliberando se deve matar alguém envenenando ou esfaqueando; se deve confiscar esta ou aquela parte da propriedade de alguém, quando ele não pode confiscar a ambos; ou se gasta dinheiro com prazer a serviço da luxúria ou economiza dinheiro a serviço da ganância; ou se vai ao circo ou ao teatro, se ambos tiverem espetáculos no mesmo dia. Devo ainda acrescentar outra: se entra na casa de outra pessoa para roubá-la, se surgir a ocasião, e que ainda entre um quarto e cometa adultério, se surgir a oportunidade de fazer isso também ao mesmo tempo. Se todas essas coisas estiverem presentes em um único momento, e alguém desejar igualmente a todas elas, não poderá fazer tudo ao mesmo tempo, pois essas quatro ou mais vontades mutuamente opostas separam a mente, pois ela deseja muitas coisas. Porém, os maniqueus não costumam dizer que a mente é uma grande multidão de substâncias diversas.

Da mesma forma, em relação às boas vontades, suponha que eu lhes pergunte: É bom ter prazer em ler o Apóstolo? É bom ter prazer no canto sóbrio de um Salmo? É bom discutir o Evangelho? A cada uma dessas alternativas, eles responderão: "É bom". E daí se todos eles forem igualmente atraentes e ao mesmo tempo? Vontades divergentes não distenderão o coração humano enquanto deliberamos sobre qual dos três preferimos ter? Todos eles são bons e estão em conflito uns com os outros até que um seja escolhido e toda a vontade, que foi dividida em muitas, seja atraída para ela. E, assim, quando alguém prefere subir para a eternidade, mas o prazer dos bens temporais o detém, é uma e a mesma alma que não quer ir exercendo a vontade. Assim, a alma é despedaçada em sua grande aflição, pois, enquanto prefere o eterno como a verdade exige, não rejeita o temporal, porque esse é fácil e familiar.

XI - Batalha interna

25. Assim fiquei doente e em agonia. Apresentei acusações amargas contra mim mesmo, muito mais amargas do que nunca, e me contorci, me contorci em minhas correntes até que fossem totalmente quebradas e jogadas fora. Agora elas mal me seguravam, mas ainda me prendiam. E, em Tua severa misericórdia, ó Senhor, Tu Te levantaste nos lugares escondidos do meu íntimo e me açoitaste mais e mais com o látego do medo e da vergonha para que eu não desistisse e voltasse aos meus velhos hábitos, para que não deixasse de me livrar da pequena e frágil corrente que ainda restava, se não ela se tornaria forte novamente e me amarraria com mais força do que nunca.

Internamente, eu dizia a mim mesmo: "Deixe estar agora; que seja agora" e, ao dizer isso, eu já estava na jornada para onde queria estar. Quase fiz isso, mas não fiz; ainda assim, não voltei aos meus hábitos anteriores. Em vez disso, fiquei na soleira e recuperei o fôlego. Mais uma vez, fiz um esforço e estava quase lá - estava quase lá - com Ele em minhas mãos. E, então, eu não chegava e, sem tocá-Lo, sem agarrá-Lo, hesitava em morrer para a morte e viver para a vida. O mal que tinha um lugar firme em mim era mais poderoso do que o bem com o qual eu não estava acostumado. Quanto mais me aproximava do momento em que seria transformado, mais era atingido pelo terror. Mas isso não me empurrou para trás ou me afastou; isso me deixou pendurado.

26. Meus amores antigos - ninharias absolutas, vaidades de quem pratica a vaidade[428] - me impediram. Eles se agarraram nas vestes da minha carne e sussurraram: "Você está nos deixando para trás? A partir deste momento e para sempre não estaremos mais contigo. A partir deste momento e para sempre, essas coisas não serão mais permitidas". Ó Senhor, que a Tua misericórdia afaste a alma do Teu servo "dessas coisas", as coisas que os meus velhos amores colocaram diante de mim. Como eram imundas e desonrosas! Já estavam tão longe de mim que nem sequer as ouvi. Elas não me confrontaram abertamente enquanto eu seguia meu caminho; em um sussurro abafado, importunaram-me

428 Eclesiastes 1.2.

por trás das minhas costas enquanto eu me afastava e tentava não olhar para trás. Mesmo assim, essas coisas me atrasaram. Hesitei em me afastar delas, em me isolar delas e pular para o lugar onde eu estava sendo chamado, enquanto o violento poder do hábito me perguntava: "Você realmente acha que será capaz de viver sem essas coisas?"

27. Mas agora ele estava dizendo tudo isso da maneira mais indiferente. A partir do lugar que eu tinha olhado e para onde eu tinha medo de ir, a casta dignidade da Continência foi revelada a mim. Serena, não excessivamente alegre, acenou com honra para que eu fosse até ela e não hesitasse. Ela estendeu as suas santas mãos para que eu a agarrasse e a abraçasse com mãos repletas de bons exemplos: tantos meninos e meninas, tantos jovens e pessoas de todas as idades, veneráveis viúvas e idosas que permaneceram virgens. Em todos esses exemplos, a própria Continência foi revelada, não como estéril, mas como uma mãe fecunda por Ti dos filhos da alegria, Senhor, marido dela. Ela riu de mim com uma risada de encorajamento, como se dissesse: "Você não pode fazer o que esses homens e mulheres fizeram? Era possível para esses homens e mulheres fazerem isso por suas próprias forças, e não no Senhor seu Deus? O Senhor seu Deus me deu a eles. Por que você fica parado em si mesmo e não fica firme? Lance-se sobre Ele! Não tema. Ele não se afastará de você, deixando você cair: lance-se sobre Ele com total garantia! Ele vai pegá-lo e curá-lo". E eu estava profundamente envergonhado, porque ainda ouvia o murmúrio dessas ninharias e fiquei em suspense, demorando-me. Ela tornou a falar, como se dissesse: "Feche os ouvidos contra os seus membros impuros que estão na terra, para que sejam mortos. Eles contam histórias de prazer, mas nada têm que se compare com a lei do Senhor Teu Deus". Esse debate dentro do meu coração foi nada menos do que uma luta de mim mesmo contra mim mesmo. Alípio permaneceu ao meu lado, esperando em silêncio pelo resultado dessa minha agitação incomum.

XII - "Vem e segue-me."

28. À medida em que esse profundo autoexame trouxe à tona toda a minha miséria e a expôs diante dos olhos do meu coração, uma grande tempestade se formou, rompendo em uma intensa chuva de lágrimas. Assim, para que pudesse dar voz aos meus soluços e lágrimas, levantei-me e deixei Alípio. A solidão parecia mais apropriada para dar vazão ao meu choro. Retirei-me para um local mais distante para que nem mesmo sua presença fosse um fardo para mim. Foi assim que me senti na época, e ele entendeu: talvez a minha voz embargada deixasse claro que estava prestes a chorar. Então levantei-me, e ele permaneceu onde estávamos sentados, estupefato. Recostei-me sob uma figueira e libertei as minhas lágrimas. Rios fluíram de meus olhos, um sacrifício aceitável para Ti. Disse muitas coisas para Ti, não com essas palavras, mas com esse significado: "Até quando, ó Senhor? Quanto tempo, ó Senhor ficarás irritado? Não Te lembres de nossos pecados antigos!"[429]. Senti a força dos meus pecados segurando-me. Dei voz aos gritos de minha alma. "Por quanto tempo continuarei clamando: Amanhã e amanhã? Por que não agora? Por que minha maldade não chega ao fim nesta hora?"

29. Disse essas coisas e chorei as lágrimas mais amargas no quebrantamento de meu coração. De repente, ouvi uma voz na porta ao lado - a voz de um menino ou de uma menina, não sei - cantando, repetindo sem parar: "Pegue e leia, pegue e leia". Imediatamente meu semblante mudou, e comecei a pensar mais intensamente se havia algum tipo de jogo em que as crianças falassem algo assim. Não me lembrava de tê-lo ouvido antes, então contive minhas lágrimas e me levantei, considerando que isso não era nada menos do que uma voz divina me ordenando a abrir um livro e ler qualquer passagem que encontrasse pela primeira vez. Tinha ouvido o que aconteceu com Antônio ao ler o Evangelho e interpretei como uma advertência, como se o que foi lido lhe dissesse diretamente: "Vai, vende tudo o que tens e dá aos pobres, para que tu tenhas tesouros no céu; e venha, siga-me"[430]. E, por tal anúncio divino, ele foi imediatamente dirigido a Ti. Assim, comovido

429 Salmo 78.5 (Vulgata).

430 Mateus 19.21.

por essa voz, voltei ao lugar onde estava sentado com Alípio. Ali havia deixado um livro do Apóstolo antes de me levantar e sair. Eu o agarrei, abri e li em silêncio a passagem que primeiro chamou minha atenção: "não em folia e embriaguez, não em libertinagem e licenciosidade, não em briga e ciúme, mas revistam-se do Senhor Jesus Cristo e não tomem providências para a carne em suas concupiscências"[431]. Não tinha vontade de ler mais; não havia necessidade. Assim que cheguei ao final dessa frase, a luz da segurança foi derramada em meu coração, e todas as nuvens de dúvida se dissiparam.

30. Fechei o livro, segurando-o de tal forma que pudesse marcar a página. Com o rosto agora calmo e quieto, contei a Alípio o que acontecera. Ele também me contou o que estava acontecendo com ele e que eu não sabia. Pediu para ver o que eu havia lido. Mostrei-lhe, e ele leu além do que eu havia lido. Desconhecia o texto seguinte, que assim afirmava: "Acolhe aquele que é fraco na fé"[432]. Ele aplicou essas palavras a si mesmo e me explicou. Tirou força dessa admoestação e, sem qualquer dúvida, uniu-se a mim na resolução e no santo propósito que estavam em harmonia com seu comportamento costumeiro, que, por tanto tempo, fora diferente do meu, muito melhor. De lá, entramos na casa de minha mãe, contamos o que ocorrera, e ela ficou muito feliz. Exultante, comemorou e bendisse a Ti, que é capaz de fazer mais do que pedimos ou entendemos[433]. Ela viu que tinhas me concedido ainda mais do que ela tantas vezes pediu com gritos de tristeza e lágrimas. Convertia-me de tal maneira que eu não procuraria uma esposa ou qualquer outra esperança no mundo presente. Estava seguindo aquela regra de fé que lhe revelaste tantos anos antes. Transformaste a sua tristeza em uma alegria mais abundante[434] do que ela desejava, uma alegria muito mais intensa e pura do que poderia ter buscado com netos provenientes da minha carne.

431 Romanos 13.14.

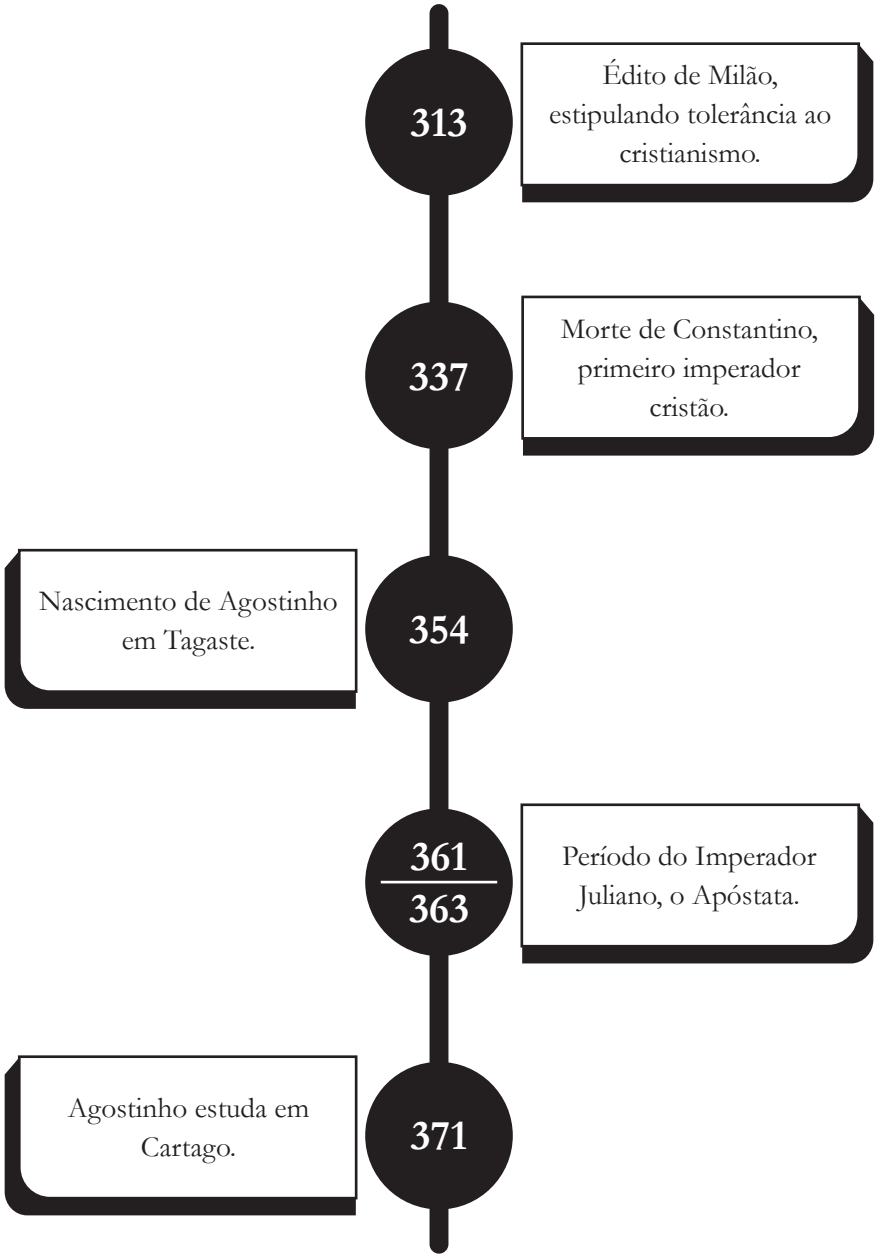
432 Romanos 14.1.

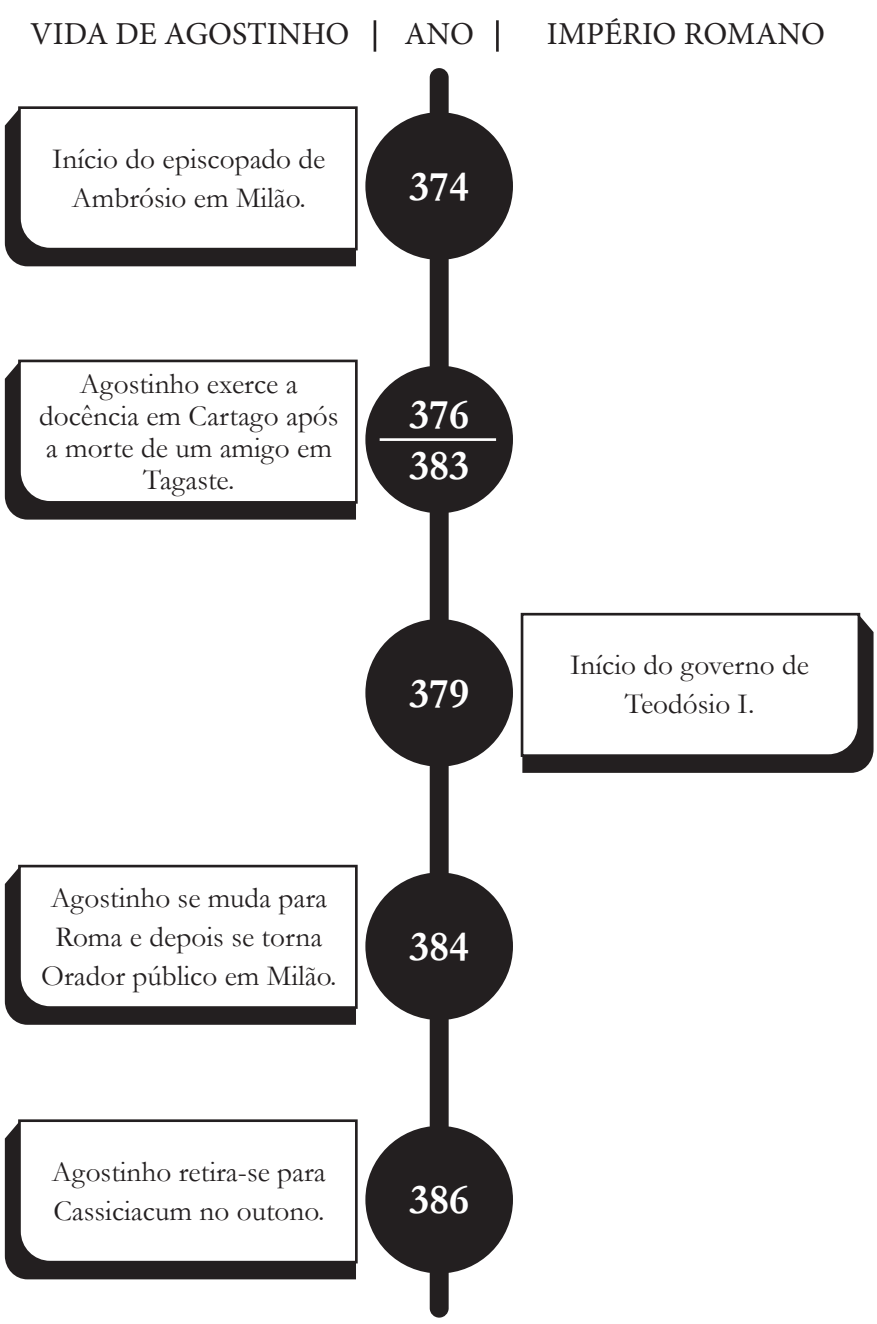
433 Efésios 3.20.

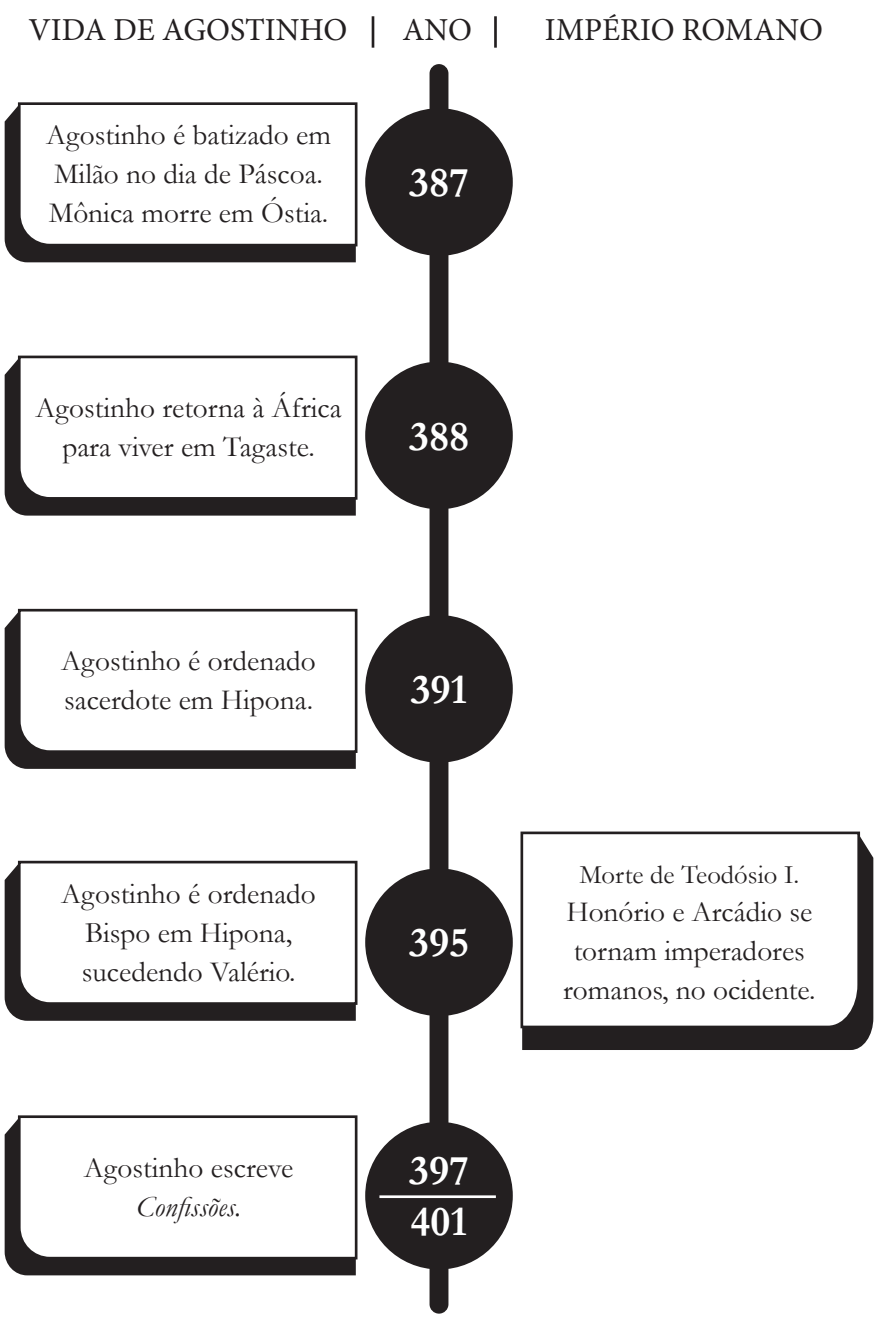
434 Salmo 29.12 (Vulgata).

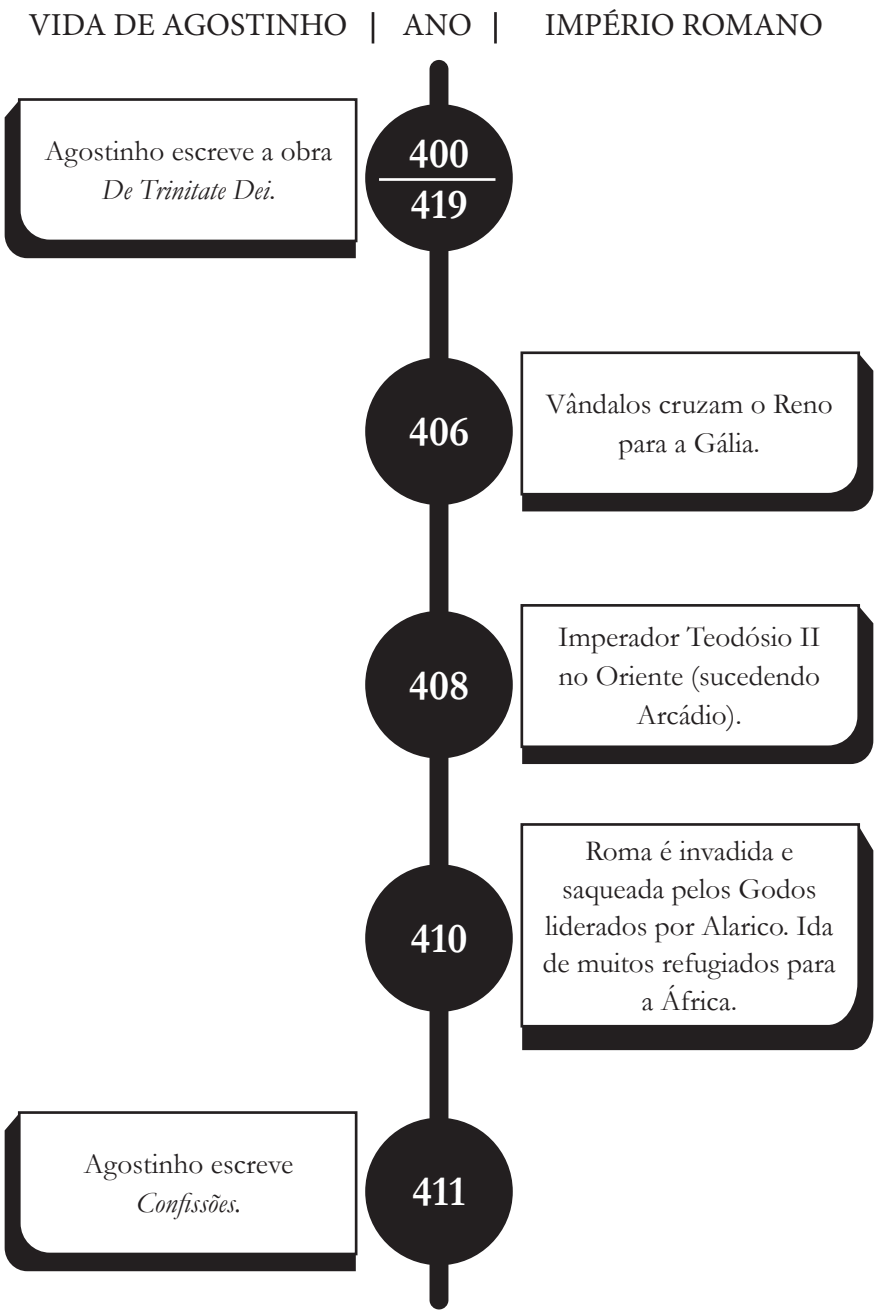
LINHA DO TEMPO

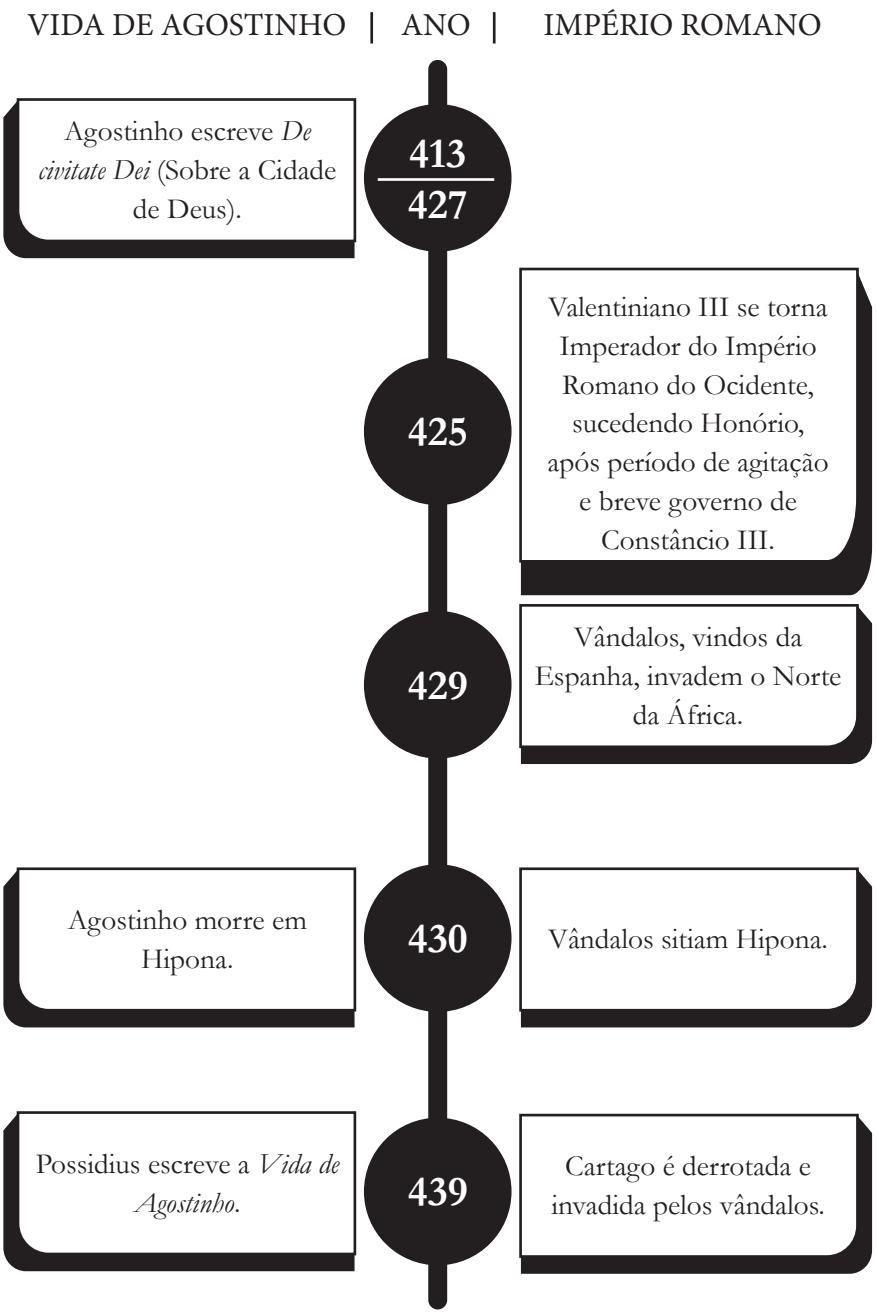
VIDA DE AGOSTINHO | ANO | IMPÉRIO ROMANO




VIDA DE AGOSTINHO | ANO | IMPÉRIO ROMANO
Início do episcopado de Ambrósio em Milão.
374
Agostinho exerce a docência em Cartago após a morte de um amigo em Tagaste.
376
383
379
Início do governo de Teodósio I.
Agostinho se muda para Roma e depois se torna Orador público em Milão.
384
Agostinho retira-se para Cassiciacum no outono.
386


VIDA DE AGOSTINHO | ANO | IMPÉRIO ROMANO
Agostinho é batizado em Milão no dia de Páscoa. Mônica morre em Óstia.
387
Agostinho retorna à África para viver em Tagaste.
388
Agostinho é ordenado sacerdote em Hipona.
391
Agostinho é ordenado Bispo em Hipona, sucedendo Valério.
395
Morte de Teodósio I. Honório e Arcádio se tornam imperadores romanos, no ocidente.
Agostinho escreve *Confissões*.
397
401


VIDA DE AGOSTINHO | ANO | IMPÉRIO ROMANO
Agostinho escreve a obra *De Trinitate Dei.*
400
419
406
Vândalos cruzam o Reno para a Gália.
408
Imperador Teodósio II no Oriente (sucedendo Arcádio).
410
Roma é invadida e saqueada pelos Godos liderados por Alarico. Ida de muitos refugiados para a África.
Agostinho escreve *Confissões.*
411


VIDA DE AGOSTINHO | ANO | IMPÉRIO ROMANO
Agostinho escreve *De civitate Dei* (Sobre a Cidade de Deus).
413
427
Valentiniano III se torna Imperador do Império Romano do Ocidente, sucedendo Honório, após período de agitação e breve governo de Constâncio III.
425
Vândalos, vindos da Espanha, invadem o Norte da África.
429
Agostinho morre em Hipona.
430
Vândalos sitiam Hipona.
Possidius escreve a *Vida de Agostinho*.
439
Cartago é derrotada e invadida pelos vândalos.

Bibliografia

Edições de Confissões utilizadas para a tradução

AGOSTINO, Confessioni. Intr. generale di J. Fontaine. Bibliografia generale di J. Guirau. Testo criticamente riveduto e apparati scritturistici a cura di M. Simonetti. Tr. di G. Chiarini. Scrittori greci e latini. Milano, Mondadori, 1994-19972. 2001-20063. 5 vols.

Libri I-III. Commento a cura di M. Cristiani, L. F. Pizzolato e P. Siniscalcos. CLXI+259 p.

Libri IV-VI. Commento a cura di P. Cambronne, L. F. Pizzolato e P. Siniscalco. 273 p.

Libri VII-IX. Commento a cura di Goulven Madec e L. F. Pizzolato. 351 p.

Libri X-XI. Commento a cura di M. Cristiani e A. Solignac. 330 p.

Libri XII-XIII. Commento a cura di J. Pépin e M. Simonetti. 392 p.

AUGUSTIN, Confessions. Texte établi et tr. par P. de Labriolle. Paris, Les Belles Lettres, 1925-1926. 1933, 2ème éd., revue et corrigée. 1941-1946. 1947-1950: vol. I, 5e éd., rev. et cor., vol. II, 3ème éd., rev. et cor. 1989-1990: vol. I, 13e éd., rev. et cor., vol. II, 9e éd., rev. et cor. par M. Testard. 1994-1996. 2 vols.

AUGUSTINE, Confessions. Latin text with English commentary by J. J. O'Donnell. Oxford, Clarendon Press, [1992] 2000. 3 vols.

AUGUSTINUS, Confessionum libri tredecim. Ed. P. Vega. Typis Augustinianis, Regalis Escurialensis Monasterii, 1930. 495 p.

AUGUSTINUS, Confessionum libri XIII quos post M. Skutella iterum Ed. L. Verheijen. Editio altera. CCSL, 27. Turnholt, Brepols, 1990. XCI+297 p.

AUGUSTINUS, Confessionum Libri XIII. Ed. M. Skutella. (1934). Editionem correctiorem curaverunt H. Juergens et W. Schaub. Berlin, de Gruyter, 1996. 2009. 397 p.

Aurelii Augustini Confessiones ad fidem codicum Lipsiensium et edition antiquiorum recognitas. Edidit Car. Herm. Bruder. Lipsiae, Sumtirus et typis Caroli Tauchnitii, 1837. XXI+288 p.

Algumas traduções consultadas

"Confissões" in Os Pensadores, vol. VI. Tr. J. O. Santos e A. A. Pina. São Paulo, Abril, 1973 [etc.], pp. 9-318.

AGOSTINHO, As confissões. Tr. Luiz Anesi. Rio de Janeiro, Livraria Boa Imprensa, 1937. [1942]. 440 p.

AGOSTINHO, As confissões. Tr. R. Azzi e F. Ozanam Pessoa de Barros. Biblioteca de Cultura Cristã. São Paulo, Editora das Américas, [?] 1961. 1964. Rio de Janeiro, Ediouro, 1968. Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1970. 1991. 472 p.

AGOSTINHO, Confissões. [Tradução atribuída seja a "Alex Marins", seja a "Pietro Nassetti", mas que segue versões anteriores, em geral Pessoa de Barros, com algumas notas de Oliveira Santos e Ambrósio de Pina]. São Paulo, Martin Claret, 2002. 2006. 2008. 432 p.

AGOSTINHO, Confissões. Tr. A. do Espírito Santo et al. Lisboa, IN / CM, 2001. 20022. 2004. 417 p.

AGOSTINHO, Confissões. Tr. e prefácio de L. Mammì. São Paulo, Penguin / Companhia das Letras, 2017. 410 p.

AGOSTINHO, Confissões. Tr. J. O. Santos e A. A. Pina. Prol. L. C. da Silva. Revista por L. Craveiro da Silva. Porto, Apostolado da Imprensa, [19-?]. 19422. 19483. 19555. 19586. 19667. 19759. 198110. 198411. 2009. 471 p.

AGOSTINHO, Confissões. Tr. M. L. J. Amarante. Rev. de A. S. Mendonça. Patrística, 10. São Paulo, Paulus, [1984] 1997. 2001. 2002. 2006. 2015. 450 p.

AGOSTINO, Confessioni. Intr. S. Pittaluga. Tr. R. De Monticelli. Milano, Garzanti, 1990. 19956. 449 p.

AGOSTINO, Le confessioni. A cura di A Landi. Letture cristiane del primo millennio. Milano, Paoline, 1987. 476 p.

AGOSTINO, Le confessioni. Intr. Ch. Mohrmann. Tr. C. Vitali. Milano, Rizzoli, 19859. 429 p.

AGOSTINO, Le confessioni. Tr. C. Carena. Farigliano, Milanostampa, 1988. 431 p.

AGOSTINO, Le confessioni. Tr. M. Capodicasa. Il fiore dei santi padri, 3. Roma, Paoline, [1942] 19533. 497 p.

AGUSTÍN DE HIPONA, Las confesiones. Edición crítica, tr. y notas por Á. Custodio Vega. Actualización, nueva bibliografía e índices

y modernización de su aparato crítico latino por J. Rodríguez Díez. BAC. Madrid, Católica, 2013. CXII+629 p.

AGUSTÍN, Confesiones. Tr. P. Tineo Tineo. Biblioteca de Patrística, 60. Madrid, Ciudad Nueva, 2003. 554 p.

AGUSTÍN, Confesiones. Versión especial para América Latina [sic]. México, Editorial OALA, 19962.

AGUSTÍN, Las Confesiones. Prólogo y tr. A. Esclasans. Barcelona, Juventud, [1968] 1986. 360 p.

AGUSTÍN, Las Confesiones. Tr. E. Ceballos. Barcelona, Libreria Religiosa, 1849. 1888. 2 vols.

AGUSTÍN, Las Confesiones. Tr. F. Mier. Madrid, Apostolado de la Prensa, 1929. 1942. 784 p.

AGUSTÍN, Las confesiones. Tr. J. Cosgaya. BAC Minor, 70. Madrid, BAC, 1986. 2007. 201010. 506 p.

AGUSTÍN, Las confesiones. Tr. O. Garcia de la Fuente. Madrid, Akal, 1986. 20002. 385 p.

AGUSTÍN, Las Confesiones. Tr. U. Tortella. Madrid, Ediciones Palabra, [19783] 199512.

AGUSTÍN, Las confesiones. Tr., notas y anexo de A. Uña Juárez. Madrid, Tecnos, 2006. 559 p.

AUGUSTÍN, Confesiones. Pról., tr. y notas de P. Rodríguez de Santidrián. Madrid, Alianza, 1998. 427 p.

AUGUSTIN, Confesiones. Tr. E. de Zeballos [sic]. Barcelona, Iberia, 1951. 439 p.

AUGUSTIN, Confessions. Présentation par A. Mandouze. Tr. nouvelle de L. de Mondadon. Paris, Horay, [1947] 1961. 434 p. Paris, du Seuil, 1982. 599 p. [USP]

AUGUSTIN, Confessions. Texte établi et tr. par P. de Labriolle. Paris, Les Belles Lettres, 1925-1926. 1933, 2ème éd., revue et corrigée. 1941-1946. 1947-1950: vol. I, 5e éd., rev. et cor., vol. II, 3ème éd., rev. et cor. 1989-1990: vol. I, 13e éd., rev. et cor., vol. II, 9e éd., rev. et cor. par M. Testard. 1994-1996. 2 vols.

AUGUSTIN, Confessions. Tr. A. d'Andilly établie par O. Barenne. Éd. de P. Sellier. Paris, Gallimard, 1993. 599 p.

AUGUSTIN, Confessions. Tr. Mondalon. Paris, Seuil, [1962] 1982. 599 p.

AUGUSTÍN, Las Confesiones de N. G. Padre S. Augustín. Enteramente conformes a la edición de San Mauro nuevamente traducidas del latín al castellano por Eugenio de Ceballos, Difinidor General. Madrid, en la Imprenta de Don Pedro Marín, 1781-1783. 3 vols.

AUGUSTIN, Les Confessions de saint Augustin. Traduction française d'Arnauld d'Andilly, très-soigneusement revue et adaptée pour la première fois au texte latin, avec une introduction par M. Charpentier. Bibliothèque Latine Française. Paris, Garnier Frères, [16492] 1874. Paris, Gallimard, 1864. 1925. 1993. XXXVI+602 p.

AUGUSTIN, Les confessions. Tr., préface et notes par J. Trabucco. Paris, Garnier, [1937-1938] 1950. 1964. 2 vols.

AUGUSTINE, Confessions. [Reprint of William Watts' translation (1631) corrected according to Knöll's text (1896), with the help of the translations of Pusey (1838) and C. Biggs (1897-1909) and the annotated text of J. Gibb and W. Montgomery (1908)]. Loeb. London, Heinemann, [1912] 1950-1951. 1996-1997. 2 vols.

AUGUSTINE, Confessions. Intr. P. Brown. Tr. F. J. Sheed. Indianapolis, Hackett, 1993, rev. ed. XXXI+296 p.

AUGUSTINE, Confessions. Tr. with an intr. and notes by H. Chadwick. Oxford world's classics. Oxford, UP, 1991. 1998. XXVIII+311 p. [UFABC] [USP]

AUGUSTINE, The Confessions. The City of God. On Christian doctrine. Tr. by E. B. Pusey, M. Dods, J. F. Shaw. Great Books of the Western World, 18. [Tr. da The Early Church Fathers]. Chicago, Encyclopaedia Britannica, 1952. 1996. X+698 p.

AUGUSTINE, The Confessions. Tr. by E. B. Pusey. Intr. F. J. Sheen. New York, The Modern Library, 1949. XIV+338 p.

AUGUSTINUS, Bekenntnisse. Eingeleitet, übersetzt und erläutert von J. Bernhart. Berlin, Deutsche Buch-Gemeinschaft, 1957. 392 S.

AUGUSTINUS, Suche nach dem wahren Leben. Confessiones X / Bekenntnisse 10. Übersetzt, mit einer Einleitung und Anmerkungen hrsg. von N. Fischer. Philosophische Bibliothek. Hamburg, F. Meiner, 2006. XCI+188 S.

AUGUSTINUS, Was ist Zeit? Confessiones XI / Bekenntnisse 11. Eingeleitet, übersetzt und mit Anmerkungen versehen von N. Fischer. Philosophische Bibliothek. Hamburg, F. Meiner, 2000. 2002. LXIV+142 S.

Confessions de Saint-Augustin. Tr. nouvelle par P. Janet, avec une introduction par le traducteur. Paris, Eugene Fasquelle, [1872] 1919. 434 p.

Confissões do Grande Doutor da Igreja Santo Agostinho. Rio de Janeiro, Garnier, 1905. 468 p.

Confissões. Tr. de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. Petrópolis, Vozes, 19889. 199010. 199211. 199712. 199813. 2000. 200118. 2002. 200924. 367 p.

FLASCH, K., Hrsg., Was ist zeit? Augustinus von Hippo, das XI. Buch der Confessiones: historisch-philosophische Studie. Text, übersetzung, kommentar. Frankfurt am Main, Klostermann, 20042. 438 p.

Obras de N. G. S. Agustín, Las confesiones. Conforme a la edicion de San Mauro, traducidas por E. de Ceballos. Valencia, M. Terraza / Impr. de Juan Guix, 1876. 331 p.

The Confessions of st. Augustine. In the translatation of J. G. Pilkington [1876] with an intr. by G. N. Shuster and illustrated with paintings by E. Legrand. New York, Heritage, 1963. 1972. 296 p.

Temas específicos

AGOSTINHO, Confissões. Tr. M. L. J. Amarante. Rev. A. S. Mendonça. São Paulo, Paulinas, [?] 1984. 1986. 2004. 418 p.

AGOSTINHO, Confissões. Tr. M. L. J. Amarante. Rev. de A. S. Mendonça. Patrística, 10. São Paulo, Paulus, [1984] 1997. 2001. 2002. 2006. 2015. 450 p.

ANDREATTA, A., A inquietude do homem segundo Agostinho. Um estudo do tema nas "Confissões", livros I, XVIII e X. Mestrado em Filosofia. Marília, UNESP, 2014.

AUSTREGÉSILO, H., A graça entre o poder e a glória. Mestrado em Ciências da Religião. São Paulo, PUC-SP, 2003. 119 p.

AYOUB [ABBUD], C. N., Iluminação trinitária em santo Agostinho. Doutorado em Filosofia. São Paulo, USP, 2007. 236 p.

AYOUB [ABBUD], C. N., Memória e esquecimento no livro X das "Confissões" de Agostinho. Mestrado em Filosofia. São Paulo, USP, 2001. 171 p.

BARROS, H. S., A narrativa de si e o conceito de livre-arbítrio nas Confissões de Santo Agostinho. Mestrado em Letras. Rio de Janeiro, UFRJ, 2005. 176 p.

BRACHTENDORF, J., Confissões de Agostinho. Tr. M. C. Mota. São Paulo, Loyola, 2008. 20122. 318 p.

BRUZZONE, A., Hermenêutica e subjetividade, de Agostinho de Hipona a Paul Ricœur. Três estudos sobre o si, a memória e a identidade. Mestrado em Filosofia. São Paulo, USP, 2012. 156 p.

BUSTAMANTE, R. M. C., O casamento e a esposa: a visão de Agostinho de Hipona. Mestrado em História. Rio de Janeiro, UFRJ, 1990. 203 p.

CAMPOS Fº, J. C. P., Os pressupostos filosóficos do estado ético-jurídico na obra "A cidade de Deus" de Santo Agostinho. Mestrado em Filosofia do Direito. São Paulo, PUC-SP, 2012. 158 p.

CONKE, M. S., Do signo e do mestre interior: de Santo Agostinho para Lacan. Mestrado em Filosofia. Curitiba, PUC-Paraná, 2015. 130 p.

CONTALDO, S. M. de, Cor inquietum: uma leitura de "Confissões". Porto Alegre, Letra & Vida, 2011. 144 p.

COSTA, M. R. N., O problema do mal na polêmica antimaniqueia de Santo Agostinho. Doutorado em Filosofia, PUC-RS. Porto Alegre, Edipucrs, 2002. 429 p.

CRISTOFOLETTI, F. K., História e profecia como fundamento filosófico-religioso na pregação de Agostinho, presbítero de Hipona. Doutorado em Filosofia. São Paulo, USP, 2015. 237 p.

CUNHA, M. P. S., Introdução à Trindade em Santo Agostinho: imagens e conceitos (De Trinitate: livros VIII-XV). Mestrado em Filosofia. Campinas, UNICAMP, 1995. 126 p.

CUNHA, M. P. S., Perspectivas da vontade em Agostinho. Doutorado em Filosofia. Campinas, UNICAMP, 2000. 130 p.

FERNANDES, M. I. A., Interioridade e conhecimento em Agostinho de Hipona. Mestrado em Filosofia. São Paulo, PUC-SP, 2007. 103 p.

FIGUINHA, M. C., Ortodoxia e poder na África Romana. Santo Agostinho, ascetas e donatistas entre finais do Século IV e inícios do Século V. Mestrado em Histórica. Campinas, UNICAMP, 2006. 143 p.

GRACIOSO, J., A relação entre o problema de Deus e a questão do mal no livro VII das Confissões de Agostinho de Hipona. Mestrado em Filosofia. São Paulo, USP, 2003. 95 p. [USP]. São Paulo, Palavra & Prece, 2006. 114 p.

GRACIOSO, J., A relação entre o problema de Deus e a questão do mal no livro VII das "Confissões" de Agostinho de Hipona. Mestrado em Filosofia. São Paulo, USP, 2003. 95 p.

GRACIOSO, J., Interioridade e filosofia do espírito nas "Confissões" de Santo Agostinho. Doutorado em Filosofia. São Paulo, USP, 2010. 161 p.

GUIMARÃES, L. de M., O conceito de vontade em Agostinho. Mestrado em Filosofia. Brasília, UnB, 2008. 119 p.

JORDÃO, E. A., Um percurso educativo no interior da obra de Agostinho de Hipona. Mestrado em Educação. Campinas, UNICAMP, 2006. 91 p.

LISBOA, A. H., Agostinho: Confissões no caminho da individuação. Contribuições para a psique cristã ocidental. Mestrado em Ciências da Religião. São Paulo, Mackenzie, 2005. VIII+117 p.

LISBOA, A. H., Agostinho: Confissões no caminho da individuação. Contribuições para a psique cristã ocidental. Mestrado em Ciências da Religião. São Paulo, Mackenzie, 2005. VIII+117 p.

MAMMÌ, L., Agostinho e as artes: dos diálogos filosóficos às Confissões. Livre Docência em Filosofia. São Paulo, USP, 2009. 213 p.

MAMMÌ, L., Santo Agostinho, o tempo e a música. Doutorado em Filosofia. São Paulo, USP, 1998. 2 vols.

MARQUES, M. J. B., Conhecimento de si no livro X d'"A Trindade" de Agostinho de Hipona. Mestrado em Filosofia. São Paulo, USP, 2006. 66 p.

MARQUES, M. J. B., O livre-arbítrio em Agostinho. Doutorado em Filosofia. São Paulo, USP, 2012. 241 p.

MATTOS, J. R. A., Da justiça absoluta à possibilidade de justiça entre os homens: um estudo sobre o conceito de justiça no pensamento

de Santo Agostinho. Mestrado em Filosofia. São Paulo, PUC-SP, 2004. 84 p.

MIGUEL, R. P., A visualização do invisível: beleza e mística em Santo Agostinho. Mestrado em Ciências da Religião. São Paulo, PUC-SP, 2009. 86 p.

MORAES, S. S., A aporia da memória do esquecimento no Livro X das "Confissões" de Santo Agostinho. Mestrado em Filosofia. São Paulo, USP, 2012. 78 p. João Pessoa, Editora da UFPB, 2015. 102 p.

MORAES, S. S., A dialética entre o conhecimento de si e o conhecimento de Deus no livro X das "Confissões" de Santo Agostinho. Doutorado em Ciências da Religião. São Bernardo, UMESP, 2009. 192 p.

MORAES, S. S., Culpa e desejo. Interpretação da recepção teológica feminista nas obras de Santo Agostinho. Mestrado em Ciências da Religião. São Bernardo, UMESP, 2004. 141 p.

MORENO PALÁCIOS, P., org., Tempo e razão. 1600 anos das Confissões de Agostinho. São Paulo, Loyola, 2002. 73 p.

NOVAES, M., A legitimação da razão: linguagem e vontade na filosofia agostiniana. Livre Docência em Filosofia. São Paulo, USP, 2011. 190 p. + anexos.

NOVAES, M., Eternidade e tempo no livro XI das "Confissões" de Agostinho de Hispona. Mestrado em Filosofia. São Paulo, USP, 1993. 173 p.

NOVAES, M., O livre arbítrio da vontade humana e a presciência divina segundo Agostinho de Hipona. Doutorado em Filosofia. São Paulo, USP, 1997. 137 p.

OLIVEIRA, C. C. T., Lei divina e lei humana em Agostinho: "De libero arbitrio" e "De civitate Dei". Mestrado em Filosofia. São Paulo, USP, 2014. 127 p. [USP]

PEREIRA, D. F., "Verbum interior" em Agostinho de Hipona: um estudo sobre a genealogia do conceito. Doutorado em Filosofia. Porto Alegre, UFRGS, 2017.

PERES, S. P., A reflexão como método de conhecimento psicológico em Agostinho e Husserl. Doutorado em Psicologia. Ribeirão Preto, USP, 2011. 407 p.

RÊGO, M. C. B., O conceito de natureza em Santo Agostinho. Doutorado em Ciências Humanas. Florianópolis, UFSC, 2015. 153 p.

RIBEIRO, L. A., Um diálogo sobre o pensamento ético e político de Agostinho e Lutero. Mestrado em Ciências da Religião. São Bernardo, UMESP, 2015. 149 p.

RODRIGUES, R. A. S. B., O episódio do furto das peras no livro segundo das "Confissões" de Agostinho de Hipona (Confissões II, iv-x, 9-18). Mestrado em Filosofia, USP. São, Paulo, USP, 2012. 158 p.

ROSSI, M. A., A categoria de estado no pensamento agostiniano e sua encruzilhada numa dimensão moral, imoral ou extramoral. Doutorado em Ciência Política. São Paulo, USP, 2004. 150 p.

RUFINO, J. R., Passado, presente e futuro: o tempo da consciência e a consciência do tempo no pensamento de santo Agostinho. Mestrado em Filosofia. Recife, UFPE, 2003. 179 p.

RUFINO, J. R., Relevância filosófica das pequenas coisas: a infância no livro I das Confissões de Agostinho de Hipona. Doutorado em Filosofia. São Paulo, USP, 2010. 280 p.

RUSSO, A. T., A felicidade pelo conhecimento em Agostinho. Mestrado em Filosofia. São Paulo, PUC-SP, 2007. 57 p.

SANGALLI, I. J., O fim último do homem: da eudaimonia aristotélica à beatitudo agostiniana. Porto Alegre, Edipucrs, 1998. 216 p.

SIQUEIRA, S. M. A., A mulher na visão de Tertuliano, Jerônimo e Agostinho, séculos II-V d.c. Doutorado em Letras. Assis, UNESP, 2004. 242 p.

SOTE, R. F., O livro VIII das "Confissões" de Agostinho de Hipona a partir das noções de "caritas" e "cupiditas". Mestrado em Filosofia. São Paulo, USP, 2017.

SOTE, R. F., O livro VIII das "Confissões" de Agostinho de Hipona a partir das noções de "caritas" e "cupiditas". Mestrado em Filosofia. São Paulo, USP, 2017.

SOUZA, J. J. B., Vida feliz na filosofia de Santo Agostinho. Mestrado em Filosofia. João Pessoa, UFPB, 2006. 111 p.

SOUZA, J. Z., Agostinho: buscador inquieto da verdade. Porto Alegre, Edipucrs, 2001. 120 p.

TAURISANO, R. R., O "De libero arbitrio" de Agostinho de Hipona. Mestrado em Letras. São Paulo, USP, 2007. 2 vols.

TAURISANO, R. R., O De libero arbitrio de Agostinho de Hipona. Mestrado em Letras. São Paulo, USP, 2007. 2 vols.

TAURISANO, R. R., O enigma do espelho. A retórica do silêncio nas Confissões de Agostinho de Hipona. Doutorado em Filosofia. São Paulo, USP, 2014. 386 p. São Paulo, Garimpo, 2016. 426 p.

TAURISANO, R. R., O enigma do espelho. A retórica do silêncio nas Confissões de Agostinho de Hipona. Doutorado em Filosofia. São Paulo, USP, 2014. 386 p.

TROMBETTA, B., Fundamentos filosóficos em Santo Agostinho para uma teoria da linguagem. Doutorado em Comunicação. Rio de Janeiro, UFRJ, 1995. 195 p.

VARGAS, W. J., Soberba e humildade em Agostinho de Hipona. Doutorado em Filosofia. São Paulo, USP, 2011. 327 p.